



uma
Mentira
Quase
Nobre

LIVRO 4
SÉRIE REAL

MÍDDIAN MEIRELES



Copyright © 2019 MÍDDIAN MEIRELES

Todos os direitos reservados à autora. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização da Autora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98, punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Equipe Editorial:

Capa: Denis Lenzi

Revisão: Evelyn Santana

Diagramação Digital: Míddian Meireles

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Essa obra foi escrita e revisada de acordo com a Nova Ortografia da Língua Portuguesa. O autor e o revisor entendem que a obra deve estar na norma culta, mas o estilo de escrita coloquial foi mantido para aproximar o leitor dos tempos atuais.

A SÉRIE REAL

AVISO ANTES DA LEITURA

SINOPSE

PRÓLOGO

CAPÍTULO 1

$\underline{T}_{ADDEO}$
 $\underline{E}_{VA}$

CAPÍTULO 2

$\underline{E}_{VA}$

CAPÍTULO 3

$\underline{T}_{ADDEO}$

CAPÍTULO 4

$\underline{E}_{VA}$

CAPÍTULO 5

T_{ADDEO}

CAPÍTULO 6

T_{ADDEO}

E_{VA}

CAPÍTULO 7

E_{VA}

T_{ADDEO}

E_{VA}

CAPÍTULO 8

E_{VA}

CAPÍTULO 9

E_{VA}

CAPÍTULO 10

E_{VA}

CAPÍTULO 11

T_{ADDEO}

CAPÍTULO 12

$\underline{T_{ADDEO}}$
 $\underline{E_{VA}}$

CAPÍTULO 13

$\underline{E_{VA}}$
 $\underline{T_{ADDEO}}$

CAPÍTULO 14

$\underline{E_{VA}}$

CAPÍTULO 15

$\underline{T_{ADDEO}}$
 $\underline{E_{VA}}$
 $\underline{T_{ADDEO}}$

CAPÍTULO 16

$\underline{E_{VA}}$

CAPÍTULO 17

$\underline{E_{VA}}$
 $\underline{T_{ADDEO}}$

CAPÍTULO 18

E_{VA}
T_{ADDEO}

DESCONHECIDO

CAPÍTULO 19

E_{VA}
T_{ADDEO}

EPÍLOGO

E_{VA}
T_{ADDEO}

EVAN

UMA ESPIADINHA NO QUE VEM AÍ EM:

AGRADECIMENTOS

SOBRE A AUTORA

RECADO DA AUTORA

A Série Real

Passada na Campavia, um fictício país europeu, a Série Real gira em torno da realeza e nobreza campaviana. Cada livro conta a história de um casal diferente, bem como os segredos, os mistérios e as mentiras que os envolvem.

Leia também:

[LIVRO 1 - Um Casamento Quase Real](#)

[LIVRO 2 - Um Amor Real](#)

[LIVRO 3 - Um Compromisso Quase Nobre](#)

[LIVRO 4 – Uma Mentira Quase Nobre](#)

Aviso antes da leitura

Olá, meus amores!

Alguém aí estava doida para o lançamento desse livrinho? rs

Antes de começar, quero dar alguns avisos para vocês, para não deixar ninguém na dúvida. Quem leu UCQR ou qualquer outro livro da série, já deve saber como funciona, vamos voltar para o dia do Casamento de Igor e Bella. Então o bônus que tivemos no livro deles, estará aqui também, mas leiam novamente pois ele estará bem mais detalhado.

Quem não leu, não se desespere, vai tudo estar explicadinho aqui também. Como se trata de uma série, vez ou outra veremos coisas que aconteceram nos outros livros, mas não repetiremos "cenas", apenas um comentário ou outro, pois não podemos deixar passar em branco.

Cada livro conta a história de um casal, mas elas se ligam, então assim como aconteceu em UCQN, conheceremos muito mais a família Caravaggio e principalmente a Carrara, onde teremos mais foco na relação de Eva com os pais. Teremos respostas que não tivemos nos outros livros e até mesmo descobriremos coisas que passaram despercebidas por muitos, mas que tem uma grande importância para a história da nobreza Campaviana.

Mistérios? Sim. Raiva dos personagens e da autora? Sim e sim. Mas também teremos muito romance, cenas quentes e claro, muitas risadas. =D

Como sempre digo, apenas confie nessa pessoa que vos fala! kkkkkkk

Obrigada por todas que ansiavam por esse momento. Mandaram mensagem, me ameaçaram... rs Enfim... Espero que vocês estejam aqui em mais essa história. <3

Sinopse

Taddeo, é o filho mais velho da família Caravaggio. Durante muito tempo, ele viu-se ofuscado e se sentia diminuído quando se tratava do seu irmão do meio, Théo e sua maior mágoa era ter sido trocado pela única garota por quem se apaixonou quando ainda era adolescente. E agora ele sabia quem era a única culpada por tudo: Eva.

Eva Carrara era a mocinha certinha diante a sociedade. Bonita, formada em direito com honrarias, a esposa aparentemente perfeita para qualquer homem solteiro da nobreza campaviana. Só que ela parecia sempre ter querido o que não podia e certamente não era a perfeição ruiva que todos pensavam ser. E Taddeo sabia disso.

Embora tenha sido namorada de Théo, Eva sempre negou a si mesmo que na verdade amava seu irmão, aquele quem ela jurava ter partido seu coração quando ainda era inocente e acreditava no amor.

Só que as coisas estavam prestes a mudar. Uma armação faz com que o presente dos dois se cruzem novamente e mesmo depois de jurar nunca mais se envolver com ela, Taddeo vê em um contrato a solução de todos os problemas. Só que ele promete a si mesmo que fará com que Eva pague por tudo que fez... Ou ao menos ele acredita que tenha feito.

Os dois não sabem, mas suas vidas estão ligadas de uma maneira, que mesmo depois de tantas mentiras, decidir o que virá do futuro será um grande desafio. Principalmente quando existe algo mais forte do que a dor que eles mesmos se aferiram e até mesmo que o próprio orgulho.

Pode um grande amor curar tudo? Até as feridas mais profundas? O amor pode superar qualquer tipo de segredo? E quando esse amor é construído à base de mentiras?

Ela é a mentirosa perfeita. Mas ele não é perfeito e também era um mentiroso. Mas, às vezes, a mentira pode ter uma razão nobre.

Mentiras serão desmascaradas. Verdades serão reveladas. Só que nem tudo é o que parece...

Uma Mentira Quase Nobre é o último livro da Série Real.

*“Por todas as vezes
que você me arruinou*

*E todas as boates
que você entra usando
meu nome*

*Você acha que
quebrou meu coração*

*Ah, garota, pelo
amor de Deus*

*Você acha que estou
chorando, bem, eu não
estou*

*E eu não queria
escrever uma canção*

*Porque eu não
queria que ninguém
achasse que eu ainda me
importo*

*Eu não me importo,
mas você ainda me
liga...”*

Love yourself –

Justin Bieber

Parte I

*“Você é tudo que eu achava que nunca seria
E nada como eu pensei que você poderia ter sido
Mas ainda assim, você vive em mim
Então me diga, como é isso?
Você é o único que eu desejo poder esquecer
O único que eu adoraria não perdoar
E apesar de você partir meu coração
Você é o único
E apesar de ter vezes que eu te odeio
Porque não consigo esquecer
As vezes que você me magoou e pôs lágrimas em meu rosto
E mesmo agora enquanto te odeio
Me dói dizer
Que eu sei que estarei lá no fim do dia
Eu não quero ficar sem você, amor
Eu não quero um coração partido
Não quero dar um suspiro sem você, amor
Eu não quero ter esse papel
Eu sei que eu te amo, mas deixe-me dizer
Eu não quero te amar de jeito nenhum, não, não

Eu não quero um coração partido
Eu não quero ser a garota de coração partido...”*

Broken-Hearted Girl – Beyoncé



Prólogo

Eu olhava para as fotos em minhas mãos ainda sem acreditar que poderia ser verdade. Não depois de tudo. Todos os momentos vividos, palavras ditas, as juras e promessas de amor nada mais eram do que mentiras.

Mentiras, mentiras... Era apenas do que se tratava.

Mesmo que ainda fôssemos tão novos, ele me iludira, fazendo-me acreditar que o que sentia por mim era real, que me amava e passaríamos o resto da vida juntos, como certamente deveria ter feito com muitas outras.

Como pude ser tão tola? Como pude acreditar que ele olharia logo para mim?

Taddeo havia me iludido como nunca pensei que seria capaz de fazer, pois eu realmente acreditei a cada vez que mentiu, que me enganou. Pensei que era diferente de tudo que ouvi dos garotos da sua idade e do que tinha na minha própria casa como exemplo. E era por isso que eu chorava, que derramava minha dor e sentia aquela angústia me dominar completamente.

Lágrimas grossas rolavam em meu rosto, banhando minha pele, como uma chuva incansável de verão. Fui traída. Enganada. Usada como um objeto qualquer, sem valor, sem importância alguma para sua vida. Havia sido feita de boba, de trouxa, fui usada, enquanto ele apenas ria de mim pelas costas. Perdi a inocência, minha pureza, não apenas na forma metafórica, mas também literal. Tive a integridade violada, meu coração completamente dilacerado por aquele que antes eu julgava ser o motivo de fazê-lo bater.

Era uma masoquista, certamente, mas continuar a olhar para aquelas imagens me forçou a crescer, a acreditar que contos de fadas não existiam. Muito menos príncipes. Taddeo Caravaggio estava longe de ser aquele garoto por quem me apaixonei loucamente e acreditei conhecer. Ele era mentiroso, manipulador, alguém que me fez confiar nele e simplesmente me traiu.

As cópias dos e-mails trocados com outras garotas também estavam ali para reafirmar a minha ingenuidade. Mensagens e mais mensagens de pura maldade, onde falava com ironia que eu acreditava em tudo que ouvia da sua boca. Tantas outras de teor sexual, muitas delas demais para uma garota de dezesseis anos que tinha perdido a virgindade apenas horas antes e que não fazia ideia do que era tudo aquilo que ele parecia gostar de fazer na cama com as outras.

Estava mais do que atordoada e magoada, me sentia ultrajada, irrevogavelmente agredida. Mas, acima de tudo, disposta a fazê-lo pagar por cada mentira contada. Ele se arrependeria de tudo, ou eu não me chamava Eva

Carrara.



Capítulo 1

ANTES DE DAR VOLTAS...

Taddeo

Porra! Eu não podia acreditar que ela estava ali!

Isso não era inteiramente verdade. Achei que pudesse vir, mas de certa forma tentei me convencer do contrário. Ou acho que apenas queria acreditar que não viria. Todavia aquele era o casamento do primo dela, e fui idiota por supor, mesmo que por um segundo, que ela não estaria presente.

Virei em um gole apenas o uísque do copo. Um pecado, a meu ver, pois não estava apreciando o sabor daquela bebida, que tanto merecia, e estava fazendo o que não deveria, o que havia prometido a mim mesmo nunca mais fazer: olhar descaradamente para Eva Carrara.

Suspirei, antes de pegar mais uma dose de uísque do garçom que por ali passava. E quando a bebida se encostou à minha língua, não a estimei como deveria, apenas senti o gosto amargo de traição, como acontecia a cada vez que a via.

Tantos anos se passaram, eu não queria, mas ainda assim Eva fazia com que me sentisse a mais estúpida das criaturas. Havia lhe dado mais chances do que merecia e ainda assim não se importara de me ferir a cada vez. Não deveria doer vê-la. Eu não queria sentir nada. Queria não sentir ódio, nem mesmo rancor... Nada. Uma dose enorme de “nada”.

Dei outro gole, porque sabia que tinha todo direito de me sentir puto por ela ainda ter poder sobre mim, depois de tudo.

Diaba filha da puta!

Tendo ciência do que já havia aprontado, Eva Carrara deveria ter pelo menos a decência de parecer um pouco desconfortável em minha presença. Especialmente quando Théo e Steph estavam ali também. Além de ter me traído, havia tentado sabotar a felicidade deles. Todavia ela parecia querer insistir em uma inocência que estava longe de ter.

Sério. Deveria haver uma lei da natureza que proibisse que tivéssemos que dar de cara com uma pessoa daquelas!

Desviei o olhar do dela, não queria que ninguém percebesse que Eva ainda mexia comigo de alguma maneira. Mesmo que o que sentisse por ela fosse raiva.

Sim. Era raiva e nada mais!

Precisava me manter indiferente. Toda família estava reunida na extensa área externa da mansão de Niápolis, que recebera a decoração para o casamento de Anabella e Igor. Não deixaria que ela, logo ela, tirasse o foco daquela data tão especial.

Eu não poderia estar mais feliz por eles. Apesar de não gostar muito de pensar que Igor, de fato, pegava minha irmãzinha, eles se amavam, e em breve meu sobrinho chegaria para completar essa felicidade. Vê-los dançando juntos, abraçados, como se não pudessem se soltar, me trouxe a sensação de dever cumprido. Eu sabia, apesar de não poder admitir jamais para Igor, que a partir daquele dia não precisaria mais me preocupar com a felicidade da minha irmã, pois ele se encarregaria de tal tarefa.

Senti alguém se aproximar à minha esquerda e olhei para baixo, para encontrar os olhos verde-escuros de Eva Carrara. Meu coração bateu descompassado ante a presença dela, e instintivamente minha mão apertou o copo que eu segurava. E a raiva, aquela velha conhecida que eu não conseguia controlar, borbulhou em minha pele.

Eu não queria fazer um show. Minha irmã não merecia que eu estragasse seu casamento e Eva definitivamente não deveria ter a capacidade de me arrancar nenhuma reação. Até mesmo o desprezo era demais para ela. Por isso, casualmente, tomei outro gole do meu uísque, desviando os olhos dos dela.

— Eva — cumprimentei friamente, tentando demonstrar uma naturalidade que estava longe de sentir.

— Taddeo. — Meu nome dito por ela fez arrepios eclodirem em minha pele, o que me irritou sobremaneira, mas apenas fiz o meu trabalho de continuar a ignorar o que ela me fazia sentir.

Meu olhar voltou para o dela e Eva sorriu timidamente, como se pudesse enxergar o que eu tentava tanto esconder. Engoli em seco. Odiava sentir-me fraco. Vulnerável. Mas, infelizmente, não era imune a ela e muito menos às suas covinhas nas bochechas, que trazia um ar de inocência para a diaba ruiva, como se, no fundo, ainda existisse aquela menina pura por quem havia conhecido e me apaixonado há tantos anos.

Quanta inocência supor algo assim, Taddeo!

Nós nos separamos há mais de dez anos. Quer dizer, ela havia me trocado pelo meu irmão, sem nem sequer me dar uma explicação. E aconteceu logo depois da nossa primeira vez, quando no dia seguinte ela apenas esfregou em minha cara que estava com ele, e a partir daquele momento as coisas entre nós

nunca mais foram as mesmas. Muito pelo contrário, ao longo dos anos ela arranhou uma e outra maneira de me espezinhar e tirar-me do meu mundo cuidadosamente controlado.

— Não posso dizer que foi um prazer vê-la. Ainda assim, espero que aproveite a festa — fui grosso de propósito, mas era a minha forma de tentar fugir rapidamente dali.

Comecei a me afastar, louco para me ver livre dela, precisando desesperadamente de um espaço entre mim e a Diaba Ruiva. Mesmo que para isso tivesse que suportar minha avó falando as obscenidades de sempre.

Qualquer coisa, até a safada da minha vó, era melhor do que a provocação que era estar ao lado dela!

Só que não tive tanta sorte, pois não cheguei nem a dar mais do que um passo antes de sentir a mão de Eva segurando meu braço, impedindo-me de prosseguir.

— Taddeo? — Ela parecia nervosa ao me chamar, e eu suspirei.

Não esperava por um confronto, ainda assim tomei coragem e olhei por cima do ombro, mas até mesmo quando não queria ela conseguia me atingir de alguma maneira.

— O que quer, Eva? — rosnei a pergunta, tentando demonstrar no tom de voz a insatisfação que sentia por ao menos ter de falar com ela.

Eva parecia angustiada enquanto me encarava e olhou ao redor, como se quisesse ter certeza de quem ninguém nos via.

— Eu preciso falar com você... Por favor. — A última frase veio quando viu que eu retrucaria, e alguma coisa na forma como falou me fez repensar a minha decisão.

Respirei fundo e, dizendo para mim mesmo que estava fazendo aquilo exclusivamente para não criar uma cena no casamento, segurei a mão dela para puxá-la em direção à mansão. Não falaria com Eva na frente dos outros, porque estar perto dela sempre me transformava em uma pessoa que eu estava longe, bem longe, de ser, pois ela conseguia tirar o pior de mim, então o melhor mesmo era nos afastar o quanto pudéssemos. Com as mãos na sua, atravessamos as portas francesas que levavam a uma sala íntima, e, assim que chegamos lá, a soltei, como se pegasse fogo.

Distância! Precisava de distância!

— Não me trate com essa grosseria! — reclamou, e me vi rindo com amargura.

— Eu vim até aqui, e você ainda vai tirar uma de magoada agora? Poupe-me! Apenas diga logo o que quer, Eva. Não quero mais perder meu tempo com você. — Quando terminei de falar, ela teve a decência de parecer magoada, mas

não me importei.

Que se danasse!

— Eu só quero falar com você, Taddeo. Não tem por que me tratar dessa maneira estúpida. Não precisa ser esse ogro sempre... Não sou sua inimiga. — Eva parecia ultrajada, mas não menos do que eu, diante de tudo que já havia me infligido.

Ela estava falando sério? Que cara de pau!

— Quem disse que quero estar aqui, Eva? Não vou nem responder o que falou, porque acho que você realmente gosta que eu seja bruto. — Bufei. — Está perdendo tempo! Vamos! Fale logo! — Sorri quando a vi fungar.

Por alguma razão perversa, eu realmente gostava de magoá-la. De ver o quanto minhas palavras poderiam atingi-la e saber que poderia feri-la. Era bom me sentir um pouco vingado, embora fazer o mínimo me fizesse apenas desejar lhe infligir mais e mais dor. Era como um vício, um desejo intrínseco que me contaminava para fazê-la sofrer.

Aproximei-me e a vi recuar. Ainda assim, ela se manteve firme, sem sequer se abalar, como se apenas soubesse o que eu faria. E mais do que isso: desejasse que eu o fizesse.

— Eu sei o que quer, Eva. — Um sorriso malicioso se formou em meus lábios quando os lindos e grandes olhos verdes se arregalaram, ao mesmo tempo em que ela parecia perder o ar e o compasso.

— Não... Não... — ela negou com a boca e cabeça, quase de forma desesperada, mas eu podia ver que seu corpo estava dizendo “sim” para mim, como sempre dizia.

— Sim. — Aproximei-me ainda mais, a ponto de encurralá-la contra parede, apenas para provar meu ponto.

— Espere, Taddeo... por favor. — Ela batia contra meu peito enquanto pedia, e eu bufei antes de, então, paralisar.

— O que quer, Eva? O que poderia ter para me dizer? Qual mentira quer me contar agora? — Meu tom era irritado e não deixava brechas para dúvida sobre como me sentia. Ela parecia ser capaz de sempre me fazer experimentar as piores e também melhores sensações.

Eva novamente pareceu magoada com as minhas palavras, mas não me importei. Queria infligir nela quanta dor pudesse. Assim como já havia feito comigo uma e outra vez.

— Por que faz isso? Por que insiste em dizer que eu apenas minto para você, Taddeo? — As lágrimas nos olhos dela não foram o suficiente para me comover, e eu sorri com ironia.

Ela estava mesmo me fazendo aquela pergunta idiota?

— Porque é apenas isso que fez comigo, Eva. Mentir e mentir.

Mesmo através da voz ainda mais grossa pela raiva, foi impossível negar a mágoa nela. E era, como sempre, culpa dela.

Diaba, filha da puta!

— Eu não... — Eva começou a falar, mas parou quando viu o olhar em meu rosto.

Não precisei dizer nada naquele momento, ela apenas se calou. Eva conhecia muito bem o que aquilo significava e sabia que era ainda pior se me contrariasse.

— Não temos a obrigação de sermos amigos. Eu vou ser civilizado, mas não quero nada de você. Muito menos ser seu amigo. Na verdade, a distância seria algo que me agradaria. Você é definitivamente a última pessoa que quero ver, pois a cada vez que isso acontece, estraga meu dia — alfinetei sem pesar.

Pude vê-la engolir em seco, ao mesmo tempo em que as lágrimas que ela tão arduamente segurava começaram a rolar.

Foda-se! Não me importaria em magoá-la! Eu não me importava com ela!

Eva achava mesmo que eu acreditaria que não mentiria para mim? Que, no fundo, ainda esperasse ansiosamente para ter a conversa que deveríamos ter tido, mesmo que acontecesse com mais de dez anos de atraso?

— Não entendo por que acha que falei aquilo para Stephanie em seu casamento apenas para separá-la de Théo. Não foi essa minha intenção... Eu juro. Não estava mentindo quando disse que falei apenas para o bem dela!

Quando terminou de tentar se explicar, pude sentir o calor da raiva ondulando por todo meu corpo. Eu não era uma pessoa fácil de lidar, ainda assim, não era uma pessoa difícil também. Só que eu odiava, com todas as minhas forças, mentiras. E por isso, a cada vez que encontrava com Eva a tarefa de perder a paciência se tornara fácil e rápida. Ela era como um gatilho para que eu explodisse. Era só lembrar-me do nosso passado, que rapidamente perdia o controle... Por sua causa.

— Não tenho por que acreditar que fez com as melhores intenções, Eva. Afinal, de boas intenções, o inferno está cheio. Mas não é apenas por causa desse episódio, já deveria saber. Afinal, você fez questão de me foder a cada vez que nossos caminhos se encontraram. Aliás, a única coisa que faz de melhor nessa vida, além de foder, claro, é mentir!

Falar aquilo não deveria fazer com que meu peito doesse, mas fazia. A verdade era que eu nunca havia admitido para ninguém, além de Théo, o quanto ficara devastado com todas as mentiras dela. O quanto me magoara. Eva Carrara havia me fodido bonito.

— Eu amava você, porra! — gritei, fora de mim. — E você me jogou fora,

trocou-me pelo meu irmão, e nem ao menos se deu ao trabalho de me avisar... me usou. Fez de mim o que queria, apenas para chegar ao seu propósito. Então, me desculpe por chamá-la de mentirosa, quando você fez tudo, menos cumprir as promessas que fez para mim!

Novamente suas lágrimas persistiram e ela parecia ainda mais magoada. O que não me comoveu.

Lágrimas de crocodilo! Essa Diaba falsa!

Eva tentou me empurrar, como se não suportasse mais ouvir o que eu dizia. E quando viu que não me mexeria, rosnou para mim:

— Me deixe ir, Taddeo.

— Não — eu me limitei a responder, ainda sem me mover.

Eva então tentou empurrar-me mais uma vez, sem sucesso, e, quando não deu certo, me chutou em cheio no meio das pernas. Afastei-me de súbito, pulando sobre meus pés, gemendo de dor por causa do golpe baixo.

Quem não é homem não tem noção da dor do caralho que sentimos ao sermos atingidos ali.

Filha da puta sem alma, essa Diaba!

— Porra, Eva! Quantos anos você tem? Dez? — Ainda gemia enquanto lhe perguntava, sentindo minhas próprias lágrimas se derramarem.

Caralho!

— Queria apenas que você me deixasse ir embora. — Seus lábios ainda estavam trêmulos pelo choro, mas o olhar demonstrava claramente que não estava arrependida por ter me atingido.

Porra! Ela me pagaria!

Eva estava prestes a sair correndo dali, mas minha voz a fez parar:

— Se sair desta sala, Eva, juro que vou ao inferno caçá-la, sua Diaba, mas vou te pegar! Nem que precise trazê-la sobre meu ombro. Você já fez provou seu ponto e agora vai até o final, tagarelar suas mentiras! — era uma ordem que não deixava brechas para contestação, e ela entendia muito bem o peso de uma.

— Eu não quero mais falar com você! — Ela pareceu frustrada quando respondeu e eu ri, ainda tentando me recompor da dor que me causara.

Merda de dor que não passava!

— Ah! Mas vai, sim! Nem que eu a faça falar!

Eva sabia que não estava blefando, pois eu não blefava. Sequer era um homem de voltar atrás em minhas palavras. E quando finalmente consegui encará-la, havia algo em seus olhos que fez meu estômago revirar. Uma vulnerabilidade que nunca havia visto realmente. Ela parecia triste... verdadeiramente infeliz.

Não gostei de ver aquilo... ou de lê-la tão bem. Não queria. Principalmente

quando a dor que li nos verdes olhos mexia comigo tanto quanto mexia ela.

Eva ainda não havia se mexido, mas fui até seu encontro como se um ímã me puxasse até ela. Minha mão subiu para tocar-lhe o rosto, os dedos acariciando as sardas que um dia havia dito adorar. Seus olhos se agitaram rapidamente para se fecharem em seguida, as lágrimas deslizando no rosto, molhando a pele macia e também a mim. Engoli em seco, tentando, em vão, controlar os sentimentos que me assolaram naquele momento.

Que droga! Por que a Diaba mexia tanto comigo?

Há meses não a tocava daquela forma... Tão íntima. E tocá-la outra vez fez realmente meu coração doer. Meu rosto se aproximou instintivamente do dela. Muito perto, e tudo que queria ver eram os olhos verdes tão profundos, que poderiam ser mais sinceros do que ela jamais ousou ser, mas Eva não tornou a abri-los.

Tentou se afastar, mas minha mão foi até o pescoço esguio, para mantê-la imóvel, submissa, como eu gostava de tê-la para mim.

— Taddeo, por favor, deixe-me ir — o pedido foi feito em um sussurro fraco, que fez apenas com que o aperto se intensificasse.

— Seria mentira se dissesse que quero deixá-la ir. Deveria, mas não consigo.

E depois da confissão, não sei por que, mas simplesmente a beijei.

Mentira! Eu sabia...

Desde o nosso primeiro beijo, há tantos anos, tinha desejado inconscientemente a cada dia que se repetisse. Por mais que eu dissesse que a odiava, que quisesse Eva longe de mim, sonhava a cada minuto em ter sua boca na minha novamente.

E enquanto nossos lábios se tocavam no presente de forma firme, exigente, fui jogado de volta no tempo, para o passado.

Sempre havia sido assim, aquela coisa irracional, completamente louca e explosiva entre nós. Eu costumava achar que a dominava, mas bastava a ruiva se encostar a mim para que se provasse o contrário. O tempo não havia mudado aquilo, apesar de todos os acontecimentos e, principalmente, das mentiras que haviam nos separado, Eva ainda me dominava completamente.

E as mentiras? Bem, elas estavam apenas começando...

Eva

Ficar ao lado de Taddeo era como estar no céu e no inferno ao mesmo tempo. Olhar para ele era como voltar para um passado repleto de mágoas e também de arrependimentos. Beijá-lo depois de meses era como recuperar o fôlego que por muito tempo segurei e também me afogar, por saber que depois continuaria existindo sem o ar que me mantinha viva.

Não importava o quanto eu quisesse, desesperadamente, que as coisas entre nós fossem diferentes, sempre haveria algo que nos faria retornar para um passado que não nos permitia ir em frente. Era como se alguma coisa nos impedisse de fazê-lo. Algo grande, pesado, muito maior que o amor irracional que sentia há muito tempo por aquele garoto e, mais tarde, pelo homem que ele se tornara.

Aquilo independia da ocasião, um simples encontro se tornara palco para algo maior e muito mais narcotizante do que poderíamos prever. Era uma coisa louca. Algo completamente indescritível acontecia quando nos beijávamos, ou apenas nos tocávamos, inflamando um desejo impossível de resistir, tornando aquilo uma necessidade, como se fosse vital para sobrevivência e simplesmente não pudéssemos seguir sem ter ao menos o gosto um do outro.

Tornara-me prisioneira do beijo duro e selvagem. Da força sexual que me fazia parar de lutar como deveria. Não importava o quanto sabia que me faria sentir depois, apenas deixava-me ser beijada, para então ser punida pelo homem que eu tão desesperadamente amava.

Taddeo puxou meus punhos com força para cima, prendendo-os com uma única mão, enquanto sua boca devorava a minha sem pedir licença, apossando-se dela, deixando-me completamente sem fôlego, pois estava mais do que claro que não apenas a dominava, mas também a mim.

Não demorou para que a mão livre passeasse pelo meu corpo e os dedos se enredassem em lugares dos quais apenas ele parecia ser o dono. Então ele desfez o laço que prendia meu vestido, desnudando-me os seios, depois o restante, ao passo que friccionava a pélvis contra mim, fazendo-me gemer vergonhosamente.

Taddeo se afastou, soltando meus punhos, apenas o suficiente para admirar a lingerie vermelha que combinava perfeitamente com minha roupa, e, enquanto o fazia, começou a tirar os próprios sapatos e logo em seguida arrancava o terno e camisa.

Aquela estava longe de ser a primeira vez que se despia para mim, mas toda vez que o via sem suas roupas, apenas reafirmava a minha certeza de que não havia no mundo homem mais perfeito, senão ele. Taddeo era lindo demais. Ainda mais devastadoramente lindo do que estivera um ano antes. Não importava quantas vezes tivéssemos estado juntos, sem ar, era como me sentia

ante o dono dos meus desejos.

Não havia nada que não fosse maravilhoso nele. Desde o rosto lindo, tão belo como o próprio Lúcifer, o corpo malhado e cheio de músculos, como um modelo fisiculturista, a barriga esculpida com aquele “V” sexy que apontava para a pélvis e deixava o pacote ainda mais tentador.

— Sei bem o que gosta e o que quer. — As mãos grandes deslizaram pelo seu peitoral definido, descendo pelos gominhos, como eu gostaria de fazer, parando sobre o membro rígido, que me fazia babar, enquanto subia e descia sobre ele. — É isso que você quer, não é, sua putinha? Quer meu pau dentro dessa bocetinha gulosa!

Resfoleguei diante das palavras sujas, pois era exatamente o que eu queria. Estava sem sexo há mais de um ano, desde que ele me deixara pela última vez. E o meu desejo de tê-lo entre as pernas se tornou ainda mais nítido quando ele enfiou as mãos grosseiramente pela minha nuca, puxando meus cabelos de modo firme, enquanto mordida-me os lábios e tornava a massagear meu ponto sensível com a pélvis então desnuda.

Eu era uma massa trêmula. Gemia enlouquecida enquanto seus dentes encontraram meus lábios, mordendo-os, antes de lambe o mesmo local.

— Diga o quanto quer. — Voltou a ficar sério, o olhar ardente, provocante, enquanto me encarava com pura malícia. — Diga o quanto me quer comendo você. — Inalou meu cheiro, arranhando a pele sensível do meu pescoço com a barba por fazer, fazendo-me estremecer. — Há um ano não tenho seu gosto, seu cheiro, e isso tem me matado. Duvido que não se sinta da mesma maneira...

— Taddeo... — Seu nome saiu em forma de gemido e me odiei por me sentir tão... exposta. Por estar desejando-o com tanto desespero, como um viciado se sente diante do objeto do seu vício.

— Sim... Eu sei. — Os dedos dele foram direto para meus seios, onde beliscou um, antes de a sua boca chupar de maneira grosseira o bico rosado, tirando de mim um misto de grito e gemido, que o fez rir sem parar o ataque.

Taddeo pareceu ter a resposta que queria, pois não esperou que eu dissesse mais nada antes de me carregar até o sofá que havia na sala. E decerto não poderia fazer mais nada, estava entregue, porque, se antes já era difícil, se tornara impossível, para mim, conseguir raciocinar quando senti o dedo grosso invadindo minha boceta molhada.

— Pronta... Sempre pronta para mim. — Ele se movimentou, indo fundo dentro de mim, enquanto a boca voltava a se apossar da minha. — Apenas para mim — sussurrou de forma rouca, antes de me beijar com uma ânsia louca.

Taddeo parecia desesperado por mais e fiquei feliz, porque me sentia da mesma maneira. No segundo seguinte, ele se alinhava em minha entrada e sem

um aviso sequer mergulhou o pau duro no meu canal molhado em uma estocada brutal.

Depois de gritar pela invasão, me vi arfando, à procura de ar. Os dois paralisados, extasiados, experimentando a plenitude que era estarmos fundidos outra vez. Ele fechou os olhos, me xingando em seguida, e como se não pudesse mais se segurar, a boca desceu na minha enquanto o pau grosso fazia o trabalho em me esticar até o fundo.

As mãos masculinas deslizaram pelo meu corpo, explorando-o com os dedos, o que eu desejava que fizesse com os lábios também. Como conhecedor das minhas necessidades e desejos, Taddeo se afastou apenas o suficiente para descer os lábios pelo meu pescoço, beijando o ponto sensível ali, mordiscando e lambendo-o em seguida, fazendo-me gritar. Encontrava-me rapidamente no ponto de ruptura, pois Taddeo parecia saber me levar como ninguém havia feito antes, nem mesmo Théo, o mais velho dos Caravaggio, fora capaz de fazer-me sentir de uma forma que achei não ser possível.

— Isso, Eva, geme para mim. Geme, sua putinha... Tão linda... Tão deliciosa... Gostosa... Uma diaba molhada, pronta para mim — gemeu, ao passo que apertava-me o pescoço, os olhos azuis presos aos meus enquanto entrava e saía de mim, arremetendo sem dó.

O pedido fora feito com uma voz rouca em meu ouvido, tornando impossível me controlar depois disso, e o resultado foi me ver gozando de forma quase vergonhosa.

— Oh, Taddeo... Deus...

O orgasmo me consumiu enquanto me quebrava e senti o prazer vindo em ondas no ventre, estremecendo-me. O êxtase causara espasmos fortes, violentos, deixando-me completamente fora de órbita. Em meio às convulsões, pude distinguir seus gemidos rústicos enquanto o membro continuava a me invadir com brutalidade, ampliando ainda mais o clímax, que parecia simplesmente sem fim.

Eu não sabia dizer em que momento aconteceu, mas o meu prazer foi tão forte, que lágrimas começaram a escorrer pelo rosto, fazendo-me apertá-lo em meu interior, e tornei a gozar outra vez.

— Sua filha da puta!

Enquanto me xingava, gritei o nome dele de forma ensandecida, não me importando com nada além da sensação que me causava. Taddeo então jogou a cabeça para trás, fechando os olhos, estremecendo longamente, entregando-se a tudo que lhe proporcionava, ao mesmo tempo em que urrava enquanto gozava, inundando-me com jatos quentes de sêmen. E com mais um rosnado, desabou sobre mim.

Ainda sentia os últimos espasmos de prazer quando o vi arfar. A respiração, assim como a minha, estava descontrolada, bem como as batidas dos corações que pareciam bater em um só ritmo. Estava meio zonzinha e trêmula, mas sem conseguir achar coragem para dizer qualquer coisa que pudesse estragar o momento. Todavia, eu sabia que a hora chegaria, e não demorou.

Depois de mais alguns segundos, Taddeo soltou-me bruscamente, como se eu pegasse fogo, e então levantou-se de uma vez. Sequer consegui me mexer quando começou a se vestir com rudeza. Agradei por estar deitada, pois sentia as pernas trêmulas e não sabia se conseguiria me manter de pé diante do que pressentia que aconteceria.

Mesmo antes das primeiras lágrimas virem, queria chorar, fugir, incomodada por ter cedido tão fácil outra vez. Com raiva por desejar a posse, pela necessidade da minha submissão, mesmo sabendo que no final ele me trataria mal e me quebraria novamente.

Por um tempo ele permaneceu calado, circunspecto, e isso me fez fechar os olhos, a tamanha dor que já sentia no peito, porque o silêncio dele costumava ter um efeito tão doloroso quanto as acusações.

— Espero que tenha aproveitado, sua diaba. — Abri os olhos lentamente, mediante o tom frio que tomara sua voz, depois do quente que usara segundos antes. Ele já estava completamente vestido, enquanto eu ainda estava nua, e ele endereçava-me um olhar de desprezo. E com ar sarcástico completou: — Porque essa foi a última vez que me deixei levar e fodi você.

Engasguei-me com meu próprio choro, invadida pela vergonha e também pela culpa de não mais enxergar o menor sinal do homem apaixonado que via antes. Não importava o quão bom houvesse sido, como sempre era, aquela era a forma dele de me punir, de me humilhar. E eu, como fraca, quando se tratava de Taddeo, entreguei-me por completo para no fim não receber menos do que o castigo.

— Eu te odeio. — Lágrimas quentes escorriam pelo meu rosto enquanto eu proferia as palavras que, na verdade, eram uma declaração de como me sentia sobre mim mesma.

— Não mais do que eu, Eva — acrescentou secamente. O deboche estava lá, claro, no sorriso de canto, na postura, em todo ele. Embora os olhos estivessem turvos pela raiva.

— Um dia... — Funguei, antes de então continuar: — ... você se arrependerá de tudo isso, Taddeo. De me desprezar. De não se importar com como me faz sentir. E nem que me peça perdão de joelhos serei capaz de perdá-lo. Sabe por quê? Porque você não significará mais nada na minha vida!

Taddeo sequer deu uma outra olhada em mim enquanto saía da sala,

gargalhando, como se eu tivesse dito algo muito engraçado. E talvez tivesse falado mesmo, porque embora tivesse tentado, nunca havia conseguido esquecê-lo, mesmo que o tivesse feito tão arduamente ao longo da vida. Mas assim como fora com seu irmão e com todos os outros que passaram, havia sido em vão... Nada parecia substituí-lo.

As lágrimas caíam enquanto tentava me erguer para procurar minhas roupas e então sair dali. Não queria que ninguém me visse, não suportaria. Não deveria sequer ter aparecido. Fora um erro tentar consertar algo que há muito tempo estava quebrado. Eu tinha que aprender de uma vez por todas que não havia mais jeito para nós.

Limpando as lágrimas, encarei meu reflexo borrado no espelho. E tentei, com toda força, me fazer esquecer o que precisava. Das melhores habilidades que o mundo nos ensinava, essa ainda era a melhor: dar voltas.



Capítulo 2

TRÊS MESES E UM PLANO...

Eva

— Você acha mesmo que isso é o bastante para cobrir tudo? Nem mesmo as despesas dessa casa! Isso sequer paga os empregados! Não seja ridícula, Eva! — Vi minha mãe amassar o cheque com meu salário do mês e mais um adiantamento que pedi e então simplesmente fazer uma bola e jogá-lo em mim como se não fosse nada.

Segurei-me diante da indiferença dela em relação a todo meu esforço. Sempre fora assim. Tudo que eu fazia não tinha valor algum. Engoli em seco, tentando manter minhas próprias lágrimas sob controle.

— Mas é tudo que tenho, mãe. Pedi até mesmo um adiantamento. Me desculpe por não ter conseguido mais do que isso. — Estava sendo sincera, realmente sentia muito por não poder fazer mais, ainda assim não pareceu o bastante para ela. Nunca era.

— Não conseguiu porque é uma anta! — gritou enquanto me encarava com um olhar que não podia ser algo diferente de nojo. — Nem mesmo conseguiu um bom partido! Ficou a vida toda atrás dos irmãos Caravaggio para quê? Para nada! Sequer teve a competência de amarrar um deles! Merece mesmo ficar sozinha!

Não era a primeira vez que ela falava aquilo. Ou mesmo meu pai enquanto podia fazê-lo. Na verdade, minha vida fora construída com base em uma criação onde me tornaria uma boa esposa e para tal eu tinha a obrigação de arranjar um ótimo marido. E isso significava não apenas ter um pretendente com dinheiro ou título, mas também abdicar dos meus sentimentos para que isso se tornasse possível.

Anos antes me apaixonei perdidamente pelo Taddeo, mas embora a família dele fosse a mais abastada da nobreza campaviana, não parecera o suficiente para meus pais envolver-me com o mais velho dos irmãos Caravaggio. Eles simplesmente almejavam mais do que aquilo para a única filha, aquela que, não importava a ocasião, ainda adolescente, já era praticamente “oferecida” como

cardápio para o nobiliárquico com maior título que houvesse no ambiente.

Meus pais eram terrivelmente contra meu relacionamento com Taddeo, mas por mais que sempre me esforçasse para agradá-los, quando começamos a namorar foi a primeira vez que abri mão da aceitação que nunca consegui, para fazer o que meu coração mandara. Os dias mais felizes ao seu lado também foram os mais terríveis dentro de casa, pois não havia um só momento em que eles não expusessem o tamanho desagrado por ter escolhido o descendente de uma família inimiga como namorado.

Até mesmo surras eu ganhara, e, ainda que me sentisse impotente diante de tudo aquilo, escolhi continuar com ele, pois acreditava que o amor que eu sentia era recíproco. Todavia meu pai me provara que não poderia estar mais errada, e quando descobri que Taddeo apenas me usara, procurei nos braços do irmão dele não apenas uma forma de me vingar, mas também algo que tão desesperadamente procurei desde que os conheci: ser amada.

Obviamente tudo dera errado mais uma vez, afinal, Théo não poderia me dar o que ele não sentia, e como uma garota mimada, que mendigava qualquer sentimento do qual era carente, confundi tudo e insisti em um relacionamento sem futuro, que desde antes de começar estava fadado ao fracasso. Nunca fui o bastante para Théo pelo simples fato de não ser o suficiente nem mesmo para mim. E mais ainda, eu não era Stephanie. Era ela que ele amava. Sempre foi.

Nossa separação me forçou a ser diferente. Tornei-me uma pessoa que não gostava de ser, mas insisti em continuar sendo. Théo partiu da Campavia para fazer faculdade, enquanto Taddeo sempre esteve ali, perto de mim, mas depois de tudo simplesmente não podia voltar. Nem mesmo queria. Éramos dois estranhos em um lugar diferente, mesmo estando tão perto. Duas pessoas que lutavam contra outra a cada encontro.

Ainda assim era difícil fingir que não sentia meu coração bater por ele. E toda vez que apertava de saudades, era à última memória sobre nós que me apegava. Aquela que ele me fizera chorar copiosamente. Aquela memória de que ele destruíra não apenas meu coração, mas a pessoa que eu era também.

O que Taddeo dizia sentir por mim não era amor, nunca foi. Como poderia ser quando fizera tudo aquilo comigo? Então, quando Théo voltou para Campavia, tentei enganar-me mais uma vez, achando que aquilo que tínhamos poderia dar certo, e mesmo que minha família fosse contra no início, ele seria aquilo que daria aos meus pais o que tanto queriam: um bom casamento.

Obviamente, nada saíra conforme planejado, Steph retornou para assumir a coroa e mais uma vez meus planos não se cumpriram. Fui ridícula e tentei, das formas mais vergonhosas, acabar com o que tinham apenas para provar um ponto para ninguém em particular. E inclusive tive uma ajuda inesperada nessa

empreitada, meu pai, que via em mim uma chance de nos tirar da falência. O que novamente não dera muito certo. Théo e Stephanie casaram-se e eram muito felizes juntos. Inclusive tiveram três lindas princesinhas. Não era à toa que haviam se tornado o Casal Real mais amado de todo o mundo.

— Mãe, o fato de ter me casado ou não nada tem a ver com nossos problemas — tomei a palavra, depois de muito refletir sobre o assunto, e ela soltou um bufar incrédulo.

— Claro que tem, sua burrinha! Se você tivesse tido a competência de arrumar um marido rico, não estaríamos à beira da falência! — grasnou enquanto me dirigia um olhar acusatório.

— Para com isso, mãe! Eu não tenho culpa de nada! Se estamos falidos, a culpa é de como nosso dinheiro foi administrado. Você e o papai passaram a vida esbanjando. E seus gastos atuais não condizem em nada com a nossa realidade. Não quando, além de tudo, temos despesas médicas para pagar.

— Mas é muito abusada mesmo! — revoltou-se e, por um momento, achei que partiria para cima de mim, como já estava acostumada que fizesse. Mas então emudeceu por um segundo, antes de parecer determinada enquanto voltava a falar: — Já que está querendo resolver tudo, vou te dar duas opções, Eva: ou você se casa com um homem rico, que nos tire dessa enrascada, ou vou parar de pagar as despesas médicas para o inútil que seu pai se tornou. — Olhei para ela incrédula, sem acreditar que realmente tinha dito aquilo. — O que me diz? Qual sua escolha, querida filha? — a pergunta foi feita com o canto da boca com escárnio.



Pedir socorro a Igor não era uma coisa que eu gostaria de fazer, embora estivesse nas últimas opções, sendo que a última era, sem dúvidas, casar-me com um homem apenas por interesse, mas eu não tinha escolha. Não mais... Ele era a única chance de tentar construir uma vida nova, como uma pessoa melhor da qual no futuro pudesse me orgulhar.

Estava envergonhada de ter que lhe pedir qualquer coisa depois de tudo. Éramos primos, eu sabia, sangue do mesmo sangue, mas também havíamos sido a família que nunca se importara em deixá-lo sozinho após a morte dos pais e irmãs. Apesar da distância imposta, Igor sempre fez mais por nós do que deveria, e eu tinha plena ciência daquilo. Nem mesmo merecíamos qualquer coisa, ainda assim era esperando para falar com ele onde estava na manhã seguinte.

Por que estava ali mesmo?

Não deveria ter ido. Sequer deveria ter cogitado a ideia de pedir ajuda. Mas

que opção tinha, a não ser me humilhar para não passar o resto da vida subjugada e infeliz em um casamento sem amor?

— Srta. Eva? — a secretária dele me chamou, e, encarando-a, esperei o que teria para me falar, no fundo, desejando que meu primo não pudesse me receber. Ou ao menos se recusasse a isso. — O Dr. Igor a espera na sua sala.

Inspirei fundo, indecisa, sem saber o que fazer, se lhe pediria ou não para nos ajudar. Todavia, era a única chance que tínhamos. Ao menos a única não levando em conta a ideia estapafúrdia da minha mãe de casar-me com um homem rico para sairmos da falência.

Enchendo-me de coragem, fiquei de pé e segui andando em direção à sala dele. Bati levemente na porta antes de abri-la, após a resposta para que entrasse, e então foi o que fiz. Igor era diretor do hospital campaviano há algum tempo e, apesar da pouca idade, vinha exercendo brilhantemente seu papel. Mas ao contrário da sala austera e sem cor que ele mantinha antes do casamento e paternidade, agora era possível ver flores, fotos e muita cor.

Eu não era burra, sabia o quão apaixonado ele era pela caçula dos Caravaggio e o quanto ela e o filho haviam mudado meu primo de maneira irrevogável. Estava feliz por ele. De verdade. Porque uma coisa que aprendi com a história dos Carrara era que pelo visto não havíamos nascido para ser feliz. Era como uma maldição. Um castigo. Sina, talvez. Uma punição por todo mal que havia sido plantado desde o início pela nossa família.

Esperava, de coração, que aquela espécie de infortúnio tivesse sido quebrada desde que ele se casara com Anabella. Ao menos para ele, que era realmente merecedor de coisas boas, não como o restante de nós.

— Oi, Eva. Não estava esperando por uma visita sua. — Ele não se levantara para me cumprimentar, eu nem mesmo esperava, quando estava acostumada com a distância e com uma certa frieza.

— Oi... Desculpe, vim sem avisar. — Coloquei uma mecha do meu cabelo vermelho atrás da orelha enquanto ele me indicava a cadeira em frente à sua mesa e me sentei.

Ainda incerta sobre como começar, olhei para Igor sentado em sua confortável cadeira por um instante ou dois. Por trás do jaleco e da roupa de grife, havia não apenas um cara muito, mas muito bonito, como também alguém que desde muito cedo conhecera o significado da palavra sofrimento.

Ele era outro homem. Não era mais aquele jovem fechado, que sofria calado e que ainda muito novo tivera a coragem de sair de casa em busca de seu sonho, para isso, indo contra tudo e todos. Mas também não era aquele que usava as farras, bebidas e várias mulheres na cama para esquecer as dores. Eu entendia o motivo de ser daquele jeito, era como um paliativo, mas ao contrário

dele eu não tive a sorte de encontrar alguém que me amava e muito menos a força para mudar.

Igor havia deixado de ser apenas o herdeiro do título de *Barão de Niápolis* e também de uma fortuna obscena, assim como segredos que o tornaram quem era, e passara a ser o pai do pequeno Hector, o marido apaixonado de Anabella Caravaggio Carrara. E mais do que isso: era alguém que conseguira passar por cima dos traumas, que superara os próprios tormentos. Era alguém que tinha encontrado a razão para ser feliz.

Eu o invejava por aquilo. Não por ter tudo que nunca almejou, mas ainda assim encontrou, e sim por saber que eu jamais teria o mesmo. Afinal, não era merecedora. E muito menos com quem um dia sonhei viver. Não quando pensar apenas naquela hipótese me parecia tão absurdo. Especialmente porque sabia que nunca poderia ser com outro o que não poderia ser com ele.

Taddeo...

Era tão injusto continuar a amá-lo depois de tudo que me fizera. Depois de toda dor infligida. Mesmo após toda humilhação que me fizera passar e sentir, ainda assim, nada parecia ser o suficiente para me fazer esquecê-lo.

Eu era tão patética, meu Deus!

Fechei os olhos por um segundo, sentindo a cabeça latejar. Minha vida nunca seria um conto de fadas como a de Stephanie ou Lourdes. Nem mesmo perfeita como a da minha nova prima, Anabella.

— O que a trouxe aqui, Eva? — Igor quis saber com tom de voz neutro.

— Nem eu mesma sei dizer. — Um suspiro me escapou enquanto tentava encontrar coragem para iniciar aquela conversa. — Eu estou desesperada, Igor — confessei, por fim.

Igor endireitou a postura na cadeira e se limitou a franzir o cenho, sem dizer nada. Ele nitidamente esperava que eu continuasse com aquela conversa constrangedora.

— Vim te pedir ajuda — murmurei, muito cansada depois de sequer ter pregado os olhos na noite anterior, matutando o que deveria fazer dali em diante. — Estamos falidos, primo. Papai perdeu tudo antes de ficar naquela cama de hospital. Quando descobrimos, já era tarde demais. Você deve estar a par de que ele sequer tem plano de saúde. Então quase todo dinheiro da mesada que você nos dá vai para os cuidados dele. Meu salário como advogada, apesar de bom, não cobre as despesas. Então venho te pedir, humildemente, que nos ajude. Não temos nada nem ninguém para recorrer, além de você...

Igor bufou, nitidamente contrariado, e diferente do que desejei desesperadamente que acontecesse, ele não pareceu amolecer, nem mesmo diante as lágrimas que acabei por derramar sem perceber.

— Eu poderia dizer que sinto muito, mas estaria mentindo. Não sinto. Há anos vejo seu pai depredar a herança que recebeu, e não foi por falta de aviso da minha parte, você bem sabe. Não foi apenas uma vez que entrei como avalista para empréstimos no banco, mesmo sem ele saber. Caso contrário, sequer teria conseguido qualquer grana sem que eu tivesse entrado no meio, diante as dívidas que já tinha para com os bancos. Não estou falando nada disso para me mostrar, nunca precisei, só estou dizendo para te comprovar que já fiz demais. Mesmo que ele não merecesse... Me desculpe, Eva, isso não tem nada a ver com você, mas dessa vez não vou ajudá-los.

Senti todo o corpo tremer. Aquela não era obviamente a resposta que eu queria e precisava ouvir. Um desespero profundo me tomou, uma sensação de agonia apertando-me o peito, comprimindo-me o pulmão, tornando impossível até mesmo a tarefa de respirar.

— Por favor — meu pedido não passara de um murmúrio fraco, porque a bola de choro presa em minha garganta tornara difícil pronunciar qualquer coisa que quisesse, e ele girou a cabeça de um lado ao outro, negando de forma firme, o maxilar cerrado.

Cambaleei, mesmo que estivesse sentada, e certamente teria caído se não estivesse ali, sentindo minhas esperanças se esvaírem de uma vez.

— Tenho inúmeros motivos para não fazer isso, Eva. — Encarou-me sério, frio, de uma maneira que jamais o vi antes. — O primeiro deles, não deveria ser segredo para você, afinal, embora tivesse perdido parte da minha família, eu significava para o resto dela apenas um cheque no final do mês. — Engoli em seco, pois era verdade, nunca estivemos ao lado dele. Ainda assim, meu corpo doía, a cabeça parecia prestes a explodir, enquanto ele continuava a falar: — Além disso, tenho aqui... — Apontou para o bolo de pastas em sua frente. — ... provas concretas de que além da sua querida tia ter tido um papel fundamental nos planos de Gerrit, seu pai também estava envolvido em muitas das suas tramoias. Preciso dizer mais alguma coisa, Eva?

Aquilo me chocara. Profundamente. Não esperava nada daquilo. Então as palavras ditas começaram a fazer sentido, por mais que não quisesse acreditar no que elas implicavam realmente.

Havia sido um choque descobrir que minha tia havia perdido a vida, especialmente depois de passar anos com planos de conspirações contra Família Real e a Caravaggio. Anos de crimes, de horrores inimagináveis. Que ela não era a melhor das pessoas, sempre soube, sentia na pele aquilo. Contudo jamais imaginei que ela fosse capaz de tantas atrocidades e junto ao irmão gêmeo do meu pai, que nunca conheci ou sequer imaginei existir. Mas nunca passara pela minha cabeça que meu pai, aquele homem que eu amava apesar de tudo, mesmo

com sua frieza, da maneira dura com quem me tratou a vida toda, pudesse também estar envolvido em tantos absurdos.

Vinha dando o meu máximo para conter as lágrimas até então, porém não fui mais capaz de detê-las ante aquela nova informação. Gotas espessas, quentes e doloridas rolaram por minhas bochechas e senti o gosto salgado nos lábios. Amargo como a decepção.

— Isso não pode ser verdade — protestei fraca, minha cabeça rodando, a dor sendo pior a cada minuto.

— Não seja tola, Eva, você sabe que não estou mentindo. — A costumeira arrogância dele não estava lá, apenas uma seriedade que não o deixava negar o que dissera.

Não consegui dizer mais nada. Eu sabia, no fundo, que era verdade. Apenas fiquei ali, encarando-o, boquiaberta demais, chocada, horrorizada para emitir algum som que fosse algo diferente de um ofego estupefato. Levei uma das mãos à têmpora como se o simples ato fosse capaz de dissipar a dor de cabeça que ameaçava explodi-la, no entanto não fora o bastante. Eu estava sendo destruída por aquela dor de cabeça, como estava vendo acontecer com as esperanças da vida.

Quando consegui me recuperar um pouco, embora soubesse que não faria aquilo por completo, tentei me levantar, mas minha cabeça rodou e fui obrigada a sentar-me outra vez. E parecendo perceber que eu não estava bem, Igor se levantou, e antes de aproximar a mão veio de maneira suave até minha testa, fazendo-o xingar.

— Você está queimando de febre, prima. — Seu maxilar cerrou. — Por que não me disse que não se sentia bem?

— Estou bem... Só preciso ir para casa — falei baixinho, muito cansada para brigar. Com tanto para processar, que não sabia se seria possível conseguir esse intento.

— Para ter de depender da sua adorável mãe para cuidar de você? — Riu com escárnio, pois nós sabíamos que ela sequer se preocuparia com meu estado de saúde, quanto mais cuidar de mim. — Se quiser se matar de uma vez, me diga, sei de ótimas maneiras para que isso se torne possível sem causar muita dor. — Doeu ouvir aquilo de sua boca, fora deveras difícil. E mesmo que o golpe tenha sido dolorido, nunca me pareceu tão tentador acabar com minha própria vida.

Ele então endireitou-se e franziu o cenho diante das próprias constatações, seu modo médico ativado, e não o primo que odiava toda família. Inclusive a mim.

— Isso deve ser uma virose, de qualquer forma vou solicitar exames. Tenho

quase certeza de que não comeu nada. — Concordei, incapaz de falar qualquer coisa. — Então vou providenciar algo para que coma enquanto o resultado fica pronto.



Tomar soro em um hospital era a última coisa que pensei em fazer quando fui até lá aquela manhã, em uma tentativa desesperada de nos tirar da falência. Só que meia hora depois da minha conversa com Igor era exatamente o quadro que vivia, embora meu problema estivesse longe de ser resolvido, especialmente após ouvir tudo o que Igor dissera em resposta ao meu apelo.

Depois de tirar um pouco do meu sangue e providenciar um café da manhã na sala como prometido, Igor havia recebido os resultados ali mesmo, antes de constatar que eu estava com um princípio de pneumonia, resultado de uma gripe mal curada, que só piorara devido à minha má alimentação e demasiadas horas extras de trabalho para tentar conseguir um dinheiro a mais.

Por todo tempo enquanto tomava soro, continuei imóvel, presa à inércia, completamente muda, e sequer emiti algum protesto quando fui furada outras vezes ou me levaram para fazer tantos exames, porque aparentemente Igor designara uma enfermeira para me atender, preocupado demais em ter certeza de que eu estava realmente bem. O que era coisa rara na minha vida, ter alguém que se preocupasse com meu bem-estar e saúde. E, segundo suas palavras, eu não sairia dali até estar realmente bem.

Não era como se estivesse entusiasmada mesmo para voltar para casa, quando tudo que tinha era uma negativa para minha tentativa desesperada de não ter de me enredar em mais um amargo arrependimento, o que um casamento por interesse em salvar a minha família da falência obviamente me daria depois.

Tanto tempo se passara desde que parei de fantasiar com uma vida conjugal e meu próprio conto de fadas, e por mais que tivesse motivos para odiar aquele que me fez desacreditar do meu final feliz, odiava ainda mais o fato de ir deitar-me sozinha noite após noite, desejando que tudo aquilo pudesse ser possível, em vez do pesadelo que havia se tornado meu presente.

Também odiava olhar para trás e me sentir culpada por Taddeo não me amar o bastante e ter apenas querido brincar comigo. Odiava ter tentado me vingar ficando com Théo insistido em algo que nunca poderíamos ter. Odiava ter tentado estragar a vida dele e de Steph, quando as coisas para mim começaram a dar indício de que desmoronariam. E odiava ainda mais que Taddeo não fosse homem o suficiente para ser não apenas meu príncipe encantado, mas também um príncipe guerreiro, aquele que lutava por mim.

Durante toda minha vida me senti mal por ser quem era, por não ser quem gostariam que eu fosse e por não ser o bastante para me amarem. Havia cometido tanta besteira em nome de um orgulho que estava longe de ser real, e então, naquele instante, me via daquele jeito, mergulhando fundo em dor e sofrimento, fazendo-me inúmeras perguntas sobre onde errei e por que tudo desmoronara, quando o que sempre quis foi acertar.

Foi quando uma cena em minha frente me fez paralisar.

Era uma família. Uma família perfeita. Um casal de pais tentava distrair o filho pequeno, enquanto a mãe, sentada com ele no colo, continuava com a tarefa árdua de manter a máscara de oxigênio no rostinho dele, fazendo uma inalação, e apesar de o local onde se encontravam, pareciam felizes.

A cena poderia ser costumeira para muitos, especialmente para um hospital onde passavam tantas pessoas a cada dia, onde se via pais cuidando dos filhos com amor, mas não era algo comum para mim. Eu não havia vivido aquilo como filha. Não tive carinho, amor ou cuidado dos meus pais, aquele era o trabalho das babás. Eram elas quem se preocupavam com a minha saúde e alimentação, quem me medicavam quando eu ficava doente e até mesmo iam para a reunião da escola. Foram elas que me ensinaram a andar de bicicleta ou a fazer o dever de casa, pois não havia tido nada daquilo dos responsáveis pelo meu nascimento... Nunca.

Foi quando me bateu. Eu queria aquilo... Tanto... Desesperadamente. Queria ter a minha própria família. Queria ter alguém para amar, para cuidar de mim como nunca aconteceu antes, ser importante para alguém, ser o mundo e o coração de alguma pessoa que amaria para o resto da vida.

E eu teria.



Era tarde da noite quando finalmente cheguei em casa, depois de horas internada no hospital. Embora a cabeça ainda parecesse dar um nó, sem saber direito como proceder dali em diante, sentia-me um pouco melhor de saúde. Especialmente depois da última conversa que tive com Igor.

— Obrigada — balbuciei, sentindo-me ainda fraca, e ele pareceu um pouco surpreso pelo agradecimento

— Eu não a deixaria doente e muito menos que morresse, Eva. — Sorriu fraquinho, o olhar de pena me doendo mais do que poderia admitir.

— Talvez devesse. — Estava sendo sincera e desta vez o vi revirar os olhos.

— Me desculpe por aquilo que falei. Não era realmente verdade. Jamais permitiria que se matasse. — Segurou minhas mãos e suspirou antes de

prosseguir: — Não a culpo pelas besteiras que cometeu, Eva. Especialmente porque entendo os motivos de ter cometido quase todas elas. Fomos criados por dois déspotas, que deram o seu pior como pais enquanto crescíamos. Crescemos de uma maneira que nenhuma criança merece, não tivemos deles o que precisávamos. A diferença entre nós está no fato de que nunca tentei agradá-lo, apenas decidi ser quem sou e não por ele... Apenas para mim. — Suspirou outra vez e vi algo passar em seus olhos, mas logo se foi. — Você cometeu burradas, Eva. Muitas, mas todos cometemos. Somos humanos, falhos. Ainda que erremos, sempre há tempo de consertar. Sempre há tempo de dar o melhor de nós. Não se martirize por nada, seu pai está naquela cama, inválido, e nunca mais voltará a ser quem era antes por causa das escolhas dele, e não por sua causa. Você não tem que salvá-lo. Ele quem deveria ter feito isso por você. E hoje, como pai, mais do que ninguém entendo isso. Porque eu seria capaz de tudo pela felicidade do meu filho. De tudo por ele e para ele. Eu encontrei duas razões para ser feliz, Eva. Encontrei na Bella e no Hector. Você só tem que se desvencilhar de tudo que te faz mal e procurar as próprias razões para ser feliz também.

Eu sabia que ele tinha razão em cada palavra dita, mas ainda assim era tão difícil quando tínhamos tão pouca força para lutar. Ainda mais quando embaixo do meu próprio teto havia razões para me fazerem infeliz.

— Você demorou. — Foram as palavras secas de minha mãe quando adentrei a sala e a encontrei segurando uma taça de vinho, que certamente deveria custar uma fortuna, e a qual obviamente não tínhamos como arcar.

Nada de “como está” ou “aconteceu alguma coisa”, apenas a frieza que lhe era habitual e parecia apenas ter se intensificado desde que a irmã morrera, meu pai fora internado e descobrimos estar falidas.

— Tive uns problemas — respondi com a voz fraca, embora fosse minha intenção soar segura.

Não lhe diria que estava no hospital. E, se dissesse, ela tampouco se preocuparia. A única preocupação com a minha ausência era que eu não havia retornado com uma solução para seus problemas de maneira imediata.

— Eu tenho problemas, Eva. — O olhar frio se pôs sobre mim enquanto continuava com tom rascante: — Você não tem nada além de obrigações para com essa família. Não me interessa onde estava, a única coisa que quero saber é se conseguiu o que preciso.

Família, eu teria rido, se essa palavra cujo real significado eu não conhecia não me doesse tanto. Em especial quando queria tão desesperadamente conhecer. Mas decerto não seria com sua cobrança que encontraria.

— Igor não me emprestou o dinheiro. — Achei melhor ser direta, embora

soubesse que até por isso me culparia, e o sorriso cínico logo me comprovou aquilo, assim que ouviu o que eu disse.

— Você realmente não sabe fazer nada direito, garota — bufou, irritada. — Você ao menos se ofereceu para ele? — Pisquei incrédula diante da pergunta, sem acreditar que realmente considerara que eu fosse capaz de fazer algo baixo como aquilo.

— Claro que não, mãe! Ele é meu primo! — Eu me senti ultrajada com a mínima sugestão. Não... Enojada era a palavra mais apropriada.

— Besteira. — Deu de ombros, como se não fosse nada de mais, os olhos estreitos enquanto me encarava com desprezo. — Dar para um primo não é um pecado. Além do mais, sabemos agora que seu avô fez coisa muito pior com a própria filha. — Levei a mão à boca, completamente chocada, engasgando-me com minha própria saliva.

Não podia crer que considerara me comparar com meu odioso avô...

Antes de conhecer a fundo a história de Joaquim Carrara, pai do meu pai, eu não gostava dele, porque na minha cabeça ele era o motivo de o filho ser como era. Não estava errada, obviamente. Evan era quem era, pois era fruto do meio que fora criado. Quando descobri o que Joaquim fizera com a própria filha, mantendo-a em cárcere privado por tanto tempo e não apenas subjugando-a, como também estuprando-a, fazendo dela sua refém e também o próprio saco de pancadas, odiei-o ainda mais por ter sido quem fora.

Conhecer a história de Lavínia, que felizmente havia conseguido superar os traumas e então ser feliz com o homem que amava, o Rei Rubert, não apenas me fizera ter certeza de que nós, Carrara, parecíamos amaldiçoadas no quesito coração, mas também me dera esperança de que eu também pudesse ser feliz um dia. Se ela, que havia sofrido tanto conseguira, talvez, apenas talvez, eu pudesse ter a mesma sorte.

Com a visão embaçada ante a comparação, eu quase não pude discernir os traços bonitos daquela que me dera a vida, o que não me impediu de continuar:

— Eu jamais seria capaz de me oferecer para meu primo, mãe. — Limpei as lágrimas que inevitavelmente me vi derramar. — Eu não sou assim... Não sou como meu avô. Ou como você gostaria que eu fosse... Não sou como você, uma puta interesseira. — Não tive tempo para reagir antes de sua mão vir em direção ao meu rosto, um tapa forte queimando-me a pele, o que me fez chorar ainda mais.

— Você não presta nem para isso! — A voz dela era amarga, assim como o olhar para mim, que eu claramente podia discernir com minha visão turva. — Eu ao menos deixei de ser prostituta para me tornar uma mulher honrada de um homem rico. Ao menos consegui um casamento! — bradou, como se aquilo

fosse motivo de orgulho, embora estivesse longe de ser verdade.

— Honrada? — gargalhei, mesmo que ainda chorasse. — Você sempre foi humilhada dentro dessa casa! Nunca deixou de ser uma puta para ele! Meu pai não escondia nem mesmo suas amantes! Que casamento é esse? Onde não existe amor, apenas aparência? Tudo entre vocês sempre foi uma troca de interesse — alfinetei, colocando certo desprezo na minha voz. — Além do mais, Igor é casado. Muito bem casado. Jamais seria capaz de fazer isso com Anabella. Ele pode ser um legítimo Carrara, mas não é meu pai. Não é Heitor. Muito menos Joaquim — eu disse entre dentes.

— Como ele poderia te querer, não é mesmo? — ela murmurou a pergunta com um riso cínico. — Ninguém que te conheça quer, Eva. Garota desprezível! E isso inclui usar seu corpo. Para os Caravaggio foi a mesma coisa, você só tinha uma utilidade para eles e deve saber qual é. — Analisou-me dos pés à cabeça, como se não fosse minha mãe e nunca tivesse me visto antes, os lábios sorriram com escárnio. — Eu posso ter trabalhado como mulher da vida, mas ao menos recebia para isso. Já para eles, você não valia nem uns trocados... Era apenas uma puta... Uma puta sem qualquer serventia.

As lágrimas vieram com tudo, o choro rasgando minha garganta. Engoli o bolo doloroso enquanto ela passava por mim, deixando-me com a resposta na ponta da língua e uma imensa vontade de lhe dizer como a odiava. Contudo foi ela quem rompeu o silêncio quando começou a subir a escada:

— O Oficial de Justiça esteve aqui enquanto você brincava de tentar resolver nossos problemas. Temos trinta dias para pagar as dívidas ou sair dessa casa. E você tem quinze dias para dar um jeito nisso, caso contrário, já lhe arranjei um pretendente. — Virou-se para me encarar, os olhos brilhando de cinismo. — O Baronete de Sontoro. Tenho certeza de que você será uma boa esposa para o velho Rossi Alaric. — Então terminou de subir as escadas, e eu agradei por ter um sofá por perto para me amparar, porque era o que eu precisava.

Lágrimas quentes rolaram pelo meu rosto, um suspiro trêmulo moldando minha respiração enquanto via em minha frente o destino infeliz que me fora traçado para viver. Eu não podia acreditar que aquilo estava mesmo acontecendo, de jeito nenhum. Aquela dor e desespero me consumindo de dentro para fora, a sensação de aflição que julguei não poder ser pior se agravou ainda mais.

E foi diante o pensamento horripilante de casar-me com aquele viúvo velho e asqueroso, com idade para ser no mínimo meu avô, que tive a ideia que mudaria minha vida para sempre.



Capítulo 3

SELEÇÃO DAS UVAS...

Taddeo

A primeira etapa da produção de vinhos é a colheita, de fundamental importância para ter um bom vinho como resultado, pois é preciso encontrar o equilíbrio perfeito entre vários aspectos importantes para sua qualidade: como quantidade de açúcar, acidez, maciez dos taninos, componentes de cor etc. Para os melhores vinhos, como o *Caravaggio*, a colheita é sempre manual, com as uvas transportadas em pequenas caixas, de modo que cheguem à vinícola o mais frescas e intactas possível. E é quando acontece a segunda etapa: a seleção das melhores.

As uvas passam por uma mesa de seleção manual, na qual são retirados eventuais detritos e também as frutas com qualidade inapropriada, como as não maduras, estragadas ou com fungos. Esta seleção é fundamental para o bom resultado na produção de um vinho de alta qualidade. Os melhores deles ainda são produzidos com a necessidade de um intenso controle manual do processo de seleção, o que garante a característica artesanal e o alto valor agregado à produção da nobre bebida. E o mesmo acontece, ou ao menos deveria acontecer, na vida.

Pessoas são como uvas, se não dermos o nosso melhor ou não selecionarmos as melhores para estarem ao nosso lado, pode ser o suficiente para estragar toda sua vida. Uma uva ruim nunca deixará de ser de má qualidade, assim como uma pessoa ruim jamais se tornará boa. O máximo que acontecerá é virar uma uva-passa e o mais provável é que faça todo seu vinho, ou vida, avinagrar.

Ninguém muda da água para o vinho, no máximo para o suco de uva. Experimentar o doce sabor dela não significa necessariamente provar posteriormente o suave gosto do vinho. Assim como se apaixonar não significa apreciar a sensação de felicidade... De amar e ser amado. Sentir algo forte por alguém é como uma faca de dois gumes, tem os dois lados: bom e ruim.

Apaixonar-se pode adoecer o corpo e a mente quando ocasiona uma decepção e, ao acontecer, não existe nenhuma droga que elimine a dor, o melhor remédio continua sendo o tempo.

E quando nem o tempo resolvia?

Não tinha a resposta, embora já a buscasse por algum tempo. A única que tinha era sobre os sentimentos que em mim povoavam, aqueles que eu tão dolorosamente sentia e gostaria de não sentir. Os maiores escritores e poetas costumam dizer que existe uma linha tênue entre o amor e o ódio e essa mesma linha divide dois sentimentos tão imensos. É por isso que alguém pode amar e odiar com tanta intensidade de uma hora para outra e esta proximidade de dois sentimentos tão opostos causa, muitas vezes, tanto desgaste quanto sofrimento.

Eu me sentia como se vivessem dois dentro de mim. De um lado, o cara gente boa, que amava a família, que era apaixonado pelos sobrinhos, tinha ótimos amigos e era rico. Do outro, havia o amargo, que fora rejeitado no passado pela mulher por quem era loucamente apaixonado, que tornara-se frio por causa dela, por vezes até cruel, mas que fizera um escudo ao seu redor... Uma muralha.

Uma muralha que ainda não sabia, ou sequer fazia ideia, mas estava prestes a ir ao chão.

— *Toc toc* — o som feminino e doce viera acompanhado do toque na porta do meu escritório, e sorri ao reconhecê-lo de imediato.

— Oi, meu doce. Que visita inesperada. — Levantei-me rápido para ver minha irmã, que sorria para mim, segurando o pequeno Hector nos braços.

Não importava o quão ruim me sentisse diante da vida, bastava olhar para minha doce irmã mais nova e meu sobrinho lindo que tudo, qualquer pensamento inconveniente, se esvanecia. E quando beijei o rosto macio dela e brinquei com meu amado gorducho, logo atrás veio o seu novo marido.

Marido. Ainda era estranho para meus ouvidos e língua a palavra. Não interessava que ela não fosse mais tão nova, que até mãe era, para mim Anabella sempre seria minha pequena, minha menina, nosso doce, nossa linda princesa.

— Não vai cumprimentar seu cunhado preferido? — Igor gracejou, lançando-me um olhar de pura provocação, pois sabia o quanto ainda era difícil aceitar o fato de minha irmã ter crescido e ainda por cima estar casada. Revirei os olhos enquanto soltava um bufar incrédulo.

— Eu acho que você é o único. Portanto, não tenho muita escolha — lancei de volta para ele e foi a vez dele de rolar os olhos num gesto exagerado enquanto me cumprimentava daquela forma tipicamente masculina.

— Ainda assim sou seu preferido. Um dia você ainda irá admitir. — Deu de ombros de forma casual, e fiz uma careta para minha irmã, que ria da nossa

provocação.

Era verdade, embora ainda não tivesse me acostumado com a velocidade que as coisas entre eles se desenvolveram, ainda assim não tinha dúvidas de que Igor era o cara certo para Anabella. Ele a amava... Loucamente. Praticamente beijava o chão que minha irmã pisava. Não importava o que acontecesse, eu tinha certeza de que ele cuidaria dela e do meu sobrinho. Até mesmo daria a vida, se preciso fosse. Claro, vez ou outra ainda sentia vontade de quebrar sua perfeita cara monárquica, apenas por pensar que ele ia para cama com a minha irmãzinha, mas para mim era aquilo que importava, os dois haviam nascido para ficar juntos.

— Vem, Hector, com seu tio preferido. — Não me fiz de rogado e peguei-o nos braços, ao vê-lo se agitar no colo da mãe para que eu fizesse exatamente aquilo. Ele ainda era muito novinho, mas era esperto demais para idade. — Sim. Sou seu tio favorito, nós sabemos. Porque nós vamos pra balada juntos e vou ensinar tudo que precisa saber para azarar uma mulher. É isso mesmo... — concordei em resposta aos sons incompreensíveis que ele emitia, mas que decerto corroboravam o que eu falara. — Papai não tá com nada. Tio Théo também é um mané dominado pelas mulheres. Seremos um time, eu e você... Os Caravaggio mais bonitos. — Nada dito com a voz tipicamente infantil que os adultos usavam para falar com bebês, eu falava sério mesmo. Como os *machos* que erámos.

Pela minha visão periférica, vi Anabella rolar os olhos, embora mantivesse um sorriso no rosto. Já Igor, não parecia nada contente com minhas palavras. E tive a certeza quando passou a resmungar baixinho.

— É... Seu pai tem ciúmes porque expulsei ele do time. Mas também, quem mandou ele pegar logo sua mãe? — Desta vez Bella gargalhou. — Se bem que a ousadia e a bebedeira dele resultaram você, né, amor do tio? — Beijei o rostinho gordinho, que gargalhou quando minha barba roçou a pele sensível e aproveitei para inspirar o cheiro delicioso de bebê. — Um dia vou te contar como foi que o tio Théo, seu avô e eu quebramos a cara do seu papai por isso. Mas agora basta você saber que fiz quase todo o trabalho. Você deve imaginar que seu tio é quase um super-herói, né? — Afaguei os cabelos lisos e negros iguais aos de Igor, enquanto ele ria, sem fazer ideia do significado das minhas palavras... Ainda.

— Taddeo! — Bella reclamou, um tanto indignada, e dei de ombros.

— O quê? O menino precisa conhecer a história da família. São esses aprendizados que temos de passar para as futuras gerações — prontamente me defendi, sentindo-me um tanto ultrajado por necessitar vir em minha defesa quando sabíamos que era verdade. Não era mesmo?

— Aprendizado... Faz-me rir! Só me bateram porque achei que merecia!
— Igor voltou a resmungar, e eu, a alçar uma sobrancelha para ele.

— Acho bom baixar a bola, Barão, especialmente porque até mesmo a Baronesa tem você de joelhos para ela — murmurei de volta, tentando abrir um sorriso nada diplomático, de quem sabia que ele comia na mão da minha pequena irmã.

— Oh, se tem!

Foi minha vez de fechar a cara diante do sorriso sacana dele enquanto olhava com malícia para minha irmã. Não era o que eu gostaria de ter visto, por isso, com uma careta no rosto, achei por bem acabar logo com a conversa absurda, antes que eles resolvessem fazer o próximo filho no meu escritório. E, veja bem, do jeito que a família gostava de procriar, não duvidava nada que me expulsassem dali e ainda por cima me usassem como babá para que aquilo se tornasse possível. Não que eu me importasse em ficar com Hector, porque adoraria, mas só de pensar em minha irmã fazendo... *coisas impróprias* para alguém tão inocente, me via estremecer por dentro e por fora.

— Dá para parar de olhar minha irmã com a promessa de fazer safadeza? E ainda tem a audácia de fazer isso bem na minha frente? Isso é desrespeitoso e ultrajante! — Os dois gargalharam, e logo me vi perdendo o humor que havia adquirido com a chegada deles. Era um absurdo ter de aturar aquela lua de mel eterna em que eles pareciam viver. — Mas a que devo a honra da visita de vocês mesmo? — fui direto, querendo não ter de presenciar aquilo.

Ugh...

— Só viemos te ver. — Franzi o cenho como quem não acreditava, o que era, de fato, verdade, afinal, eles quase nunca estiveram ali. Com exceção de Igor que ia até meu escritório mais vezes do que gostaria, mas era apenas por causa dos nossos acertos sobre as uvas que sua fazenda cultivava e comprávamos a cada colheita. Ainda assim, os dois nunca tinham ido até ali juntos.

E com a forma que me encaravam, nervosos, parecendo estar escondendo um grande segredo, comecei a achar que talvez não fosse gostar de saber o real motivo daquela visita.

— Sabemos que isso não é verdade... O que houve? — insisti ao fitar minha irmã de soslaio, vi quando ela se preparou para dizer alguma coisa, mas não pareceu ter coragem para tal. O que eu não podia dizer do meu cunhado, que logo abriu a boca:

— É sobre Eva.

Um baque... Ouvir o nome dela era sempre um. Era como ser atropelado por um caminhão. Ou receber uma notícia ruim que não gostaria de escutar. Era

sentir o que não queria e não gostar do que me infligia. Era aquele sentimento amargo de traição a cada simples menção da mulher que deveria fazer parte do passado, mas que ainda se fazia tão presente quanto o hoje.

— Não tenho nada a ver com ela — interrompi qualquer coisa que diria, pouco confortável, e Hector pareceu sentir também, pois começou a chorar e tratei de entregá-lo a mãe, antes de voltar a encará-los, sério, puto da vida.

— Ela está doente, Taddeo — Anabella logo começou a falar, ao passo que dava de mamar para o filho, que parecia alheio ao quanto aquilo me incomodava enquanto chupava avidamente o seio materno. — Está com problemas em casa também. Sei que vocês dois têm seus problemas, que ela te magoou muito, mas você também fez o mesmo com ela, irmão. Talvez ela esteja precisando de apoio.

Meu desconforto com as palavras dela deve ter sido bem visível, porque Anabella me fitou com expressão de dor no rosto. Eu sabia que ela estava falando aquilo por querer o bem das pessoas, mas não era o certo. Ao menos não nesse caso.

— Como eu já disse, não tenho nada a ver com ela. Não me interessa realmente — fui curto e grosso.

— Você não tem nada a ver porque não quer — minha irmã foi ríspida, o que me surpreendeu, porque ela era sempre doce, o nosso doce. — Você passou a vida toda se lamentando, tentando esconder o quanto ela te magoou, procurando em outras o que jamais encontrou, apenas porque dois adolescentes estúpidos fizeram escolhas igualmente estúpidas. Ainda que se ache com a razão e eu não queira tirá-la de você, também sei que não apenas existe um sentimento forte entre vocês, como também há dois lados para cada história... Vocês dois deveriam falar sobre isso.

Quando ela havia crescido, meu Deus? Quando ficara tão sábia e madura?

Não sabia precisar, embora o amadurecimento da minha irmã fosse nítido para todos. Foi difícil engolir minha própria saliva, mas ainda mais difícil digerir cada palavra dita. Cada palavra que parecia me espetar por dentro, fazendo-me reviver tudo aquilo que prometera a mim mesmo não viver mais.

Eu não era mais aquele garoto estúpido que acreditara no primeiro amor. Nem mesmo o cara que há menos de um ano resolvera lhe dar uma chance, para mais uma vez ser enganado por aquela com quem jurei não mais me envolver. Eva me fez ser daquele jeito. Ela fora a única responsável por tudo que nos aconteceu. Não existia dois lados da história, existia um único, aquele que eu fora enganado e feito de bobo. E eu jamais voltaria a ser um, pois depois de tantas mentiras não seria tolo em lhe dar a chance de me enganar uma outra vez.

Como diz o ditado: “Me engane uma vez e a culpa é sua. Me engane duas e

a culpa é minha.”

— Eva... — Fiz uma careta desgostosa por ter sido praticamente forçada a mencionar o nome dela e me senti ainda mais dolorido pelo que estava prestes a proferir. — Não é mais nenhuma menina. Se tem problemas, que resolva sozinha. Não sou seu super-herói. E também não sou mais idiota. Não temos nada, nem quero que tenhamos. A única coisa que quero dela é distância. De resto, espero que ela se exploda.

Dizer aquilo doera mais do que deveria. Mais até do que aquela diaba merecia que doesse. E ainda que não quisesse, ela me infligia os piores sentimentos. Não queria aquilo. Não queria sentir nada que tivesse a ver com ela. Nem mesmo que percebessem o quão mentirosas eram minhas palavras, porque também eram verdade.

Fraquejei outra vez. Especialmente quando vi a dor nos olhos da minha própria irmã. Que se espelhou no do meu cunhado, que apesar de tentar disfarçar, parecia tão preocupado com a prima quanto a esposa.

— Mas, irmão...

— Não, Anabella — eu a cortei, erguendo um dedo em riste em sua direção, não querendo vacilar mais um milésimo sequer. — Se quiserem fazer alguma coisa para ajudá-la, é por conta e risco de vocês. Eu não tenho — nem quero ter nada a ver com Eva Carrara. — Respirei fundo uma e outra vez, tentando soar o mais enfático possível.

— Acho que ela está prestes a cometer uma besteira, irmão — Igor tomou a palavra e novamente foi difícil engolir o bolo que se formara em minha garganta, ao passo que sentia o coração falhar uma batida diante o que escutara.

— Que cometa! — Não fui tão firme como gostaria, mas decidi enfatizar minha falta de interesse e desgosto apenas em tocar no seu nome. — Não me interessa! Ela não é nada para mim! Nada!

Anabella piscou repetidas vezes, lágrimas se formando nos lindos olhos azuis, enquanto a boca se abria, um tanto trêmula, o queixo pendido em estupefação. Em seguida, ela sacudiu a cabeça de um lado para o outro, como se duvidasse do que acabara de ouvir e parecesse um tanto chocada demais para conseguir emitir qualquer som. Mas como a mulher madura que se tornara, e não mais uma menina, conseguiu encontrar a voz:

— Foi um erro ter vindo. — Ela se pôs de pé, meu sobrinho ainda mamando de forma afoita em seu seio, o que não pareceu ser o bastante para pará-la. — Não imaginei que pudesse ser tão frio, irmão. Tão incapaz de perdoar. É nítida a mudança de Eva. Você é o único que parece não enxergar. E isso muito me entristeceu, porque posso ver claramente o quanto se arrependerá disso. — Com destreza, ela enxugou uma lágrima que lhe escapou, e

antes que eu pudesse ir ao seu encontro, Anabella deu as costas para mim e não me olhou ao dizer: — Vejo você depois. Tchau, irmão.

E sem mais uma palavra, ela simplesmente partiu, antes de ser seguida pelo marido, que sequer importou-se em se despedir.

— Merda! — Joguei o primeiro objeto que encontrei na parede, antes de ocupar minha cadeira, que nunca me pareceu tão desconfortável como naquele momento.

Aquela situação era difícil. Eu não apenas tinha me recusado a ajudar de alguma maneira, mas, sim, magoado a minha irmã ao fazê-lo. Ela não entendia. Não entendia por que eu não podia me envolver. A verdade é que não podia chegar perto de Eva sem que aquilo me atingisse.

Eva não era nada minha para que eu tivesse que cuidar dela. Ela não era um problema meu... Não poderia ser. Porque se permitisse me aproximar mais uma vez, perderia o chão sob meus pés, o equilíbrio que tanto gostava de ter. O domínio da vida que eu precisava para não me deixar cair ou tropeçar.

Apesar de não querer, lembranças nossas invadiram-me os pensamentos antes mesmo que pudesse evitá-los. Recordações de uma época em que acreditei que ela me amava, sobretudo cheguei a pensar que pudéssemos ter um futuro. Eu não poderia estar mais errado. Tantas evasivas e mentiras... Tanto sofrimento vivido que não podia mais voltar lá.

Respirei fundo, tentando me desvencilhar do passado, e ignorei a vontade de ir até ela.

Eu não iria até lá. Não mais...

Só que mais uma vez eu estava errado.



Depois da conversa com minha irmã e cunhado naquela tarde, não esperava ter de falar sobre Eva outra vez tão cedo, quiçá ter o desprazer de encontrá-la. Não estava preparado para aquele encontro, tampouco pronto para enfrentar meu pior pesadelo. Não quando as feridas pareciam tão abertas a cada vez que estava em sua presença.

Quando se viu em minha frente, ela parou de repente, um tanto incerta, talvez insegura, sobretudo mexida, ainda assim não consegui ignorar o prazer de olhá-la por completo. Os cabelos ruivos de Eva pareciam emoldurar o rosto de feições delicadas e perfeitas, acentuando os olhos verdes, conferindo-lhe um tom mais forte e tempestuoso pelo qual um dia me apaixonei.

Ela era de baixa estatura, magra, mas com algumas curvas, que tornavam o corpo delicioso e altamente convidativo. Qualquer um que não a conhecesse

como eu diria que era angelicalmente linda, embora houvesse uma sensualidade ardente que sempre faria qualquer um desejar sexo selvagem. O pacote era mesmo tentador.

Sem que pudesse me conter e contra minha vontade, obviamente, minha mente se lembrou do cheiro antes que chegasse até minhas narinas, assim como senti as mãos formigarem com a recordação da maciez da pele alva sob elas, mesmo quando estava longe, bem longe de tocá-la. Era impossível ignorar a lembrança de uma pessoa que fantasiei e que jamais teria, que era dona dos meus sentimentos e recordações mais viscerais. Tão reais e profundas... Vis e cruéis. Não importava o quanto eu dizia odiá-la, tudo dentro de mim ganhava vida com a mera presença dela. E quando não estava com ela, as coisas pareciam simplesmente não fazer sentido para mim, algo como viver sem realmente fazê-lo.

Embora parecesse nervosa e longe da sua zona de conforto, Eva foi a primeira a falar, o que agradei, porque não confiava em mim quando se tratava dela:

— Olá, Taddeo.

Apenas cogitar que ela poderia agir com naturalidade comigo já me parecia absurdo. Especialmente quando ela viera até a minha casa, sem um convite, como se sua presença fosse bem-vinda, e não o contrário, o que era o caso. Por isso foi impossível não sentir a irritação tomar conta de mim, ou a necessidade de me defender e proteger da pessoa que mais parecia ter como objetivo fazer-me mal na vida.

— O que veio fazer aqui, Eva? — fui seco, sequer abri a porta por completo antes de perguntar. Não deixaria que entrasse. Não permitiria que invadisse minha casa, muito menos a minha vida outra vez.

— Não vai me convidar para entrar? — apressou-se em indagar, mordendo em seguida o lábio, em apreensão. A voz dela era doce, bem como seu olhar, mas eu não me deixaria enganar.

— Não. — Direto outra vez, ergui uma sobrancelha para ela, aumentando seu já elevado desconforto, que parecia se espelhar ao meu, embora eu fizesse o possível para escondê-lo.

— É um assunto sério, Taddeo. E do seu interesse. Não acho que podemos falar sobre isso no meio do corredor. Qualquer um aqui pode ouvir e tenho certeza que não é o que vai querer.

Cruzei os braços em frente ao torso desnudo, tentando representar o papel de alguém centrado, que não se deixava abalar por aquela que fazia tempestade dentro de mim. Ponderei por um momento ou dois, vendo meu passado dividido em coisas que não conseguia lembrar e outras que eu não queria. Eva era as

duas. Pensar no nosso histórico foi o suficiente para não precisar de muito mais do que aquilo para rechaçá-la.

— Acho melhor não. Vai embora, Eva. Espero, sinceramente, que isso não seja um até logo. — Sem esperar por uma resposta e sem mesmo ter coragem de encarar seus olhos, fui fechando a porta abruptamente, mas então suas palavras me impediram de continuar:

— Estou grávida.

Parei no mesmo instante. Minha respiração ficou presa, ao passo que meus olhos se arregalaram, meu queixo pendeu e tive que procurar apoio na porta, com medo de cair, receando que minhas próprias pernas não fossem capazes de me sustentar. Minha boca se abriu, todavia, nenhum som parecia ser capaz de sair dela.

Aquilo não poderia ser verdade... Era mentira. Ela não poderia estar realmente grávida.

— Caso você tenha alguma dúvida, estou grávida de um filho seu — continuou a falar, enquanto eu sentia a cabeça rodar com a notícia. — Não estava esperando por nada disso. Trabalhei tanto nos últimos meses para tentar ajudar a pagar as contas lá de casa, que sequer me dei conta de que uma gravidez poderia ser uma possibilidade depois que ficamos juntos no casamento da sua irmã e do meu primo. Mas ontem fui ver Igor no hospital e passei mal por conta de um princípio de pneumonia, que ele diagnosticou após fazer alguns exames e pediu que eu fizesse outros depois, para ter certeza de que estava tudo bem. Entre eles estava o de gravidez, que apenas peguei hoje pela manhã — disse, antes de me estender um papel que provavelmente corroborava o resultado.

Completamente mudo ainda, as mãos mais trêmulas do que deveriam, abri o resultado que, sem dúvidas, mudaria a minha vida, só para ter certeza de que aquilo era, de fato, verdade, e não um maldito pesadelo.

— Entre — foi o que consegui emitir, embora ainda pudesse sentir o bolo doloroso em minha garganta, ao passo que o coração batia fortemente acelerado.

— Mas você...

— Entre agora, Eva. Ou eu mesmo me encarregarei de fazer isso — eu a cortei de forma ríspida, deixando claro que não aceitava uma negativa. Como não era idiota e me conhecia bem o bastante para saber do que eu era capaz, Eva tratou de me obedecer de imediato.

Gani mentalmente enquanto o impacto da notícia inesperada corria sobre mim. Podia sentir os espasmos pelo corpo, o coração parecendo bater em meus ouvidos. Não podia acreditar que de fato era verdade. Logo a mulher de quem tentei a todo custo me afastar parecia determinada a voltar a minha vida outra vez... Era uma pegadinha do destino, só podia ser.

Mesmo que não quisesse, meus olhos encontraram os dela, os olhos verdes que me prometeram tudo um dia, mas no final descobri que eu fora apenas um meio para o fim, uma maneira de se aproximar do meu irmão. Eram os mesmos olhos intensos e cínicos que me condenaram à infelicidade um dia.

Diaba, filha da puta!

Inspirei o ar e soltei devagar. Precisava me acalmar. Precisava ser racional. Não poderia deixar que ela tivesse qualquer efeito sobre mim. Nem mesmo permitir que pudesse me vencer e muito menos subjugar.

— Como quer que eu acredite que esse exame não é falso? — Meu tom era enganosamente calmo e não tive dúvidas de que lhe dera calafrios.

Isso mesmo! Era bom que tivesse!

— Eu os fiz no hospital. Caso duvide, peça para meu primo, que é seu amigo, verificar. Tenho certeza que ele não encontrará um resultado diferente — respondeu quando levantou o olhar que esteve no chão desde que entrara, e, por mais impactado que estivesse com aquelas piscinas verdes, injetei o meu furioso no dela, medindo forças. Forças estas que eu nem mesmo sabia se existiam.

— Quem me garante que é meu? — a pergunta saía mais amarga do que gostaria, aquele gostinho ruim da traição se fazendo presente, tornando ainda mais difícil a tarefa de engolir minha própria saliva, e vi o exato momento em que o questionamento a atingiu.

Isso, Taddeo! Ela era uma vadia!

Eva inalou o ar de forma ruidosa, o corpo magro tremendo discretamente ante as palavras que ouvira. Ainda assim ela teve a audácia de sustentar meu olhar e adquirir uma postura desafiadora, que estava longe de ser a amistosa e compassiva do passado. Passado este em que permiti que aquela mentirosa me fizesse de bobo.

— É lógico que é seu, Taddeo. — Os lábios dela tremeram enquanto as lágrimas inundaram-lhe os olhos, turvando-os, ao passo que me regozijava com esse fato. — Tirando Théo, eu nunca tive outro além de você.

Sua confissão me chocou... *demais*. Talvez mais do que a notícia de que possivelmente carregava um filho meu. Saber que fomos os únicos homens com quem ela esteve, quando, na verdade, eu a julgava uma vadia interesseira, tornou difícil a tarefa de organizar meus pensamentos.

Merda! Por que a diaba disse aquilo? Só podia ser mentira!

Precisava retomar o controle. Precisava do meu amado controle. Mas como fazer isso depois daquela confissão?

Lembrei-me da nossa primeira vez, anos antes. Eu era completamente apaixonado e estava fascinado pela jovem ruiva por quem nutria sentimentos por tanto tempo, até finalmente tomar coragem de confessar-lhe. Sempre acreditei

que Théo fosse o preferido, aquele que tinha tudo, e então, quando fiquei com Eva, não poderia me sentir mais sortudo. Sentia-me o próprio Rei por ter ganhado aquela menina linda e tão doce e mais ainda por achar ser correspondido com tanta paixão.

Ao seu lado vivi os melhores dias da minha vida. Tudo acontecera em um curto período de tempo, mas com uma intensidade tão grande, que parecia ser maior que a vida de muitos. Eva era virgem, e apesar de me sentir como um, ao lado dela, fiz de tudo para aquele momento ser perfeito para ela. *Sempre por ela...* E foi. Acreditei realmente que o sentimento era recíproco, que me amava. Contudo tudo não passara de um plano ardiloso e cruel de me usar para se aproximar do meu irmão, o que aconteceu logo no dia seguinte.

Obriguei-me a voltar ao presente, um presente onde aquele sonho que vivi se tornara pesadelo. Pesadelo que protagonizei por tanto tempo desde que Eva me descartara como se de nada valesse.

— Não é da minha conta com quem se deitou ou deixou de se deitar, Eva. O que me interessa aqui é o fato de esse filho ser meu ou não. — Desta vez minha voz deveria ter saído satisfeita com a reação trêmula ante a dúvida que deixei no ar, os lábios repuxados em um sorriso irônico eram a prova. Ainda assim, aquilo não me parecera o bastante, queria que ela sofresse, que a atingisse de alguma maneira.

— Não tenho por que mentir, Ta-taddeo... — Seu queixo tremeu e um riso de escárnio me escapou.

— Disse a mentirosa. — Eu a vi engolir em seco e outra vez a levei ao limite, precisando vê-la sofrer um pouco mais. — Não se faça de sonsa, sabemos muito bem da sua tendência de fazer os outros de tolos. Eu sei que não passa de uma mentirosa, Eva Carrara — disse entre dentes, quase de forma pausada, os olhos mantendo-a cativa.

— Tire a prova, Taddeo. — Ela parecia determinada a sustentar meu olhar de aço, que se pudesse a queimaria, e usava toda força para tentar não se deixar dominar pelo meu controle. — Faça o que quiser. Eu sei que carrego um filho seu, apenas aceitei esse fato — acrescentou em um tom firme que me surpreendeu sobremaneira.



Alguns minutos depois, foi o que fiz: tirei a prova. Não ficaria me corroendo com aquela dúvida. Não permitiria que ela brincasse comigo como fizera no passado. Não acreditaria que aquela voz enganosamente doce e mansa fizesse de mim um idiota outra vez. E quando desliguei o telefone, prometi a

mim mesmo que não permitiria que fizesse aquilo e por esse motivo que me ouvi dizendo:

— Não sei qual é sua ideia, Eva. Mas parabéns, você conseguiu o que queria, tentar me desestabilizar. Só que não será como quer... Não mesmo. — Sorri cínico enquanto a via engolir em seco. — Espero que esteja preparada para o que está por vir, porque vamos nos casar.



Capítulo 4

O CASAMENTO...

Eva

Quando me formei como advogada, sabia que teria de lidar com casos diversos e muitas vezes absurdos em uma tentativa de fazer o melhor para meus clientes. Só que era eu quem estava por trás dos processos, era aquela quem representava o réu, fazia exigências, tentava um acordo que lhe agradasse e defendia seus interesses, mesmo que alguns deles fossem um tanto bizarros. Só que naquele instante eu era o outro lado.

Aquela história de experimentar do próprio veneno não poderia ser mais verdadeira. E cada parágrafo lido, cada cláusula escrita naquele papel, não poderiam me fazer sentir mais estupefata ou insultada. Era absurdo. Ridículo. Um contrato tão grotesco e grosseiro como o outro lado e não poderia ser nem mesmo considerado crível. Não tinha como aquilo ser legal.

— Não vou assinar isso. — Meu tom era chocado, combinando completamente com a forma como me sentia diante daquele despautério.

— Não vamos perder tempo com seus comentários que não vão nos levar a lugar algum. — A voz de Taddeo era cínica e tinha tudo a ver com o ar debochado com que ele me encarava naquela mesa, onde nos reuníamos com seus advogados. Alguns deles me conheciam para, no mínimo, me fazerem sentir envergonhada por estar naquela posição. — O contrato é esse, Eva. Querendo ou não, são essas as minhas exigências. Se não quiser assinar, não tem problema algum. — Ele me olhou ainda mais profundamente enquanto continuava: — Na verdade, talvez seja até melhor que não aceite, porque não vou ter que te suportar por um só dia e ainda terei o maior prazer em levar essa história para os tribunais, te tirar meu filho e fazer com que ele seja poupado de saber da sua existência.

Engoli o bolo na minha garganta, tentando ignorar aquela dor que apenas ele parecia ser capaz de infligir. E ignorei, mais uma vez, talvez ainda a primeira de muitas, afinal, já que o contrato tinha validade de um ano e também era o tempo de que eu precisava para tentar consertar tudo.

Uma semana se passara desde que bati na porta dele para contar sobre minha gravidez e desde que ele jogara na minha cara que eu havia conseguido o que queria. Não havíamos nos visto desde então, porque, segundo ele, estava trabalhando no acordo pré-nupcial para que o enlace matrimonial acontecesse. Taddeo tinha em suas mãos a comprovação da gravidez e eu tinha comigo uma mãe que ficara exultante com a minha ideia de “golpe da barriga”, fazendo-me exigir alguma coisa em troca do casamento.

Embora, no fundo, sonhasse que aquilo entre nós fosse diferente, o contrato absurdo ainda assim era a melhor alternativa que eu tinha. Não importava que as exigências matrimoniais fossem ridículas, eu precisava daquilo. Afinal, receberia uma quantia quase astronômica pelo casamento com o mais velho dos Caravaggio, que era da família dona de uma das maiores fortunas da nobreza, não apenas campaviana, mas também de outras monarquias.

Casar-me com Taddeo me daria o suficiente para tirar minha família do buraco sem fundo em que estávamos em meio às dívidas e também me trazer algo que almejava a vida toda: liberdade para ser feliz. E, novamente, não deveria me importar nem um pouco com o furor e revolta que cada parágrafo me causava.

Mesmo que causasse...

— Por que essa cláusula de silêncio? — foi a primeira pergunta que fiz e o vi empalidecer um pouco, embora não tenha demorado para se recompor.

— Não é óbvio? Porque não quero que ninguém saiba dos nossos termos. Não quero ter a integridade manchada por sua causa. E isso inclui amigos e família. Ninguém, além de todos que estão presentes nessa sala, saberá que nosso “relacionamento”... — Ele fez aspas com o dedo na última palavra enquanto falava, dando ainda mais ênfase ao que queria dizer. — ... está baseado em um contrato. Para todos os efeitos, apenas decidimos nos casar porque queríamos e... — Engoliu em seco, forçando-me a fazer o mesmo. — ... nos amamos. — A voz dele era fraca quando terminou de falar e aquilo me trouxe lágrimas aos olhos, mas tratei logo de desviá-los dos seus, que pareciam buscar alguma coisa. Algo que eu não queria que usasse contra mim.

Não era verdade, não nos amávamos... Ao menos um de nós não. Eu o amava sim, mesmo que por tanto tempo tenha tentado negar. Mas ele? Não mais... Se é que um dia, de fato, foi verdade. E ainda que não fosse, que não tivesse me amado um dia, a cada vez que olhava para ele era quase impossível não procurar naqueles azuis gélidos, o olhar amoroso daquele garoto que um dia jurara me amar e fizera-me tantas promessas. Aquele com quem passei a vida sonhando e, mesmo que não quisesse, idealizava um conto de fadas, pois me machucara tanto a cada dia, a ponto de me fazer esquecer aquela sonhadora que

fui.

Era apenas um contrato... Um casamento por interesse... Um negócio...

Tentando me mostrar mais forte do que realmente era, voltei a encarar os papéis que segurava e que tinham o poder de mudar minha vida. E tinha certeza de que mudariam... Irrevogavelmente.

— Por que tenho, como manda o contrato, que lhe dar *prazer* quando for solicitada por você? — perguntei com desdém, e ele riu, com ares de cinismo.

— Porque sim — limitou-se a responder enquanto os três advogados dele nos encaravam meio sem jeito diante o rumo da discussão.

— E por que lhe devo fidelidade e o mesmo não é aplicado a você no contrato? — Desta vez não consegui conter o ressentimento em minha voz, afinal, era ultrajante o fato de ele querer de mim o que não pretendia dar. Ainda assim, ele gargalhou, deixando-me ainda mais enfurecida.

— Não é obvio, Eva? — Riu outra vez, fazendo-me bufar, e então o ar debochado rapidamente deu lugar ao sério: — Porque você é uma vadia cínica. Não vou permitir que faça comigo o mesmo que fez no passado. Não a deixarei manchar meu nome, ou minha honra. Vou compartilhar meu sobrenome com você, mas não deixarei que acabe com o homem que sou e muito menos com a minha família. Porque, para mim, você não é nada além da mulher desprezível que carrega o meu filho e da qual daqui a um ano terei o prazer de me livrar.

As palavras foram duras e me atingiram como facas. Ele sabia disso, afinal, era a real intenção dele. Certamente era também o que queria com o casamento. Taddeo estava colocando-me no lugar que ele julgava ser meu, queria deixar claro que não ultrapassaria aquela linha novamente e usaria todos aqueles dias acordados no contrato para tentar me ferir, como fizera desde que descobri sua traição anos antes e o “deixei” para ficar com o irmão, em uma tentativa de descontar um pouco o que me fizera sentir.

— Nem sua família saberá? — Minha indagação não passou de um murmúrio um tanto constrangido, evitando encará-lo ou a qualquer pessoa que estivesse ao redor, pois a sensação de derrota e amargor eram demais para alguém que já sofria como sofria. Especialmente por causa de quem me encarava com altivez, esperando ver a minha dor, como se aquilo o alimentasse e lhe desse prazer. E talvez o fizesse. Anos de convivência, conhecendo-o como eu conhecia, me provaram que Taddeo era como um Comensal da Morte, que se alimentava não apenas dos meus medos, mas também das dores.

— Especialmente eles... Não quero que ninguém sinta pena de mim ou que pense que me contentei em ser sua segunda opção — sussurrou em resposta, após certa hesitação combinada a lábios retorcidos, demonstrando claramente o quanto aquele fato mexia com ele, embora nunca tivesse sido verdade realmente.

Taddeo nunca fora minha segunda escolha, pelo contrário, sempre fora a primeira. O primeiro por quem me apaixonei e sonhei. O primeiro que beijei, a quem me entreguei. E mesmo que tivesse passado tanto tempo insistindo em uma relação com Théo, acreditando que era a coisa certa para mim, ainda assim era com Taddeo que eu queria estar. Sempre quis, mesmo que tentasse com todas as forças desapegar do sentimento que carregava.

Todavia não seria eu quem lhe diria aquilo.

— Há outra coisa que precisávamos conversar. — Ele puxou o papel que eu segurava e, correndo para a última folha, colocou o dedo sobre a data enquanto me entregava o contrato de volta e me encarava com altivez. — Como pode ver, fizemos esse acordo nupcial com data retroativa.

— Por quê? — minha pergunta saiu hesitante, assim como eu, quando voltei a fitá-lo.

— Porque não quero que deduzam que nos casamos apenas porque estava grávida. Sou de família nobre e apesar de muitos terem acreditado erroneamente que Anabella casou-se com Igor apenas por esse motivo, para todos os efeitos nos casamos um pouco depois deles, em segredo, durante uma viagem. — Emudeci ante as palavras, sem acreditar que ele poderia estar falando mesmo sério e sem fazer a mínima ideia de como sustentaria aquela mentira.

— Mas isso não aconteceu. — Minha voz saiu rascante, ressentida e talvez até mesmo arrependida.

— Claro que aconteceu. Nos casamos porque estávamos apaixonados e desde então aguardávamos o momento certo para tornar o fato público. O que acontecerá na próxima semana, no baile de aniversário do Rei. — Um tanto chocada, com muito ainda para absorver, deixei escapar um suspiro resignado, antes de finalmente responder:

— Onde eu assino?



Nada de cerimônia dos sonhos, muito menos de conto de fadas. O vestido branco de princesa deu lugar a um vestido simples, sem glamour algum. Nenhuma igreja finamente decorada, ou uma linda melodia sendo tocada como plano de fundo, nem um padre falando belas palavras para as pessoas que testemunhavam aquele momento tão especial, para depois curtirmos uma festa repleta de convidados como extensão da nossa felicidade. Éramos apenas nós, o juiz de paz e duas testemunhas, que, no caso, eram somente seus advogados. Sem ninguém... Sem mais ninguém. Nada de família, padrinhos ou qualquer pessoa que pudesse recordar-se do momento além de nós. Nem mesmo nossos

pais estavam presentes.

E o sonho? Bem, o sonho que sempre tive sobre aquele momento estava prestes a tornar-se um pesadelo...

As lágrimas de emoção também não existiam. Muito menos a certeza de que estava fazendo a escolha certa com o homem que amava e sabia que amaria para todo sempre. Era apenas uma pessoa que chorava, que sentia o peso da decisão sem volta e as lágrimas grossas rolando pelo rosto, banhando a pele quente, de quem parecia doente e prestes a desmaiar a qualquer momento, era apenas de desespero.

Não me sentia bem. Sentia-me péssima, na verdade. Não me surpreenderia caso dissessem que estava enferma. Contudo eu não podia fraquejar, não naquele instante tão decisivo da vida... das nossas vidas. Primeiro porque não tinha alternativa... *Não mais*. Pois aquele livre arbítrio me foi tirado há tanto tempo. Segundo porque, no fundo, por mais que tentasse negar, eu sabia que me arrependeria daquela escolha.

Solucei.

Tentava entender o que havia feito de tão errado para ter ido parar ali. O motivo de tanto sofrimento também era algo que não fazia ideia, mesmo que conseguisse enxergar um muito maior se aproximando. Embora o amasse com loucura, sabia que não era recíproco, que Taddeo estava casando-se comigo não apenas porque lhe disse estar grávida de um filho seu, mas porque faria daquela união um trunfo contra mim. Ainda que fazer aquilo significasse padecer ao lado daquele que acreditei ser a pessoa que eu passaria a vida amando e sendo amada em troca.

A vida é feita de escolhas, eu mais do que ninguém sabia o quanto a afirmação podia ser verdadeira. Todavia, por mais errada que fossem minhas escolhas para a chegada daquele momento, nada mais era do que uma tentativa desesperada de alguém que estava precisando de uma chance para ser feliz.

Uma chance... Apenas uma... Era tudo que eu queria.

Será que aquilo poderia ser possível? Talvez essa fraqueza, o erro em tentar fazer dar certo, fosse sair pela culatra. Afinal, a mentira havia sido contada, mas na minha cabeça era apenas o que precisava para tentar fazer o que eu sentia dar certo.

— Eva? — Taddeo falou meu nome um tanto irritado, porque aparentemente eu estava divagando e nem mesmo ouvi quando chamaram por mim.

— Er... oi — murmurei, ainda sem olhar para ele e um tanto aérea senti quando a mão dele tocou meu ombro. Remexi-me inquieta, no intento de afastá-lo, não queria aquele toque. Não conseguiria lidar com aquilo. Eu me via prestes

a desmoronar e senti-lo, da forma que fosse, não me ajudaria a me manter de pé, porque ser forte era pedir demais para mim.

— O juiz lhe fez uma pergunta. — Ele não estava feliz, mas eu também não estava, então apenas o ignorei, olhando atenta para aquele que oficializava a maior mentira de nossas vidas.



— Um motorista vai levá-la para casa, para que pegue suas coisas. Está tudo arrumado? — Assenti, já que era tudo o que conseguia fazer a princípio, pois ainda estava em choque depois de ter me tornado a nova Senhora Caravaggio. — Ótimo. Não o faça esperar. — E sem dizer mais uma palavra, Taddeo simplesmente se virou e partiu, sem nem ao menos se despedir.

Nada de beijo ou qualquer que fosse a palavra de carinho que um recém-casado diria para a parceira. Apenas a frieza e rudeza que lhe eram tão familiares quando se dirigia à minha pessoa. Nada mais que isso.

E o que eu esperava mesmo?

Engoli em seco. Tinha que me conformar com o fato de que eu não era alguém digna de algo melhor dele. Ao menos não de acordo com o que ele tinha como verdade. Enxuguei as lágrimas e guardei minha dor, pois precisava de forças para lhe provar o quanto estava errado. O quanto me fizera sofrer sem motivo algum.

No caminho para casa, pensei no que faria a seguir. Em como seria minha vida dali em diante. Apesar de um peso ter sido tirado de mim com o enlace matrimonial, especialmente a parte em que Taddeo disponibilizara o dinheiro para pagar as dívidas em que minha família se afundara, outro peso fora colocado e eu não sabia por quanto tempo conseguiria sustentar aquela mentira.

Como se as coisas já não estivessem ruins o suficiente, havia recebido uma ligação do meu chefe aquela manhã. A história da minha família havia deixado de ser um segredo horrível guardado a sete chaves pelos envolvidos e ante os últimos acontecimentos, envolvendo a família Real e a Caravaggio, bem como meu primo Igor, as coisas fugiram um pouco do controle e com tantas informações sendo vazadas, atentados contra eles, tudo estava prestes a se tornar um escândalo. Claro que o escritório onde eu trabalhava queria se ver longe de tudo o que tinha a ver com os membros do clã Carrara e o terrível rastro de sangue e destruição que carregávamos. Não era à toa que eu fora demitida.

— Me desculpe por isso, Eva. Você sabe que é uma das minhas melhores advogadas. Sei que não tem nada a ver com tudo que aconteceu e que também está em uma situação financeira complicada no momento, mas não posso mantê-

la conosco, porque isso pode nos arruinar junto. Sinto muito... Mesmo — foram suas palavras de pesar, e não pude fazer nada além de aceitar e engolir meu próprio choro quando vi o quanto o destino parecia querer ser cruel comigo.

Meu emprego, o único prazer e sopro de felicidade que me restara naquela miserável vida, também me fora tirado. Estava claro para mim que ele não seria o único a me negar um trabalho, tinha certeza de que nenhum lugar em Bellini, e até mesmo além dos limites da Campavia, contrataria alguém que carregava o meu sobrenome. Não os culpava, afinal, nem mesmo eu poderia suportar o estigma de ser uma Carrara.

— Chegamos, Sra. Caravaggio — o motorista anunciou quando pareceu que eu não notara que estávamos no nosso destino.

Sra. Caravaggio... Era estranho ainda para meus próprios ouvidos.

Respirei fundo e saltei do carro antes de adentrar a casa onde morei toda minha vida. O lugar que deveria ser meu lar, mas que diante de tudo estava longe de ser aquilo. E chegara a minha vez de partir.

Esperei ver minha mãe sentada no sofá, com uma taça do melhor champanhe francês, comemorando o fato de que com meu casamento havia conseguido o dinheiro que precisávamos para nos tirar da falência, mesmo que isso significasse ter de mentir para o homem que eu tanto amava odiar, mas não foi ela que encontrei.

Meia dúzia de pessoas estavam ali reunidas, algumas delas pareciam fazer anotações e verificavam o ambiente, como se analisassem todo o lugar.

— Olá... Com licença.... Er... Me desculpe, mas quem são vocês? E o que estão fazendo na minha casa? — eu me ouvi perguntar para os desconhecidos, tentando entender o que estava acontecendo.

— Olá. — O mais velho entre eles ajeitou os óculos enquanto me encarava de forma tediosa. — A senhorita deve ser Eva Carrara.

— Senhora... Senhora Eva Caravaggio agora. — Limpei a garganta e emendei instantes depois: — Casei-me com Taddeo Caravaggio. — Eu não costumava ser dessas pessoas que usam o sobrenome por algum motivo esdrúxulo e jamais me imaginei fazendo isso quando casada, mas apenas o corrigi quando senti um certo tom de desdém vindo da parte dele. Depois que falei, pude apreciar por poucos segundos a surpresa e estupefação diante da nova informação.

Também pudera, se até mesmo eu ainda estava surpresa, imagine os outros!

— Bom... Parabéns... — começou a falar um tanto sem jeito enquanto remexia em uma pasta que carregava, à procura de alguma coisa — eu acho — completou, fazendo desta vez com que eu me sentisse estranha diante do que deixara no ar.

— Você ainda não respondeu o que está fazendo na minha casa. — Assumi a postura mais confiante que consegui, o que não era grande coisa quando me sentia tão vulnerável ante os acontecimentos dos últimos meses, em especial meu casamento naquela manhã, e achei por bem ser direta, afinal, nem mesmo sabia quem ele era e o que queria ali.

— Achei que soubesse que viríamos. — Pendeu a cabeça para o lado esquerdo, analisando-me como se eu fosse uma extraterrestre.

— E por que saberia? — Umedeci os lábios ressequidos com a ponta de minha língua, meu sexto sentido me dizendo que não gostaria da resposta. Abaixei a cabeça, sem conseguir encará-lo, meu olhar indo para minhas mãos, onde meus dedos retorcidos brincavam uns com os outros, como era de praxe acontecer sempre que algo me tirava da zona de conforto.

— Sou do Banco da Campavia. Sua mãe fez um acordo conosco. — Mesmo que ainda não pudesse fitá-lo diretamente, me vi concordando, pois eu tinha ido com ela até lá e tínhamos acertado pagar tudo com o cheque que Taddeo me dera como acordo de casamento. — Ela disse que nos entregaria a casa hoje.

Desta vez não tive alternativa senão encará-lo ante a surpresa. Ele não deve ter dito o que realmente ouvi... Não fazia sentido.

— Eu não entendi. Fui com ela anteontem para acertamos esse pagamento. Estávamos dentro do prazo. Quitaríamos todas as dívidas em nosso nome, inclusive a hipoteca da casa... — eu me vi falando de uma só vez, e ele sorriu, um sorriso amarelo direcionado a mim, mas parecia contente com a própria piada.

— Sua mãe retornou ontem e desfez o acordo feito outrora — emitiu baixinho, enterrando uma das mãos no bolso da calça que fazia conjunto com o terno caro, enquanto levava a outra até a careca lustrosa, onde não deveria haver mais do que aqueles poucos fios de cabelo há muito tempo, parecendo um tanto fatigado com aquela conversa. — Ela preferiu abrir mão de tudo, porque disse que não tinha mais interesse em ter alguma relação com o que fosse da família Carrara. — Deu de ombros, sorrindo agora um tanto cínico. — Ela disse que iria embora. Não posso nem mesmo culpá-la por isso.

— Ela não poderia ter feito isso... — balbuciei, trêmula, sentindo a cabeça rodando com sua afirmação, sem ligar para o olhar um tanto enojado direcionado a mim.

— Na qualidade de procuradora do seu pai, ela não só pode ser a representante dele em alguma situação em que ele não possa estar presente, o que é o caso, por motivo de invalidez, como fez. Sua mãe agiu em nome dele e entregou tudo. Inclusive o que lhe restavam de bens, joias e obras de arte ao

banco...

Não... Não... Não...

Não esperei que me dissesse mais nada antes de sair correndo dali, deixando-os naquela enorme sala sem entender nada ou fazer ideia do que eu faria a seguir. Mesmo através da tontura que me acometia, pude ouvi-lo gritar que eu não poderia tirar nada da casa que não fosse de cunho pessoal. *Nada...*

Atrás das grossas lágrimas que derramava, havia uma pessoa rezando para que o que eu imaginava que minha mãe fizera não tivesse acontecido enquanto atravessava os corredores que levavam ao meu quarto.

O ambiente delicado na cor rosa chá ainda era exatamente igual ao de anos antes, embora eu não fosse mais uma menina há muito tempo, nada ali mudara desde minha infância. Não parei para olhar ao meu redor, apenas me dirigi à velha penteadeira provençal dourada que pertencera à minha bisavó e abri o porta-joias antigo que também fora herança dela, à procura do que eu queria.

— Não, não, por favor... — entoei baixinho, temendo o que poderia acontecer caso meu maior receio se confirmasse.

E exatamente como temia, não o encontrei. O cheque se fora. Em seu lugar, havia apenas uma carta, que eu não precisava ser muito inteligente para saber que era da minha mãe. Os dedos trêmulos desdobraram o papel pardo e com o coração aos pulos comecei a ler as palavras que me feririam como facas.

“EVA,

VOCÊ DEVE ESTAR SE PERGUNTANDO POR QUE FIZ ISSO E ATÉ MESMO DEVE ESTAR ME ODIANDO, MAS APENAS PERCEBI QUE ESTAVA PERDENDO TEMPO COM O QUE NÃO VALIA A PENA E SINCERAMENTE NÃO ME INTERESSA COMO SE SENTE DIANTE DISSO. SENDO BEM SINCERA, NUNCA ME INTERESSOU. AO MENOS VOCÊ FEZ ALGUMA COISA QUE PRESTASSE NESSA VIDA, QUE FOI ME OUVIR E SE CASAR PARA CONSEGUIR ESSE DINHEIRO.

DESDE MENINA VOCÊ COLOCAVA TUDO QUE ACHAVA IMPORTANTE NESSE PORTA-JOIAS ESTÚPIDO, COMO SE NINGUÉM PUDESSE ENCONTRAR OU TIRAR ALGO DE VOCÊ, MAS ISSO, MINHA QUERIDA, É APENAS REFLEXO DE UMA MENINA CARENTE E MIMADA QUE NUNCA FEZ NADA DIREITO E SE APEGAVA A QUALQUER COISA PARA SUPRIR AS NECESSIDADES INFANTIS. ANTES QUE PENSE EM VIR ATRÁS DE MIM, JÁ ESTOU LONGE E APENAS PEGUEI O QUE ERA MEU POR DIREITO. AFINAL, PRECISAVA COMPENSAR DE ALGUMA FORMA TODOS OS ANOS PERDIDOS COM SEU PAI E TAMBÉM COM VOCÊ.

NÃO SE PREOCUPE, NÃO VOLTAREI A PROCURÁ-LOS UMA OUTRA VEZ. NÃO TENHO ESSA INTENÇÃO. FIZ O QUE TINHA QUE TER FEITO HÁ MUITO TEMPO, QUANDO COMECEI A VER O IDIOTA DO SEU PAI COMEÇAR A PERDER TUDO. ELE ESTÁ HOJE ONDE MERECE. E AGORA, ESSA CRUZ É TODA SUA.

OBRIGADA PELO DINHEIRO PARA MINHA APOSENTADORIA.

ADEUS, EVA.

COM AMOR,

MAMÃE.”

Não podia acreditar que ela fizera aquilo... De jeito nenhum. O que minha própria mãe estava fazendo com a própria família. O que fora capaz de fazer por egoísmo, mesmo sabendo que eu abrira mão de tudo, até mesmo da minha dignidade por eles.

Aquela dor e desespero me consumiam de dentro para fora. E a sensação de aflição, que antes julguei não poder ser pior, se agravou ainda mais. Lágrimas quentes rolavam em meu rosto, um suspiro trêmulo moldando a respiração enquanto via minha vida se afundar. Eu havia perdido tudo... *Todos*. Não tinha ninguém além de mim mesma e um casamento falso com o homem por quem eu insistia ser apaixonada. E embora ele me odiasse na mesma proporção que eu o amava, casara-se apenas por causa de uma mentira.

Sem casa... Família... Amigos. Emprego... Eu não tinha nada. Só uma mentira de cunho nem um pouco nobre.

Solucei. Perdi o ar. Gritei.

O que eu faria? Não fazia ideia. Nem mesmo sabia como agir dali em diante, para sustentar a falsa gravidez que inventara no desespero de fazer algo pela família que apenas me fizera errar e levava-me até aquele momento.

Estava mesmo ferrada e não poderia culpar ninguém além de mim mesma.



Capítulo 5

NÚPCIAS...

Taddeo

A vida era filha da puta.

Uma cadela escrota, daquelas que adoravam rir da nossa cara sobre o quão irônicas e vingativas poderiam ser.

Eu estava casado com ela, justo ela, Eva Carrara, a mulher que jurei que nunca ocuparia aquele papel ou qualquer um na minha vida. Ainda não podia acreditar que era verdade, que tive coragem de seguir com a história até o final e a aro grosso de ouro estava em meu anelar esquerdo para comprovar. Bem como aquela sensação estranha no peito por saber que era realmente verdade aquilo que acreditei jamais ser capaz de acontecer... Não depois de tudo.

Não era engraçado relembrar daquele garoto magricela, que apaixonara-se pela garota ruiva ainda muito novo e tivera o coração destroçado por ela antes de poder ver os sonhos infantis realizarem-se. E foi o que aconteceu, fui iludido. Eva machucara-me de tal maneira, que embora ainda fosse tão novo na época, depois dela não via em mim um futuro com outra pessoa.

Claro que queria filhos e uma parte minha ficara feliz de saber que ela carregava um pedaço meu. Contudo era só isso, apenas isso e nada mais. E do mesmo jeito que não tivera desejo de construir a vida ao lado de alguém, também não queria tê-la comigo depois de tanto me magoar e fazer de besta.

E onde eu estava agora?

Com ela... Casado e à sua espera.

Nada mudara, claro. Embora nosso casamento tivesse acontecido mais como um acordo comercial do que qualquer outra coisa e tivesse data pré-determinada para acabar, ainda me sentia um tanto perdido quando o assunto era Eva. *Sempre ela...* Era tudo confuso. Aquele sentimento doloroso que ainda insistia em sentir por ela estava presente, como sempre estivera. Ela me confundia. Sentia-me sem rumo, ainda que não conseguisse enxergar um caminho que não a tivesse comigo.

Como pode? Como podia sentir qualquer coisa por ela depois de ter me feito de fantoche?

Jurei que a faria pagar por tudo aquilo, que me casaria não apenas por causa do meu filho que ela carregava no ventre, mas porque seria uma forma de vingar-me por tudo que me fez, por tudo que me infligiu. E nem mesmo havia começado a fazê-la se arrepender e já me via balançado por aquele sentimento que só podia ser amaldiçoado, pois ainda o carregava no peito.

Eu tinha que focar no que era importante.

Tinha que focar no que queria que ela sentisse.

Havia me casado para fazê-la sofrer e era exatamente o que faria.

— Sem essa coisa idiota de coração mole, Taddeo — murmurei para mim mesmo, no exato instante em que alguém bateu à porta. — Entre.

Já passava das onze da noite. Eu sabia que era Eva, não apenas porque não havia outra pessoa no apartamento, mas porque de alguma maneira meu corpo parecia pressentir a presença dela. E ainda que tentasse, não conseguia controlar as batidas incessantes do meu estúpido coração.

— Você demorou. Eu disse para não demorar — fui grosso de propósito, porque era a forma de tentar me proteger. No entanto, em vez de minha dureza atingi-la como gostaria, como era a real intenção, Eva apenas fechou a porta do quarto atrás de si e embora não tenha olhado para mim como eu fazia com ela, tentando me manter duro, demonstrando claramente a insatisfação por não ter feito exatamente como eu ordenara.

Para minha surpresa e sem dizer uma palavra sequer, ela começou a se despir, e embora a vontade fosse de continuar a provocá-la, inconscientemente me vi lambendo os lábios quando por fim desnudou os seios fartos, os mamilos já eriçados, como se estivessem à minha espera.

— Desculpe a demora, *marido*. Prometo que isso não se repetirá. Estou aqui para atendê-lo. — Seu tom era baixo, fraco, obediente, e meu pau pulsou no exato instante que o vestido branco e simples que usava desde a cerimônia caiu ao chão, formando uma pequena poça aos seus pés. A forma como se desnudava tão facilmente e ao mesmo tempo parecendo tímida, deixando tudo ainda mais excitante.

— Vem aqui. — Ainda em silêncio, ela atendeu ao meu chamando, antes de parar diante de mim, com a cabeça baixa, em uma postura submissa. Exatamente como sabia que eu gostava e ela naturalmente fazia.

Deveria dizer-lhe alguma coisa, qualquer coisa para prosseguir com o plano de transformar nosso casamento no seu castigo pessoal, mas não me importei realmente. Especialmente quando toquei na pele leitosa, segurando-a pela cintura estreita e delicada, a minha necessidade passando a ser outra além de

atingi-la ou machucá-la.

— Hora de consumir o casamento, querida.

Pude ver Eva engolir em seco, mas apenas ignorei o que pareceu preocupá-la, meus instintos assumindo tudo ao colocar um mamilo na boca, chupando-o com vontade, sendo até mesmo duro demais rapidamente, mas o tesão falava mais alto naquele instante. Eva agarrou meu cabelo, parecendo prestes a arrancar os fios da minha cabeça, mas não me importei, pois os gemidos baixinhos que emitia eram o que eu precisava ouvir para saber que estava entregue. Exatamente como gostaria que estivesse.

Como tudo que Eva me provocava, não queria me sentir daquela forma, contudo, estava ansioso demais. Louco para estar dentro dela. Deveria frear minha fome, por isso me afastei apenas para que minha boca tomasse a dela, embora tivesse feito de forma sôfrega, quase desesperada.

Era foda!

Eva podia ser muitas coisas, e embora não tivesse muitos pudores na hora do sexo e experimentasse quase de tudo, ela era apaixonadamente intensa e se tinha uma coisa que eu apreciava era a forma com que se entregava sem reservas para mim. Nada se comparava à sensação absurdamente deliciosa que me provocava, por isso que não importava o quão irritado estivesse com ela, o quanto havia me machucado, logo me via perdido no que me fazia sentir.

— Minha... Apenas minha... Para fazer o que quiser — sussurrei as palavras, arrepiando-a, voltando a beijá-la em seguida.

Não queria pensar, tampouco queria que aquele momento fosse estragado por palavras. Não queria que Eva dissesse nada, muito menos eu diria qualquer coisa, então apenas continuei a beijar-lhe a boca gostosa, querendo mostrar minha urgência e desespero em tê-la.

Desci a mão até seu clitóris, onde massageei com movimentos circulares, ao mesmo tempo em que enfiava um dedo na abertura já molhada. Como sempre, ela parecia estar pronta para mim, e por isso logo carreguei-a no colo, para em seguida depositar o corpo magro na cama, onde por tantas noites sonhei em revê-la.

Não queria pensar nos motivos que nos afastaram outra vez, apenas tratei logo de não perder mais tempo enquanto me despia. As esmeraldas escuras foram direto para meu membro rígido, completamente duro, babando por ela. Os olhos totalmente dilatados, os lábios entreabertos, ansiosa, assim como me via por ela.

A respiração descompassada, arquejante, combinava com a minha e não importava a guerra que nos rondava e ameaçava estourar a qualquer momento, o instinto de luta nos abandonava quando estávamos assim, juntos, prestes a

entregar-nos, o desejo e luxúria assumiam seu lugar, ganhando qualquer batalha.

Era incrível como aquilo poderia ser possível. Ela se sentia da mesma forma, eu sabia. Era uma coisa louca que nos dominava e nada mais parecia importar além de nós.

Terminando de me despir por completo, arrastei-me devagar, os olhos travados um no outro, e quando me vi sob ela, não perdi mais tempo antes de baixar a boca na dela, mordiscando, lambendo, chupando. Nossas línguas se enroscaram e ela suspirou trêmula, as mãos logo encontrando meu pescoço e cabelo, puxando-o sem seguida.

O gesto me fez gemer e então apenas aprofundei o beijo, levantando a coxa macia para o meu quadril, roçando-me sem pudor no sexo tão sedento por mim como me via por ela. Sem poder mais esperar, guiei meu pau para sua entrada, abrindo o caminho por entre os lábios vaginais, que pareciam latejar, ao passo que ela arquejava, ansiosa, e abri um sorriso safado, antes de estocar de uma só vez até o fundo.

— Ahhhhhh! Meu Deus! — ela gritou, entregue.

Eva estava ensandecida também, choramingava, abraçando-me com as pernas, a boceta gulosa palpitando em volta de mim ao me receber. Nem mesmo pareceu se importar que não tivéssemos tido preliminares, porque quando me enterrei nela não recebi nada além de gemidos de prazer, ao passo que me arranhava e puxava-me ainda mais para si como se precisasse de mais. Dei uns segundos para se ajustar e retornei duro, com força, penetrando-a profundamente, adentrando de forma apertada o canal molhado.

A minha vontade era de rosnar como um homem das cavernas quando voltei a meter duro. Era um paraíso... Meu paraíso... Nada parecia tão bom. E aquilo não era mentira... Não mesmo. Não tinha como inventar ou fingir com algo tão real. Nunca havia sido tão maravilhoso antes, até mesmo com ela, e por isso a minha vontade era de gritar. Gritar para que o mundo soubesse como me sentia quando estava dentro dela.

Em um ritmo perfeito, febril, girei o quadril, entrando fundo em um novo ângulo, ao passo que Eva mordida os lábios, como se quisesse controlar seus gemidos, ainda assim era em vão. A boceta convulsionou ao meu redor e eu sabia que ela começara a gozar, todavia, por mais que soubesse que também estava perto e quisesse prolongar ao máximo aquilo, não parei e continuei a fodê-la de forma incessante.

Meti ainda mais fundo, entrando e saindo de dentro dela, empalando-a, deixando-a toda cheia, preenchida completamente por mim. Estávamos perdidos... Eu estava fodido e perdido... Era inútil lutar contra. Aquela guerra era impossível de se ganhar. Ao menos não era o único, Eva parecia tão fora de

si quanto eu, ambos entregues ao que proporcionávamos ao outro.

Aumentei o ritmo, ao passo que deitava meu corpo sobre ela, sem deixar de estocar duro, indo e vindo, quase me perdendo no nosso momento. Abaixei a cabeça e segurei os seios perfeitos, antes de lambê-los juntos, chupando um e depois outro, com fome.

— Taddeoooo! — ela gritou meu nome enquanto se perdia em meio ao êxtase e eu mordicava-os com vontade.

Não pude mais resistir, seu canal me apertou, quase a ponto de dor, e soltei um gemido animalesco enquanto meu pau fodia-a sem dó nem piedade e vi-me explodindo num orgasmo arrebatador. Entreguei-me também, gemendo, totalmente fora de mim, gozando como um louco e esporrando dentro dela.

Desabei sobre Eva com o pau ainda duro, todo enterrado em seu calor, lutando em busca de ar, ao passo que Eva murmurava algumas palavras desconexas, que se misturavam com pequenos gemidos de quem parecia não parar de gozar nunca e aquilo inevitavelmente me fez sorrir. Caí para o lado e puxei-a para o meu peito, ambos suados, porém satisfeitos e longe, muito longe de parecerem saciados. Ao menos eu não me sentia...

Respirei fundo, tentando recobrar a racionalidade. Fora muito intenso... Até mesmo para nós. Eva era viciante. Por mais que tentasse me resguardar, aquela diaba sempre me trazia sentimentos que não gostaria que viessem à tona... *Não mais*. Desde que propus casamento, o plano era apenas usá-la para meu bel-prazer e nada mais. Não podia deixá-la se aproximar outra vez. Seria um erro... Não permitiria. Precisava me afastar.

Era foda!

Não queria sentir nada além do tesão e prazer que me proporcionava. Necessitava do meu espaço. Espaço longe dela. Já havia me decidido, ficaria com Eva apenas até terminar o contrato e nem um minuto a mais. E até lá esperava conseguir esquecê-la e fazê-la pagar com lágrimas o que me fez. Eva não me importava, ela não era nada para mim. Não poderia ser...

Ao menos era o que eu continuava repetindo.

— Vou tomar banho. — Pus-me de pé de súbito, assustando-a com meu rompante e sem querer encará-la, virei de costas antes de anunciar: — Você conhece o apartamento. Pode escolher o quarto da sua preferência e se instalar. Boa noite, *esposa*.

E sem dizer mais uma palavra a deixei ali, perdida, exatamente como me sentia, ainda que promettesse para mim mesmo que no dia seguinte daria continuação à minha vingança.



Uma máscara cravejada de diamantes encobria o rosto cor de porcelana de Eva, que ornava perfeitamente com o vestido de seda vermelho de grife italiana que eu comprara para ela usar naquela noite. Uma preta de cetim recobria o meu, que me vestia com um smoking da mesma cor, no momento em que atravessamos a porta da frente do castelo de Bellini para o aniversário do Rei, na semana seguinte ao nosso casamento.

A decoração suntuosa na cor branca e dourada dava mais sofisticação e luxo ao grande salão de festas da residência real, como acontecia a cada novo evento. E por mais festivo que o clima estivesse, não podia negar meu nervosismo. Essa estava longe de ser a primeira vez que eu participava de uma festa da Família Real, mas seria a primeira que faria como um homem casado.

Ainda era tudo novo e estranho para mim...

Como se não bastasse a agitação por aparecer diante da sociedade com meu novo estado civil, por algum motivo também fora aquela ocasião que escolhi para que minha família descobrisse. O que passei a achar ser um erro no exato instante que pus meus pés no castelo.

Onde estava com a cabeça por acreditar que em público seria mais fácil?

Fui tolo. Idiota...

Ainda que soubesse que eles não esboçariam uma reação fora da etiqueta perante as outras pessoas, ainda lhes deveria satisfação quando ficássemos a sós. Engoli em seco ao perceber que era tarde, não poderia voltar atrás, afinal, nossa chegada fora imediatamente notada, pois assim que adentramos o grande salão de festas todos os olhos pareciam estar sobre nós. E aqueles que não nos notaram até aquele momento o fizeram assim que o porta-voz da festa nos anunciou:

— O Lord Taddeo Caravaggio e sua esposa, Eva Carrara Caravaggio.

Porra! Por que mesmo eu tivera a ideia de anunciar aquilo diante de toda nobreza campaviana, sem um aviso prévio para ninguém? Estava fodido!

Quando me vi sem saber como agir, Eva apertou meu braço, como se me incentivasse a continuar e de alguma forma aquilo me ajudara a prosseguir. Um tanto perdido, com o coração aos pulos, me vi acenar de forma automática para aqueles que encontramos no meio do caminho e permaneciam chocados enquanto nos viam passar.

Aquilo era de se esperar, afinal, se nem mesmo eu parecia estar preparado para viver aquela cena, quiçá os outros que até outro dia viam-na correr atrás do meu irmão de maneira loucamente apaixonada. Respirei fundo ao lembrar-me daquele fato. Na verdade, não importava quanto tempo passasse ou tentasse fingir que não mexia comigo sobremaneira, era em vão. Ainda sentia o sangue ferver, a ira tomar conta de mim e o gosto amargo de traição despontar nas minhas papilas gustativas.

Meu semblante se tornara ainda mais sério, talvez até mesmo intimidador, e pela visão periférica olhei para Eva, que percebeu a mudança súbita da minha postura e, embora tivesse me empurrado para seguir em frente, parecia ter se tornado um ratinho acanhado prestes a ser servido de alimento.

Aquilo me confundia sobremaneira. A atitude de pobre menina indefesa, como se fosse frágil, perdida e precisasse de alguém para protegê-la, por vezes, talvez nas horas em que cometia o erro de baixar a guarda por meros segundos, não via nela a figura da diaba ruiva traidora e dissimulada que eu julgava ser, mas, sim, alguém completamente diferente daquela que construí em minha mente.

Julguei-me por fraquejar tão rapidamente, era um tolo mesmo. Nós nos asamos há poucos dias e por mais que tivesse prometido me vingar, já deixara-me envolver na teia sedutora da diaba que tinha como único intento me dominar, para depois destroçar-me. Só que daquela vez, depois de muito apanhar, não permitiria que acontecesse. Não mais... Era a minha hora de machucá-la. E assim seria.

E foi pensando exatamente naquilo que lhe enderecei um olhar de desprezo e um sorriso mau ao adverti-la com a voz baixa e rouca:

— Se comporte, *esposinha*.

Eva não teve tempo de responder, sequer pensar sobre o que lhe disse, pois chegamos à mesa central do salão, onde todos os Caravaggio e a Família Real reuniam-se.

Ninguém ali parecia acreditar na nossa presença ou no anúncio feito pelo porta-voz pouco antes. Encaravam-nos como dois extraterrestes e eu até ria das feições embasbacadas se não estivesse tão tenso. Só que embora estivesse nervoso, tinha que manter a naturalidade se quisesse corroborar para que nossa história fosse verossímil.

— Boa noite, família — cumprimentei a todos com um sorriso fácil, que certamente não condizia com as batidas incessantes do meu coração.

— Que porra é essa, Taddeo? Eva Caravaggio? — Stephanie, sempre a sincera, foi a primeira a se manifestar e, claro, não deixara de dar ênfase ao novo sobrenome da minha cônjuge.

Quem poderia julgá-la por tal questionamento?

— Sim... Nós nos casamos — foi a minha resposta evasiva e senti Eva tensionar ao lado.

— Tá de sacanagem com a minha cara! — a loira quase gritou, o semblante chocado espelhando o de cada rosto naquele instante.

Revirei os olhos, bufando internamente. Por infelicidade era a verdade. Ao que parecia, minha mentira não seria tão facilmente aceita pela família. Talvez

eu tivesse ganhado mais crédito com a história caso começasse a contar as coisas aos poucos, com mais tato, mas, graças ao meu arroubo de impetuosidade, talvez tudo estivesse perdido.

Aquilo fora uma péssima ideia. A pior de todas talvez. Todavia como não tinha mais como voltar atrás, tinha que seguir com aquilo, caso contrário, todo meu plano, não apenas de vingança, mas também de manter minha imagem, iria pelo ralo. Não importava o quão ruim Eva poderia ter sido, eles jamais permitiriam que eu prosseguisse com o casamento por um motivo tão torpe. Especialmente quando descobrissem que também havia uma criança em jogo.

— Acho que não é hora nem lugar para discutirmos — Andrew veio em minha defesa e agradeci com um sorriso sem jeito por ter me salvado do pelotão de fuzilamento que minha família parecia ter se tornado.

Puxei a cadeira vazia para Eva em meu raro gesto de cavalheirismo e me sentei em seguida à sua direita. Do meu outro lado estava Théo e por mais que não olhasse para o meu irmão, coisa que eu certamente não conseguiria fazer sem que me entregasse, ainda assim podia sentir seu ceticismo mesmo que não tivesse dito uma só palavra.

— Quando foi que esse absurdo... ops, casamento, aconteceu, Taddeo? — a loira voltou a alfinetar, no exato instante em que aceitava a bebida que o garçom oferecera, e engoli em seco.

— Há umas semanas. — Sorvi rapidamente um gole da bebida, sentindo o gosto característico do malte envelhecido, buscando aquela sensação gostosa que um uísque caro costumava trazer quando o degustava, mas sem sucesso, simplesmente não conseguia saborear a bebida do modo correto, perdendo uma série de características aromáticas.

— Acho que lhes devemos parabéns, certo? — Théo perguntou, inclinando-se para o meu lado, por isso não pude evitar de olhá-lo, encontrando a expressão de desconfiança e também de desgosto no rosto dele. — Mas não se preocupe, repararemos o quanto antes esse erro e vocês receberão nosso presente de casamento na residência do novo casal.

Um aceno sem jeito foi a resposta que dei ao meu irmão e pensando sobre as poucas palavras que dissera, não pude evitar de encarar o restante da família, que parecia compartilhar do mesmo sentimento. Com exceção da minha mãe, que parecia a mais decepcionada dentre os demais.

Não olhei na direção dela, não conseguia. Minha mãe era a pessoa que eu mais amava no mundo e decepcioná-la me trazia um sentimento muito pior do que infligir alguma dor a mim mesmo. *Aquilo estava cada vez mais terrível...* Embora gostasse de ter controle sobre cada coisinha, nossa mentira estava saindo de controle. Malmente havia chegado e estava quase colocando tudo a perder.

Igor pareceu decidido a romper o silêncio que se formara na mesa e quase o beijei por isso, embora suspeitasse que ainda teria que lhe dar satisfação por me casar com sua prima sem prévio aviso. Pelo visto eu não teria ninguém para lutar comigo a não ser a ruiva que eu tanto amava odiar.

Fiquei concentrado em meu próprio copo, observando o líquido cor âmbar como se fosse a coisa mais interessante do mundo. Ao meu lado, Eva parecia tão pouco à vontade, quanto uma presa poderia ficar no meio dos leões. Não que pudesse julgá-la, afinal, se eu me sentia intimidado estando entre os meus, imaginava que para ela a situação fosse ainda pior. Afinal, Eva, definitivamente, não era uma pessoa benquista pelos Caravaggio, nem mesmo pelos Bellini di Montalcinno.

— Amanhã vamos conversar. — Não foi um aviso, e sim uma ordem dada pelo meu pai. Sabendo que não tinha como fugir, acenei em concordância, engolindo em seco em seguida, afinal o Primeiro-Ministro da Campavia assumira uma expressão sisuda que em nada combinava com o semblante descontraído que vestia durante os eventos festivos.

Embora a feição irada de meu pai me preocupasse, não se comparava em nada à forma como me sentia por causa do olhar de Sarah Caravaggio. A feição de mãe traída ainda estava lá, inabalável, intensificando-se nos momentos que nossos olhos se encontravam. Ela parecia por um triz, prestes a chorar, e depois de um tempo sequer dirigia o olhar para mim, tamanha mágoa. Pedi mais uma bebida, pois a noite estava me saindo mais difícil do que pensei.

As horas foram passando, e mesmo que a conversa parecesse ter retornado ao tom trivial, parecia estranha. Somando o fato de saber que estávamos sendo observados de perto, tentei manter a naturalidade que estava longe de sentir. Após meses sendo o único solteiro à mesa nas reuniões de família, passei a imitar a forma que meu irmão e cunhado costumavam tratar as respectivas esposas. Segurei a mão de Eva e de vez em quando a levava à boca ou me virava para beijar suavemente seu ombro ou pescoço. Outras vezes sussurrava alguma coisa em seu ouvido, fazendo-a sorrir também, apesar da timidez. Éramos a imagem de um casal feliz e apaixonado, e eu esperava mesmo que a encenação fosse o bastante para dissipar quaisquer dúvidas.

— Acho que vou ao banheiro. — Stephanie se pôs de pé, uma careta no rosto enquanto nos encarava. — Estou ficando um pouco enjoada — alfinetou de propósito. — Vocês me acompanham, Lou e Bella? — Ambas concordaram sem hesitação, o que não era surpresa, em se tratando daquelas mulheres, que tinham uma coisa com irem ao banheiro juntas, então os olhos azuis da princesa fixaram-se em Eva, que se encolhera com o tom que seguira: — Nos acompanha, *cunhadinha*? — O timbre utilizado na última palavra era

nitidamente irônico. — Ou não somos boas o suficiente nem para isso também?

Para completo terror de alguns, aquela era a Princesa Stephanie di Montalcino Caravaggio, senhoras e senhores. Diferente de qualquer mulher que já conheci, minha cunhada não tinha frescura, muito menos papas na língua, era a pessoa mais sincera que que poderia encontrar na vida, então sem aviso você poderia receber um golpe de verdade no meio da sua cara.

Lourdes e Anabella não ficavam atrás, tiveram uma ótima professora, claro. Não era à toa que assim como acontecia com meu irmão em se tratando de Steph, os maridos delas beijavam o chão que pisavam. No entanto, elas eram doces, ao contrário da loira, que não tinha um pinga de doçura no sangue azul que circulava em suas veias.

Não existia um ser vivo na face da Terra que conseguisse o intento de fazer com que ela deixasse de fazer e muito menos falar o que queria. Theodore, coitado, apenas controlava a chuva, mas a verdade é que era impossível segurar a tempestade destruidora chamada Princesa Stephanie.

Mesmo que não devesse me compadecer dela, Eva não tinha chance alguma contra ela, coitada. Assim que se levantasse da mesa, seria atingida sem dó nem piedade por aquele pelotão de fuzilamento. Se sozinha contra Stephanie não teria chance, com seu jeito de ratinha assustada, imagine com as outras duas, poderiam colocá-la facilmente contra a parede e engoli-la. Ou pior, forçarem-na a contar toda verdade. Exatamente por isso que uma simples ida ao banheiro seria extremamente perigosa, pois era uma tarefa quase impossível não as temer, quiçá sair ilesa.

— Desculpe, *vossa alteza* — retribuí o mesmo tom que usara ao me colocar de pé rapidamente, estendendo a mão para Eva, que a segurou como se fosse um bote de salva-vidas. — Mas eu havia acabado de convidar a minha esposa para dançar. Como, infelizmente, não tivemos a oportunidade de uma primeira dança como recém-casados, não posso deixar passar.

Não esperei pela resposta tempestuosa que certamente viria, nem mesmo olhei duas vezes para os olhos perscrutadores sobre nós, sem outro aviso, me afastei, arrastando Eva comigo. No meio do salão, rompi o espaço que nos separava, soltando em seguida o ar que nem senti prender. Percebi que Eva fazia o mesmo, ambos aliviados demais por termos escapado de uma batalha fatal perdida com a Princesa da Campavia.

— Obrigada — Eva emitiu em agradecimento, mordendo a parte interna da bochecha, da forma que sempre fazia quando estava nervosa.

Talvez fosse por causa da cena que tínhamos que manter, talvez não, ou quem sabe porque ela parecia de repente cansada, mas aninhou-se a mim, parecendo mesmo aliviada, ao passo que nos balançamos no ritmo da canção.

Não deveria gostar, mas gostei daquilo, de como parecia... *certo*. Tanto apreciei, que foi impossível não notar o meio-sorriso que se formara no canto dos meus lábios.

— Não precisa agradecer — assegurei, fazendo Eva se afastar o suficiente para me encarar e sorrir timidamente diante da minha resposta, decerto surpresa pelo fato de lhe dirigir uma palavra amigável, diferente das que costumava disparar contra ela. E me ocorreu que discordando da maioria do tempo, ela não estava com medo de mim, e eu não sabia se aquela era ou não uma boa notícia.

E enquanto continuou a sorrir, dei-me conta de duas coisas: era a primeira vez que ela sorria desde que nos casamos, e se fosse sincero comigo mesmo, não me lembrava realmente de vê-la fazendo aquilo em muito tempo. A segunda era que, por alguma razão que me escapava, fui novamente surpreendido com o fato de adorar ser o motivo daquilo.

E quando falei novamente, aquele tom de desdém tão característico quando me dirigia a ela parecia ter desaparecido:

— Afinal, sou muito novo para ficar viúvo.

Eva gargalhou e tive rir da ironia, afinal, por tanto tempo quis me livrar daquela que eu julgava ser merecedora apenas de desprezo, planejando seu sofrimento e dor, e agora me via precisando dela para manter a mentira, uma mentira que eu mesmo inventara e exigi que fizesse seu papel. Tudo bem que eu estava lhe pagando, e muito bem, mas aquilo só podia ser carma. Não existia outra palavra para explicar.

No meio da risada dela, *Gravity*, de John Meyer, começou a tocar e a virei na pista de dança. Ela se aconchegou ainda mais ao meu corpo conforme nos movemos com a música e foi impossível não me sentir impressionado pela forma perfeita com que ela se encaixava em mim. Ou em como sua cabeça ficava na altura perfeita para ficar debaixo do meu queixo. Ou em como o cheiro e calor dela me atingiam em cheio como a precisão de um maldito *sniper*.

“ *Oh, a gravidade está trabalhando contra mim
E a gravidade quer me trazer pra baixo
Oh, duas vezes, mas não quer dizer duas vezes melhor
Eu não pode sustentar, como a metade poderia
Ela está querendo mais e irá me pôr de joelhos...* ”

Resfoleguei, piscando aturdido, sem acreditar no fato de estar amolecendo por causa dela. Era brincadeira, só podia, e não se tratava de um universo paralelo em que eu parecia odiá-la cada vez menos, embora não fosse a intenção inicial. Aquela mentira malmente começara e não havia dúvidas, eu tinha que

tomar cuidado com Eva Carrara, pois corria o risco de que aquilo que deveria ser apenas um arranjo temporário se tornasse perigoso demais para voltar atrás.



Após uma noite praticamente insone, onde depois de foder com Eva de uma forma quase punitiva por me fazer fraquejar ante meus objetivos, a dispensei e vi o dia amanhecer enquanto perguntava-me onde estava errando, mesmo depois de usar toda a frustração que sentia para puni-la em silêncio. Só que a verdade foi que não pareceu uma punição, pois era delicioso, bom demais, como um prazer quente e pulsante que me envolvia em sua teia para dizer que ali era o meu lugar.

Meu humor estava longe de ser dos melhores, ainda assim, quando adentrei meu escritório na vinícola, na manhã seguinte, deveria imaginar que eles estariam ali à espera de uma resposta convincente. Só que embora me julgasse preparado, olhando para meus pais, Théo, Steph, Bella e Igor, me sentia bem longe de estar.

Droga! O que diabos lhes diria?

— Bom dia, família. — Forcei-me a saudá-los com um sorriso no rosto.

— Viemos aqui descobrir se teremos um bom dia ou não. — Meu pai se pôs de pé e o meu detector de problemas começou a apitar.

— Você nos deve uma explicação, cunhado. — O sorriso de Stephanne me causou calafrios e, olhando para os outros em minha frente, sabia que aquela não seria uma simples conversa amigável. Estava mais para um juízo entre o céu e inferno.

— Preciso de uma bebida. — Dirigi-me para o bar no canto da minha imponente sala, servindo-me com um uísque escocês.

— Às oito da manhã? — ouvi minha mãe resmungar e ignorei-a, molhando a garganta em seguida, deleitando-me com o sabor da bebida. Por muito pouco não gemi com o líquido na boca, conhecendo toda a pureza da bebida, apreciando-a e retirando todos os seus sabores principais. Mas aquela definitivamente não era hora de saboreá-la, por isso achei por bem lhe responder:

— Como se importasse realmente.

Ninguém sorriu ou soltou uma piada, nem mesmo Stephanne, que costumava lançar suas pérolas até mesmo em cerimônias fúnebres. Todos apenas me encaravam sérios, sérios demais, nitidamente à espera de que eu comesse a dar explicações. Passei a sentir-me como um cordeiro a caminho do sacrifício.

— Acho que vou precisar de uma bebida também. — Théo se aproximou e servi uma segunda dose para mim, antes de fazer o mesmo para ele também, que

observava-me com aquele olhar cheio de desconfiança e severidade.

— Chega de enrolação, Taddeo. — Meu pai pareceu perder a paciência, os olhos iguais aos meus encarando-me com raiva. — Estamos aqui porque você está nitidamente saindo dos trilhos, filho. Casou-se em segredo com uma mulher que dizia odiar e, como se não bastasse ter deixado sua família no escuro, ainda quer que acreditemos que as coisas são simples assim?

A pergunta era retórica, no entanto, não a enxerguei da mesma maneira.

— Deveria estar acostumado, papai, afinal, segredos são a nossa especialidade — alfinetei de propósito, recordando-me de quando descobri sobre a mentira que envolvia a vida não apenas de Théo e Steph, mas também de toda nossa família e a da realeza.

Deixei um sorriso transparecer, um que deixava claro que não aceitaria aquela merda. Ao menos não calado.

— Você tem razão, irmão, mas diferente deles nós não somos assim. — Théo adiantou-se para falar quando notou que nosso pai retrucaria. — O que passou, passou, somos melhores do que as mentiras que nos contaram. Mas embora você seja mimado, não acredito que seja um cara egoísta ou leviano que faria o mesmo conosco.

Théo estava certo. Embora tivéssemos nossas desavenças no passado, estávamos longe de ser omissos ou levianos como nossos pais. O que deixara-me irritado com as palavras do meu pai, na verdade, era principalmente o fato de que ele estava agindo como se eu fosse uma criança. E eu estava longe de ser uma.

— Sim, somos diferentes. Mas sou adulto e mereço ser tratado como tal. — Arqueei a sobrancelha de modo arrogante, deixando clara minha irritação.

— Você não apenas nos deixou no escuro, Taddeo. Expôs a nossa família — meu pai tornou a falar, ignorando a alfinetada recebida.

— Pai... — Théo tentou intervir, mas fora em vão.

— Nada disso! Ele claramente está brincando com essa menina! Precisa saber o quanto uma decisão estúpida como essa pode ser perigosa e irresponsável para todos nós! — Ele voltou-se para mim, irredutível e foi a minha vez de bufar.

— Quem está brincando aqui, papai? — indaguei, sem humor algum. — Eu praticamente carrego o legado da família sozinho nas costas! Théo me ajuda como pode, mas, como príncipe, tem o próprio legado pra dar conta. Ainda mais agora que está cada vez mais perto de assumir o trono e se tornar o próximo Rei da Campavia. Não pedi isso a ninguém, mas aceitei o fato de que nasci com um propósito. Então não venha querer falar que sou imaturo ou irresponsável, porque enquanto o senhor está lá fazendo o que quer, “cuidando” do povo, do

país, eu continuo a regê-lo com uma eficiência que a família jamais fez. Nunca, nunca questioneei ou reclamei, apenas acatei que era o que tinha que fazer!

Théo deu um passo à frente, colocando a mão no meu ombro, com a nítida intenção de tentar conter meu temperamento e deixando claro seu apoio, o rosto uma máscara fria de quem entendia exatamente o que aquilo significava.

— Eu entendo, irmão... Mesmo. E fico triste por não poder te ajudar como gostaria... — Iria lhe dizer que não era nada de mais, mas ele me cortou, parecendo perceber o que passava na minha cabeça: — É sim... E sei o peso que inevitavelmente carregamos como nobres. — Olhou para mim, sério. — Acho que o que o pai está querendo dizer é que somos uma família, que independente de qualquer coisa, podemos contar um com o outro. Que, juntos, conseguimos superar qualquer merda. Por isso que não entendemos o que te levou a casar-se sem nem ao menos nos comunicar.

Não era exatamente o que Alano queria dizer, mas fora o suficiente para me fazer engolir em seco e meu pai perguntar de onde estava:

— Se tivesse dito que estava apaixonado, que queria se casar com Eva, aceitaríamos isso, mesmo que tenhamos reticências em relação a ela. E não digo pelo fato de ser uma Carrara, mas, sim, por ser quem é, caso contrário, Igor não pertenceria a essa família, e você sabe disso.

Era verdade, o fato de Eva pertencer à família Carrara não a motivara a ser quem era e muito menos a fazer o que fez. Nem mesmo com Théo e Steph, muito menos comigo. Eva era o que era, uma diaba ruiva que não media consequências para ter o que queria. Foi assim no passado e não seria diferente no presente ou no futuro. Por isso fechei os olhos com força, sentindo-me repentinamente sufocado com os sentimentos tão profundos que tinha por ela, mesmo não querendo sentir.

Não dissemos nada por um tempo e não ajudava muito aquele aperto no peito me asfixiando, uma memória viva do que Eva era capaz de fazer. Quando tornei a fitá-los, todos encaravam-me em silêncio, à espera de uma resposta ou qualquer merda que lhes desse. Sem me importar com o desperdício, virei o resto da bebida de uma só vez, o líquido descendo rasgando em minha garganta, ao passo que depositava o copo vazio no bar, e Théo imitou meu gesto.

Eu não disse nada, não podia. Sabia que Théo estava certo, que assim como toda minha “relação” com Eva errei em não lhes contar o que estava acontecendo. Pelo visto, ainda não havia superado o fato de ter sido trocado pelo irmão mais novo duas vezes pela mesma pessoa e que desde a primeira vez se tornava uma bagunça insegura e quebrada. Era aquela coisa, tinha não apenas receio, mas também vergonha da posição que me encontrava.

Talvez fosse besteira, imaturidade, mas era difícil não me sentir daquela

maneira depois de tudo. Se tivesse lhes dito antes, eles certamente me pressionariam pela verdade e eu não queria que soubessem que nos casamos apenas por causa da gravidez, tampouco do acordo que fizemos para aquele relacionamento que tinha prazo de validade para acabar. Não queria ser motivo de vergonha para ninguém, especialmente para minha família. Contudo, também queria me resguardar, manter ao menos uma parte da minha dignidade.

Por isso achei por bem tentar seguir com a ideia original, quem sabe mais para frente, quando estivermos separados, eu não tenha coragem de lhes dizer a verdade?

— Como todos aqui já sabem, minha história com Eva não é recente. — Tentei conter a irritação enquanto falava, não deixando nem mesmo que aquilo mexesse comigo como não deveria acontecer. — Decidimos nos casar porque queríamos e... — Passei a mão no cabelo, em um rito nervoso, e respirei fundo antes de continuar: — ... nos amamos. Um pouco depois do casamento de Bella, saí em viagem com Eva e fizemos uma pequena cerimônia para oficializar. — Emudeci, temendo não saber como sustentar aquela mentira. — Sabia que não aceitariam aquilo facilmente e preferimos aguardar o momento certo para tornar o fato público.

— E em vez de ir nos contar, preferiu fazer a revelação apenas em público? — o tom mordaz do meu pai estava a um único passo da exasperação, e eu estava prestes a responder, quando um furacão impediu-me.

— Isso é mesmo sério? Você a ama? De verdade, ou há mais nessa história que não quer nos contar? — A voz de Stephanne era cética quando se aproximou, a sobrancelha erguida de modo presunçoso, os olhos azuis fitando-me com desconfiança.

— S-sim. — Embora a intenção não fosse aquela, meu timbre não passara de um sussurro hesitante. O que obviamente não me ajudara em nada e tive certeza daquilo quando o casal real franziu o cenho, descrente.

Steph bufou, com deboche, ao passo que com maxilar trincado e um vinco se formando entre as sobrancelhas, o toque de Théo em meu ombro se intensificara antes mesmo dele voltar a falar:

— É só isso que nos responde? — insistiu, incrédulo. — Irmão, se me disser agora que ama aquela mulher, não ficarei em seu caminho, tampouco nossa família, porque não permitirei que fiquem. — A expressão séria, de verdadeiro herdeiro do trono, estava lá, inabalável, intensificando-se quando levou a mão livre para o queixo com a barba recém-aparada. — Mas, se não for verdade, e você tiver se casado por outro motivo que não o amor, peço que reconsidere. Todos aqui nessa sala se casaram por estarem apaixonados e nunca nos perdoaríamos caso faça diferente, porque a única coisa que importa

realmente é a sua felicidade.

Encarei-o, buscando ver ali algum sinal de que estava brincando e o que encontrei, entretanto, foram feições muito sérias, que deixavam mais do que claro o que queria dizer. Se soubessem a verdade, não apenas ele, como todos ali, se voltariam contra o meu casamento. Embora não tivesse sido planejado, tinha algo mais importante em toda essa equação que não era meu orgulho.

Merda! O que diria?

— Seu irmão está certo — minha mãe se levantou também, a voz sempre doce, parecia triste, arrasada, ainda assim, firme. — Não importa se somos os nobres Caravaggio ou que Eva seja uma Carrara, se nos garantir que está feliz com ela, a aceitaremos em nossa família. Ela será uma de nós.

Stephanne disse algo como “nem fodendo”, Igor tossiu, nervoso, e Théo fez uma careta. Ainda assim, ninguém ousou discordar do que a matriarca dissera.

— Eu a amo... Nunca deixei de amá-la. — A resposta honesta pegara a todos de surpresa, especialmente a mim.

Porra! O que foi aquilo?

Meneei a cabeça, forçando um sorriso para minha mãe, esperando que o gesto corroborasse para que não apenas a pessoa que melhor me conhecia no mundo acreditasse, mas que ninguém mais tivesse alguma dúvida sobre aquela mentirada toda.

Por dentro, fui pego desprevenido, tudo parecendo se confundir ainda mais. Como sempre acontecia quando me envolvia com Eva, ela estava fodendo com a minha cabeça. Já havia prometido tantas vezes não voltar lá, mantê-la longe, ainda assim acontecia, era mais forte do que eu. Novamente vi o problema se aproximando, algo como um trem desencarrilhado, e estava deixando o desatino acontecer. Mesmo que nossa história não tivesse começado agora, que houvesse tantas mentiras, e mesmo conhecendo todos os riscos, inconscientemente a estava deixando entrar. Eu não podia permitir, tinha de conseguir arrancá-la de mim.

E por que porra me sentia um merda? Por que doía-me tanto?

Todos os presentes naquela sala passaram por tanta coisa, até mesmo com seus relacionamentos amorosos, ainda assim, foram fortes e honrados para se levantarem e vencerem. Desejava que acontecesse o mesmo comigo. Esperava verdadeiramente estar fazendo a coisa certa lhes escondendo a verdade.

Meu irmão me abraçou, daquela maneira tipicamente masculina. Depois de dizer algumas palavras, aquela aspereza em seu semblante se suavizou um pouco e foi a vez de Stephanne, que não deixaria de proferir sua ironia, a qual naquele momento recebi com um sorriso, grato. Afinal, ter a Princesa contra mim seria pior do que ter um inimigo. Em seguida foi meu pai, que, se limitando a poucas

palavras, deixou claro que ainda precisava assimilar as coisas. Após ele veio Igor, que aproveitou o momento para sussurrar as primeiras palavras aquela manhã para que apenas eu pudesse ouvir:

— Eu sei que há mais coisas que não quer revelar, cunhado. Mas por ora deixarei passar. Só não esqueça que Eva também é minha prima. Ela já aprontou muito, mas também aguentou muita merda nessa vida, e não permitirei que a faça sofrer. Estarei de olho, cuidando dela, mesmo que à distância. — Ao se afastar assumiu uma expressão sisuda que em nada combinava com seu modo descontraído de sempre, o que fez um calafrio atravessar minha espinha.

Merda!

Tentei disfarçar o quanto aquilo me abalara e minha irmã também me parabenizou pelo casamento, mas bastou buscar no fundo da imensidão azulada que eram seus olhos, que percebi que, assim como Igor, ela também parecia suspeitar de algo. E mais do que isso, estava preocupada e decidida a não me deixar ferir a menina. Tinha que tomar cuidado com os dois, caso contrário, poderiam colocar aquela mentira a perder.

Minha mãe foi a última a se aproximar e, quando isso aconteceu, ela ainda parecia longe de se sentir aliviada. Ela exalou o ar com força pelo nariz, nitidamente descontente. Eu sabia que, entre todos, Sarah Caravaggio era a única que não lidaria bem com o fato de não ter participado do casamento do primogênito. Ela era muito coruja com os filhos e decerto se sentia magoada.

— Desculpe não ter dito nada, mãe. — Eu me senti na obrigação de dizer que sentia muito e recebi em troca um sorriso leve que não lhe alcançou os olhos, instalando ali as ruguinhas que deixavam-na ainda mais bonita do que já era.

— Ainda estou magoada, filho. Ainda assim espero que esteja mesmo feliz. — Meneei a cabeça, forçando um sorriso para ela e me sentindo mal por fazê-lo.

— Estou sim — assegurei, porém não devo ter soado nada convincente, já que me encarava com certo pesar.

— Taddeo, entre os meus três filhos, você sempre foi o mais difícil e orgulhoso de todos. Nunca conseguiu mentir para mim sem que eu soubesse. Só quero que não se esqueça, que não importa quantos anos tenha, não deixei de ser sua mãe e você ainda é e sempre será meu filho amado, que pode dividir qualquer coisa comigo. Seja ela feliz ou não. — Aquiesci, engolindo em seco em seguida, sentindo-me terrivelmente culpado.

— Está tudo bem — tentei soar convincente, abanando uma das mãos, em sinal de descaso, ainda assim, a expressão dela não se aliviou.

— Espero mesmo que não. — Respirou fundo e balançou a cabeça, cética sobre minha resposta, e rompi o espaço entre nós, pressionando meus lábios na

bochecha dela. — Hoje à noite, vocês dois, jantar lá em casa. — Erguendo as sobrancelhas loiras em desafio, não fora um convite, mas, sim, um aviso que deixava claro o fato de não aceitar recusas.

— Estaremos lá. — Um sorriso nervoso moldou meus lábios sem que eu nada pudesse fazer para evitar.

Que Deus me ajudasse!



Capítulo 6

CAVERSWALL...

Taddeo

No condado de West Midlands, área Rural ao sul de Bellini, capital da Campavia, ficava localizada a mansão de Caverswall em Staffordshire, que remonta ao início do século XVII e é composta por sete luxuosas suítes, seis quartos, 13 banheiros, três salas amplas com lareira de pedra, biblioteca, adega, duas cozinhas com despensa, casa de hóspedes, piscina, uma pequena capela, tudo isso rodeado por 12 mil metros quadrados de parque com árvores centenárias e até mesmo uma praia particular... Perfeita para uma família.

Perfeita para uma família... Uma família...

— Fez um ótimo investimento, Sr. Caravaggio — foi o que o gerente do banco disse no instante em que assinei o contrato de compra do imóvel.

Claro que ele achava aquilo, afinal, o banco acabara de ganhar milhões de euros com a negociação. Que era um ótimo investimento, eu não tinha dúvidas, não aplicaria muito dinheiro em algo que não valesse a pena, pois dava muito valor ao que fazia com o meu. Era aquilo, a nível financeiro, sabia estar fazendo mesmo a coisa certa, só não tinha tanta certeza sobre Eva, afinal, havia adquirido a propriedade que pertencera à sua família.

Não estava em meus planos a princípio, já que fora justamente para quitar as dívidas e recuperar aquele imóvel das mãos do banco que Eva exigira um montante absurdo no nosso pré-nupcial. Confesso, fiquei surpreso, mas não deveria, pois a diaba ruiva não passava de uma vadia interesseira, só que jamais pensei que fosse mesmo capaz de assinar um contrato abrindo mão do filho a troco de dinheiro. E mais: ainda que tivesse o dinheiro para acabar com as dívidas da família, não o fez. Deveria ter planos para ele, ao final do nosso casamento. Planos esses que não me interessavam, ou ao menos não queria que interessasse.

Depois de tudo, Eva apenas se provara ser igual a todos eles. Errado estava eu em chegar a amolecer mais uma vez por aquela mulher sem escrúpulos.

Pensar nisso me irritava sobremaneira, mas já que ela queria brincar comigo, que tinha prazer em fazê-lo, ela cairia do cavalo, porque eu faria aquilo primeiro. Seria eu quem a faria sofrer todos os dias durante nosso ano de casados. Seria quem aproveitaria do seu corpo, apenas para o meu prazer, e nada mais, dispensando-a depois como algo descartável. Seria eu a fazê-la se arrepender por todo erro e pecado cometido.

Tentar administrar os sentimentos que me corroíam só não era mais difícil do que tentar não os transparecer. Em especial ao lado da minha família, que parecia sempre à espreita, esperando-nos dar um passo em falso ou deixar a máscara cair para descobrirem que o casamento não passava de uma farsa. Era exaustivo, para dizer o mínimo.

Por mais que preferisse evitar e não me arriscar, depois de alguns dias adiando o jantar ao qual havia prometido ir, não tive mais como persistir na recusa sem que ninguém desconfiasse, então naquela noite jantaríamos com a família Caravaggio e eu estava longe, bem longe de me sentir preparado para aquele confronto.

Que Deus me ajudasse a passar por aquilo ileso!

Nem bem colocamos os pés na mansão que cresci e ouvi vozes que me deixaram em alerta:

— Olha só, o novo casal finalmente decidiu sair do ninho de amor e resolveu dar um pouco de atenção à família — vovó alfinetou, sentada no sofá, e enquanto andava com Eva no meu encalço, a senti vacilar.

— Me desculpem pelo atraso, família. Boa noite a todos. — Tentei manter a naturalidade quando os encarei, mas recebi em troca um murmurar não muito animado e semblantes curiosos nos fitando com bastante interesse.

Minha mãe, como a excelente anfitriã que era, se aproximou e, depois de beijar minha bochecha, foi até Eva cumprimentá-la.

— Como vai, Eva? — Trocaram beijos rápidos e a ruiva sorriu, o rosto muito vermelho de vergonha.

— Muito bem, obrigada. E obrigada também por nos convidar para jantar, Sra. Caravaggio. — O tom de Eva era doce e polido, quem não a conhecia, até mesmo acreditaria na timidez que ela insistia em fingir ter.

— Imagina, é um prazer recebê-los. E, por favor, nada de me chamar de Sra. Caravaggio. Stephanie e Igor me chamam de sogra, embora seu primo também me chama de mãe. — Abanou uma das mãos, em sinal de descaso, e pude ver Eva engolir em seco, mexida. — Estava ansiosa para que viessem. Uma pena que tenha ficado doente nos últimos dias — minha mãe soltou e Eva vacilou por um instante ou dois, os olhos verdes encontrando os meus em uma pergunta muda, e engoli em seco.

Merda! Eu tinha me esquecido de avisar sobre aquele detalhe!

E como poderia? Quando havia passado quase todo o tempo tentando manter a minha cabeça focada, fugindo de tudo que pudesse, de alguma forma, me fazer querer mudar de ideia. No restante do tempo, transava com Eva até o cansaço me vencer, e em seguida ela partia, obediente, sem que eu precisasse sequer me dar ao trabalho de mandá-la embora, parecendo saber que era daquele espaço que eu precisava.

— Er... eu estive indisposta por esses tempos — respondeu depois de uma certa hesitação combinada a lábios retorcidos.

— Que bom que então se sente melhor, querida. — Ela sorriu para Eva, que retribuiu, embora parecesse segurar a respiração. — Por favor, entre. Você já conhece a casa, Eva, sintam-se à vontade.

As palavras de minha mãe extinguiram qualquer resquício de humor que eu pudesse ter, afinal, trazia-me de volta à realidade de que se Eva conhecia a minha casa, a casa onde nasci, cresci e vivi até poucos anos atrás, era porque a frequentava antes como namorada do meu irmão, por quem me trocara sem sequer se importar em como me sentiria. E a realização daquele pensamento doía, não importava quanto tempo passasse, ardia, pulsava para caralho!

Cacete! Era como uma ferida aberta, jamais cicatrizada!

— Théo e Stephanie não puderam vir. Eles tinham um compromisso agendado — minha mãe informou, tirando-me do meu torpor, assim que nos aproximamos do sofá onde estavam todos sentados, e foi impossível não notar a ausência deles. Assenti, embora por dentro me sentisse um pouco aliviado, porque vê-los debaixo do mesmo teto, mesmo que de maneira completamente oposta, não seria nem um pouco agradável.

A bem da verdade, também era um bálsamo não ter os dois ali, porque seriam menos duas pessoas para ter que mentir e fingir que erámos um perfeito casal apaixonado. Fora que o fato de a Princesa Stephanie não estar também facilitava muito as coisas, afinal, minha cunhada não era nada fácil e sem dúvidas não perderia tempo em fazer aquela noite ainda mais difícil. Sendo sincero, ela dava medo na maioria das vezes.

— Eu vou ver se o jantar está pronto. Taddeo, por favor, ofereça uma bebida à sua esposa. Eu já volto — prosseguiu, piscando para mim em seguida, e eu tive que controlar a vontade de fazer uma careta, limitando-me apenas a anuir, e então ela partiu em direção à cozinha.

— Olá, Eva. — Foi a vez de meu pai cumprimentá-la, beijando a mão dela de forma cavalheira.

Outra vez demonstrando a timidez, o rosto de Eva estava rubro, embora estampasse um sorriso nos lábios.

— Olá, Sr. Caravaggio.

— Sabe, eu entendo a fascinação dos meus netos — minha vó soltou de repente, e nos viramos para encará-la. Muito calmamente, ela tomou um gole da sua bebida, prolongando nosso sofrimento. — Você é realmente bonita, Eva. Mas algo em toda essa história de casamento com Tadd não bate. E não venham querer justificar o fato como um ato de impetuosidade ou arroubo da paixão, não quando vocês nem mesmo podiam ficar no mesmo ambiente sem que meu neto a rechaçasse. Então vamos parar de enrolação e me poupar o nascimento de algumas rugas no rosto tentando descobrir a verdade e me contem. Caso contrário, serei obrigada a lhes enviar a conta do meu cirurgião plástico!

Respirei fundo, sentindo-me um tanto acuado, pois não estava preparado para aquilo, não de forma tão direta, ao menos. Claro, eu sabia que todos estavam de olho e que logo seríamos metralhados com perguntas, que seria difícil manter aquela pose, mas ainda assim achei que conseguiria me preparar. O que obviamente não aconteceu e me vi titubear, sem saber como agir e muito menos o que responder.

Entenda, se fossem quaisquer outras pessoas, eu não me importaria nem um pouco. Mas era a minha família. Stephanie poderia não estar presente, mas a minha avó era tão doida e sincera quanto minha cunhada. E apesar de meio loucas, as mulheres Caravaggio eram inteligentes e perspicazes, pareciam enxergar melhor do que todos. E, bem, com certeza a minha resposta não seria o suficiente para parar dona Antonella.

— Mãe! — tia Alisson reclamou, mas vovó apenas ignorou a filha, fitando-nos à espera de uma réplica convincente.

— O quê? Eu não estou mentindo. Tenho certeza de que assim como eu, todo mundo pensa da mesma maneira, só não tem coragem de falar — ela disse séria, e eu engoli em seco.

— Vovó... — comecei a falar, porém ela apenas me cortou:

— Cirurgião plástico, Taddeo Alano Caravaggio — repetiu, em uma tentativa de me dissuadir. — Estou mesmo ansiosa por uma recauchutagem! — Sorriu com falsa amabilidade, o tom de voz explicitando o que dizia com os olhos: eu estava ferrado. E ela parecia perceber que eu sabia disso, porque apenas esperou por uma resposta. E os outros presentes também.

— Não nos casamos no ímpeto — falei a primeira coisa que veio à cabeça, o que não pareceu ser bom o bastante para eles, que ostentavam uma expressão aturdida.

— O quê? — A pergunta viera em uníssono e outra vez me vi titubear.

— Não nos casamos de ímpeto — repeti, tentando manter o controle do meu temperamento.

— Eu sabia! — Igor se colocou de pé ao dizer, e eu bufei, sem paciência para aquele batalhão.

— Você não sabe de nada — rosnei entredentes, irritado. — Nós queríamos aquilo. Apenas respeitem a escolha que fizemos e a nossa união. E se a cada vez que nos encontrarmos forem ficar fazendo esse tipo de suposições, iremos nos retirar, pois nem eu e muito menos minha esposa somos obrigados a aturar tamanho desrespeito — apressei-me em dizer, deixando-os lívidos, nenhum deles falando qualquer coisa por um tempo. O que foi um tremendo alívio para mim.

— Você tem razão, filho — minha mãe emitiu, retornando para sala instantes depois, aparentemente ela escutara o que aconteceu. — Também não tolerarei falta de respeito com meu filho e nora. Não importa como as coisas entre eles aconteceram, mas, sim, que foi o que eles queriam fazer, e se estão felizes, estou também por eles. Fui clara? — indagou, se dirigindo a cada um naquela sala, recebendo um menear de cabeça de cada um.

— Isso é verdade — Bella se pronunciou, colocando-se de pé também, e então sorriu para mim. — Estou muito feliz que vocês estão juntos, irmão. Imagino o quão difícil tenha sido para vocês deixarem os problemas para trás, mas que bom que fizeram. — Ela me abraçou, antes de fazer o mesmo com Eva, que retribuiu o gesto meio desconsertada. — Eu não tive oportunidade de dizer antes, mas bem-vinda à família, cunhada.

— Er... Obrigada — Eva devolveu, ainda sem jeito.

— Não tem que agradecer. — Minha irmã sorriu novamente para nós dois, antes de começar a puxar Eva em direção ao sofá. — Sente-se perto de mim. Me conte como estão as coisas. Vocês continuarão morando no apartamento de Taddeo? Se sim, provavelmente farão uma reforma, porque o lugar é um ambiente muito masculino... — tagarelou, e eu limpei a garganta, incomodado, o alívio que senti por ter Bella ao meu lado, sendo rapidamente esquecido por causa da escolha de assunto.

E, bem, talvez fosse o momento de dar mais algumas notícias.

— Na verdade, meu doce, vamos nos mudar — prossegui, meneando a cabeça quando Eva me fitou com curiosidade. — Com o casamento de última hora, não tive tempo de dar um presente adequado para minha esposa. E já que você tocou no assunto e meio que estragou a surpresa, talvez deva dizer logo de uma vez.

— Oh, desculpe. Eu não sabia, não queria estragar a surpresa — Anabella emitiu, constrangida, e eu abanei a mão em sinal de descaso.

— Tudo bem. Não é realmente uma coisa muito grande. — Dei de ombros como se não fosse nada de mais, e Eva franziu o cenho, intrigada, certamente

esperando pelo pior.

— O que é, filho? Até mesmo eu estou curioso — meu pai falo, e, sem deixar de sorrir, comuniquei:

— Comprei a Caverswall.

— Você comprou a propriedade que era da minha família? — Eva lançou, e seu tom era de pura descrença quando ficou de pé outra vez.

— Sim — não hesitei em responder, meus olhos ainda grudados aos dela, que ofegou, completamente abalada pela notícia.

— Eu nem sabia que estava à venda — foi o que meu pai disse, os olhos astutos nos meus, como se procurasse por mais respostas e rapidamente desviei dos dele, focando-me em Eva.

— E não estava até pouco tempo.

— Foi por isso que você foi até o meu escritório aquele dia? — Igor perguntou diretamente à prima, e eu engoli em seco, quando ela assentiu fracamente, e ele voltou os olhos acusadores para mim, mas nada disse.

— Desde que... desde que papai ficou doente, as coisas lá em casa não estavam fáceis — Eva correu para se explicar, mantendo a cabeça baixa, parecendo envergonhada demais para encarar algo além dos próprios pés. — Nossa casa estava hipotecada e não fazíamos ideia, até que aconteceu.

Aquela era realmente verdade, embora ela não tenha dito que casara-se comigo alegando também precisar do dinheiro para pagar a hipoteca ao banco para não perderem a propriedade. O que, óbvio, aconteceu ainda assim.

— Então você simplesmente comprou a propriedade de Caverswall? — Igor inquiriu, franzindo a sobrancelha e cruzando os braços em frente ao peito.

— Sim. Era uma surpresa para o meu amor. — Puxei-a para os meus braços e, ainda calada, ela veio, e foi quando notei o quanto sua pele estava fria e o corpo magro também tremia. — Passei os últimos dias negociando com o banco, cuidando de todos os trâmites para torná-la legalmente nossa. Estava preparando uma surpresa para revelar a novidade, mas como o assunto surgiu, não vi por que não contar. Espero que tenha gostado de saber que viveremos na casa onde nasceu. — A ruiva em meus braços asquiesceu devagar, balançando a cabeça, e a ideia de fazer aquilo pareceu perder um pouco a graça pela maneira que ela agarrou-se a mim, quase como se aquilo fosse um pesadelo.

— O-obrigada — balbuciou a resposta e eu quase acreditei que estava imaginando aquilo, mas pela forma que minha família se entreolhou, desconfiada, trouxe sua boca até a minha para beijá-la.

— Me beije — murmurei para que apenas ela ouvisse, e não como uma ordem, mas um pedido, um pedido de um homem que de repente se sentiu perdido e precisava daquilo para se reencontrar.

Merda!

Eu tinha que tomar cuidado, caso contrário cairia na sua teia nefasta mais uma vez.



— Posso entrar? — foi o que Igor perguntou ao adentrar o meu escritório, quase duas semanas depois daquele jantar na mansão Caravaggio.

Sentado à minha mesa, eu girava o copo com o líquido marrom, buscando nele um acalento para meus tormentos, mesmo que por poucos segundos.

— Você já está dentro mesmo — respondi, um tanto irônico, e, ao contrário do que esperei acontecer, a expressão do meu cunhado não se aliviou enquanto adentrava o ambiente. — Está tudo bem? — eu quis saber, porque um sinal de alerta soou em mim ante a sua postura séria demais.

— Me diga você — soltou de uma forma nitidamente controlada. — Porque não foi uma ou duas vezes que perguntei se estava acontecendo alguma coisa, e ainda assim você negou. Então é a última vez que vou perguntar isso: o que está acontecendo?

Gostaria de poder lhe dizer que estava acontecendo muita coisa, como, por exemplo, que mesmo fazendo de tudo para infernizar a vida da sua prima, ainda assim eu não me sentia feliz no final do dia ao dispensá-la como uma qualquer. Ou como com pouco mais de um mês de casado me fizera enxergar que Eva parecia ser uma pessoa completamente diferente da que pinteí durante a minha vida. Ou também em como eu ansiava para voltar para casa, para ficar com ela, e sentia raiva por cada um daqueles novos sentimentos que pareciam tomar conta de mim com o passar dos dias, fazendo-me sentir como se precisasse dela.

E aquilo tudo era uma droga, que estava me enlouquecendo cada vez mais.

— Nada. Não está acontecendo nada... Não sei do que está falando — eu me limitei a dizer, e ele bufou, sarcástico.

— Tem certeza? — testou, os olhos estreitando-se perigosos para mim, e eu meneei a cabeça, incapaz de responder de outra forma. — Vai continuar mesmo mentindo para mim? — indagou, antes de colocar um envelope à minha frente, e eu rapidamente o abri. Quando o fiz, engoli em seco, meio desorientado.

— Co-como... — emití em surpresa, sem nem mesmo conseguir finalizar a pergunta que faria, o nervosismo deixando transparecer como me sentia diante daquelas provas incontestáveis.

— Como consegui? — completou por mim, antes de rir de forma irônica. — Você acha mesmo que eu não descobriria, Taddeo? Acha mesmo que uma coisa dessas passaria por mim sem que eu fosse mais a fundo? — ele quis saber,

a pergunta saindo estranha pelos seus lábios, mas pelo visto era retórica, porque ele prosseguiu: — Vou perguntar mais uma vez, apesar de saber a resposta, ainda assim quero ouvi-la da sua boca: por que se casou com a minha prima, Taddeo?

Engoli em seco, sem fazer ideia do que dizer, de como responder-lhe aquilo, especialmente quando ele já sabia, ou ao menos pensava que sim.

— Eu a amo — soltei por fim, esperando mais uma vez que a resposta fosse o suficiente, e ele bufou, como se não acreditasse. — Estou falando sério, Igor. Eu posso ter me casado com ela pelos motivos errados, mas, no fundo, você sabe como sempre me senti em relação a ela.

— O que eu sei é que você mentiu para mim e para todos! — ele devolveu, num tom tão exasperado, que me fez engolir em seco outra vez. — Que vocês se casaram porque ela estava grávida eu já sei, agora quero que me conte tudo e não admitirei que deixe nada passar, está entendido? — Aquiesci devagar, balançando a cabeça, tudo aqui parecendo tão errado diante do olhar incrédulo que recebi de Igor, e eu sabia que não tinha escapatória, por isso lhe contei... tudo.

— E foi isso. Sinto-me confuso — lancei, depois de relatar toda a história, em minha mão analisava o porta-retratos com a foto tirada no dia do nosso casamento, que tinha dito a mim mesmo que havia colocado no escritório apenas para não levantar suspeitas, mas não era a verdade em tudo.

Eva estava sorrindo para as lentes, o rosto bonito vermelho e inchado pelo choro, que muitos acreditariam ser pela emoção do momento, mas eu sabia que não havia sido. Minha testa descansava na dela, e eu estava sorrindo também, e apesar da grande mentira e farsa que fora aquela cerimônia, ambos parecíamos felizes. Como um casal apaixonado. Passando o dedo pela foto, respirei fundo, o coração apertado, tentando entender aquela sensação esquisita no meu peito.

— Taddeo... — Igor limpou a garganta, um tanto incomodado. — Talvez eu não devesse falar nada do que vou falar agora, mas como seu amigo e cunhado, o considero meu irmão e preciso dizer. — Meus olhos encontraram os dele e o pesar que vi refletido ali me impactou.

— O que foi? — perguntei, embora sentisse um pouco de medo da resposta.

— Minha prima pode ter errado muitas vezes, mas eu acho que ela fez isso apenas porque estava perdida e desesperada demais para não cometer uma besteira — começou a falar, respirando fundo em seguida, e titubeou um pouco, antes de prosseguir: — Antes que eu lhe diga, quero ter certeza de que você também não cometerá nenhuma burrada, irmão. Quero ter certeza de que a ama de verdade, porque não quero ver nenhum dos dois feridos outra vez. — Um suspiro trêmulo escapou dos meus lábios e ofeguei com o tom um tanto doloroso. Eu tive a certeza naquele instante de que não gostaria nada do que

estava por vir.

— O que aconteceu, Igor? Me diga logo, cacete! — pedi de forma mordaz, as sobrancelhas erguidas, esperando com o coração aos pulos.

— Me responda o que perguntei! — devolveu, sem deixar se abalar dessa vez.

— Sim, eu amo, agora fale logo o que tem para falar, caralho! — vociferei, a paciência que ainda me restava esvaindo-se rapidamente.

— Ama mesmo? — quis saber, colocando um outro envelope em minha frente, um que nem ao menos havia notado que segurava, e, então, ao abri-lo, meu mundo simplesmente ruiu.

Puta que pariu, eu não podia acreditar!

Eva

A linha da vida de uma pessoa é um aglomerado de acontecimentos um minuto após o outro, sem intervalo de tempo, páginas em branco ou pausas em capítulos, afinal, não importa o que aconteça, a vida simplesmente continua, segue em frente, palavras são ditas, e as verdades sempre surgem, quer você queira ou não, nada vai simplesmente parar para que faça uma pausa ou apenas para recuperar a porra do fôlego.

E era assim que me sentia, atropelada por um trem desencarrilhado, com medo do minuto seguinte, temendo que minha mentira fosse descoberta e qualquer chance de felicidade que eu pudesse ter me fosse tirada como todo o resto fora. Mas o que eu poderia dizer que tive além de mim mesma?

Quando eu era pequena, meu pai costumava repetir uma frase de Maquiavel: “Todos veem o que você parece ser, mas poucos sabem o que você realmente é”. A verdade é que sempre fui uma garota sozinha, sem o carinho e amor dos pais, sem amigos, nem ninguém. E na única vez que me senti importante para alguém, acabei sendo magoada por ele, tendo meu coração quebrado, e me tornei o oposto do que eu realmente era, apenas em uma tentativa desesperada de vingança e mendicância de afeto e atenção que jamais tive.

Talvez se minha mãe ou pai tivessem me criado verdadeiramente e não tivessem deixado-me à mercê dos cuidados dos empregados, em vez disso, e

demonstrassem acreditar, ao menos uma única vez, que eu não era apenas um estorvo e mais tarde a única chance de tirar a família da lama, tudo poderia ser diferente. Eu não estaria ali agora, à espera do resultado de um teste que poderia mudar a minha vida.

E é por isso que a situação era tão nociva, como um grande tanque de areia movediça que vai me afundando cada vez mais, até eu estar completamente submersa. Não podia continuar mentindo. Simplesmente não podia.

— Senhora Caravaggio? A senhora tem visitas — uma das antigas empregadas da casa informou com um leve toque na porta do lavabo.

— Já estou indo! — gritei através da porta fechada e por um segundo ou dois ponderei se esperaria por aquele resultado ou simplesmente veria logo quem era ou o que queria. Optei pela segunda opção.

Ajeitando o vestido levemente folgado na região da cintura, fixei os olhos no local, desejando tanto não me sentir daquele jeito, porque independente de qualquer coisa, estando com Taddeo ou não, se estivesse grávida jamais me sentiria tão sozinha outra vez.

Eu tinha que estar grávida... Eu precisava estar...

— Só vou dispensar quem quer que seja e vou verificar o resultado — eu disse para ninguém em particular, antes de respirar fundo e sair do lavabo no primeiro andar.

Ainda era estranho atravessar aquele corredor que por tantos anos fora a minha casa e vê-lo tão diferente de outrora, antes ele parecia tão sombrio e frio, no entanto as cores e calor pareceram ter tomado conta de cada pedaço do lugar. Apesar de ter nos mudado há mais de uma semana, aquela sensação de estranheza não passara com o decorrer dos dias, e talvez nunca passasse, já que estar ali fazia-me sentir exatamente como o ditado dizia, uma estranha no próprio ninho.

O barulho dos meus saltos ecoava pelo chão enquanto eu seguia até a sala e quase tropecei quando recuei um passo, ao dar de cara com as pessoas que estavam à minha espera.

Merda! O que elas estavam fazendo ali?

— Olá, Eva — Antonella Caravaggio me cumprimentou enquanto eu permaneci ali, ainda chocada com a presença delas na minha casa.

— Oi — balbuciei de forma débil, ainda sem conseguir fazer muito mais do que piscar.

— Olá, Eva — Stephanie emitiu com um sorriso perigoso no rosto e com o coração quase na boca, me limitei a menear a cabeça. — Podemos nos sentar? Ou não somos bem-vindas? — testou, erguendo as sobrancelhas de modo provocativo, os olhos azuis ardendo, desafiadores.

Droga! Eu estava ferrada!

— Claro... Er... desculpe, fiquem à vontade. Eu só não estava esperando por uma visita. — Apontei para o sofá, visto que eu não tinha alternativa a não ser ser educada. Ainda que sentisse que aquela visita tinha um motivo. Um que talvez eu não gostasse.

— Obrigada, Eva. Todavia, acredito que você, no fundo, sabia que viríamos. — Stephanie sorriu outra vez enquanto se sentava, sendo acompanhada por Dona Antonela, que ocupou o lugar ao seu lado, e ainda desconfortável, sem escolha, acabei me sentando também.

— Vocês querem beber alguma coisa? — indaguei, tentando esquecer meu súbito nervosismo por estar sozinha com as Caravaggios mais assustadoras e sinceras, e elas negaram de pronto.

— É muito gentil da sua parte perguntar, Eva. Mas não foi para isso que viemos — Antonella soltou e Stephanie concordou, sorrindo de maneira dócil. Contudo, eu não me enganava com aquela falsa amabilidade, eu conhecia muito bem a Princesa.

— E o que seria? — eu quis saber, engolindo em seco em seguida.

Os cabelos platinados da Princesa caíam em ondas pelos ombros da mulher esbelta que nem mesmo parecia ter dado à luz há poucos meses, os fios claros conferindo-lhe um ar angelical, mas que por trás do sorriso escondia uma pessoa ardil, que não tinha papas na língua e jamais levava desaforo para casa. Se tinha uma característica que ela usava com afinco era a sinceridade, e todos que tinham a chance de conhecê-la sabiam bem disso.

Stephanne Di Montalccino desafiava todos os dias as regras que a sociedade impusera para uma princesa. E mais do que isso, desafiava o sistema da monarquia, tradições e costumes, não tinha nada de princesinha de conto de fadas, na verdade, ela estava mais para uma princesa guerreira, que fazia questão de mostrar sua garra. Eu a admirava, de verdade. Admirava o fato de ela não se importar em agradar ou não as pessoas, pois para ela tinha que ser do seu jeito, e o resto que se danasse. Eu tinha inveja daquilo, da sua impetuosidade, da coragem de ser quem era, de ser tão cheia de vida e luz. Por ser autêntica e verdadeira em sua essência.

Ainda assim, eu não era uma pessoa bem quista aos seus olhos e vê-la sorrir para mim daquele jeito trazia-me um medo do caramba e uma sensação terrível no estômago. Foi quando senti-me um pouco zozza e agradeci por estar sentada, ainda assim me forcei a ser mais forte do que podia ser e respirei fundo, tentando não me intimidar.

— Você está bem? — a loira perguntou quando me viu vacilar, o tom antes sisudo sendo substituído pelo tom meio maternal, mexendo comigo, afinal, eu

não estava acostumada a ter pessoas se importando com como eu me sentia.

— Vou pedir que tragam uma água — ouvi Antonella dizer enquanto se levantava, mas sequer tive forças para discordar ou dizer que não precisava.

— Eu acho que ela está tonta. Deve ser uma queda de pressão, olha como está pálida, parece que todo seu sangue se esvaiu — Stephanie emitiu baixinho, pegando meu pulso para verificar os batimentos cardíacos.

— Eu estou bem — consegui falar em um fio de voz.

— É claro que está! — Steph soltou, irônica. — Fique quietinha, não quero ser acusada de te matar sem que eu nem mesmo tenha tido a chance de abrir a boca! — Ela bufou, sarcástica, demonstrando seu desgosto.

— Aqui está a água. — Antonella retornou logo em seguida, trazendo um copo, e me ajudou a sorver a bebida gelada, que, de fato, ajudou a melhorar a tonteira e principalmente a garganta subitamente seca.

— Acho melhor você se deitar, Eva. — A voz de Stephanie era baixa e gentil, mas ainda assim o timbre não dava brechas para contestação.

Não discordaria dela nem se eu quisesse mesmo. De fato, não me sentia nem um pouco disposta a continuar a fingir, dizendo estar bem, quando claramente não estava.

— Er... Eu acho que você tem razão... — emiti em reconhecimento, mas aparentemente Stephanie tinha mais a dizer:

— Claro que tenho. Você ainda não sabe, mas vai aprender que sempre tenho razão, cunhada. — Sorriu arrogante, e, mesmo que me sentisse fraca, ainda assim me vi retribuir.

— Vamos, nós te ajudaremos a se acomodar no seu quarto — Antonella disse, fazendo um alarme soar dentro da minha cabeça quando lembrei que elas não poderiam ir até meu quarto, pois descobririam que eu ainda permanecia no antigo, enquanto Taddeo passara a ocupar a antiga suíte master que pertencera aos meus pais, embora tenha feito uma grande mudança.

— Não, não! — apressei-me em discordar. — Eu acho que vou me deitar aqui mesmo. Não gosto de ficar lá em cima sozinha, prefiro esperar Taddeo chegar, o que não deve demorar. — Tentei não parecer tão alarmada com a sugestão, porém dada a forma que as duas se entreolharam, talvez eu tenha dado bandeira demais.

Que droga!

— Tem certeza? — Steph quis saber, um tanto desconfiada, e me vi forçando um sorriso, ainda que me sentisse atordoada, meneando a cabeça em seguida.

— Sim — respondi, esboçando um leve sorriso, mas não recebi o mesmo em cortesia de nenhuma das duas, que pareciam realmente preocupadas com

meu estado.

— Tudo bem então. — A loira se afastou, pegando a bolsa de marca, virando-se para me encarar outra vez. — Qualquer coisa que precisar, nos avise. De qualquer forma, amanhã voltamos para ver como você está. — Registre as últimas palavras da Princesa e finalmente o sangue pareceu voltar a fluir pelo meu corpo.

Ela estava brincando, certo?

— Amanhã? — Ela assentiu, os olhos azuis fitando-me profundamente, à espera de que eu discordasse. — Tudo bem — murmurei em resposta, ainda que eu não estivesse *okay* com nada daquilo.

— Até amanhã, Eva. Melhoras para você. — Antonella sorriu e pela primeira vez a velha senhora não parecia prestes a soltar sua ironia habitual.

— Até amanhã — Stephanie também falou, e eu forcei um sorriso novamente.

— Até amanhã — repeti debilmente e, depois de se despedirem, segui-as com o olhar. Assim que a porta da entrada bateu, um suspiro trêmulo me escapou.

Merda! Por pouco escapei das duas!

Claro que não fora de maneira proposital ter passado mal logo no início daquela visita, mas eu sinceramente estava aliviada, pois não tinha tanta certeza de que poderia lidar com as duas sozinha. Stephanie e Antonella eram como a força da natureza, impossíveis de conter, o máximo que podíamos tentar fazer era minimizar os danos causados pela catástrofe que eram juntas.

Contudo, eu tinha que aprender a lidar com elas, caso quisesse sobreviver naquela família, o que significava que no dia seguinte teria de ser uma excelente anfitriã. Se fosse bem-sucedida, talvez acabasse de uma vez não apenas com o clima ruim que pairava no ar a cada novo encontro, mas também com as desconfianças sobre meu relacionamento com Taddeo e que poderia colocar tudo a perder.

Sim, Eva. Você tem que fazer dar certo!

Eu tinha apenas que não me deixar intimidar pela Princesa da Campavia e a matriarca da família Caravaggio. Apenas isso.

Deus, eu precisava de ajuda para que aquilo não tivesse um efeito tão devastador!



Em algum momento acabei cochilando no sofá, estava mesmo cansada das noites maldormidas. Acordei de súbito, arfando na penumbra, sentindo o coração

acelerado, e notei que não estava mais deitada na sala, e sim na cama do quarto de Taddeo, o que significava que eu tinha sido levada até ali. Meus olhos vagaram pelo ambiente escuro e encontraram os dele, fixos nos meus, sentado na poltrona ao lado de onde eu repousava, como se tivessem me observado enquanto dormia.

— Oi — sussurrei, sentando-me na cama sem deixar de fitá-lo.

Taddeo não disse nada, apenas permaneceu imóvel, calado, o maxilar cerrado, a expressão séria de quem parecia incomodado por algum motivo.

— Aconteceu alguma coisa? — eu quis saber, encarando os olhos que pareciam escuros e sem brilho, quase sombrios. Engoli em seco, um frio estranho tomando conta de mim de repente.

— Nada — ele se limitou a dizer e com destreza de um caçador indo em busca da presa, se aproximou devagar. Quando o fez, toquei seu rosto, e ele estremeceu sob meus dedos.

O sorriso que recebi me lembrou dos nossos primeiros dias de casados, onde ele fazia de tudo para me machucar, infligindo tanta dor quanto possível, mas ao passar dos dias o gélido dera lugar ao cálido. E por algum motivo aquele homem frio parecia ter retornado. Ainda assim, por alguma razão que me escapava, eu precisava do toque dele... Desesperadamente.

Taddeo também pareceu se sentir da mesma maneira, pois me puxou pelos cabelos da nuca, os olhos duros, encarando-me como se quisesse enxergar tudo que tentava esconder, ainda assim não parecia ser capaz de disfarçar o desejo que era muito maior do que a tempestade que tomara conta dele.

Sem proferir uma palavra, a boca tomou a minha num beijo selvagem, as mãos masculinas deslizando pelo meu corpo com possessividade e rudeza. Despiu-me rapidamente e então deslizou os lábios pelo meu pescoço, sugando em seguida meus seios com avidez e separando-me as pernas, introduziu dois dedos em mim. E depois de me fazer voltar a deitar-me na cama, arreganhou minhas coxas para em seguida abocanhar o sexo sedento por ele.

Taddeo parecia esfomeado enquanto me chupava e lambia, rosnando como um animal completamente fora de si. Joguei a cabeça para trás quando ele alcançou com os dedos um ponto perfeito dentro de mim, misturado com a eficiência da língua que circulava meu clitóris.

— Você adora isso, não é, sua diaba? — A voz dele era dura quando perguntou e nem mesmo esperou por uma resposta, voltando a sugar minha carne com força, chupando, devorando-me, como a melhor das sobremesas. Comendo-me e me enlouquecendo de uma maneira que lhe era tão peculiar que eu não podia fazer nada além de gritar pelo prazer que me proporcionava.

Meus quadris se mexiam por vontade própria contra sua boca, querendo,

implorando por mais. Meu corpo se sacudiu quando as leves sucções e lambidas perfeitas me levaram à beira do orgasmo, cada pedaço meu se sacudindo violentamente enquanto gozava, chorava, seu nome saindo de minha boca como uma oração.

Quando se levantou, tentei pensar em algo para dizer, mas simplesmente não consegui quando o olhar feroz e cheio de luxúria me paralisou. Em seguida ouvi o barulho do zíper sendo aberto e antes que pudesse sequer retornar por completo do êxtase, senti meu sexo sendo preenchido num golpe vigoroso, esticando-me até o fundo. Um grito me escapou, pois ele era muito grande e grosso, não era tão fácil de levar e seria o suficiente para me rasgar totalmente, se eu não estivesse completamente encharcada.

Arfei, sentindo-o tirar tudo e enfiar novamente de forma ainda mais bruta, e ele não parou, continuou me comendo sem trégua, penetrando-me profundamente com movimentos quase furiosos. Arremetendo contra mim com uma ferocidade e maestria, deixou-me insana, estremecendo e gemendo, quase à beira do orgasmo outra vez.

Uma onda de prazer reverberou pelo meu corpo, intensificando a cada arremetida, e logo gozei novamente, chamando seu nome em um grito agudo, tudo em mim vibrando em meio ao delírio. Com uma risada cruel, Taddeo aumentou a velocidade dos golpes precisos, a pélvis se chocando violentamente contra mim e querendo-o louco, apertei seu pau com meu interior e ele soltou um palavrão quando o fiz, ainda assim não parou.

Mole sob o corpo dele, estava como sempre completamente entregue, dominada. Era a submissa dele, a que ele tanto gostava que eu fosse e a que eu tinha prazer em ser, por e para ele. Gritei outra vez quando um rosnado animalesco saiu da sua garganta e Taddeo passou a me foder, realmente a me foder em todos os sentidos da palavra. Ele foi impiedoso e não parou, meu corpo todo sacudindo com a violência de seus golpes, o êxtase vindo ao meu encontro outra vez.

Um som estrangulado lhe escapou, antes de grunhir, quase como se estivesse agonizado e de alguma maneira aquilo o tivesse feito sentir dor, então jogou a cabeça para trás, fechando os olhos, estremecendo longamente, entregando-se ao clímax. O corpo grande e musculoso estremecendo, até os movimentos diminuírem a velocidade e então finalmente parar, arfante.

Os olhos azuis ainda estavam escuros, encarando-me tempestuosos. Estava meio zozza ainda e diferente das últimas vezes que prolongava mais nossos momentos juntos, Taddeo soltou-me bruscamente e então levantou-se de uma vez. A expressão fria estava de volta quando começou a se recompor e se vestir com rudeza.

Algo estava acontecendo, eu sentia. Só que não deixaria que nada lhe perturbasse ou o afastasse de mim outra vez. Não quando começava a nos sentir tão próximos, e eu amava aquilo. Levantei-me na cama com o intento de ir até ele, e quando notou o que eu faria, encarou-me de forma fria.

— Chega! Acabou a mentira, Eva! Eu já sei de tudo! — O tom dele era sombrio de tal modo que me fez sobressaltar e não me atrevi a aproximar-me mais. — Quero que vá embora! Agora, sua mentirosa!



Capítulo 7

QUANDO A MENTIRA RUIU...

Eva

Oi? O que ele disse?

— O-o quê? — balbuciei a pergunta, sentindo-me fraca e zozna, de repente, meu peito se apertando de forma dolorosa.

Rindo com escárnio, arfei ante a intensidade me penetrando através do par de íris claras que tornaram-se tão escuras. Minha pele quente, quase febril, era como um contrastante com o gelo encontrado ali, gritando silenciosamente o quanto me desprezava e também odiava.

— Quero você fora daqui! Fora da minha casa, da minha vida! — bradou em fúria, e eu arregalei os olhos de pronto, fitando-o boquiaberta, completamente assustada.

— Por quê? — quis saber num fio de voz, e ele riu com escárnio, como se não acreditasse que eu tivesse tido a coragem de lhe fazer aquela pergunta.

— Eu preciso mesmo dizer, Eva Carrara? — Seu tom enganosamente calmo me deu calafrios quando perguntou, ainda assim decidi não recuar. — Vai mesmo continuar a fingir que não sabe do que estou falando? Quer mesmo que eu acredite nesse seu teatrinho, quando sei muito bem que não passa de uma mentirosa?

— O-o que está dizendo? — gaguejei, a tontura que me acometeu fazendo-me cambalear e me escorar no móvel mais próximo.

— Como você é cínica, mulher! — Ele riu sem humor algum. — Eu sei muito bem que forjou tudo, que não está grávida coisa nenhuma! — bradou em fúria, pegando um envelope na mesa, jogando-o em cima de mim em seguida. Ofeguei, assustada, o coração batendo como um louco no peito. — Por quanto tempo achou que conseguiria me enganar? Achou mesmo que seu ardil daria certo? Que eu não notaria que não estava mesmo grávida?

— Eu não queria te enganar — admiti constrangida, minha voz trêmula pelas lágrimas que não ousei tentar esconder, e Taddeo gargalhou enquanto me

vestia com um roupão. — E-eu acho que... — calei-me, pois não podia dizer a ele que achava que estava grávida agora, porque ele não acreditaria, certamente. Não quando tinha em mãos provas contra minha inocência.

— Nada do que você disser vai me fazer mudar o que eu penso — ele me cortou mordaz, e eu me engasguei com meu próprio choro. — Como pôde? Como pôde fazer isso comigo? Outra vez enganar-me, forjando uma gravidez, fazendo-me acreditar que era diferente do que sempre julguei ser. Tudo isso para quê? Para me manipular e roubar?

— Não! Eu juro que não! — eu me apressei a dizer, e ele balançou a cabeça, enojado, a raiva criptando nas íris escuras. — E-eu te amo. Isso nunca foi mentira, Taddeo. Eu sempre te amei. Eu queria sim ficar com você e, no desespero para salvar a minha família, acabei mentindo e dizendo estar grávida! Por favor, acredite em mim! — Tentei soar firme, mas meus olhos se fecharam e a voz saíra vacilante, sem nenhuma convicção por causa daquele aperto forte que sentia, incômodo, daquele jeito que parecia me impedir de respirar.

— Eu não posso nem culpá-la tanto, pois como diz o ditado: *Me engane uma vez, a culpa é sua. Me engane duas, a culpa é minha*. Parabéns, Eva. Você conseguiu o que queria, me enganar, mas isso acaba aqui e agora. Vá embora! Suma daqui! Não quero mais vê-la em minha frente! Nunca mais! — despejou de pronto, os olhos em fogo me dizendo o quanto queriam me ferir, ainda assim, engoli o choro quente e doloroso da tristeza e humilhação.

— Taddeo... eu... — Não consegui completar, ante o olhar cortante e perigoso, nem mesmo conseguiria, a tontura parecendo ganhar, e as forças que usava para me manter de pé simplesmente se esvaíam a cada segundo que passava.

— Não que eu lhe deva satisfação, mas estou indo viajar essa noite e quando retornar amanhã pela manhã, espero que já tenha ido, caso contrário, eu mesmo irei colocá-la para fora da minha casa! — rugiu, o timbre baixo, perigoso, de forma a se infiltrar na pele. Sem esperar por uma resposta, me deu as costas e saiu.

Quando a porta bateu, tudo o que consegui fazer foi permanecer ali, estática, como se meu corpo pesasse uma tonelada e eu fosse incapaz de movê-lo. Era o peso da culpa, do desespero, da dor pela perda... As lágrimas vieram com tudo, o choro rasgando a garganta e no exato instante em que as pernas vacilaram, desabei ao chão.

Meu corpo tremia violentamente, tonta e nauseada. Todo o ar pareceu se esvaír dos meus pulmões, o coração acelerado, sentia-me prestes a desmaiar. Um nó se formara na minha garganta, um medo profundo, desesperador, de que tudo de que tentei fugir me encontrasse. Um desespero cruel de saber que estava

sozinha, sem Taddeo, sem ninguém e sequer tinha para onde ir.

As lágrimas caíam incessantes e fui incapaz de conter os soluços que me rasgaram a garganta. Mentir para Taddeo poderia ter sido errado, mas ao lado dele cheguei a acreditar, mesmo que por pouco tempo, que as coisas poderiam ser diferentes para nós. Só que era tarde, eu havia perdido a minha chance. Era horrível, doloroso demais. Mesmo que, no fundo, soubesse que aquela havia sido uma escolha minha, que poderia acontecer aquilo, no fim, eu era a única culpada por estar daquele jeito.

Eu e minhas estúpidas escolhas! Burra, como pude ser tão burra?

Por horas entreguei-me ao pranto, deixando que as lágrimas que derramava expurgassem um pouco da dor que eu carregava, mas fora em vão. Ela ainda estava ali. Pungente, angustiante... Torturante. Era um tipo singular de dor, um que parecia ser a minha companheira naquela jornada.

Taddeo

Assim que saltei do carro uma lufada de ar frio me trouxe de volta ao presente, o vento forte destoando do dia quente, lembrando a mim mesmo como me sentia por dentro, em brasas, queimando em puro ódio, como lava líquida de um vulcão prestes a entrar em erupção.

A mentira de Eva ainda parecia fazer parte de um pesadelo, um do qual aparentemente eu não conseguia acordar. Mesmo depois de tudo que fizera, vê-la chorar ainda me fez querer arrancar-lhe a dor do peito, dizimar todo sentimento ruim que lhe atingia. No entanto, não era tudo uma mentira? Tudo com ela sempre fora uma, certo? Nada daquilo era real, como deixar o orgulho de lado e esquecer tudo?

Eu não podia, já havia sido tolo demais quando o assunto era Eva. Toda as vezes em que permiti que entrasse em minha vida, que abaixei a guarda mesmo sabendo que Eva era minha kryptonita, meu algoz, ela simplesmente fazia o que queria comigo, destruindo-me por dentro no processo, e no final não restava nada além de um vazio doloroso no peito. Mas juro que aquela seria a última vez que daria aquele poder a ela. Jamais permitiria que ela se aproximasse outra vez.

— Ouviu o que eu disse, filho? — meu pai perguntou, e pelo visto ele estava falando alguma coisa, que no meio do meu torpor sequer ouvi ou reparei.

— Desculpe, pai. Mas não ouvi — fui sincero e ele franziu o cenho, fitando-me com intensidade.

— Aconteceu alguma coisa? — ele quis saber, parecendo preocupado de repente.

— Não, está tudo bem. Só preocupado com alguns problemas que tenho que resolver quando voltar para casa. — Abanei uma das mãos, em sinal de descaso, ainda assim, a expressão receosa do meu pai não se aliviou.

— E esse problema por um acaso tem a ver com sua esposa? — perguntou, analisando-me com atenção, e baixei a cabeça, com medo de ele descobrir a pequena mentira que eu estava prestes a soltar.

— Não, está tudo bem. — falei a primeira coisa que veio à cabeça, o que não pareceu ser bom o bastante para ele.

— Tem certeza? — testou, estreitando os olhos em minha direção, e me limitei a assentir. — Você sabe que pode falar comigo, não é, filho? Você não precisa carregar tudo só para si. Estou aqui. — Engoli em seco, antes de aquiescer devagar, balançando a cabeça, sentindo-me de repente bobo por querer me abrir com meu pai.

— Está tudo bem. Tudo vai estar resolvido quando eu voltar — foi o que eu disse, esperando não estar errado, e ele assentiu, mas não disse mais nada quando nos aproximamos do helicóptero, que tinha os rotores girando com delicadeza.

Estava à nossa espera, pronto para decolar. Marc, nosso piloto, se aproximou correndo e trocamos um aperto de mão.

— Tudo pronto, senhor Caravaggio — ele gritou para que fosse possível escutá-lo acima do som dos rotores do helicóptero.

— Todas as verificações foram feitas? — eu quis saber, porque embora a pequena aeronave fosse segura, todo cuidado com os procedimentos de segurança tinham que ser conferidos a cada novo voo.

— Sim, senhor.

— Então podemos ir — foi o que falei, e o piloto assentiu, antes de ocupar o lugar ao lado de onde eu ficaria, pilotando o helicóptero.

— Você vai mesmo pilotar? — meu pai inquiriu, franzindo a sobrancelha no processo, parecendo não muito certo da minha escolha.

— Claro que sim — respondi, fitando-o curioso, não entendendo o motivo da sua reticência, quando além de saber da minha experiência, ele também já voara inúmeras vezes comigo no comando.

— Você não parece muito bem, filho. Talvez devesse deixar Marc nos levar hoje — tentou dissuadir-me, mas eu o ignorei, começando a me sentir irritado por aquela preocupação descabida.

— Isso é ridículo, estou ótimo! — resmunguei, emburrado, bufando em seguida, para então me abaixar para passar pelos rotores. Sem esperar por ele, abri a porta antes de subir.

Ainda em silêncio, coloquei o cinto e o fone de ouvido, antes de começar as verificações que antecederiam o voo. As luzes do painel estavam verdes, sem qualquer sinal de alerta, e depois movi a alavanca em posição de voo, outra vez vendo que tudo estava em perfeita ordem. Ligando o rádio, falei com a torre esperando a permissão para decolar, quando a consegui, ergui a alavanca fazendo o helicóptero subir de maneira suave e elegante como um lindo pássaro, em direção ao nosso destino.

Eu amava a emoção que sentia durante a decolagem e sentia-me mais cada vez mais em paz à medida que ganhava altitude. Quando atingimos a altura ideal, deviei alguns graus para o sul, antes de seguir por aquela direção por quase trinta minutos.

— Estamos quase lá — o piloto anunciou, quando uma luz piscando no horizonte revelara ser a do heliporto que nos aguardava para pousar.

À medida que nos aproximamos, as pequenas propriedades iluminadas surgiram em meio à paisagem, como uma pequena maquete arquitetônica. Como era de praxe, inclinei lentamente o helicóptero e segui margeando o mar campaviando, aproximando-me da chegada do ponto de aterrissagem. E foi pelo canto do olho que vi acender a luz de alerta.

Que porra era aquilo?

— O que... — Não tive tempo de sequer completar o que eu diria, pois uma fumaça começou a sair do motor, fazendo-nos declinar.

Putá que pariu!

Não havia dúvidas, um dos motores estava pegando fogo. Marc entrou rapidamente em contato com a torre de transmissão, informando o que estava acontecendo ao me ver seguir conforme o protocolo, desligando o primeiro motor. Para o fogo não se alastrar para o segundo, ele então usou o extintor para apagá-lo, ao passo que eu verificava as condições de pouso com apenas um deles em funcionamento.

Em meio à penumbra do horizonte, procurei um lugar seguro para pousar, mas para isso precisava voar mais baixo e próximo à praia, e foi quando avistei um local sem árvores no extremo sudeste. Prestes a mandar um sinal pelo rádio para avisar que faríamos um pouso de emergência, uma luz acendeu no painel, indicando que o fogo também fora para o segundo motor.

— Taddeo! — meu pai chamou meu nome, o tom dele era alarmado, assim como o olhar de Marc ao meu lado.

Caralho, o que eu faria?

Minha mão apertava com força a alavanca do coletivo quando a fumaça adentrou a cabine, e depois de abrir as janelas e checar depressa todos os equipamentos, o painel passou a piscar loucamente, feito uma árvore de Natal, indicando que a parte eletrônica estava começando a falhar. Eu não tinha mais tempo a perder, tínhamos que pousar de qualquer jeito.

Nós nos aproximávamos depressa do chão, e se eu não manejasse o helicóptero de forma correta, tudo ali poderia explodir e nos matar no processo. E depois de inspirar profundamente, iniciei uma manobra conhecida como autorrotação, onde trocamos a altitude por velocidade e para realizá-la desacoplei o rotor principal do motor, que era como desengatar o carro em alta velocidade em uma estrada. O câmbio desacopla do motor, mas a inércia mantém o carro em movimento, no caso, se estiver em uma descida, o automóvel trocará a altura da rua por velocidade. O mesmo ocorria no helicóptero, mas a diferença é que ali necessitávamos do fluxo de ar ao redor da fuselagem para manter o controle.

E foi o que eu fiz e quando nos chocamos ao chão, eu não senti nada, nem mesmo a dor em meu coração. Mas a última coisa que vi antes de tudo apagar foi o rosto de Eva.

Eva

Eu chorava copiosamente, triste, inconformada, os soluços balançando meu corpo com força naquela noite e sentia-me tão pequena e sozinha no chão, que nem mesmo dei-me conta de que peguei no sono no tapete felpudo do quarto de Taddeo. Quando abri os olhos já era dia, sentia-me um tanto desorientada, as pálpebras pesadas, inchadas de tanto chorar, e, embora parecesse, minha vida não havia acabado e o fato de estar acordando naquele lugar era prova daquela estupidez.

Ainda me sentindo fraca e meio zozna, sentei-me na cama, a consciência retornando aos poucos, e não demorei a me dar conta de que não podia ficar ali parada. Não quando Taddeo havia sido claro e minhas horas estavam contadas. Além do mais, eu tinha certeza de que revê-lo só faria a ferida aumentar ainda mais, então o melhor mesmo era tomar meu rumo antes que ele retornasse.

Envolta em um roupão, andei o mais rápido que pude até meu antigo quarto

e pelo relógio da cabeceira da cama vi que ainda não eram nem mesmo seis da manhã. Não sabia a hora que Taddeo retornaria, mas preferi não me arriscar e comecei a arrumar as malas sem nenhum cuidado, jogando tudo de qualquer jeito, sem sequer me importar realmente se abandonaria alguma coisa.

Encarei o anel em meu dedo anelar e tudo que conseguia sentir era desespero, como se o aro de metal pesasse toneladas, assim como as minhas mentiras. Eu queria tirá-lo dali, deixá-lo para trás, assim como aquela vida repleta de inverdades que vivi no último mês, mas algo me impedia de fazê-lo e acabei deixando-o exatamente onde estava. Dei uma última olhada ao redor, encarando por mais alguns segundos aquele lugar que por tanto tempo fora meu lar e com uma inspiração profunda finalmente bati a porta e saí.

A cada passo dado, mais e mais lágrimas eu derramava e enquanto descia as escadas que levavam ao térreo, achei que não fosse conseguir fazê-lo sem desmoronar. Respirando fundo, descí degrau por degrau e quando estava terminando a minha descida, a porta da entrada se abriu em um rompante, e por ela passou um Théo, agoniado.

— Eva! — o meu nome foi dito com certo pesar e eu engoli em seco, limpando minhas lágrimas de qualquer jeito com a mão livre. — Você já soube? — a voz dele parecia carregar tanta dor, e eu descí o último degrau, ainda sem entender o que estava acontecendo. — Ele vai ficar bem — emití baixinho, como se quisesse garantir aquilo para si mesmo também, e aquilo me impactou.

— Ta-Taddeo... — Não consegui completar a minha frase, a preocupação de que alguma coisa pudesse ter acontecido com ele me deixando zonzá, e joguei a mala que carregava de qualquer jeito no chão.

— Ainda não sabemos muito. — Théo engoliu em seco, parecendo não conseguir prosseguir, ainda assim o fez. — Ele estava pilotando o helicóptero, ia com nosso pai a Valentim para uma reunião com os produtores de vinho da região que aconteceria agora pela manhã, mas decidiram ir à noite, para não perderem muito tempo, e ao que parece tentaram um pouso de emergência.

— E-eles estão feridos? — balbucieí, trêmula, e Théo fechou os olhos, como se também sentisse dor.

— Não sabemos nada além do que já falei, apenas que o Corpo de Bombeiros Militar está na região para prestar os primeiros socorros. — Tentei não pensar no peso daquelas palavras, mas foi em vão. Doía para caramba.

Eu não conseguia pensar, apenas sentir, e quando dei por mim, voltava a chorar com desespero. Théo murmurou alguma coisa, mas eu não entendi, nem mesmo me dei ao trabalho de fazê-lo. Tudo em mim se resumia ao coração batendo num ritmo alucinante, doendo, sangrando. Assim como ele provavelmente estava.

— Ele vai ficar bem — Théo repetiu, antes de me abraçar, e aos prantos agarrei-me a ele com desespero, como gostaria de fazer com o homem que eu amava.



Nem lembrava como acontecera, mas acabamos indo parar no hospital. Em um momento, eu chorava desesperada nos braços de Théo, ao receber a notícia de Taddeo, e no seguinte, estávamos reunidos à espera de qualquer notícia sobre o estado de saúde não apenas de Taddeo, mas também de Alano.

Deus! Por que aquilo estava acontecendo?

Todos pareciam preocupados, Sarah parecia inconsolável, porque nenhum de nós fazíamos ideia de nada. Igor me forçou a tomar um café e um calmante, e embora não fosse o que eu gostaria de fazer, obedei apenas para não me dar o trabalho de discordar, mas permaneci calada, no canto, tentando me manter distante de todos. O medo de perdê-lo de modo definitivo estava me consumido, agonizando de tal forma, que não podia falar ou lidar com quem quer que fosse.

Eu só queria que ele ficasse bem. Apenas isso!

A cada segundo que passava sem notícias, parecia ser um a menos de vida, como se minha alma e coração estivessem sendo sugados, assim como cada fiapo de esperança que me restava desde que soube do ocorrido.

Sentada, me vi quase sem conseguir respirar, e quando não mais aguentei, soluzei forte, meu desespero sendo libertado através daquele pranto. Senti alguém se aproximar antes de me abraçar em seguida e, sentindo-me amparada, chorei, sentindo aquela dor excruciante me rasgar por dentro.

Eu não podia perdê-lo!

— Tenha fé, filha. Vai ficar tudo bem — o timbre rouco masculino falara aquilo baixinho, e, arrasada, agarrei-me ainda mais a ele.

— Eu o amo. Não posso perdê-lo — balbucei em resposta, antes de voltar a chorar.

— Não vai, querida. — garantiu-me, antes de se afastar para enxugar minhas lágrimas.

Naquele instante reparei que quem me consolara era o Príncipe Andrew, e me senti de repente envergonhada por ter molhado seu terno caro. Pensei em me desculpar, mas os olhos azuis encaravam-me apreensivos, e saber que eu era motivo de tal preocupação me deixou ainda mais angustiada, porque significava que a situação poderia ser ainda pior do que eu imaginava.

— Eva — pronunciou meu nome com uma seriedade que tornou impossível não encará-lo. — Sei que não nos conhecemos, talvez não seja também o

momento ideal para falar nada do tipo, mas por tudo que ouvi sobre você sei que sua vida não foi nada fácil. Também não sei por que estou lhe dizendo isso realmente, apenas senti em meu coração que você precisa saber que não está sozinha. E se precisar estou aqui. — Ele sorriu enquanto me olhava de modo significativo, e um suspiro trêmulo me escapou ante aquelas palavras, que me trouxeram um sopro de vida.

O que ele dissera me tocara profundamente. Eu conhecia sua história, sabia tudo que havia passado e ainda assim aquele homem que tinha tudo para ser uma pessoa amarga, infeliz, estava ali, parecendo disposto a oferecer apoio e amparo para uma total desconhecida. Alguém que ele sequer fazia ideia do que fizera para chegar até aquele instante.

Minha vida realmente não fora fácil, assim como não foi fácil ser quem era e ainda assim não ser ninguém, contudo, pela primeira vez me senti importante a ponto de alguém se preocupar em me dizer que eu não estava sozinha.

— Obrigada — sussurrei, sentindo meu peito se encher de gratidão por aquele homem que tornara-se uma espécie de herói naquele momento. Ou talvez um anjo.



Meus olhos ardiam enquanto continuava ali, rezando silenciosamente para que estivesse tudo bem, pedindo a Deus que cuidasse deles. Que não permitisse que partissem. Por mais que Andrew tenha conseguido me acalmar, dentro de mim algo grandioso ameaçava se romper e quanto mais tempo passava, mais por um fio me sentia.

Já estávamos esperando por mais de uma hora quando Igor finalmente veio andando apressado pelo corredor, a expressão cansada, um tanto angustiada, e muito tensa, fizera com que a gente se levantasse para ouvir dele a notícia que esperámos receber. E com o coração nas mãos aguardei que ele falasse.

— Eles estão bem? — Théo se apressou a perguntar, quase como se tivesse medo da própria indagação.

— Ainda não posso dizer muita coisa. O que sei é que Alano está a caminho e se encontra estável.

— Mas e Taddeo? — indaguei, e ele respirou fundo, antes de responder:

— Não sabemos. O que a equipe de resgate informou foi que havia mais um tripulante a bordo...

— O que você não está nos dizendo? — Stephanne inquiriu ao vê-lo titubear e com a respiração presa na garganta, o ar me faltou enquanto esperava pela resposta, que veio, de forma dolorosa.

— Um desses tripulantes foi a óbito.

Foi naquele instante que vivenciei a pior dor que já senti: a possibilidade de perder alguém que eu amava e era o sentido da minha vida. As palavras do meu primo foram o suficiente para romper a barreira que me mantinha em pé e então eu desabei ao chão, sendo abraçada pela minha dor.

Com a visão turva, ouvia as pessoas em torno de mim, mas não conseguia me importar com nada além da dor atroz que era saber que havia perdido o homem que eu amava. E a cada novo respirar, trazia-me as memórias de tudo que vivemos juntos. Gritei dentro daquele pesadelo, sentindo-o de forma tão visceral, cruel, vil, que o ar me faltou.

Chorei copiosamente, sem conseguir me conter, sendo embalada por alguém, que tentava falar comigo, ainda assim não escutava. Para quê? Nada mais importava. Nada mais importava para mim. Não quando o havia perdido. Não quando a única pessoa que amei havia partido e me deixado ali sem nem mesmo ter tido a chance de lhe pedir perdão ou uma nova chance. Chorei e chorei. E não queria sentir mais aquela dor, nem sentir mais nada, por isso agarrei de bom grado o momento em que fui levada pela escuridão.



Capítulo 8

MENTIRAS TORNAM-SE REALIDADE...

Eva

Acordei de súbito, sentindo-me tonta e um tanto desorientada. O gosto amargo na boca veio logo em seguida, deixando-me ainda mais zozna. O cheiro forte de iodo que me invadia as narinas em nada me ajudava, na verdade, piorava, pois deixava-me um pouco enjoada e me vi sendo forçada a controlar o estômago revoltado. Abri os olhos devagar e, apesar da escassa luz do ambiente, percebi de imediato onde me encontrava.

Quando finalmente consegui focar no ambiente ao meu redor e notei estar deitada naquela cama hospitalar, foi como me ver acordando dentro de um pesadelo. Tentei me mover, sair dali o quanto antes, mas havia um acesso venenoso no meu braço direito que me impedia de conseguir. Remexi-me de modo impaciente para me livrar dele e um gemido me escapou. Foi quando uma mão masculina me segurou, impedindo meus esforços para manter-me na cama.

— Shhhh! Está tudo bem! — a voz grave cortou o silêncio, soando introspectiva, de modo que não me atrevi a olhar na direção de onde ela vinha.

— Taddeo... — falei o nome do meu amado com desespero, e Andrew silenciou meus lábios com o dedo.

— Ele está bem! Muito machucado, mas bem!

— Mas eu pensei que... — emití em surpresa e senti o aperto compreensivo dele na minha mão.

— Que ele havia morrido? — Assenti, ainda muito chocada, e ele sorriu de modo compreensivo. — Infelizmente, o piloto foi a óbito, mas Taddeo está bem, querida. Nesse momento está em cirurgia.

Fechei os olhos e daquela vez chorei em puro alívio, agradecendo a Deus pelo livramento. Ele estava bem! Ele estava vivo! Ainda sem conseguir parar de chorar, comecei a pedir mais uma vez que intercedesse por ele, que cuidasse do meu amor e não o deixasse partir.

— Não se preocupe com nada agora, ok? — Andrew voltou a falar. — Igor e Anabella estavam aqui até a chegada do seu marido e então ele foi acompanhar

a cirurgia. Bella está com todos os outros à espera de notícias, e como imaginei que você não gostaria de ficar sozinha quando acordasse, me ofereci para vir. Eles pediram que lhes avisasse quando você acordasse. De qualquer forma, vou avisar ao médico de plantão que acordou. — Ainda me sentia zozna, por isso me limitei a assentir.

Deus! Eu só queria me levantar daquela cama e saber do meu amor!

— Como se sente? — o médico indagou ao adentrar sozinho o quarto minutos depois, ao passo que aferia minha pressão.

Queria lhe dizer que estava bem, que queria apenas sair daquele lugar e ficar junto à família de Taddeo à espera de notícias dele, mas o enjoo não permitiu que eu mentisse. Fora que, por mais aliviada que me sentisse, havia um nó enorme em minha garganta e uma vontade insana de chorar, porque ainda temia o que estava por vir. E, verdade fosse dita, eu me sentia culpada. Culpada por tudo.

— Estou bem... Quer dizer — corrija-me rapidamente quando vi as sobrancelhas escuras do plantonista se arquearem. — Só um pouco tonta e nauseada. Mas bem. — O homem à minha frente meneou a cabeça enquanto anotava algo no meu prontuário.

— Compreensível, mediante o abalado emocional causado pelo acidente do seu marido — emitii enigmaticamente, sem desviar os olhos do papel. — Além do quê, é normal no seu estado.

— Meu estado? — repeti debilmente, fazendo o médico voltar a alçar a sobrancelha.

— Sim, claro. A gravidez — ele disse como se fosse óbvio, e me ouvi resfolegar, ainda sem conseguir acreditar no que acabara de escutar.

Meu Deus! Eu estava mesmo grávida?

Levei a mão à boca, chocada, antes de começar a chorar. Coloquei a mão sobre meu ventre e lágrimas silenciosas caíram sem cessar. Algo forte e poderoso parecendo se formar dentro de mim, e eu soube ali que, independente de qualquer coisa, já amava mais do que tudo aquele pequeno que crescia dentro de mim. Eu não estava mais sozinha. Ali crescia um pedaço meu e de Taddeo, que era a minha chance de ser feliz, era minha redenção.

De forma instintiva minha mão acariciou o ventre ainda plano e inevitavelmente sorri através das lágrimas.

— Como tudo está certo nos exames, assim que se sentir melhor está liberada. No mais, aconselho que comece o pré-natal o quanto antes — o médico falou um tempo depois, e eu apenas assenti, emocionada.



Ficar sentada esperando a porra de uma notícia, sem saber se a pessoa que você ama vai viver ou morrer, era uma sensação terrível. O andar havia sido esvaziado para evitar curiosos e nos dar privacidade, todavia o corredor vazio dava um tom ainda mais fúnebre ao momento, e o silêncio também não ajudava em nada, tudo deixando-me a ponto de enlouquecer. Parecia que horas haviam se passado quando finalmente as portas do centro cirúrgico se abriram e de lá saiu um médico acompanhado de Igor.

Meu primo parecia cansado e muito tenso, o que me deixava com o coração nas mãos. Ainda assim, tentei manter o controle e aguardar o que ele diria.

— A cirurgia correu bem. — Igor sorriu, um tanto aliviado, e Anabella correu para abraçá-lo enquanto os outros comemoravam, e eu, enfim sentia que voltava a respirar.

Chorando, os soluços sacudiram meu peito tamanho alívio, e não me importei em mostrar meu pranto, não quando toda aquela angústia dolorosa pareceu se abrandar com a notícia.

— O que aconteceu com ele? — Théo quis saber e Igor titubeou por um segundo ou dois, antes de responder:

— Ele teve duas costelas e a perna quebradas, além de algumas escoriações, mas o que nos preocupou realmente foi o traumatismo craniano grave, que o levou a perder muito sangue. Esse é Ted, o neurologista responsável pelo caso dele, acho que ele pode explicar melhor tudo para vocês. — Meu primo passou a palavra para o médico, que não tardou a começar a falar:

— O paciente chegou ao hospital em coma, com hematomas intra-cranianos e um edema difuso. Tivemos que realizar uma operação com urgência para liberar a pressão em sua cabeça. O inchaço cerebral está cedendo e isso é bom. O estado dele é estável. Nesse caso, são necessárias 48 horas, ou mais, antes de podermos formular previsões — murmurou em resposta, ao passo que tirava a touca da cabeça.

— Quais as chances de recuperação? — foi Alisson quem perguntou.

— Ainda é prematuro fazer previsões sobre o estado de saúde ou recuperação do paciente — o médico respondeu com cuidado. — São necessárias 48 horas para formular previsões, porque dada a gravidade do acidente, parte das vítimas fica com sequelas. — Levei a mão à boca, trêmula, o detalhe do prognóstico pegando-me completamente de surpresa. — Mas temos que ser confiantes, o paciente é jovem, saudável. As próximas horas vão nos dizer como será.

— Podemos vê-lo? — A voz de Sarah foi fraca ao perguntar, e por mais nervosa que me sentisse, dei um passo à frente, porque, se fosse permitido, eu também precisava ir até ele.

Não queria mais do que isso, apenas vê-lo mesmo, para enfim voltar a respirar como deveria, pois apenas quando o visse com meus próprios olhos teria a certeza de que estava tudo bem com ele. Mesmo que aquela fosse a última vez que o veria antes de partir.

— Por enquanto, não, vamos deixá-lo repousar. Nesse momento é importante preservá-lo, pois para evitar que o cérebro sofra muito e que as lesões não se tornem irreparáveis, ele foi colocado em coma induzido e em hipotermia entre 34 e 35 graus para reduzir o consumo de energia do cérebro. Mas prometo que assim que puder os libero para visitá-lo — o médico garantiu, e enquanto eu enxugava minhas lágrimas, tentando não demonstrar o quanto tudo aquilo estava sendo doloroso, Igor fixou os olhos nos meus.

— Ele vai ficar bem, prima — ele disse, antes de vir até mim. Sem pedir licença, me abraçou.

— Obrigada — balbuciei, apertando-me contra seu peito.

— Não tem que agradecer, prima. — Trazendo-me ainda mais perto, ele aproveitou o momento para sussurrar para que apenas eu pudesse ouvir: — Eu espero que me perdoe por ter contado a ele sobre a história da gravidez. Nada construído a base de mentiras dá certo, então senti-me na obrigação de tomar essa atitude pelos dois. Desejo de verdade que agora que carrega mesmo um bebê em seu ventre as coisas entre vocês se resolvam. Eu sei que você o ama e pode não ver isso agora, mas tudo vai ficar bem, eu prometo. — Igor então beijou minha bochecha e com um sorriso no rosto se afastou, ele e todos os outros completamente alheios ao nó que se formara em minha garganta, tornando impossível a tarefa de respirar.

Meu Deus! Eu não podia mais ficar!

Meu segredo estava nas mãos dele. O que eu faria agora? Para onde iria? O que faria da minha vida? Eu não fazia ideia, as únicas coisas que eu sabia era que eu tinha dentro de mim algo mais importante do que a culpa que carregava. Eu iria embora, não podia mais continuar aquela mentira. Só tinha que dar um jeito de ver Taddeo uma última vez antes de partir.



Apesar de um braço quebrado e alguns machucados no corpo, Alano estava bem. Ele até mesmo pôde ir para o quarto e passara a noite tendo o sono velado pela esposa e mãe, que não saíram do seu lado um segundo sequer. Não as culpava por aquilo, eu também faria o mesmo, caso pudesse.

Quando acordou pela manhã, o patriarca da família contou tudo que acontecera no acidente, como o motor começou a pegar fogo e tudo rapidamente

aconteceu. E também como Taddeo conseguiu, quase por um milagre, fazer uma pouso de emergência. Seu filho acabara recebendo quase todo o impacto na aterrissagem e por estar desacordado, Marc, o piloto que apenas acompanhara na viagem, sozinho tentou apagar o fogo do motor com extintor de incêndio, afim de evitar uma explosão, mas foi atingido pelo rotor no processo. Infelizmente ele morreu na hora em uma tentativa de salvar os outros. Morreu como um verdadeiro herói.

Que Deus consolasse a sua família e o mantivesse em um bom lugar!

Foi somente no dia seguinte ao acidente que o médico liberou para visitação. Dada a gravidade da situação dele, Taddeo ainda estava na UTI, mas não poderíamos entrar. Teríamos que nos contentar em observá-lo do lado de fora, através de uma parede de vidro que nos permitia ver tudo que acontecia ali dentro. Não era como gostaria de vê-lo, mas era o bastante. Ao menos por enquanto.

Quando paramos em frente à divisória, fechei os olhos com força e respirei fundo, tentando conter uma nova onda de lágrimas que ameaçavam se romper. Eu não havia sequer dormido na noite anterior, nem mesmo aceitei a sugestão de ir para casa descansar. Primeiro que eu não queria sair do hospital e correr o risco de chegar tarde demais caso tivesse que voltar, segundo porque eu não poderia retornar para aquele lugar, já que ele mesmo havia me expulsado. A bem da verdade, não queria me sentir pior do que já sentia.

A insônia ao menos serviu para alguma coisa e depois de muito pensar, me culpar e charfundar em tanta dor e angústia, fez com que tomasse algumas decisões necessárias para aquele momento em diante. Embora não fosse o que eu gostaria de fazer, estava mesmo decidida a ir embora de uma vez assim que tivesse a certeza de que Taddeo estava bem. E era o que eu faria.

Eu não podia mais continuar na Campavia, não quando ele estaria tão perto e ao mesmo tempo tão longe. Bellini era um lugar pequeno demais para nós dois. Apensar ao fato de que ele tentaria tirar meu filho quando descobrisse que eu estava grávida, não ficaria ali a tempo de ver aquilo acontecer. Continuar ali seria um erro, o melhor mesmo era ir embora de uma vez e tentar recomeçar em algum lugar. Coisa que deveria ter feito antes de inventar toda aquela mentira durante meu momento de desespero.

Respirei fundo uma e outra vez e então finalmente tomei coragem para abrir os olhos, então o vi. Deitado na maca, Taddeo tinha a cabeça enfaixada, alguns curativos nas costelas e outras partes do corpo, assim como a perna esquerda engessada. Além do acesso venoso, ele tinha um tubo de respiração nasal encobrendo o rosto visivelmente mais pálido e seus batimentos cardíacos eram monitorados por uma máquina ao lado.

Foi horrível ver o rosto perfeito completamente cheio de hematomas e mesmo tendo boa parte da cabeça coberta pela faixa, era possível ver que o cabelo impecável fora raspado. Embora aquele fosse um detalhe irrelevante diante do que era realmente importante, pensei no que diria caso acordasse e não encontrasse seu objeto de vaidade como era.

Ofeguei, gemi, estremei, sentindo-me sufocada pela visão do corpo grande brutalmente machucado. O desespero, o medo de perdê-lo para sempre tomando conta de mim de forma inexorável. Eu queria tanto ir até ele e tocá-lo, sentir o calor e maciez da sua pele, o cheiro dele, mas não podia. E talvez nunca pudesse...

A culpa lá novamente, atroz.

Paralisada, assisti à enfermeira ajeitar a manta térmica usada para manter baixa a temperatura do corpo dele, conforme Igor explicava a todos a importância de utilizá-la naquele momento, e por mais preparada que julguei estar para vê-lo, foi impossível me controlar ao deparar-me com aquela cena.

Tive que me escorar para não cair. Foi tão estranho vê-lo daquele jeito tão vulnerável. Doía tanto, porque eu estava acostumada a ver aquele homem grande que eu amava sendo tão forte e altivo o tempo todo. No entanto, agora ele estava ali naquele estado frágil, tão machucado, sem certeza alguma de que sairia daquela com vida. E mais, nada me tirava da cabeça que não era por minha causa.

Via-me prestes a desabar sobre os joelhos, quando fui surpreendida pela mão de quem eu menos esperava me amparar: Stephanie. Com os olhos azuis cheios de lágrimas, os lábios de Steph tremeram, mexida com a cena tanto quanto eu. Não dissemos nada, não precisou. Ela apenas me abraçou em uma tentativa de consolo, parecendo saber que eu precisava desesperadamente daquilo.

Eu não sei em que momento Stephanie me perdoou por todas as besteiras que cometi no passado, mas o fez, e senti naquele abraço apertado que não havia mais mágoa, nem raiva... mais nada entre nós. Chorei ainda mais pelo medo que me aterrorizava por dentro, também pela gratidão por aquela que nem mesmo deveria me olhar na cara, no entanto estava ali me consolando depois de tudo. Mas chorei especialmente de alívio, pois aquele instante infinito com ela me tirara um peso horrível do peito.

E depois daquele abraço tão necessário, comecei a acreditar veementemente que talvez milagres pudessem acontecer.



Sentada na poltrona ao lado da sua cama, eu admirava o lindo rosto adormecido. Os cabelos, que sempre estavam impecavelmente penteados, começavam a crescer depois de terem sido raspados antes da cirurgia. Mesmo que ele não tivesse despertado, levei a mão até a testa, lembrando-me de como ele costumava mexer no cabelo quando estava nervoso. Meus dedos resvalaram nos pequenos cortes na pele, alguns deles já quase cicatrizados, e outros, os mais profundos, com as marcas dos pontos que já tinham sido retirados, curavam-se com o passar dos dias.

Três semanas haviam se passado desde o acidente de Taddeo, e embora os médicos dissessem que estava tudo bem na medida do esperado, quanto mais o tempo passava e Taddeo não acordava, mais medo eu sentia de perdê-lo de verdade. Eu sabia que quando ele acordasse estaria tudo acabado, mas uma coisa é viver sabendo que o homem que eu amava apenas não queria mais ficar comigo, e outra completamente diferente era saber que ele havia morrido.

Não... Aquilo não podia acontecer!

Lágrimas caíam dos meus olhos a cada vez que eu o encarava, deitado naquela cama, e pensava naquela possibilidade, apenas por isso, para querer ter certeza de que ele estaria inteiro depois de tudo, que ainda não havia partido. E eu iria, porque eu tinha fé de que ele sairia daquela com vida e bem. Só que quando aquilo acontecesse, eu estaria longe de tudo no momento seguinte.

Apesar de não estar mais sendo sedado para permanecer em coma induzido e não utilizar mais nenhum aparelho para ajudar a respirar, um catéter ainda levava a medicação necessária para o seu corpo, e dada a gravidade do trauma dele, ainda assim era realizada uma ampla monitorização de todos os dados vitais.

Devido à melhora do quadro clínico, a sedação foi suspensa e uma equipe médica então realizou avaliações que comprovaram que embora ele não tivesse acordado ainda, tudo estava indo melhor que o esperado. No primeiro momento, preocupei-me por não o ver despertar tão logo a medicação foi interrompida, mas o médico me acalmou ao dizer que o tempo variava de acordo com a metabolização do remédio pelo organismo da pessoa, podendo durar por horas, dias ou até semanas. O que era o caso.

Verdade seja dita, as últimas três semanas não estavam sendo nada fáceis. Como não era permitido ficar o tempo todo no hospital, em um momento do dia era obrigada a ir embora, e, como não tinha para onde ir, acabava voltando para casa. Estar em Caverswal tornara-se uma espécie de tortura. Passava a noite agarrada às camisas de Taddeo para poder sentir o cheiro do seu perfume enquanto me deitava na cama dele, como uma maldita arrependida. Ainda assim, sequer conseguia pregar os olhos, mas quando o cansaço levava a melhor, e eu,

por ventura, pegava no sono, era tudo tumultuado, um verdadeiro pesadelo, porque até mesmo os sonhos forçavam-me a lembrar tudo, em especial as últimas palavras de Taddeo, mandando-me ir embora dali.

Ainda que a família Caravaggio e até mesmo os Bellini di Montalccino estivessem sempre presentes, dando o melhor deles para que eu não me sentisse sozinha naquele momento, inevitavelmente me sentia. Acho que me sentiria ainda pior se não fosse a gravidez, porque além de me confortar saber que carregava o meu bebê no ventre, não tardei a começar a sentir todos os prognósticos, o que ocupava boa parte do meu tempo livre, comigo enjoada ou com a cabeça dentro do vaso sanitário.

Igor ainda era o único que sabia que eu estava grávida. Apesar de não concordar, aleguei querer dar aquela notícia primeiro para Taddeo, o que, claro, era mentira, meu primo acabou acatando meu pedido e desde então vinha sendo ainda mais cuidadoso e preocupado com a minha saúde. Além de ter me obrigado a ir ao obstetra e garantido que eu não deixaria de fazer todos os exames solicitados, virava e mexia fiscalizava minha alimentação. Não poderia nem mesmo reclamar, já que era apenas a sua preocupação em nos ver bem.

Esconder a gravidez, mesmo que ainda no início, como era o caso, estava se mostrando uma tarefa árdua, já que, fora na hora de dormir, eram raros os momentos em que não tinha alguém ao meu lado. Sentia-me uma fraude mentindo para todo mundo, só que por mais mal que aquilo me fizesse sentir, era a coisa certa a fazer, caso contrário, Taddeo acabaria descobrindo a verdade e não pararia até arrancar o filho dos meus braços. O que eu não poderia permitir.

Só que por mais decidida que estivesse em partir assim que Taddeo acordasse, ainda era difícil a realização daquele pensamento. E a cada dia que o visitava, que passava um tempo com ele, me doía sobremaneira vê-lo daquele jeito, tão frágil, vulnerável, e segurar minhas lágrimas tornava-se impossível. Eu não queria me despedir. Queria poder ficar, ficar com ele. Criar meu filho com o pai do lado. Experimentar pela primeira vez a sensação maravilhosa que era ter uma família. E ser amada por ele, assim como eu o fazia tão desesperadamente.

Lógico que aquilo não passava de um desejo tolo de alguém que mesmo depois de tudo ainda tinha sonhos adolescentes, pelo mesmo cara por quem se apaixonara no passado, embora, no fundo, soubesse que não passava de um sonho mesmo. Um que jamais aconteceria, porque duvidava muito que Taddeo fosse me perdoar depois de tudo.

— Eu queria tanto que as coisas fossem diferentes, meu amor — falei baixinho enquanto acariciava o rosto bonito e sereno em seu ressonar. — Meu desejo sempre foi viver um conto de fadas ao seu lado. Eu queria ter sido a princesa que você merecia, mas eu só cometi burrada, não é? — indaguei para

ninguém em particular, um sorriso triste despontando em meus lábios em meio às minhas lágrimas. — Me desculpe por tudo.

O aperto doloroso em meu peito me dizia que eu precisava falar aquilo, porque, no fundo, eu sentia que se aproximava cada vez mais a hora de partir.

— Eu te amo, Taddeo... Sempre amei e sempre vou amar. — Roci os lábios aos dele, ressequidos, então limpei as lágrimas e saí dali.



Apesar de passar quase todo o dia no hospital com Taddeo, uma pequena parte desse tempo eu também aproveitava para visitar meu pai. Não havia muito o que fazer no estado dele, já que era mesmo um verdadeiro milagre ele estar ali naquela cama depois da tragédia que quase lhe tirou a vida.

Meu pai estava há meses em coma e talvez nunca saísse. E caso acontecesse, ainda não era possível saber com precisão como ele estaria quando acordasse, provavelmente em estado vegetativo, depois da quantidade de massa encefálica perdida depois do tiro que recebera na cabeça. O que significava que, com certeza, necessitaria de cuidados intensivos de enfermagem e outros profissionais de saúde para o resto da vida. E inevitavelmente lamentava ter de me despedir dele também.

Eu também gostaria que as coisas fossem diferentes para ele, mas infelizmente eram como deveriam ser. Embora tentasse, quando me lembrava de tudo que foi para mim, ainda assim não conseguia odiá-lo, só sentia mágoa, claro, e dor, especialmente pelo que nunca fora.

Era difícil não sentir inveja das outras pessoas que tinham o que eu não tive. Nunca havia tido uma relação de filha com meu pai ou mãe. E pelo visto jamais teria, já que minha mãe havia me abandonado da pior maneira e meu pai estava naquela cama de hospital provavelmente pelo resto da vida.

Nenhuma criança merecia crescer sem o amor e apoio do pai ou família, e mesmo que não tivesse tido nada daquilo, sabia que faria as coisas diferentes com o bebê que eu carregava no ventre. Não permitiria que ele passasse um dia sequer sem saber ou sentir o quanto eu o amava e era importante.

Diferente das pessoas que agora me rodeavam, também não teria um homem que me amava ao lado naquela árdua tarefa da maternidade, nem mesmo uma figura paterna para ser referência para meu filho, mas não seria preciso. Faria o que pudesse e não pudesse para que eu lhe bastasse, seríamos uma família que teria o mais importante de tudo: amor.

— Eva? — alguém chamou por mim em meio ao torpor que me encontrava, e assim que me virei dei de cara com Igor, que sorria com entusiasmo. — Eu

tentei te ligar! Tentei falar com você!

— Acho que esqueci o celular... — foi o que respondi de maneira débil, talvez a maneira que eu me sentia desde que todo aquele pesadelo começara. Ainda assim franzi o cenho, sem entender o motivo daquela felicidade toda.

— Taddeo... Ele acordou — ele soltou enquanto o rosto bonito me encarava com animação e também alívio. Resfoleguei, um peso gigantesco saindo do meu peito. O alívio inundando-me por completo ao passo que começava a chorar pela emoção da notícia.

Ai, meu Deus, ele acordou!

— Ele despertou logo depois que você saiu do quarto — prosseguiu e eu continuava a derramar minhas lágrimas. — Parecia um pouco confuso, mas o que importa é que está acordado. O levaram para fazer alguns exames, mas daqui a pouco ele retorna para o quarto. Tenho certeza de que você vai querer estar lá quando ele voltar — falou como se não fosse nada, e eu sequer sabia o que responder ante aquilo.

Claro que eu estava feliz com a notícia e queria vê-lo, mas não tinha tanta certeza de que aquela seria uma boa ideia, especialmente depois de como as coisas aconteceram da última vez, quando ele me mandou ir embora após descobrir que eu inventara a gravidez.

— Obrigada por me avisar, Igor... Daqui a pouco estou indo — consegui dizer em um fio de voz, e Igor meneou a cabeça, fitando-me profundamente, parecendo de certa forma desconfiado.

— Você vai vê-lo, não é? — perguntou, analisando-me com atenção, e baixei a cabeça, com medo de ele descobrir que eu era uma fraude.

— Eu só preciso de um tempo — murmurei em resposta, ao passo que ele erguia uma de suas sobrancelhas de modo descrente.

— Tem certeza? — testou, estreitando os olhos em minha direção, e eu assenti, limpando a garganta em seguida, um tanto incomodada com a pequena mentira que eu estava prestes a soltar.

— Sim. Eu só vou esperar ele voltar e já chego lá — falei a primeira coisa que veio à cabeça, o que não pareceu ser bom o bastante para Igor.

— Você não se incomodaria que eu esperasse com você, não é? — inquireu, franzindo a sobrancelha e cruzando os braços em frente ao peito numa postura clara de quem não estava acreditando em mim. Engoli em seco, acuada, com o coração aos pulos, sem saber o que fazer diante daquela situação.

Hesitei por um momento, buscando alguma rota de fuga. A bem da verdade, não me sentia pronta para enfrentá-lo depois de tudo. Tampouco sabia como toda a família reagiria quando soubesse o que acontecera. Por mais que eles tivessem mudado comigo desde o acidente, sem indiretas ou acusações, e até mesmo

Stephanne estivesse se esforçando para se dar bem comigo, tudo mudaria quando ele abrisse a boca e contasse minha nobre mentira. Afinal, eles não ficariam ao meu lado quando Taddeo estava certo. Nem eu esperava que ficassem.

— Não — balbuciei, as bochechas pegando fogo.

— Eva — Igor abaixou a voz e se aproximou para continuar a falar. — Não sei como estavam as coisas entre vocês antes do acidente, embora faça uma ligeira ideia. Eu, mais do que ninguém, sei o quanto nossas escolhas podem ser complicadas. Somos humanos, propensos a erros, a diferença a gente faz quando tem vontade de acertar. E não é tarde para isso, Eva. Ele perguntou por você assim que acordou. Estando certo ou não. Chateado ou não, ele te ama, prima. É o que importa agora e o suficiente para tentar consertar e resolver as coisas entre vocês. — Sem pedir licença, ele colocou a mão em meu ventre ainda plano. — Ainda mais agora, que tem alguém mais importante vindo aí e que vai precisar de vocês.

Deus, ele havia perguntado por mim!

— Tudo bem — emití baixinho, me dando por vencida, esperando não ter deixado transparecer o medo daquele encontro. — Eu quero vê-lo.

Igor tinha razão, se era para fazer as coisas certas, eu tinha que ir até ele, mesmo que fosse para uma despedida e aquela fosse a última vez que o veria.



Vivemos em uma sociedade onde toda garota cresce idealizando o próprio conto de fadas e, claro, um príncipe encantado para chamar de seu. Só que com o passar do tempo descobrimos, muitas vezes da pior forma possível, que nem sempre tudo acontecia como sonhamos. E isso inevitavelmente nos força a refazer os planos de vida.

Às vezes pode ser que o príncipe seja apenas um sapo. Algumas vezes as bruxas somos nós. Em outras, as exatidões simplesmente não funcionam numa conta de mais. Fora que também pode acontecer de por causa de um erro perder seu destino.

E, bem, era o que eu acreditava ter acontecido comigo.

No fundo do meu coração, eu tinha vontade de fechar os olhos e quando os abrisse novamente tudo tivesse mudado. Uma chance, uma oportunidade, uma nova vida para recomeçar. Era tolice, eu sabia, afinal, não adiantava querer alguma coisa que não poderia ter; que ele cuidasse de mim, como um dia prometera e achei que faria; que me amasse o suficiente para esquecer o passado e passasse uma borracha em tudo. Ainda assim, nada me impedia de desejar aquilo.

*Era estranho querer lutar por algo que a gente sabia que não conseguiria?
Ou era certo a gente não lutar com medo de errar ainda mais?*

Eu não sabia, mas o caminho até aquele momento de decisão me deu muito a pensar. A distância do quarto de meu pai para o de Taddeo era pequena, mas a cada passo dado parecia ser decisivo para o ponto final daquela história. E era. Confesso, eu estava morrendo de medo, pois temia sair ainda mais machucada daquele encontro, ainda assim, sentindo o coração na boca, eu segui andando pelos corredores do hospital.

Parecendo perceber a bagunça em que me encontrava ou talvez desconfiado de que eu pudesse fugir, Igor segurou minha mão conforme nos aproximávamos da UTI. Ao chegarmos em frente ao quarto de Taddeo, encontramos o médico que cuidava do caso dele saindo pela porta.

— Dr. Carrara, Sra. Caravaggio — ele nos cumprimentou com um leve menear de cabeça.

— Está tudo bem? — Igor quis saber, e o médico assentiu, fazendo-me soltar um ofego aliviado, que não durou muito, dada a seriedade com que o neurologista nos encarava.

— Os exames físicos estão melhores do que o esperado, no entanto, ele não se lembra de muita coisa.

— O quê? — testei, sem saber direito o que aquilo significava.

— Ele não se lembra de muita coisa. — repetiu, antes de suspirar profundamente e completar: — Fizemos alguns testes e...

— É normal, não é? — apressei-me a cortá-lo, precisando que negasse o que se passara na minha cabeça. — Afinal, ele sofreu um acidente, deve estar confuso. — Ri, sem humor algum, sentindo-me mais nervosa do que de costume.

— Talvez. — Deu de ombros, enfatizando o receio que parecia sentir. — Ele sofreu um acidente sério. As consequências de um traumatismo craniano são bastante variáveis, podendo haver uma recuperação total ou não. O que sabemos agora é que ele não se lembra de tudo antes do acidente — o médico emendou nervoso.

— Como assim? — eu quis saber, a pergunta saindo estranha dos meus lábios. Um misto de medo e culpa deixando-me tonta.

— Ainda não sabemos ou podemos dar um diagnóstico definitivo, Sra. Caravaggio — comentou com certo pesar. — Ele se lembra de quem é, mas parece que não recordar-se de muita coisa passada. Como conversado anteriormente, a perda da memória poderia ser uma consequência do trauma e a gravidade deste tipo de traumatismo é variável e depende de inúmeros fatores, como o local do cérebro afetado, da extensão da lesão e também da idade do paciente. Muitas funções cerebrais são desempenhadas por mais de uma área,

sendo que em alguns casos as áreas íntegras do cérebro assumem as funções perdidas em decorrência da lesão de outro local, podendo permitir assim uma recuperação parcial do indivíduo ou até mesmo completa. Contudo, por enquanto, não há garantia de quais as perdas e nem mesmo quanto tempo podemos precisar para ter essa resposta. Pode ser que tudo se resolva em dias, meses... Até mesmo anos.

— Anos? — repeti, incrédula, e ele aquiesceu, fazendo-me levar a mão à boca.

— Isso significa que ele pode não recuperar a memória? — Igor perguntou parecendo temer pela resposta negativa tanto quanto eu. E apesar de saber que poderia ser uma possibilidade, sabia que se fosse verdade nada jamais seria como antes.

O médico deu um longo suspiro, confirmando em seguida com um gesto de cabeça.

— Sim... Eu sinto muito — emitii com certo pesar e abracei Igor, antes de começar a chorar.

Chorei por ele, por mim. Chorei por não saber o que seria de nós dali em diante, especialmente dele, pois talvez o Taddeo que conhecíamos nunca voltasse inteiramente para nós. Quando dei por mim soluçava, mas parte minha também se sentia aliviada, porque independente de tudo, o fato dele estar vivo depois daquele acidente terrível era um verdadeiro milagre.

E não era o que realmente importava?

Buscando forças, respirei fundo e, enxugando as lágrimas, me afastei do meu primo, pois sabia o que tinha que fazer.

— Eu posso vê-lo? — hesitei por um instante ao perguntar ao médico, mas eu apenas sentia que precisava fazer aquilo. — Ou melhor não, para não deixá-lo mais confuso?

— Na verdade, vai ser ótimo, pois ele está nervoso. Não parou de perguntar por você desde que acordou. — Ele dirigiu-me um sorriso genuíno e me vi retribuindo mesmo através de lágrimas enquanto assentia. — Vou deixá-los à vontade. Daqui a pouco volto para revê-lo. — Assenti, então ele se foi.

— Vai lá. Vou te esperar aqui. — Igor beijou minha testa e se afastou, antes de abrir a porta do quarto para me dar passagem.

Por um segundo ou dois eu não saí do lugar e depois de tomar coragem, finalmente entrei no quarto da UTI. O coração trovejando, batendo feito louco, um medo absurdo do que poderia acontecer daquele momento em diante, tudo me assombrando sobremaneira. Apesar dos receios olhei para a cama e dei de cara com uma cena que nunca poderia esquecer: Taddeo com os olhos abertos, os azuis incrivelmente brilhantes fixados em mim, nos lábios um sorriso aberto,

daquele jeito sedutor e perverso ao mesmo tempo, de uma maneira que era só dele. Tudo me fazendo estremecer e o coração disparar, como apenas o homem da sua vida é capaz de fazer você sentir.

O olhar dele se travou ao meu por um tempo que pareceu infinito e eu fiquei ali encarando-o de volta sem conseguir sequer me mover. As lágrimas voltaram com tudo, pois não conseguia acreditar que ele estava mesmo acordado e não era um sonho. Era como finalmente voltar a respirar depois de um tempo infundável sem conseguir fazê-lo. Algo como voltar à vida depois de um tempo vivendo no limbo.

— Oi, amor — emitui, o silêncio que era quebrado apenas pelo som do meu choro sendo substituído pela voz que tanto desejei ouvir outra vez. O timbre fraco, um pouco mais rouco que o normal, como se tivesse acabado de acordar de um longo descanso. Apesar da dificuldade em falar, ainda assim não diminuiu em nada o sorriso dele. Nem mesmo minhas lágrimas que se multiplicaram, porque o vocativo que utilizara era como se dirigia a mim no passado, e ouvi-lo amoleceu meu coração de um jeito que nunca poderia colocar em palavras. — A sensação que tenho é que te vi ontem, mas dada as saudades que sentia de você e as mudanças impossíveis de ignorar, tenho certeza que passou um tempo. Eu acho que perdi alguma coisa, não é?



Capítulo 9

NOVA CHANCE...

Eva

Oh, meu Deus! Ele não se lembrava mesmo de nada?

Dei um passo para trás, levando a mão à boca para não soluçar alto demais. Não podia acreditar que aquilo pudesse realmente estar acontecendo, era triste ter praticamente uma vida apagada de sua memória depois de um infeliz acidente. Como se uma borracha tivesse lhe tirado as lembranças de quem era e havia se tornado.

Mas ele estava vivo, Eva. É isso que importa!, era o que eu repetia para mim enquanto tentava ser forte o suficiente para seguir em frente e tocá-lo.

Mesmo que dias tivessem se passado, Taddeo ainda estava muito machucado. O lado esquerdo do rosto dele tinha arranhões e hematomas, na cabeça os cabelos já começavam a encobrir o grande corte. A perna que quebrara permanecia engessada, e o abdômen desnudo também tinha algumas ataduras.

— Eu devo estar com uma cara horrível para você me encarar assim, amor — ele soltou, levando a mão ao peito, dramatizando, enquanto não deixava de me encarar de modo divertido. — Vem aqui, amor. Acabei de acordar e descobri que perdi 10 anos da minha vida. Preciso de um beijo.

Ele pediu o quê?

Era verdade então, Taddeo não se lembrava de nada. Nem mesmo de tudo que passamos, caso contrário, jamais escutaria um pedido como aquele vindo dele. Como o médico mesmo falara, aquilo poderia ser temporário ou não, e diante do pedido, dei-me conta de que a situação era mais séria do que eu pensava. Era errado, terrível, mas sem que pudesse controlar uma ideia surgiu: um literal recomeço.

Era loucura, claro, insano e até mesmo perverso que sequer cogitasse, mas naquele instante parecia uma luz no fim do túnel, a chance de ser feliz e ter uma família que sempre pedi a Deus. Taddeo não recordava-se de que nos últimos dez anos a nossa vida tinha sido uma espécie de carrossel infernal. Na cabeça dele, ele dormira como o adolescente apaixonado pela garota estranha e sem

amigos da escola, o que significava que ele também não me odiava pelos erros cometidos ao longo dos anos. Fosse pela minha estupidez em me envolver com Théo para lhe atingir, ou pela insanidade em tentar atrapalhar o relacionamento do seu irmão com Stephanie e em especial e a mais terrível de todas: a mentira que inventei para nos casarmos.

Uma chance, talvez aquela fosse a chance de que eu precisava para consertar as coisas entre nós.

Ai, meu Deus! O que eu estava pensando? Aquilo era loucura!

Eu era mesmo uma pessoa que merecia a vida que tinha, deveria mesmo sofrer por todas as merdas e péssimas escolhas que fiz nada vida. Como sequer pude cogitar pensar em seguir em frente com aquela ideia estúpida? Como podia ser tão egoísta a ponto de desejar aquilo e, lá no fundo, me sentir um pouco aliviada por não ver nos olhos dele o ódio que nutria por mim, nem mesmo aquela aspereza em seu semblante, que agora parecia leve e apaixonado enquanto me encarava?

Por anos, eu havia magoado Taddeo, correndo atrás da pessoa errada, tentando provar a todo custo que não o amava e querendo esfregar aquilo na cara dele. Eu me humilhei por quem não deveria, em nome de um amor que nunca senti, porque na verdade o que tinha de mais verdadeiro sentia por ele. Eu sabia que não merecia ouvi-lo dizer que me amava novamente, ou mesmo ver aqueles olhos incríveis transbordando de paixão, tampouco uma nova oportunidade para fazer as coisas diferentes, mas simplesmente não poderia deixar aquilo passar.

Não podia...

Sabia que estava cometendo mais um erro ao negar-lhe o direito de saber tudo sobre o nosso passado, mas quando Taddeo recuperasse a memória, eu já teria feito tudo para consertar as coisas entre a gente. E eu esperava mais do que tudo que desse certo. Aquela era minha chance de ele não apenas me perdoar, mas também de conquistá-lo novamente e daí termos o meu almejado conto de fadas.

Com os olhos fechados, eu respirava com dificuldades enquanto andava para ele, ainda emocionada, e inclinei-me sobre ele, beijando levemente seus lábios, a emoção de senti-lo depois do que houve crescendo absurdamente no meu peito.

— Eu tive tanto medo — foi o que conseguir emitir dada a forma como me sentia no momento, e Taddeo riu baixinho, o riso masculino rouco, profundo, arrepiando-me a pele enquanto me abraçava, apertando meu corpo contra o dele. — Medo de te perder para sempre.

— Está tudo bem, amor. — Ele beijou meus lábios mais uma vez, afastando-se o suficiente para as safiras brilhantes me encararem. — Só me sinto

um pouco perdido... O que aconteceu? — Limpei a garganta um pouco incomodada, não queria falar sobre aquilo, doía me lembrar.

— Você estava pilotando um helicóptero e surgiu um problema no motor, que te fez precisar fazer um pouso de emergência — assegurei, esboçando um leve sorriso, mas não recebi o mesmo em cortesia. Taddeo se afastou de pronto, sentando-se melhor na cama, parecendo um pouco incomodado de repente.

— Que merda! Eu pilotando helicóptero? — Balançou a cabeça de um lado ao outro, como se não acreditasse que fazia mesmo aquilo, embora todos dissessem que ele era um dos melhores pilotos de toda Campavia. — Eu devo ter cometido alguma burrada! — resmungou, parecendo querer externar sua frustração.

— Nada disso! Se você não tivesse agido de maneira correta, nem você nem seu pai estaria vivos para contar essa história! O que aconteceu foi uma fatalidade. Os laudos preliminares da investigação reiteraram exatamente isso que estou falando — lancei, impacientando-me inenarravelmente por ele apenas cogitar um absurdo como aquele, e vi a surpresa desmanchar a carranca do homem.

Algo na maneira determinada com que respondi pareceu ter causado algum efeito, pois Taddeo voltou a me encarar, sério, analisando-me com demasiada atenção. Contudo, não foi a forma que me fitava como se quisesse ler tudo que eu escondia que me surpreendera, mas, sim, a pergunta que fizera:

— Me disseram que somos casados. É verdade? — a voz dele soou ainda mais rouca e fraca, e eu engoli em seco, limpando a garganta em seguida, deveras incomodada.

— Sim... Eu... Nós... — titubeei, buscando em todo aquele arдил a melhor forma de responder aquilo. — Há pouco mais de dois meses — lancei como se não fosse nada e eu não estivesse meio que pirando com aquela história. Taddeo pareceu surpreso quando forcei-me a encará-lo outra vez.

— Dois meses? — testou e assenti, forçando um sorriso para ele, e dado o franzir de cenho que recebi em resposta, acho que não fui muito convincente. — Por que apenas agora? Por que demoramos tanto para nos casar? — indagou e senti o coração na boca, sem saber direito que informação lhe dar.

— Porque passamos um longo tempo separados — sussurrei e a espera por uma reação dele me fez vacilar, para dizer o mínimo.

— Isso não me parece certo — lançou, e seu tom era de pura descrença.

— Nosso caminho não foi fácil — eu me limitei a dizer, e ele fez uma careta, bufando em seguida, cético.

— Eu me lembro de ter prometido a mim mesmo que pediria você em casamento assim que fosse para faculdade. Nos casaríamos quando eu

terminasse a graduação e eu assumisse os negócios da família. Simplesmente não faz sentido. Nos amávamos. O que aconteceu que poderia impedir nossos planos? — Estupefação coloria o tom dele ao perguntar, e alguma coisa nos olhos presos aos meus me apertou o estômago.

Aquela era a oportunidade de lhe dizer a verdade, de ser sincera, de fazer tudo diferente, mas também poderia ser o fim definitivo para nós dois. Titubeei, por um tempo que pareceu eterno, o coração batendo disparado, meus olhos vacilando entre admirar o rosto dele ainda um pouco machucado ou observar o corpo semidesnudo por causa dos curativos, o que não ajudava em nada quando me via tão confusa com toda aquela situação.

— Deixa para lá... Agora isso não é o mais importante — foi o que ele disse, me fazendo resfolegar, aliviada. Dando uma pausa, Taddeo respirou forte, como se estivesse preparando-se para falar algo muito difícil. — Estou meio confuso, deve ser normal. O que importa mesmo é que estamos aqui... juntos. E eu não deixei de amar você — sussurrou, as mãos acariciando meu rosto, ao passo que os lábios roçaram os meus outra vez.

Ele então me beijou e foi suave, delicado, mas repleto de significados, que me atingiram em cheio, roubando o ar e também meu coração. O que era redundante, já que Taddeo já fizera aquilo há muitos anos. Batendo insanamente, tive a impressão que meu coração saíria do peito quando o gesto apaixonado se aprofundou, e eu nunca fui beijada daquele modo antes, nem mesmo por ele, que o fazia de forma afoita e apaixonada, como se estivesse sedento para me provar depois de muito tempo de seca.

Qualquer dúvida ou medo absurdo de estar ou não fazendo a coisa certa pareceu se esvaír, ao menos que temporariamente. O alívio por saber que estaríamos juntos naquela nova tentativa era tamanho, que me senti, talvez pela primeira vez na vida, completa em todos os sentidos.



Neguei-me a sair do lado de Taddeo depois disso. Ele fora fazer mais alguns exames e graças a Deus estava bem demais para quem passara três semanas desacordado. Até mesmo bem-humorado ele estava, brincando vez ou outra com o fato de não se lembrar de quase metade da vida. Ele parecia ávido por notícias, inquieto para querer saber mais sobre todo mundo que conhecia. Então não poupou perguntas, ainda que felizmente tenha guardado para si as que diziam respeito a nós dois.

A expressão dele de surpresa por saber que o irmão e Stephanie eram casados e tinham trigêmeas fora hilária, só não fora melhor do que a que fez ao

descobrir que também já era tio de um filho da irmã mais nova. Ele pareceu prestes a surtar. Mas a vontade de matar meu primo passou quando conseguindo burlar as regras, trouxeram os sobrinhos para que ele visse.

Mesmo todos dizendo que não era para que se esforçasse, ele não deu ouvidos e fez questão de carregar cada um deles. Taddeo sempre fora genioso e também era teimoso, só fazia o que queria e, mesmo temendo que se esforçasse demais, foi difícil não me emocionar com a cena. Sorri largamente ao assistir à forma como os fitava de maneira apaixonada e à alegria dos pequenos em rever o tio pela primeira vez em muito tempo. Foi impossível não pensar em como ele seria como pai ou sentir o amor bater forte dentro do peito enquanto encarava-o.

Deus! Como eu queria aquilo para nós!

Se eu já estava emocionada daquele jeito vendo-o com os sobrinhos, não queria nem imaginar como me sentiria caso tivesse a chance de ter o prazer de vê-lo carregar nossa filha ou filho nos braços. Seria o meu sonho se tornando realidade.

Estar cercada pela família de Taddeo nos últimos meses me deu a oportunidade de enxergá-los de uma maneira diferente, com outros olhos mesmo. Os Caravaggios eram uma família em todos os sentidos da palavra, nunca tive dúvidas disto. Eles se amavam, se importavam um com o outro e lutavam pelos seus. E agora, que os herdeiros formavam cada um a própria família, era, definitivamente, comovente vivenciar aquilo. Prazeroso poder ver o amor que brilhava nos olhos dos casais quando se encaravam ou na forma que todos eram loucamente apaixonados pelos seus frutos e futuros sucessores da dinastia Caravaggio. Eu desejava tanto ter algo assim, mas tanto, que apenas pensar na possibilidade daquilo não acontecer me desesperava.

— Também quero um, amor — Taddeo soltou de repente, sorrindo como se não tivesse falado nada de mais, enquanto me fitava de modo significativo.

Meu coração disparou e a respiração ficou presa na minha garganta. Eu não respondi nada, não podia. Estava ocupada demais tomando cuidado para não desmoronar naquele momento, para não chorar ou entregar meu estado frágil diante de tudo. Taddeo sequer fazia ideia de que eu já esperava um filho dele.

Só não tinha tanta certeza de que aquela felicidade em família seria dividida por nós dois.



Achei que teria uma noite de descanso depois de tantas em claro, afinal, Taddeo acordara e parecia bem, apesar de tudo, mas não podia estar mais errada. Sequer consegui pregar os olhos. Na manhã seguinte, quando o médico chamou

a família para uma conversa particular, ainda que me sentisse um caco, que estivesse por um fio, fui até lá. Nervosa, tinha receio do que ele pudesse querer nos dizer.

— Obrigado por virem — ele começou assim que nos sentamos em frente à sua mesa.

— Está tudo bem? — eu quis saber, sentindo-me um tanto apreensiva.

— Sim... — ele titubeou, relanceando o olhar para cada um presente. As mulheres da família sentavam-se nas cadeiras, enquanto os homens esperavam de pé.

— Doutor, por favor, nada de enrolação, vamos direto ao assunto — Théo o cortou, e o médico pareceu surpreso e um tanto sem jeito com o tom seco e direto do meu cunhado.

— Tudo bem, desculpe... Mas é que a situação é delicada. Como eu já tinha adiantado para vocês anteriormente — o médico emendou nervoso, e eu não estava gostando nada da expressão no rosto dele —, a amnésia do paciente pode ser uma consequência do trauma e da gravidade do tipo que ele teve. Eu estava apenas aguardando o restante dos resultados para ter um prognóstico mais exato.

— Não me diga que a perda dele de memória pode ser permante! — gemi assustada, mais afirmando do que perguntando, e depois de soltar um longo suspiro, o médico negou com um menear de cabeça, fazendo-me resfolegar.

— Não, acredito que não. Eu juntamente à equipe médica que tem acompanhado o caso do Sr. Caravaggio analisamos tudo detalhadamente e verificamos que não há área danificada em seu cérebro que comprometesse a memória dele em definitivo. Diante de tudo e todos os exames que reiteraram o diagnóstico, chegamos à conclusão de que pode ser um caso de perda de memória seletiva — explicou o médico, deixando cada um de nós confuso.

— E o que isso significa? — Stephanie acabou perguntando o que todos queriam saber e esperei, ansiosa, pelo resultado.

— Significa que pode ser consequência do trauma físico ou pode ter sofrido um trauma de natureza psicológica, emocional, e o cérebro acabou por bloquear inconscientemente tais memórias — foi o que ele disse, e me vi tensa com sua explicação detalhada.

Outra vez me senti culpada, aquele bolo em minha garganta não se desfazendo desde que soube do acidente, pensando em tudo que o homem que eu amava passara e ainda teria de passar para se recuperar por completo. Aquela angústia e vontade de chorar ainda prevaleciam, fazendo-me infeliz, porque embora eu o quisesse em minha vida, que preço ele pagaria apenas pelo meu desejo egoísta de permanecer?

— Então isso será temporário, não é? — quis ter certeza, de repente o pânico me invadindo.

— Como eu disse, no ponto de vista médico, os exames não apontam nenhuma lesão afetando o cérebro, o que é ótimo, dado o grau do trauma dele, e nos deixa muito otimistas quanto à melhora completa do seu marido. Pode ser que tudo se resolva em dias, meses... Vamos cuidar para tentar resolver isso com um intenso processo de recuperação, envolvendo fisioterapia, acupuntura e acompanhamento com diversos médicos. E, claro, em breve começar a voltar aos poucos à rotina pode ajudar bastante a recuperação completa.

— Então isso quer dizer que ele está sim, melhorando, e que em breve poderá ir para casa? — apressei-me em perguntar, ainda mais afoita, feliz e também ansiosa com a possibilidade de que ele saísse do hospital o quanto antes.

— Sra. Caravaggio, vamos mantê-lo aqui por mais alguns dias. Se o paciente continuar se recuperando como está, não demorará para acontecer.



E felizmente não demorou muito mesmo.

Ainda assim, os dias que se seguiram foram realmente complicados. Apesar do alívio de termos Taddeo com saúde, a investigação sobre o acidente acabou apontando fatos e circunstâncias relacionadas ao evento que provavam ter sido criminal. Foi um choque para todos, óbvio, afinal, haviam atentado contra a vida de três pessoas e em meio a tudo aquilo, um inquérito policial fora instaurado para descobrir os culpados.

Ver a situação como telespectadora era uma coisa, mas ter provas incontestáveis do crime contra alguém tão próximo a você não era nada fácil. Se antes eu malmente dormia, desde então nem mesmo fechar os olhos conseguia. Apesar da segurança de toda a família ter sido reforçada, ainda assim eu temia que outra coisa horrível acontecesse e passava as noites velando o sono de Taddeo apenas para garantir que ele estava bem.

Menos de uma semana depois que acordara, Taddeo recebeu alta do hospital. Quando aconteceu, ele ainda tinha alguns curativos no corpo e o gesso na perna deveria continuar por um tempo, como também teria um acompanhamento *home care* e continuaria o processo de recuperação com a equipe médica, mesmo assim, indo contra todas as possibilidades, ele chegara em casa.

— Você quer alguma coisa? — indaguei com cuidado, ajeitando a almofada debaixo da perna engessada.

— Não, eu estou bem — foi o que ele respondeu, os olhos amoleceram um

pouco, me avaliando com um escrutínio demorado e por alguns instantes sustentei o olhar, mas quando notei que estava muito tempo perdida naquela piscina azul, engoli em seco, sem saber direito como agir, já que desde ele acordara não havíamos ficado juntos e sozinhos em um ambiente tão íntimo.

— A equipe de *home care* deve estar chegando. Já anotei os horários dos remédios para eles, ainda assim estarei por aqui na hora de medicá-lo. Não sairei do seu lado. — Terminei de ajeitar o lençol sobre seu corpo e procurei pelo controle da TV para deixá-lo na mão dele.

Olhei ao redor e fiquei satisfeita em como as coisas haviam ficado, como Taddeo estava com o gesso e posteriormente após a retirada teria uma certa dificuldade de locomoção, tinha arrumado uma das salas para recebê-lo. Claro que em nada se comparara à luxuosa suíte que ele tinha montado ao reformar o quarto principal, mas era provisório e estava bastante confortável.

— Aqui o controle da TV. Pedi para instalarem a TV a cabo e reforcei a velocidade da internet para que não tenha problema de assistir a alguma coisa nos aplicativos — passei a tagarelar e Taddeo franziu o cenho, erguendo uma de suas sobrancelhas.

— Eva, vem aqui — ele me chamou baixinho, batendo ao seu lado no colchão macio em um convite claro. Engoli em seco, subitamente tímida, antes de ir até a cama e sentar-me ao lado dele, mas sem pedir licença ele me puxou para me sentar no seu colo.

Taddeo então me abraçou, aninhando-me nos braços dele, nossos corações batendo juntos, tão fortes, nossas respirações uma só, tudo me dando a certeza de que não havia outro lugar no mundo que quisesse estar a não ser ali, naquele lugar.

— Está tudo bem. Não precisa se preocupar. Eu só quero ficar assim — lançou junto a uma longa lufada de ar, e, aliviada, me vi soltar a respiração que não havia reparado ter prendido. — É só que... Está tudo meio confuso... — titubeou, parecendo buscar palavras, o tom dele com um certo pesar impresso. — Preciso ficar assim com você, sentir o que tenho de verdadeiro na vida. Eu te amo, Eva... Muito... Sinto isso no fundo do meu coração. E mesmo que uma parte do que nos aconteceu tenha sido apagada da minha memória, não importa, eu apenas acho que isso é certo... Eu e você... Entende? Estou com saudades e quero você aqui... Comigo.

Não tinha certeza de que tinha escutado direito, mas dada a forma como me apertava contra ele, percebi que não estava alucinando ou fantasiando aquelas palavras. Chorando, fechei os olhos, sentindo tanta coisa que não sabia sequer por onde começar a explicar. O que eu sabia e sentia eram as emoções girando dentro de mim feito loucas.

E levantando a cabeça, nossos olhares se encontraram. Com o coração batendo de modo desenfreado no peito, sorri para o homem que eu amava.

— Eu também te amo, Taddeo — sussurrei, fazendo-o sorrir de um jeito que há muitos anos não o via fazer, e aquilo me aqueceu o peito.

Como se não pudesse esperar, ele me beijou de uma maneira que deixou-me sem fôlego, sedenta por mais. E não me fiz de rogada quando agarrou-se a mim com vontade, como se eu fosse a coisa mais importante da sua vida, e pela primeira vez em muito tempo me senti em paz, me senti em casa. Taddeo era o meu lar. E por um tempo conseguiu me fazer esquecer as mentiras, amnésia, gravidez... e tudo mais que não fosse nós dois.



Nos braços do homem que eu amava dormi como há muito tempo não fazia. Todas as noites em claro, culpando-me, tendo pesadelos até mesmo acordada ou simplesmente velando o sono dele desde que acordara cobrara seu preço. E sem nem me dar conta, acabei caindo no sono e finalmente descansei como precisava fazer.

Acordei na manhã seguinte com o dia ainda amanhecendo. Meu relógio biológico me despertando, porque chegava a hora das primeiras medicações do dia de Taddeo, e provavelmente não demoraria para a equipe de enfermagem vir até o quarto.

Embora soubesse que tinha que me levantar, não consegui de imediato. Pelo contrário, fechei os olhos por um instante, aproveitando-me um pouco mais da sensação maravilhosa de ter o corpo dele encaixado ao meu. Parecia tão natural, que desejei em silêncio poder desfrutar daquele encaixe perfeito para sempre.

Como ainda era cedo, depois de dar a medicação a Taddeo, sonolento, ele me puxou de volta para cama, e embora tivesse inúmeras coisas para resolver por causa do retorno dele para casa, ainda me sentia tão cansada que nem mesmo me dei conta do momento em que voltei a adormecer.

Acordei um tempo depois, ainda em seus braços, e ouvir o coração dele bater parecia de alguma forma me acalmar. Poderia ser uma coisa besta para algumas pessoas, mas para mim aquilo era um motivo de alívio e satisfação depois de tudo que passara. Era um sopro emocionante vivenciar aquele verdadeiro milagre.

Por mais tentador que fosse continuar ali em puro deleite ou admirar cada traço perfeito dele, tentei me levantar com cuidado para não despertá-lo do sono, mas não fui tão bem-sucedida, pois ele se mexeu, antes de abrir os olhos, fitando-me com intensidade.

— Desculpe tê-lo acordado — emiti baixinho, sem graça por ter sido pega em flagrante tentando fugir, e ele abriu o primeiro sorriso do dia. Um lento e preguiçoso, que mexia comigo para caramba.

— Não se desculpe. Eu acordaria mesmo no exato instante que não mais sentisse o seu calor. — Então me lançou um olhar cheio de segundas intenções, que me fez resfolegar.

A maneira maliciosa com que Taddeo me encarava pegou-me em cheio e, quando se aproximou, achei que fosse beijar minha boca, contudo os lábios cheios apenas roçaram-se aos meus de um jeito que me aqueceu até os dedos dos pés. Aproveitei para acariciar o rosto perfeito dele e sua sonolência não tardou a ser substituída por um brilho de paixão. Um brilho que eu esperava me acostumar a ver.

Não dissemos nada, mas a forma quente como continuava a me fitar deixou-me um tanto envergonhada. E quando fiz menção de me afastar outra vez, Taddeo aumentou a pressão na minha cintura, fazendo meu corpo estremecer. Depois de semanas, era a primeira vez que sentia aquela necessidade de matar as saudades. E aparentemente era recíproco.

Por mais que tentasse, era impossível não o encarar sem me lembrar do quanto já me machura, mas também me curara. O que era estranho, considerando o quanto achava errado mentir para ele e ao mesmo tempo tão certo. Pensar naquilo inevitavelmente me trouxe um temor que não tinha nada a ver com o fato de não saber o que fazer, se lhe dizia a verdade ou não. Era medo por pensar em ter que me afastar e forçadamente ter que aprender a viver uma vida em que ele não estivesse presente.

Queria tanto que as coisas entre nós finalmente dessem certo, que tudo fosse diferente e de alguma forma ele parecia querer a mesma coisa, pois os lábios não demoraram a devorar os meus e, desta vez, longe de parar. Depois de tanto tempo sem tocá-lo como gostaria, simplesmente perdi a razão e o juízo, apenas me entreguei ao momento e à necessidade que tinha de me sentir dele.

Taddeo me beijava com loucura e desejo, a fome dele por mim tornando-se emocionante ao ouvir os pequenos rosnados que lhe escapavam, ao passo que descia as mãos pelo meu corpo. Eu também me sentia da mesma maneira, pois retribuía o beijo com mesmo ímpeto, tudo me fazendo sentir dentro de um mundo novo, onde tivemos a chance de voltar no tempo e viver nosso próprio conto de fadas.

— Me desculpe... Acho melhor pararmos — foi o que soltei ofegante, buscando não apenas o ar que nos faltava no momento, mas também a racionalidade. — Não deveríamos... Me desculpe... — repeti atordoada, e antes mesmo que pudesse me afastar, ele apenas voltou a me beijar com luxúria, de

forma faminta e ainda mais voraz.

— Não só deveríamos, como vamos — murmurou, parecendo não querer parar o que fazíamos, pouco se incomodando com os machucados e a perna engessada.

Decidi esquecer a sensatez e com cuidado me sentei no colo dele, tirando a camisa que vestia. Satisfeito, Taddeo fez a mesma coisa comigo e me senti subitamente tímida, como se fosse a primeira vez que me via nua, e de certa forma era. Ainda assim, não conseguia controlar meu próprio desejo de estar com ele outra vez.

— Eva — ele gemeu quando esfreguei-me no seu rígido tesão, que parecia faminto por mim, tanto quanto eu estava por ele.

— Eu estou com saudades... Preciso de você. *Agora, por favor* — a frase foi dita por mim em um sussurro entrecortado, apenas mostrando minha falta de fôlego e a necessidade de tê-lo, pois simplesmente implorei, fazendo-o emitir um som gutural e desesperado.

Sem perder tempo, os lábios dele voltaram a se colar aos meus, possuindo-os com volúpia. Taddeo então parou para olhar para o meu corpo desnudo, uma carícia visual que atçou ainda mais a minha necessidade dele, pois era como se estivesse me adorando e não pudesse acreditar no que estava acontecendo entre nós. A forma que me encarava era tão profunda, que foi impossível não me emocionar, pois contrariando tudo que passamos, era como se eu pudesse sentir o amor explícito em seus olhos.

As mãos masculinas deslizaram pelo meu corpo e eu tive que fechar os meus olhos para aproveitar a sensação gostosa do toque dele. Os lábios úmidos então encontraram meus seios, chupando-os com vontade, a ponto de deixá-los doloridos, fazendo-me gemer.

— Delícia, amor — sussurrou contra minha pele, a língua voltando a acariciar o mamilo, ao passo que a mão apertava o outro seio, brincando, beliscando-o, provocando como só ele sabia fazer comigo.

Tornou-se impossível manter-me quieta, com Taddeo eu me tornava alguém completamente submissa ao que me fazia sentir. Afoita, procurei com a mão o pau duro, apertando-o com firmeza, fazendo-o gemer. Um misto de dor e prazer lhe escapou através de sons guturais quando aumentei a pressão, para em seguida movê-lo para cima e para baixo, masturbando-o como sabia que ele gostava. Sem conseguir se conter, ele deslizou a mão para baixo, a fim de beliscar suavemente meu ponto duro e úmido.

— Quero tanto você que dói. Depois quero provar aqui, para voltar a sentir o gosto dessa bocetinha, que deve ser tão doce e suculenta quanto sua boca. Posso não me lembrar de muita coisa, Eva, mas tenho certeza disso, porque um

gosto como o seu é impossível esquecer — a voz dele era rouca quando murmurou e funcionava quase como uma carícia, ao mesmo tempo em que movia os dedos contra minha carne e acelerou os movimentos quando me viu se contorcer pelo seu toque.

Por mais que uma pequena parte minha se sentisse culpada por enganá-lo, eu sabia que não dava mais para voltar atrás. Na verdade, nem queria, queria ir até o final naquela tentativa desesperada de fazer com que a gente desse certo e acabar com as saudades e necessidade que estavam nos matando.

— Você está tão molhada. Tão pronta — emituiu em reconhecimento, sem conseguir esconder o quanto aquilo o deixava satisfeito.

— Taddeo... — gemi o nome dele, rebolando ainda mais contra a mão dele, precisando de mais, e ele atendeu.

— Eu sei — disse ao mesmo tempo em que enfiava os dedos ainda mais fundo em mim, fazendo-me morder o lábio inferior, contorcendo-me pelo seu toque.

Eu me sentia tão desesperada para tê-lo dentro de mim, que nem mesmo esperei por ele antes de apoiar-me em seus ombros, em uma tentativa de equilíbrio, e posicionei-me acima do pau ereto, ao passo que ao entender o que eu queria as mãos forte agarraram meus quadris, e então os sons das nossas respirações se confundiram ao posicioná-lo na minha entrada úmida.

Gemi alto e me movi lentamente, demonstrando toda ânsia que sentia para que me penetrasse o quanto antes. Ele podia não saber, mas eu precisava que fizesse tanto quanto, ou ainda mais, que Taddeo parecia querer. Era como se eu sentisse que o vazio que sempre existira dentro de mim apenas poderia ser preenchido por ele. E era.

Mordi os lábios e me posicionei, ajustando a ereção dele à minha sedenta abertura. Senti meus pulmões falharem, o cheiro de tesão que carregava o ar com nossos olhos trancados... tudo fazia aquela experiência de reencontro ainda mais prazerosa.

— Caralho, Eva! — Taddeo rosnou, ao mesmo tempo em que me ouvia gemer.

Perdi o fôlego por completo enquanto me abaixava sobre ele, as mãos dele apertando-me as coxas, os dentes mordendo meus próprios lábios, em uma tentativa patética de tentar me conter. O prazer de senti-lo daquela forma tão deliciosa até mesmo me forçou a fechar os olhos. Eu sabia que seria bom, como sempre fora com ele, mas eu não estava preparada para me sentir tão atingida.

— Porra! É tão apertadinha! Tão gostosa! — as palavras lascivas dele saíram abafadas, seguidas do meu som lamurioso de prazer, acrescentado ao seu toque delicioso de agonia.

Precisando me mover, desci um pouco mais, fazendo-o me penetrar ainda mais profundamente. Resfoleguei, ainda mordendo o lábio, sentindo o membro grosso alargando-me mais para recebê-lo, tornando o prazer ainda mais difícil de suportar.

Os dedos dele voltaram a me tocar, massageando meu clitóris pulsante com movimentos circulares, lentos e precisos. Senti o corpo enrijecer, ao passo que me contorcia, fazendo-o ir ainda mais fundo em mim.

— Meu Deus! — Não reconheci minha própria voz quando choraminguei, tomada pela luxúria, e Taddeo riu perversamente, os dentes dele então morderam meu lábio inferior e sua língua o lambeu, acalmando-o em seguida. Então a boca apossou-se da minha outra vez, deixando-me sem fôlego com beijo rude.

— Você ama isso, não é, amor? — Ele encheu a mão livre com um dos meus seios volumosos, massageando o mamilo duramente. — Ama me ter dentro de você, não é? — rosnou quase uivando ao ir fundo dentro de mim num ritmo frenético, fodendo-me como alguém faminto há muito tempo.

Um tapa ardeu em minha bunda, seus dedos no meu clitóris intensificando ainda mais o prazer das suas estocadas brutas. A forma como ele me comia em um misto de rudeza e paixão excitava-me ainda mais. Os corpos transpiravam e o suor já escorria em nossa pele, enquanto os movimentos apenas se intensificavam. O ar parecia cada vez mais pesado ao redor, tudo tornando o que já era bom ainda mais delicioso.

Estava tão molhada e excitada que seu pau deslizava facilmente, envolvendo-o completamente com meu canal apertado. Taddeo grunhiu, ao mesmo tempo em que deixei escapar um grito abafado quando, indo tão fundo, mal consegui suportar tamanho prazer.

De alguma maneira conseguimos manter um ritmo intenso, abaixando-me sobre ele, que me ajudava a movimentar, agarrando meu quadril vez ou outra, guiando-me. Cada vez mais sedentos, tomei sua boca com a minha em um beijo quase imoral, e ele correspondeu com avidez, enquanto eu cavalgava com uma desenvoltura que faria inveja para qualquer amazona, juntos em um só ritmo, em uma sintonia que nunca vi igual outrora.

Os instintos primitivos já haviam assumido o controle há muito tempo e não havia mais nada que pudéssemos fazer além de nos deixar levar e nos entregar. Nossos sons se confundindo nas respirações cada vez mais difíceis, os dois perdidos, completamente entregues, movendo-nos em direção ao limiar dos prazeres.

Minhas mãos acariciaram suas costas, onde cravei as unhas, apertando-o com a minha carne, negando-lhe o movimento conforme me deliciava com a plenitude que era tê-lo dentro de mim novamente.

— Porra! — rosnou, os olhos fechados, o rosto marcado pela necessidade.
— Puta que pariu! Caralho! Merda! — urrou, batendo incansavelmente os quadris contra os meus, não conseguindo mais se controlar.

Os dentes dele morderam meu mamilo, forte o suficiente para causar dor, e foi quando me perdi. Meu corpo contraindo em torno dele, completamente absorvida pela paixão, seus olhos, seu toque, por tudo que vinha dele. E perdi-me inteiramente quando finalmente sucumbi à agonia do orgasmo.

— Ohhhhh... Meu Deus! Taddeo... — quebrei estremecendo, o orgasmo me rasgando tão forte que fiquei sem respirar por vários segundos.

— Eva! — Taddeo gozou em seguida, chamando meu nome, um som gutural e selvagem de prazer saindo da sua garganta, ao mesmo tempo em que explodia dentro de mim.

Fechei os olhos e coloquei a cabeça no seu pescoço, ao passo que agarramo-nos, ambos tentando recobrar nossos sentidos. A respiração ruidosa dele acariciava meu pescoço, enquanto ainda me sentia zonzá. Espasmos de êxtase nunca experimentados antes irradiaram por todo meu corpo, fazendo-me estremecer, como se tudo ao meu redor não fizesse mais sentido além dele. E não fazia.

Taddeo me beijou, de uma forma única, fazendo-me sentir como se nada mais fosse como antes... Ambos entregues. Completamente dominados e sem qualquer defesa... Como se mais nada, nem ninguém, nem mesmo o passado, importasse, a não ser nós dois...

Palavras não eram necessárias, simplesmente sabíamos. Mesmo que não admitíssemos, sabíamos. Por isso me limitei a sorrir, me sentindo feliz como nunca havia me sentido outrora e com uma única certeza: *Não importava o que aconteceria entre a gente, eu nunca poderia deixar de amá-lo.*



Capítulo 10

O INQUÉRITO...

Eva

O sentimento de contentamento foi tão enfurecedor, forte e visceral, que pareceu não terminar de me quebrar como pensei que aconteceria caso me envolvesse com Taddeo outra vez. Ao contrário, não apenas preencheu o vazio que sentia no peito, como também pareceu consertar e remendar cada pedaço quebrado meu. A emoção de estar com ele depois de tudo foi tamanha e tão grandiosa, que trouxe-me lágrimas aos olhos. Era tão forte, assustador e mais do que tudo, era amor.

Ainda sem fôlego, praticamente desabei em cima dele e ficamos agarrados por um tempo, sem dizer nada. Eu não queria sair dali ou deixar que ele saísse de dentro de mim, precisava senti-lo. Não queria nunca mais me afastar, queria eternizar aquele momento para sempre.

As mãos dele passearam preguiçosas pelas minhas costas e naquele instante experimentei uma sensação que só havia experimentado uma única vez: quando fizemos amor a primeira vez, anos atrás. Na ocasião eu achava que Taddeo me amava, e os gestos, carinhos, tudo nele me fazia acreditar naquilo. Contrariando tudo que descobri depois, nós havíamos feito amor aquela noite. E fizemos de novo agora. Fiz amor com o homem que amava. E a realização daquele pensamento fez as lágrimas voltarem.

— Isso foi... Foi... — Taddeo parou o que diria e segurando meu queixo me fez encará-lo. — O que foi, vida? — a voz dele soou preocupada ao perguntar, as mãos acariciando meu rosto com extrema delicadeza.

— Não foi nada — emití baixinho assim que o encarei, sem saber que desculpa precisaria inventar para não confessar a verdade por trás das lágrimas estúpidas.

Minha resposta não pareceu ser boa o bastante para Taddeo, pois ainda assim a expressão dele não se aliviou, deixando claro que não se contentaria com menos do que a verdade.

— Me desculpe... é que... Depois de tudo... Do acidente... De *tudo* —

repeti, não querendo dizer mais do que deveria para não atrapalhar o momento. — Achei que talvez nunca mais pudéssemos ficar juntos. — Gemi em pura vergonha, escondendo o rosto entre as mãos, mortificada.

Taddeo me fez encará-lo novamente, um sorriso lindo e perfeito nos lábios, os olhos de safira brilhando emocionados com a minha confissão.

— Ei! — As mãos voltaram a acariciar meu rosto, fitando-me de modo apaixonado. — O que compartilhamos foi maravilhosamente intenso, do jeito que eu sabia que seria. Não se envergonhe por ter sofrido ao pensar que jamais teríamos chance de ficarmos juntos outra vez. Eu estou aqui, não estou? Eu te amo. E não vou a lugar algum. Prometo! — completou com timbre embargado, e ouvindo o quão emocionado ele estava, tive vontade de chorar outra vez.

— Não prometa o que não pode cumprir — balbuciei de forma cautelosa, minha voz me traindo, e ele me encarou, incrédulo, um vinco se formando entre as sobrancelhas masculinas. Preparei-me para dizer mais alguma coisa, porém ele interrompeu-me, silenciando minha boca com um beijo suave.

— Shhhh... Não só posso prometer, como vou cumprir. Eu posso não lembrar o que nos separou no passado ou a maneira que me sentia antes. Mas diante do que sinto agora e sentia desde que acordei naquele hospital, posso garantir que é real. E não importa o que aconteceu, eu me apaixonei por você todos os dias desde então. A cada encontro, a cada beijo, a cada pequeno gesto seu. A forma como me olha, como faz questão de cuidar de mim. Tudo... — E sem tirar os olhos dos meus sussurrou: — Eu te amo, Eva. Sempre ameí.

— Eu te amo também, vida. Tanto que tenho medo de te perder. — Não hesitei em responder, meus olhos ainda grudados aos azuis quando sussurrei contra os lábios dele. Taddeo beijou minha testa e por um tempo não disse nada antes de se afastar para me fitar com curiosidade.

— Eva, gostaria que fosse sincera comigo, tudo bem? — Assenti, ainda que estivesse completamente apavorada com o que estava por vir. — Por que tem tanto medo?

Droga! O que diria?

Arriscaria tudo naquele instante e falaria a verdade? Sobre o quão burra fui no passado e também no presente e no quanto minhas escolhas estúpidas o magoaram assim como ele fazia comigo?

Mais uma vez tentei me fazer acreditar que mentir era a melhor opção. Tentei fingir que eu não era mais aquela menina boba que se apaixonara tão cedo pelo garoto dos seus sonhos e acreditava em contos de fadas, mas todo o esforço não fez diferença. Eu sempre soube que, apesar de tudo, nada tinha mudado, embora eu tivesse feito um bom trabalho em esconder.

Contudo, o pior era que, apesar de todo o medo e receio, eu queria acreditar

que aquela era a nossa chance de sermos felizes e que Taddeo me amava mesmo depois de tudo. Todavia, nosso passado sempre estaria ali, nos impedindo de ir em frente, e até quando eu mentiria para nós mesmos?

Os olhos dele estavam nos meus, esperando uma resposta honesta minha, e limpei a garganta subitamente ressequida, engolindo em seco em seguida. A maneira que me fitava me deixara entorpecida por alguns segundos, mas então respirei fundo e decidi ser sincera com ele. Ao menos um pouco...

— Porque achei que fosse te perder e nunca senti tanto medo na vida — admiti constrangida, e ele meneou a cabeça, encarando-me com seriedade.

— Medo? — testou, a palavra saindo estranha pelos seus lábios.

— Sim, claro... Achei que fosse te perder! Que tinha morrido, e passei mal... — Parei de falar quando vi as sobrancelhas escuras se arquearem. — Foi a pressão que abaixou demais... — titubeei, ao passo que Taddeo continuava a franzir o cenho, desconfiado. — Me vi completamente sem chão. Nunca mais quero me sentir daquele jeito, Taddeo. Não vou suportar — disse em meio às lágrimas que voltara a derramar, desta vez sem cessar.

— Eu... — Ele se calou, a cabeça virando de um lado ao outro, como forma de negação, para em seguida completar: — Não fala mais nada, apenas me beija — pediu, mas, no fundo, senti que não era aquilo que me diria.

Taddeo então me beijou, não me dando chances de perguntar o que queria dizer nem mesmo se eu quisesse. E sentindo os lábios dele nos meus eu não queria mesmo. A paixão era tamanha, que não demorou para nos entregarmos outra vez, e quando aconteceu, mal reconheci a minha voz quando gritei o nome dele em meio ao êxtase.



Acabei adormecendo de novo, porque aparentemente estava mais cansada do que julgava estar e só fui acordar perto do meio-dia, sentindo um corpo macio aconchegado ao meu. Ainda não podia acreditar que aquilo estava mesmo acontecendo, que não foi um sonho e Taddeo estava de fato comigo. Virei-me para olhar o lindo rosto que ainda dormia tranquilo, de uma maneira tão doce e serena que nem parecia o mesmo homem que há pouco tempo não apenas me desprezava, mas também odiava.

Passei a mão no macio cabelo dele, que crescia rapidamente, e então acariciei com os dedos a maçã do seu rosto. Um murmúrio lhe escapou, mas Taddeo ainda assim não acordou. Sem conseguir me conter, prossegui acariciando o corpo um pouco machucado e quando alcancei a barriga com os músculos delineados, ele abriu os olhos sonolentos e sorriu para mim. O

pequeno gesto fez meu coração perder uma batida.

Porra! Era tão lindo... tão perfeito!

— Bom dia novamente, esposa. — A rouquidão em sua voz arrepiou-me e me fez sorrir.

— Dia... — foi o que consegui emitir, dado meu estado enfeitiçado, e Taddeo riu baixinho, o riso masculino profundo, tudo nele funcionando melhor que qualquer afrodisíaco.

— Posso não ter certeza como me sentia antes, mas acordar ao seu lado é, sem dúvidas, a melhor coisa da vida. — Taddeo então beijou meu ombro, deslizando em seguida o nariz próximo ao meu pescoço, e não pude conter o sorriso bobo com seu tom apaixonado.

— Também não vejo coisa melhor do que acordar em seus braços — concordei quase sem fôlego, e ele me deu um sorriso de satisfação, que me aqueceu o peito.



A semana seguinte foi intensa tanto na cama quanto fora dela. Passávamos quase o tempo todo juntos, fosse nas consultas médicas, nas sessões de fisioterapia ou até mesmo durante o banho, eu simplesmente não podia me afastar. Fazia questão de estar ao lado dele e Taddeo parecia se sentir da mesma forma, porque nos raros momentos em que não estava ao seu lado, ele me ligava perguntando quanto tempo eu demoraria para chegar, alegando sentir saudades.

Todos os dias eu fazia questão de deixar claro o quanto o amava. Estar ao lado dele estava sendo perfeito e, como prometi para mim mesma, eu faria de tudo, absolutamente tudo que fosse necessário para que ele não tivesse dúvidas. E se tinha uma coisa de que passei a ter certeza era que Taddeo também me amava, eu podia sentir no fundo do meu coração.

De uma forma torta, aquela estava sendo a minha chance de recomeçar, de provar que eu podia ser aquela que o faria feliz. Queria fortalecer nossa relação a cada dia para que, quando ele recobrasse a memória, eu tivesse a chance de obter o seu perdão por tudo que fiz e todas as mentiras que contei.

Eu queria me redimir por tudo, mas primeiro precisava ajudá-lo na sua recuperação e fazê-lo feliz como ele merecia antes de abrir o jogo. Iria contar tudo, inclusive que eu estava grávida. Tinha que fazer aquilo, eu sabia. Só não me sentia pronta ainda.

No entanto, aquela relativa paz ao lado dele foi alterada numa tarde quando fomos almoçar na casa de Théo e Stephanie, e depois de alguns aperitivos pedi licença para ir ao banheiro e a Princesa me flagrou durante um episódio de mal-

estar causado pelo fim do primeiro trimestre de gravidez. Tentei disfarçar, mas não acho que tenha conseguido, pois ante o olhar perscrutador me vi um tanto apreensiva.

— Está tudo bem? — indagou, analisando-me com atenção, e desviei os olhos dos seus, com medo de que ela descobrisse a pequena mentira que eu estava prestes a soltar.

— Tudo. Acho que estou ficando gripada — menti, forçando um sorriso para ela, mas diante do alçar de sobrelance que recebi em resposta, acho que não fui muito convincente.

— Enjoada? — insistiu, um tanto intrigada.

— Um pouco... — Dei de ombros, como se não fosse nada de mais, e na mesma hora meu estômago se agitou com a lembrança.

Quase não cheguei em um tempo hábil até a privada antes de colocar para fora tudo que eu não tinha comido aquele dia.

Que droga!

— Er... Talvez seja melhor levá-la ao médico — soltou, me passando a toalha assim que terminei de lavar a boca, e me alarmei, porque Igor continuava a ser o único que sabia a verdade sobre meu estado.

Merda! A última coisa que eu queria era chamar atenção ou fazer com que desconfiassem da minha gravidez!

— Não, não, eu estou bem — emití, um tanto alarmada.

— Não tenho tanta certeza, cunhadinha — devolveu, ainda cética, antes de vir em minha direção. — Sente-se aqui, Eva. — Ela me indicou o puff confortável que havia no lavabo. — Acho que passou da hora de sermos sinceras uma com a outra e esclarecermos as coisas. — Fez uma pausa, fazendo uma careta enquanto parecia pensar sobre as próximas palavras. — Não temos um passado realmente bonito para nos lembrar.

Ela tinha razão, não tínhamos mesmo. Especialmente por minha causa, que havia me empenhado a tentar conquistar Theodore de todas as maneiras. Fiz muita merda, falei tanta besteira, e ela, como não era de levar desaforo para casa, respondia à altura que eu merecia com sua língua ferina. Quem não a conhecia verdadeiramente a achava louca, é claro que eu achava também e jamais diria a ela, ainda assim, a admirava para caramba pela personalidade forte e pessoa única que era.

— Você está sendo gentil, princesa — bufei, sarcástica, demonstrando meu desgosto com as minhas próprias atitudes.

— Estou mesmo. — Dei de ombros sem nenhuma sutileza e eu ri sem humor algum. — Mas convenhamos, você mereceu cada coisa que eu disse ou o apelido de lambisgóia ruiva que lhe dei. — Gemi em pura vergonha, escondendo

o rosto entre as mãos, mortificada.

Meu Deus! Como pude me humilhar tanto?

Verdade seja dita, eu havia sido ridícula e infantil, para dizer o mínimo. Fui idiota e tentei, das formas mais vergonhosas, acabar com o que tinham apenas para tentar ficar com Théo, mesmo não sendo o que eu queria de verdade. Depois de inúmeras tentativas infrutíferas, se vendo enterrado de dívidas, meu pai acabou dando o braço a torcer depois de anos sendo contra um relacionamento com qualquer um dos Caravaggio e decidiu “me ajudar”. O que, claro, também não adiantou muito.

Quando ele acabou naquela cama de hospital, descobri mexendo em suas coisas que ele empenhara-se para tentar separá-los, usando seus contatos para descobrir alguma coisa que pudesse prejudicá-los. E às vésperas do casamento real, inclusive, acabou desenterrando uma história antiga que guardara como carta na manga, como se tivesse sabido desde sempre que precisaria dela em algum momento, e assim o fez.

Por anos Stephanie e o pai acharam que ela tinha assinado o divórcio com um roqueiro que casara-se em Vegas em uma noite de bebedeiras, no entanto, propositalmente o documento não tinha valor algum legal, pois Evan e alguns comparsas garantiram que aquilo fosse como queriam. E no momento mais oportuno, ele foi atrás do tal cara e os dois resolveram vir atrás deles para chantageá-los, fazendo com que ambos desenbolssassem uma fortuna que dividiram entre si.

Eu tinha vergonha, não apenas de tudo que meu pai fizera e acabei descobrindo mais tarde, fora o que ainda nem fazia ideia do que aprontara, mas principalmente vergonha de mim, que por muito tempo havia sido alguém que eu não era, por puro capricho, por ser uma garota mimada, que mendigava qualquer sentimento. Confundi tudo, tentei atrapalhar a vida deles e o mais importante, quase perdi a coisa que tinha de mais verdadeira na vida: meu amor por Taddeo.

— Não sei se lembra — prosseguiu, meneando a cabeça —, mas a última coisa que te disse antes do acidente de Taddeo foi que você aprenderia que sempre tenho razão, cunhada. — O tom sisudo e o sarcasmo habitual de quem sabia o que falava estavam presentes, assim como o aviso férreo feito de forma nada subliminar. — Eu repito: sempre tenho razão.

Cacete! O que ela queria dizer com aquilo?

— Tenho certeza que sim — emiti em reconhecimento, porque não era louca em discordar quando sabia que estava certa.

— Tenho muitos motivos para ser reticente com você, Eva, mas devo admitir que tem me surpreendido de um modo positivo. Embora ainda não tenha tanta certeza sobre você — ela voltou a falar, não parecendo nem um pouco

constrangida ao utilizar sua melhor arma: a sinceridade.

— O que isso quer dizer? — indaguei, tentando fingir uma naturalidade que estava longe de sentir.

— Você ainda não me convenceu de que devo lhe dar uma chance — disse sem vacilar, fitando-me de maneira firme. — Não sou tola, apesar de saber que as coisas mudaram com o casamento, sei que houve um real motivo para que se casassem. — Não era uma pergunta, apenas uma afirmação, uma de quem parecia ter bastante propriedade para falar. — Taddeo pode não se lembrar e você não ter lhe contado sobre isso ou qualquer coisa do passado, ainda assim sei que há uma verdade por trás desse casamento de mentira que vocês esfregaram na nossa cara de um dia para o outro. Porém vou me afastar e deixá-la se redimir. O que significa que você tem de parar de brincar de casinha e ser sincera com ele. Claro, caso não queira que eu entre na história e interfira pelos dois.

O aviso no tom de voz dela estava explícito: Stephanie estava me dando a chance de correr ou contar toda a verdade. Eu a conhecia o suficiente para saber que aquilo não era uma ameaça, mas, sim, um incentivo para consertar as coisas. E também não duvidava de que realmente o fizesse, se tinha uma coisa que a princesa era, era leal.

— Eu o amo. — Minha voz soou fraca quando falei e ela assentiu, parecendo saber daquilo.

— Sei disso e justamente por amar meu cunhado e começar a me simpatizar com você, que estou lhe falando — prosseguiu, com um gesto casual de mãos. — Meu cunhado podia tentar negar, mas ele a amava no passado e ama no presente, mesmo que não lembre de nada do que passaram juntos. Não estou escolhendo um lado, Eva, apenas espero que façam a coisa certa dessa vez.

Meus olhos se encheram de lágrimas, porque eu sabia que ela estava dizendo a verdade.

— Eu farei as coisas certas, prometo — apressei-me a garantir, e ela sorriu de modo compreensivo, o que me trouxe um alívio sem tamanho.

— Taddeo pode tentar passar uma imagem que não condiz com o que realmente sente, mas sabemos bem quem ele é por trás da soberba e prepotência que transparece — prosseguiu. — E apesar de tudo, há algo que ele detesta. — Parou de falar por um momento ou dois, me olhando com uma seriedade que me arrepiou a espinha. — Taddeo é uma pessoa que odeia, com todas as forças, mentiras. Se quer tanto fazer as coisas certas, se quer mesmo ficar com ele e se redimir, comece contando toda a verdade. Melhor que ele escute da sua boca a ter que descobrir sozinho, porque, acredite, isso vai acontecer. Mais dia, menos dia, ele vai se lembrar. E quando acontecer pode ser tarde e você perderá a

chance de ele perdoá-la.

Porra! Ela tinha razão!

Emudeci, sem saber o que dizer, e agradei por estar sentada, porque senti-me perder o chão por um momento. Eu sabia que ela não estava errada, todavia, tinha tanto medo. Medo de perdê-lo, de não querer sequer me ouvir ou olhar na minha cara. Medo de me afastar para sempre. Só precisava de um pouco mais de tempo, não apenas criando novas memórias, mas também provando para ele o quanto eu o amava mais a cada dia.

— Eu sei — minha voz saiu baixa, quase inaudível, porque além de hiperventilar e ter o coração quase na boca, podia sentir minha língua embolar. — Eu vou contar a verdade. Prometo — assenti tensa. — Eu só preciso de um tempo.

— Tudo bem. — Ela levantou-se alisando o vestido de linho na cor branca. — Talvez isso signifique que eu posso estar começando realmente a gostar de você — admitiu com um sorriso, que surpreendeu-me para caramba. Encarei-a em busca de algum sinal de sarcasmo ou da ironia habitual, contudo não foi o que encontrei. — E talvez eu possa ser o que você precisa para aprender a lidar com um Caravaggio ou como deixar um homem sob rédeas curtas — lançou como se não fosse nada, como se meses antes não tivéssemos uma espécie de rixa, e eu acabei rindo, sem saber muito bem por qual motivo.

Stephanne era mesmo uma mulher maluca, sobretudo muito sensata. Mas talvez, apenas talvez, nós conseguíssemos ser realmente amigas depois de tudo. E eu sentia que seria sortuda se tivesse alguém como ela ao meu lado como amiga.

— Eu acho que posso precisar. — Ampliei o sorriso ao terminar de falar quando os olhos azuis brilharam em expectativa.

— Disse e repito: eu sempre tenho razão. — Ela piscou para mim, sorrindo ainda mais, e parecia se preparar para partir quando voltou atrás tornando a me encarar. — E antes que me esqueça, acho que você também deveria contar sobre isso — falou enigmática e com um sorriso no rosto apontou na altura do meu ventre, antes de dar as costas, desaparecendo logo em seguida do lavabo.

Merda! Ela sabia!



Uma semana se passara desde que tivera aquela conversa com Stephanne e por mais que quisesse, ainda não havia tomado coragem para contar toda a verdade para Taddeo. Pelo contrário, sentia-me cada vez mais perdida, porque quanto mais o tempo passava, mais apaixonada e feliz ele me fazia e por isso eu

temia perder tudo aquilo por causa da minha burrice.

Por indicação do meu primo, eu estava fazendo o pré-natal com Dr. Gabriel, que também fora o obstetra que acompanhou a gestação da Princesa, Lourdes e também de Anabella. Eu gostava bastante dele, além de bonito e simpático, era atencioso, sempre preocupado em saber como me sentia, tirando todas as minhas dúvidas sempre.

Tradicionalmente, as gestantes são orientadas a tomar suplementos diários, mas desde que começou a me acompanhar, o Dr. Gabriel se preocupou em resolver meu problema de anemia. Não era recente e apesar de ter começado quando ainda era bem novinha, tinha se intensificado nos últimos tempos, e toda semana acabava tendo que administrar suplementação de ferro na veia, a fim de tentar controlar a minha deficiência, além de ter que fazer um hemograma completo de rotina.

E era o que eu estava fazendo naquela manhã, tomando a suplementação na enfermaria do hospital, enquanto aguardava o resultado dos meus exames, quando vi Anabella passar pela porta da sala vestida com o jaleco, o que fez-me gelar imediatamente.

Droga! Eu tinha esquecido completamente que ela voltara a trabalhar aquela semana, depois do término da licença maternidade!

Mesmo que tivesse ficado irritada com meu pedido, aparentemente meu primo tinha aceitado a minha escolha de não dizer nada a ninguém. O que eu agradecia demais, já que tudo estava muito complicado. A última coisa de que eu gostaria era que toda família descobrisse sobre minha gravidez antes que me sentisse pronta ou ao menos resolvesse as coisas como deveria.

— Eva? O que está fazendo aqui? — ela perguntou surpresa, de cenho franzido, assim que me avistou, e eu engoli em seco, sentindo-me perdida.

Putz! O que eu diria?

— Er... Oi, Bella. — Limpei a garganta um tanto incomodada, sem saber como me livrar daquele encontro indesejado. — Estou bem... só vim tomar uma medicação que o médico receitou. — Ela não esperou que eu terminasse de falar, antes de analisar o rótulo da embalagem do soro preso ao suporte.

— Suplemento de ferro? — testou, estreitando os olhos em minha direção.

— Dr. Gabriel já está com seus resultados de exame — o enfermeiro disse, ao se aproximar. — Assim que terminar, me chama para retirar o acesso e pode ir direto ao consultório dele, pois ele já está te esperando — soltou, antes de dar as costas e me deixar completamente perdida, sem saber o que fazer.

Ai, Deus!

— Dr. Gabriel? Meu obstetra? Isso significa o que eu acho que significa? — ela quis saber, estupefação colorindo seu tom, e eu não precisei responder, ela

entendera exatamente o que aquilo significava.

Droga!

Senti-me mal por ter sido pega. Não queria que ela tivesse descoberto daquela maneira e muito menos que achasse que não havia dito nada sobre a gravidez por um motivo pessoal em relação a ela. Não era que eu não confiasse em Anabella, pelo contrário, já que, depois da mãe, ela fora a primeira a abrir os braços e me fazer sentir bem-vinda na família.

— Sim. Eu estou grávida — reconheci num murmúrio. — Sinto muito... E eu não tive intenção de esconder realmente... — oscilei, à procura da melhor forma possível para fazê-la entender, no entanto não me ajudava em nada a maneira que a loira me encarava, à espera de uma resposta satisfatória. — Com tudo que aconteceu, achei melhor deixar o tempo passar, antes de contar para todo mundo — admiti, meus olhos buscando o chão, envergonhada, enquanto tentava controlar as batidas incessantes do meu coração.

— Por que, Eva? Quando você soube? — tornou a perguntar, parecendo verdadeiramente magoada.

— No dia do acidente de Taddeo, quando passei mal — confessei, por fim, quando vi que ela estava prestes a falar alguma coisa, tratei logo de esclarecer: — Eu queria contar, juro que queria, mas tive medo de, entre tantas coisas, a gravidez não ir em frente.

— Eu entendo — emitii junto a uma longa lufada de ar. Aliviada com a resposta dela, me vi soltar a respiração que não havia reparado ter prendido.

— Eu sinto muito... De verdade — tentei, em vão, me desculpar, e Anabella então sentou-se na cadeira ao meu lado.

— Eva, não precisa se desculpar. Talvez você não esteja acostumada a um arranjo familiar como o nosso, mas entenda que somos sua família. E parasafrendo um desenho que Hector assistiu esses dias: *família significa nunca abandonar ou esquecer*. — Sorriu, antes de abraçar-me de forma carinhosa.

Envolvida nos braços da minha cunhada, acabei chorando emocionada com as palavras dela. Demorei um tempo para compreender o real sentido daquela frase, para sair do mundinho que eu vivia e enxergar mais além, mas finalmente entendi. Um dia acreditei fielmente que família era composta por: pai, irmãos, tios, primos... aquela hierarquia familiar conhecida, mas com com os Caravaggios passei a ver que também ia muito além de sangue e genética.

Família é o que faz o seu coração ainda mais puro e sua alma mais bela. As pessoas que nos fazem acreditar no amor nos dias de hoje, aqueles que nos tornam a melhor versão de nós mesmos. Família é quem nos oferece o refúgio desse mundo, apenas por nos amar incondicionalmente. E era exatamente o que eles eram para mim.

— Ei! — ela me chamou quando nos afastamos, a mão macia cobrindo a minha quando tornei a suspirar, enxugando minhas lágrimas. — Isso significa que meu irmão também não sabe, certo? — Assenti e ela bufou em resposta. — Tudo bem. Vou deixar que você lide com as coisas de acordo com o que achar melhor, afinal, temos que respeitar a escolha de cada um. Contudo, eu vou com você — emitii baixo, antes de voltar a ficar de pé, o que me fez piscar sem entender.

— Como? — eu quis saber, mas antes de começar a responder, Anabella começou a tirar o acesso venoso do meu braço.

— Você acha mesmo que a deixarei sozinha? — Içou a sobrancelha aloirada e meneou a cabeça, negando, e aparentemente a pergunta era retórica, pois ela mesma respondeu: — Claro que não. Além disso, quero ter certeza de que está tudo bem com meu sobrinho — soltou, como se não fosse nada, ao mesmo tempo em que me ajudava a levantar.



Mais tarde naquele dia, aproximei-me da cama onde Taddeo estava deitado, sentindo meu coração cheio de amor por ele. Ele não usava mais o gesso, embora ainda tivesse que usar uma bengala como apoio para andar e continuasse com as sessões de fisioterapia para recuperação plena. Meu marido não gostava nem um pouco de continuar tendo a rotina privada por conta do acidente, mas não havia muito o que ele pudesse fazer ou reclamar, não quando ainda era um verdadeiro milagre que estivesse bem e vivo. Ele tinha apenas que respeitar o tempo para se recuperar e a licença médica que lhe fora dada.

Depois da conversa com Stephanie e também a com Anabella, mais cedo, bem como a consulta positiva que tive no médico, havia decidido contar tudo sobre nós. Só que por mais determinada que me sentisse, uma dúvida ainda martelava na minha cabeça: Como confessar a verdade sem deixar que a mentira se tornasse maior do que o amor que eu sentia por ele?

Taddeo estava adormecido, culpa das medicações fortes que ainda era obrigado a tomar e o deixavam bastante sonolento no início da tarde, por esse motivo, sentei-me na cama para tentar ponderar. Mas sem conseguir me conter acariciei o rosto sereno, fazendo-o despertar de repente, se espreguiçando languidamente.

— Você demorou — foi o que soltou assim que abriu os olhos devagar.

— Me desculpe, vida. Eu tinha umas coisas para resolver. — Beijando seus lábios levemente, ele pareceu despertar por completo ao fitar-me demoradamente. Por um tempo nada disse, como se esperasse de mim uma

resposta melhor do que aquela que eu dera.

— Aconteceu alguma coisa? Você não parece bem — disse depois de um tempo, aparentava estar preocupado, recostando-se melhor no travesseiros, os lábios perfeitos franzindo-se em um ricto.

Eu queria, mais do que tudo, acabar com tudo aquilo que me angustiava, mas sentia, lá no fundo, que ainda não era o momento.

— Não aconteceu nada — respondi de maneira débil, tentando soar segura, todavia sentia-me incapaz de legitimar tal mentira. Precisando senti-lo, o beijei de novo antes de forçar um sorriso. — Tudo que preciso agora para me sentir melhor é de você comigo. — Taddeo sorriu, antes de me puxar para cima dele.

— Sempre, amor — emitiu em um sussuro, ao passo que acariciava-me a face, o toque me trouxe vontade de chorar, pois a promessa dele de alguma forma apertara meu coração atormentado.



No dia seguinte, Taddeo sugeriu que tivéssemos um tempo juntos, então depois de arrumar uma mala, deixamos Bellini no meio da manhã. Temi que viajássemos de avião ou mesmo em um jato particular, ainda não estava preparada para pegar qualquer que fosse a aeronave depois de tudo que acontecera. Felizmente, não foi para o aeroporto que fomos, e sim para o cais.

Quando entramos na lancha, eu ainda não fazia ideia de aonde estávamos indo e Taddeo não disse nada, mesmo que eu tivesse perguntado. E depois de quase uma hora de expectativa, finalmente chegamos ao destino final: A Ilha do Ouro.

A ilha antes abandonada tornara-se uma espécie de refúgio do casal real mais amado do mundo e fora presente de casamento de Théo para Stephanne. Segundo ouvi comentarem, foi justamente naquele local que os dois se entenderam e de acordo com as próprias palavras de Taddeo, seria um bom lugar para ficarmos sozinhos.

Uma casa bela e muito aconchegante fora construída para recebê-los na ilha deserta com vista para o lindo mar Campaviano. Todavia, não estávamos totalmente sozinhos, pois por mais que quiséssemos privacidade, a equipe de segurança que nos acompanhava desde o acidente nos monitorava de perto. Dois deles estariam numa cabana de segurança perto da propriedade e outros dois fariam a ronda ao redor da casa sem pausa para folgas.

— Como é perfeito! — soltei impressionada, e Taddeo meneou a cabeça, concordando, mas franziu o cenho enquanto fitava a sala espaçosa.

— Acho que já estive aqui — emitiu em reconhecimento, dando um passo à

frente no ambiente, sem deixar de observar cada detalhe do lugar com um sorriso, e fiquei alarmada com aquilo.

Put a que pariu!

Era oficial, eu não podia mais continuar com aquela mentira, aproveitaria aquela noite para lhe contar tudo. Estávamos bem, eu tinha que ter fé de que nada nos abalaria. Talvez houvesse uma chance de ele me perdoar, de passar uma borracha no passado. Simplesmente tinha que ser feito, era o que eu faria por nós, simplesmente não adiaría mais. Ele merecia a verdade. E eu precisava da paz que aquela mentira estava me tirando.

— O que você lembrou? — eu quis saber, embora temesse pela resposta que ouviria.

— Não sei... Apenas a sensação de ter vindo aqui.

— Isso é b-bom... — gaguejei em resposta, balançando a cabeça para soar mais crível o que eu dissesse, não me importando em parecer um pouco nervosa demais.

— Sim. Mas sabe o que é melhor? — ele indagou, antes de enlaçar minha cintura, afundando em seguida o nariz no meu pescoço e arrancando-me um pequeno gemido.

— O quê?

Com os dedos ele segurou meu queixo, os olhos escurecidos de desejo, quando tornou a falar:

— É estarmos juntos — sussurrou, fazendo-me arrepiar.

Senhor! Se era!

Perdida... completamente perdida, era como me sentia com ele. Ofeguei, esperando, ansiando, desejando mais do que qualquer coisa que aquele homem demasiadamente lindo, lindo de um jeito além da compreensão, me perdoasse depois de tudo.

Por favor, Deus! Que ele me perdoe!

Não tive tempo para pensar em dizer qualquer coisa, no entanto. A curva sexy dos lábios e o hálito quente fizeram-me perder o ar que me restara, deixando meu corpo em chamas. Todavia era o maldito olhar, intenso e quente, de um jeito que prometia as satisfações mais nefastas que tornava a situação ainda mais difícil para mim.

Com necessidade, sua boca encontrou a minha, a firmeza e a maciez, bem como a pressão suave que exerceram, me fizeram gemer baixinho. Aproveitando-se da guarda baixa, sua língua encontrou a minha e logo me vi corresponder, o que lhe arrancou um som de regozijo. Tudo se transformou rapidamente, de um simples beijo para algo tão assustadoramente sagrado e certo que fez meu interior implodir com prazer.

Delicioso e agressivo de um jeito só dele, Taddeo conseguia me deixar entregue com muito pouco. Minhas mãos encontraram a maciez dos seus cabelos, puxando-o ainda mais para mim, que correspondeu com mais ímpeto, a língua brincando com a minha, flertando, acariciando, fazendo amor com ela, como eu desesperadamente queria fazer com ele.

Nada nem ninguém parecia importar além daquele beijo e instante infinito de troca única, sem precedentes. Tentar nos fazer parar era inútil, seria como tentar congelar o inferno que acendemos, para no final se ver impotente em seus esforços.

Felizmente ninguém tentara... Ainda...



Havia resolvido contar tudo, mas no final daquela tarde meus planos foram frustrados com uma ligação de Alano, pedindo que voltássemos para casa, pois finalmente a perícia sobre o acidente havia terminado. Estava nervosa, porque não fazia a mínima ideia de quem poderia atentar contra a vida do meu marido e muito menos o motivo para fazer algo tão vil. Apensando isso ao fato que me sentia culpada com toda aquela mentira, tornava impossível a tarefa de não demonstrar nada daquilo.

— O que houve? — Taddeo perguntou, estreitando os olhos em minha direção, analisando-me com atenção no carro à caminho de casa. Baixei a cabeça, desviando o olhar do dele, sem graça, antes de voltar a encará-lo.

— Só nervosa. — Sorri suavemente e ele meneou a cabeça, embora sua expressão não tenha se aliviado.

— Tem certeza? — o tom dele era firme enquanto me encarava, à espera de uma resposta, os lábios franzidos, avaliando-me como se estivesse me vendo pela primeira vez. Com o estômago revirado, a boca ressequida, sentia-me impotente, ainda assim anuí em silêncio. — Ao menos vamos acabar de uma vez por todas com essa merda! — soltou depois de um tempo e, apesar do tom um tanto brusco, sorriu, amenizando um pouco as palavras.

— Espero que sim — foi a resposta que dei, ainda que não me sentisse nem um pouco preparada para aquilo.

— Se não quiser ficar enquanto conversamos sobre o assunto — Taddeo voltou a falar depois de um tempo em silêncio, e desviei os olhos da estrada para ele —, pode aproveitar para ir visitar seu pai — sugeriu como se não fosse nada de mais, e instantaneamente me vi rígida com aquela menção.

Desde que despertara, Taddeo casualmente fazia perguntas ao meu respeito ou sobre a minha família, mas sempre de forma singela, e malmente falamos

sobre meu pai deitado naquela cama de hospital. A verdade é que apesar de visitá-lo com frequência, eu costumava desviar do assunto quando perguntava mais a respeito dele ou da minha mãe. Costumava responder de maneira vaga, pois temia que aquele contexto pudesse servir como gatilho que faria todas as lembranças do passado retornarem. Então vinha me esquivando por precaução, afinal, eu era covarde demais para encarar aquilo de frente. E muito menos Taddeo, que tinha muitos motivos reais para me odiar.

— Não, eu prefiro estar com você. Quero que tudo isso se resolva logo — um suspiro trêmulo me escapou, mal sabendo que aquilo não podia estar mais perto de ser verdade.



— A equipe de peritos do Instituto de Criminalística que esteve no local da queda do helicóptero coletou dados, fotografou cenas, retirou partes da aeronave para análise, para enfim reunir documentos. Eles também ouviram relatos de pessoas que podem ter observado a sequência de eventos. Contudo, o laudo sobre a motivação do acidente demorou mais a sair por ser de responsabilidade do Serviço Regional de Investigação e Prevenção de Acidentes Aeronáuticos, que é uma regra nacional da aviação civil e militar campaviana, prevista em decreto, onde, para qualquer tipo de acidente aéreo, a perícia fica a cargo deles, para apontar as causas do acidente, as condições técnicas e mecânicas da aeronave, do trajeto até o lugar da queda. Contudo, as investigações preliminares apontaram ter sido um acidente de cunho criminal, e por isso a polícia teve que ser envolvida e foi feito um trabalho em conjunto de ampla investigação. — o delegado disse assim que nos acomodamos no sofá, minutos mais tarde.

Ao adentrarmos a sala da mansão Caverswall, encontramos os Caravaggios ali à nossa espera, juntamante a dois dos seus advogados e também ao delegado. Só que embora pudesse imaginar que estariam ali, ver a ansiedade e também apreensão estampada no rosto de todos os presentes não me ajudava em nada com meu próprio nervosismo.

— E o que descobriram? — Taddeo quis saber, ao passo que eu sentia a mão suar, tamanha a apreensão. Tentei soltar a de Taddeo, mas ele não permitiu, apertando-a com mais força.

— Como o senhor conseguiu pousar o helicóptero e o piloto usou o extintor de incêndio, os motores foram preservados, e o que nos ajudou a descobrir o que aconteceu... — ele titubeou, relanceando o olhar para cada um presente.

— O que diabos!? — Théo inquiriu, o tom irritado do príncipe sobressaltando o homem de meia-idade que parecia estar tremendo de medo

dele.

— Como já fora dito antes, foi criminal — soltou nervoso e tratou logo de seguir, antes que o interrompessem mais uma vez. — Os motores foram propositalmente danificados, mas de forma calculada a não apontar problema com antecedência, por isso não houve nenhum indício de algo errado antes de iniciar o voo. Ainda não chegamos a um culpado, mas estamos investigando para tentar descobrir.

— Apenas isso? — vociferei, levantando-me, e assim como todos, me vi surpresa com minha própria veemência.

Como era possível que não tivessem descoberto mais nada?

— É um absurdo! Vocês precisam achar um culpado! — Stephanne também se pôs de pé, suspirando, chocada, ao passo que eu secava uma lágrima da bochecha.

— Meu marido e sogro sofreram um atentado, por um milagre estão vivos! Uma pessoa morreu por causa disso! Quantas pessoas mais têm que sofrer ou morrer até que resolvam investigar a fundo essa merda toda? — gritei a pergunta por entre os dentes, completamente chocada que aquilo tudo estivesse mesmo acontecendo e ninguém fizesse questão de mudar.

Taddeo resmungou alguma coisa enquanto eu cobria o rosto com as mãos, sentindo-me desolada pela falta de respostas. Como se não conseguisse mais ficar parado, ele então se aproximou e me envolveu com os braços, puxando-me para o peitoral ao passo que eu começava a chorar baixinho.

— Eu não posso perder você! — eu disse soluçando e ele me apertou ainda mais contra seu corpo.

— Eva... calma — Taddeo apressou-se a falar, mas eu podia perceber a tensão dele.

— Respondendo à sua pergunta, Sra. Eva, estamos trabalhando e, apesar de termos algumas pistas, não podemos dar mais detalhes para não comprometer a investigação — o delegado voltou a falar e a minha vontade foi de bufar, porque eu não estava mais botando tanta fé nele.

Incompetente!

— Estamos acompanhando de perto, Sra. Caravaggio. Também estamos fazendo nossa própria investigação. Não se preocupe — reconheci a voz de um dos advogados e encarei-o, pois ele havia acabado de ganhar a minha atenção.

Abri a boca para falar, para dizer que queria ajudar naquela empreitada e acompanhar tudo de perto, contudo, um mal-estar repentino me fez amolecer nos braços de Taddeo.

— O que aconteceu? — indagou baixo, preocupado, ao passo que segurava-me com mais firmeza.

— Acho que não estou me sentindo muito bem... — minha voz falhou, e eu voltei a esconder o rosto no peitoral masculino.

— Taddeo, leve sua mulher para o quarto. Vamos resolver isso e vocês vão descansar — Alano ordenou, e dada a maneira determinada com que falou, Taddeo não pareceu disposto a discordar do pai e, em silêncio, me ajudou a caminhar até o quarto que vínhamos ocupando no andar inferior.

Mesmo através da tontura que me acometia, percebi que a conversa retornara, agora com os ânimos um pouco mais exaltados, pois assim como eu os Caravaggios não pareciam satisfeitos com a falta de informação sobre os culpados. Era realmente um absurdo que depois de tanto tempo ainda não pudéssemos saber quem fora a pessoa que fizera aquilo.

Enquanto atravessava os corredores, lágrimas grossas rolavam pelo meu rosto e não tive mais motivos para segurar, apenas chorei. Taddeo me levou até a cama e me abraçou em meio ao pranto. Por mais decidida que estivesse a falar a verdade, depois da bomba que parecia ter explodido sobre minha cabeça, eu só queria estar daquele jeito com ele. Não queria mais soltá-lo. Tampouco podia arriscar contar tudo e perdê-lo. Eu estava me acovardando, mas simplesmente não podia imaginar uma vida em que não o tivesse comigo.

— Eva? — ele me chamou de forma quase torturada depois de um longo tempo e me inclinei para encará-lo através da visão turva pelas lágrimas intermináveis que insistia em derramar.

— Oi — balbuciei em resposta, completamente desperta diante do timbre estranho.

Taddeo semicerrou os olhos e inclinou a cabeça para o lado, fitando-me com profundidade. Como uma bomba relógio, era como me sentia, prestes a explodir. E olhando para Taddeo, remeti-me à abertura da caixa de Pandora, que liberaria todo o caos, males, mentiras e dores da minha vida.

E, porra, eu não poderia estar mais certa!

— Fale a verdade. — A voz dele era gelada e baixa quando voltou a falar, arrepiando-me, e não de um jeito bom.

— O quê? — perguntei de maneira débil, tão fraca que não tive certeza de que ele tinha escutado, ainda assim afastei-me dele para entender o que estava acontecendo.

— Foi você? Foi você que causou o acidente, não foi? — a pergunta saiu como um rugido, o timbre baixo, perigoso, de forma a se infiltrar na pele. Em conjunto com a forma dura com que me encarava fez meu coração perder uma batida, por causa do jeito incisivo e inabalável com que fazia aquilo.

Como?

Horas antes, não era aquele azul gélido que fitava-me e me fazia acreditar

veementemente no que tínhamos e no que sentia por mim. Contudo, olhando para o homem que eu amava com desespero naquele exato momento, eu soube exatamente o que aquilo significava e por isso me levantei de súbito da cama.

— Você nunca perdeu a memória — constatei em um murmúrio e assustada dei um passo para trás, em uma tentativa de me afastar. E mais do que isso, precisando desesperadamente fazer aquilo.

O sorriso perverso e frio foi o suficiente para confirmar o que eu já sabia. Meu peito doía horrivelmente quando fechei os olhos, sentindo-me fraca e miseravelmente infeliz, pois meu pesadelo voltara e tinha acabado com o conto de fadas. Era tudo mentira. Tudo uma grande e perversa mentira.

— Achei que fosse mais inteligente, diaba, você demorou tempo demais para descobrir.



Capítulo 11

A MENTIRA DELE...

Taddeo

Às vezes a única coisa pior do que a mentira é a verdade...

Foi exatamente o que pensei quando fui praticamente puxado de um sonho e em seguida senti algo doloroso perfurando minha cabeça. Tentei abrir os olhos, despertar, mas quando enfim aconteceu, um gemido de dor escapou dos meus lábios, a tontura forçando-me a fechá-los de novo. Era como se uma britadeira trabalhasse de maneira incansável ali, me impedindo de sentir nada além de dor.

Minha boca estava seca, a saliva grossa tornava difícil a tarefa até mesmo de engolir. Forcei os olhos abertos e resfoleguei, vendo-me obrigado a voltar à vida. Com o coração aos pulos, tentava voltar a conseguir respirar direito.

Quando finalmente enxerguei ao meu redor, dei-me conta de que estava deitado em uma cama de hospital. Minhas mãos foram instintivamente até a cabeça, onde sentia o latejar insistente, e passei os dedos em algo que parecia ser um curativo.

Foi então que lembrei-me de tudo... Da briga com Eva após descobrir a mentira que contara em uma tentativa de me manipular... Depois o acidente de helicóptero, e então tudo ficou escuro. Estremeci involuntariamente, porque foi o rosto dela que vi antes de apagar e também foi o nome dela que emití ao acordar.

— Eva — murmurei, sentindo-me fraco e também perdido, sobretudo ferido por ter sido traído mais uma vez.

Enquanto a equipe médica começava a me examinar e a fazer as perguntas de praxe, toda a dor pungida da traição pareceu retornar com força total e a cena que me veio à mente foi de quando eu a mandei partir...

Ela era a mentirosa! Era o que eu repetia para mim mesmo ao me lembrar daquela noite, a fim de tentar manter a sanidade intacta... Ou parte dela, ao menos. Mas a verdade é que sentia o peito doer e parte do meu coração se foi naquele instante. Eu me vi sem ar. Minha boca dizia uma coisa, mas por dentro sentia algo muito parecido com a morte. O nó da minha garganta apenas intensificava a dor que sentia e não me surpreenderia se me dissessem que eu

estava tendo um ataque cardíaco.

Tentei não continuar a pensar sobre aquela mentirosa, mas as imagens apenas voltavam em minha mente como um filme sem pausa. A sensação de agonia era tamanha, a necessidade de machucá-la era tanta, assim como a de descobrir se Eva tinha algo a ver com meu acidente, então simplesmente fingi que esqueci todo o mal que me fez.

O problema maior não era a mentira sobre uma amnésia ou fazê-la acreditar que havia passado uma borracha no passado e eu era loucamente apaixonado por ela, mas, sim, como acontecia toda a vez que permitia que se aproximasse, acabava envolvido mais do que deveria e perdia um pouco do controle.

Talvez fosse a maneira com que me fitava com paixão, os olhos cor de esmeraldas brilhantes cheios de desejos inconfessos, fazendo-me provar do meu próprio veneno. Não sabia que porra acontecia, mas ela facilmente conseguia me enrolar em sua teia e fazer-me beber do que eu a fiz tomar. Tocá-la, mesmo que sem esforço, era o suficiente para fazer meu coração disparar. Resistir a Eva tornava a tarefa ainda mais difícil quando sua boca e corpo chamavam-me como o trágico conto de Romeu e Julieta, a lâmpada e a mariposa, uma história de atração fatal.

— Como você foi capaz de fazer algo tão perverso? — a bastarda mentirosa indagou no canto do quarto, como se pudesse se manter longe de mim quando eu era o único a decidir se poderia ou não.

Levantei-me bruscamente da cama, fulminando-a com um olhar colérico, Eva mantinha as mãos enfiadas nos cabelos ruivos, os olhos verdes com uma expressão consternada que contrastava com a mulher apaixonada e doce que tentou se mostrar nas últimas semanas.

— O que, Eva? Mentir? Mentir como você tem feito a vida toda para mim? — eu quis saber, ao mesmo tempo em que me aproximava com ajuda da bengala.

— Por quê? Por que fez isso comigo e com a sua família? — indagou, e eu quase acreditei que ela realmente se sentia magoada ou sentida por eles, e não desesperada por ver a própria máscara cair.

— Olha... — tentei argumentar, dizer que ela não tinha nada a ver com a minha família, no entanto, ela foi mais rápida em me cortar:

— Não, é você quem vai me escutar, Taddeo Caravaggio! Durante quase um mês praticamente vegetei, pedindo, melhor, implorando a Deus para que se recuperasse! — titubeou, os lábios trêmulos e os olhos cheios de falsas lágrimas chegaram perto de me convencer que estava sendo sincera. — Foi um verdadeiro milagre que estivesse vivo e a única coisa que eu pedia era que ficasse bem, mesmo que significasse você me escorraçar da sua vida outra vez! E então você

acordou, fingindo que esqueceu... De tudo, inclusive do que passamos... — Sua voz falhou e bufei com ironia, meu olhar frio no dela. — Juro por Deus que sairia da sua vida caso me pedisse. Na verdade, pretendia mesmo ir embora, depois de te contar tudo. Só que você simplesmente estava brincando comigo... Com que propósito? Enlouquecer ou apenas porque tem prazer em ser sádico? — perguntou entredentes.

— Não interessa o que você acha ou deixa de achar! — vociferei, a paciência que ainda me restava esvaindo-se rapidamente, ao passo que diminuía a distância entre nós, fazendo-a recuar. — A farsa acabou, Eva.

— Que farsa, Taddeo? A minha ou a sua? — tentou virar o jogo outra vez ao seu favor, o que obviamente não me convenceu.

— Preciso mesmo lembrar tudo que você já fez, Eva? Porque eu posso ter batido com a porra da cabeça, mas as lembranças ainda estão bem vivas na minha memória! — Teve a audácia de fingir inocência, mas eu a conhecia bem demais para saber que era mentira.

— Sobre isso... A verdade é que...

— Que verdade? Estou pouco me lixando para suas verdades! Quero que me conte agora mesmo se tem alguma coisa a ver com essa história do acidente, antes que eu chame a polícia aqui para prendê-la, e aí sim você verá o que é sofrer de verdade! — Não hesitei em avisar, meus olhos ainda grudados aos dela, esperando por uma resposta satisfatória, e vi seus olhos se arregalarem e os lábios tremularem, como se ela se sentisse magoada por tê-la acusado injustamente.

Cínica!

— Eu não... — Ela se calou, antes de emendar rapidamente ao ver meu olhar de aviso: — Jamais seria capaz de fazer qualquer coisa contra alguém! Eu nem mesmo fazia ideia de aonde você ia viajar ou que pilotaria, como poderia sequer planejar alguma coisa? — ela tentou me fazer acreditar, a indignação transbordando em suas palavras, e ri com escárnio.

— Não era mais um plano seu? Já que o golpe da barriga não deu certo, matar o marido e ser a única herdeira dele poderia servir, não é mesmo? — testei, a ironia, assim como a raiva escorrendo em minha voz. — Vamos parar de teatrinho. Quero uma única coisa de você, Eva: a verdade. — Ela pareceu insultada e abriu a boca para responder, contudo foi rápida em se recuperar.

— Que verdade? A minha? A sua? Ou a real? — devolveu, num tom tão exasperado quanto o que eu utilizara.

— Quero apenas a verdade, caralho! — joguei entredentes, dando o meu melhor para manter a voz baixa, quando minha vontade era esbravejar diante de tudo que ela fez quando soube que eu esqueci e ela propositalmente preferiu não

me contar.

— A verdade é que eu não tenho nada a ver com isso! — ela me enfrentou e abri a boca para responder, contudo, quando estava prestes a refutar, ela rapidamente acrescentou: — O que aconteceu é que sim, eu menti sobre a gravidez porque estava desesperada!

Fiz uma careta, bufando em seguida, cético. Eu não queria nem podia acreditar em nada do que aquela mulher dizia, pois tudo que saía da sua boca não passava de mentiras. Nunca fui nada além de uma peça no seu tabuleiro para os planos de fazer um bom casamento, e quando não conseguiu meu irmão, quem ela verdadeiramente queria, não viu alternativas a não ser tentar enganar o tolo que eu era.

Então qualquer que fosse os impropérios que eu utilizava ou a forma afrontosa com que lidava com Eva Carrara, ainda assim era pouco diante do que ela merecia de mim.

— Então, enfim, ao menos uma verdade — falei sem qualquer emoção, batendo palmas para ela sem nenhuma vontade, pois me sentia morto por dentro. O único sentimento mantendo-me vivo sendo o ódio por aquela mulher que tanto amei.

— Taddeo... Eu juro que só foi isso! Nunca menti sobre meus sentimentos por você! Nunca! — sussurrou, com os lábios trêmulos, e eu ri, com desdém.

— Aposto que sim! — lancei com ironia.

— Óbvio que sim! Não importa quanto você tenha me magoado, eu fiz o que fiz para que tivéssemos uma chance! — ela soltou, levando a mão ao peito, dramatizando, enquanto eu a encarava com um sorriso debochado.

— Claro, afinal, dormir com meu próprio irmão com certeza estava nos planos para ajudar na nossa conciliação, não é? Com certeza, afinal, por que me machucaria saber que a mulher que eu amava era uma vadia? — cuspi as palavras venenosas, encarando-a com uma mágoa palpável.

Eva ofegou, recuando em seguida como se tivesse levado um tapa, a dor transparecendo nos olhos cheios das lágrimas que caíam sem cessar, enquanto ela meneava a cabeça, negando. Talvez se mostrando tão atingida, porque sabia que não havia mais escapatória para ela.

Foda-se! Eu não teria pena!

— Eu vou... — ela tentou correr, mas eu não faria tão fácil assim para ela. Não mais...

— Você não vai para porra de lugar algum! — bradei em fúria, lançando a bengala nos objetos mais próximos, fazendo-os se quebrarem, e Eva levou as mãos à boca, assustada com meu rompante.

— Taddeo... Por favor, eu não fiz nada... — balbuciou, fazendo-se de

desentendida enquanto caía no choro e eu ri, porque era inútil que ela continuasse insistindo naquela mentira.

— Foi você, não foi? Foi você que armou aquele acidente com intuito de me matar? — indaguei colocando-me em seu caminho, de modo que Eva não tivesse como fugir de mim, apesar de ela se recusar a me encarar.

— Não sei do que está falando! Eu jamais teria coragem de fazer algo como aquilo... Jamais! — insistiu e abri um sorriso zombeteiro.

— Ah, sabe sim! Já que sabia que não conseguiria me arrancar mais nada depois que mandei-a embora! — falei, perplexidade moldando cada sílaba, ao passo que ela chorava de forma descontrolada.

— É mentira! — Eva gritou, insana, o rosto vermelho em pura revolta por eu ter descoberto seu plano ardiloso. — Eu não fiz nada disso. Sobre a gravidez... eu ia contar. Juro que ia, vida. — Engoli em seco, porque o vocativo que costumávamos usar apertou meu coração de um jeito que nunca poderia colocar em palavras.

— Não ia. E depois do acidente você teve semanas de oportunidades para falar sobre o passado, mas preferiu continuar a tentar me fazer de cego quando pensou que eu não lembrava de nada. Você teve sua chance, Eva, e mais uma vez optou por me fazer de trouxa. Até quando continuaria a fingir? Ou pensava mesmo em me deixar o resto da vida vivendo a droga de uma mentira? — Mal consegui controlar o timbre desgostoso enquanto balançava a cabeça de um lado ao outro, não querendo acreditar em mais nada além daquelas mentiras.

— Ia contar que menti, mas por te amar tanto eu temia exatamente essa reação. — A voz dela parecia quebrada, os olhos verdes, hesitantes ao confessar.

— Você tentou me manipular e sabemos que essa não é a primeira vez. Usou-me para seus motivos sórdidos, brincando com minhas emoções sem pensar duas vezes! — lancei, encarando-a completamente enojado.

— Eu não queria... — soltou com a respiração trêmula.

— Não só fez, como também farei você pagar por tudo, Eva. Nem que para isso use o tempo que me resta dedicando-me a acabar com a sua miserável vida. Eu vou colocá-la atrás das grades e garantirei que de lá não sairá nunca! — tratei logo de fazê-la entender com quem estava lidando e ela arfou, dissimulada.

— Faça como achar melhor, Taddeo. Estou cansada de lutar — foi o que disse depois de um tempo em silêncio, e abri a boca para responder, contudo a porta do quarto se abriu sem que batessem, e por ela passou Igor.

— O que está acontecendo aqui? — indagou com a voz grave, o olhar alarmado dele indo do meu para o dela.

— Igor... — Eva sussurrou o nome dele como se o primo fosse uma espécie de bote salva-vidas, os lábios trêmulos e os olhos cheios de falsas

lágrimas.

Diaba dissimulada!

— O que aconteceu aqui? Todos tinham saído e eu estava quase entrando no carro quando ouvi gritos. O que foi? — Ele foi até ela, preocupado, ainda assim a expressão em seu rosto não se aliviou quando voltou a me encarar.

— Não é da sua conta! — não hesitei em responder, fitando-o de modo que o desafiava a me contrariar.

— É da minha conta sim! Não vou repetir a pergunta outra vez: o que está acontecendo aqui? — devolveu e eu sorri, irônico.

— Pergunte à sua querida prima. — Apontei para a fingida nos braços dele, que derramava seu pranto enquanto agarrava-se ao primo. E vendo aquela cena completei: — Tenho certeza que a polícia vai adorar saber que a principal suspeita pelo meu acidente dormia na minha cama!

— Chega! — Igor exigiu com a voz inexpressiva, então Eva simplesmente se livrou dele e do nada correu para fora do quarto.

Sequer tive tempo de pensar, pois de alguma forma Eva pareceu se dar conta do que estava acontecendo e simplesmente fugira. Xingando baixo, tentei alcançá-la, em vão, pois obviamanete não podia correr por causa da maldita perna machucada, ainda assim andava o mais rápido que podia diante da minha limitação e do uso da bengala. Igor foi mais rápido, no entanto, e quando consegui com muito esforço chegar à sala, ele já saía pela porta da frente.

A escuridão e o som característico da noite me recebeu no exato instante em que saí pela porta da mansão. Meu coração batia rapidamente, a respiração cada vez mais pesada, a adrenalina fazendo seu trabalho em me deixar eufórico. Aquela sensação de perda acelerando-me o fluxo sanguíneo, ouriçando meus sentidos, tornando a cena que passara a desenrolar ainda mais real para mim.

Contudo, nada parecia me impedir de ir adiante, nem mesmo a dor na perna. Talvez porque sentisse que algo mudaria de forma irrevogável naquele momento em diante.

Em um piscar de olhos infinitas coisas podem acontecer. Talvez o tempo calculado possa parecer ínfimo, afinal, é de fato muito pouco... Mas também é o suficiente para tudo mudar e uma tragédia acontecer. E contrariando tudo que eu já havia passado, até mesmo o acidente que quase me tirara a vida, aquele instante se tornou o mais doloroso de todos, pois foi quando aconteceu algo que nunca esqueceria na vida.

Sequer pisquei outra vez antes de pensar em alcançá-la e foi então que tudo aconteceu.

— Eva! — gritei o nome dela com desespero, mas já era tarde demais.

De modo aterrorizante assisti, em câmera lenta, a um carro acelerar em

direção a Eva, antes de bater contra seu corpo, fazendo-a voar para em seguida cair no chão. Tudo ao meu redor simplesmente parou, nada parecia fazer sentido além dela. Sem pensar duas vezes, corri até onde caíra, uma poça de sangue rapidamente se formando ao seu redor, tornando tudo ainda mais doloroso, atroz.

— Ligue para emergência! Agora! — Igor bradou a exigência e com o coração batendo num ritmo alucinante, doendo, sangrando, sangrando assim como acontecia com ela, eu consegui pedir por ajuda.



Eu não podia acreditar que estávamos de volta ao hospital. Não podia acreditar que horas antes eu estava interpretando um personagem, vivendo uma vida que eu gostaria de viver, mesmo que tudo não passasse de mentiras e agora eu estava ali naquele corredor sombrio, esperando por notícias, sem saber se a mulher que eu amava odiar estava bem ou não. E mais, sem fazer ideia do que aconteceria, e aquilo tudo estava me matando.

O tempo pareceu se mover ainda mais devagar enquanto esperávamos. Não pensei em fazer nada, a não ser esperar e, por mais angustiado que ainda me sentisse, meu foco foi para ela. Apenas para ela. E não me ajudava em nada recordar-me das palavras de Igor assim que Eva foi colocada em uma maca desacordada.

— *Eu juro, Taddeo, se alguma coisa tiver acontecido, você vai ser ver comigo!* — ele avisou com a voz enganosamente calma, fazendo-me engolir em seco, antes de me dar as costas e acompanhar os primeiros socorros que lhe prestrariam.

A angústia levava a melhor e havia me tomado por completo. Não queria sequer fechar os olhos, pois a cada vez que o fazia me lembrava de tudo. Cenas de nós dois juntos, se misturando com o momento em que ela foi atingida. Era como um martírio sem fim, trazendo a culpa, que me espezinhava de tal forma, fazendo meu peito doer de uma maneira que se tornava difícil até mesmo a tarefa de respirar.

Sentia vontade de chorar, de gritar. A culpa me corroía por dentro, forçando-me a lembrar todas as palavras e injúrias ditas ao longo dos anos. Por ter permitido que a minha mágoa fosse maior do que eu verdadeiramente sentia por ela... Por ter mentido e mesmo quando ela me provava todos os dias que era alguém diferente, ainda assim preferia acreditar que não era e ainda suspeitava que fora capaz de atentar contra a minha vida. Culpa... Culpa... Era a maldita culpa me corroendo por dentro.

— Taddeo? — A voz doce de Anabella cortou o silêncio e acabei me

atrevido a olhar na direção de onde ela vinha, para encontrá-la com lágrimas nos olhos. — Alguma notícia? — indagou com cuidado enquanto segurava minha mão, apertando-a com carinho, e eu meneei a cabeça, negando.

— Vai ficar tudo bem — foi o que Stephanne disse, e eu me dei conta de que elas não estavam sozinhas, toda a família estava ali presente.

Não disse nada, não podia. Sentia-me fraco demais para fazer mais do que permanecer ali à espera, mesmo que me sentisse prestes a ruir.

— O que aconteceu quando saímos de lá? — meu pai pediu, sério.

Achei que não seria capaz de fazer, mas consegui falar toda a verdade. Desde o início. E enquanto eu contava, notei a maneira que eles reagiram. Conhecendo cada um como eu conhecia, eu sabia que não concordariam com a forma que resolvi lidar com as coisas e seria julgado pelas minhas escolhas. Todavia, algo na forma como Stephanne e Anabella reagiram, sem querer sequer me olharem mais, me fizeram sentir ainda mais culpado por tudo.

A atitude delas até me fez esquecer brevemente outra pessoa que me dera um aviso mais cedo. O que foi um erro, porque Igor simplesmente se materializou em pleno corredor, os olhos faíscando em fúria presos aos meus, as mãos em punhos, pronto para cumprir o que prometera.

— Eu te avisei, seu miserável! Avisei o que aconteceria! — foi o que ele disse antes de desferir um soco certo no meu maxilar.

— Igor! — alguém gritou o nome dele de maneira horrorizada, mas não foi o suficiente para pará-lo.

— Eu te pedi para cuidar dela! Pedi que não a magoasse! Te dei a chance de fazer feliz uma pessoa que só errou tentando acertar. E o que você fez? Quase a matou! — ele vociferou, completamente fora de si, enquanto segurava-me pela gola da camisa.

— Chega, Igor — Théo disse diretamente para o amigo, que o ignorou.

— Não... Deixe-o. Ele acha que eu mereço, não vou me opor se ele quiser quebrar a minha cara, pois pior eu me sinto por dentro — soltei com ironia, quando na verdade sentia-me derrotado.

Outro soco veio e foi mais uma vez certo, fazendo minha cabeça virar e me levar ao chão. Se é que existia um lugar mais baixo para eu ir, além do fundo do poço onde eu já me encontrava.

— Chega! — Théo voltou a segurá-lo quando notou que ele estava prestes a me atingir outra vez.

Não me importaria que ele continuasse. Eu merecia, afinal. E qualquer dor física era melhor do que a pungida que eu sentia no peito. Qualquer coisa era melhor do que aquele sentimento aterrorizante que ameaçava me rasgar por completo por não saber se ela ficaria bem.

Coloquei a mão no nariz, tentando estancar o sangue que escorria, e, apesar de incômoda, a dor ainda não era o bastante para me derrubar. Outro punho veio em cheio no meu rosto, fazendo-me cambalear e cair no chão novamente. O sangue não o fez parar e eu queria mesmo que ele machucasse a minha superfície assim como me sentia por dentro.

Tonto, era como estava, mas quando por breves segundos os golpes pararam, fiquei de joelhos e me forcei a levantar.

— Sai daqui, Taddeo! — Théo disse entredentes, parecendo fazer um esforço tremendo para segurar o melhor amigo.

— Eu não vou! — neguei de pronto, sem deixar de encará-lo, pronto para mais.

— Você deve estar mesmo a fim de voltar a ficar nesse hospital — Igor cuspiu, irritado. — Saia daqui! — O aviso em seu tom de voz estava explícito: eu estava ferrado. E eu não me importei, se o que ele queria era descontar a raiva em mim, sequer tentaria me defender.

— Igor, pare com isso! Ele só quer notícias da esposa! — minha mãe tentou, em vão, acalmar o genro, que parecia arrasado, o que não condizia em nada com o sorriso irônico que me dirigiu, os olhos faiscando não deixando de me encarar.

— Para quê? Para matá-la agora de uma vez? — rugiu, com raiva. — Você não faz ideia, não é? Não faz ideia do quão covarde foi... Afinal, você tem uma família que te ama, não passou a vida sendo humilhado dentro da própria casa como ela foi! Você não teve de desprezo dos próprios pais como ela. Você não viu o quão desesperada ela ficou com o seu acidente... Sequer ouviu sua voz quebrada por causa de tanta dor, culpa e vergonha que guarda para si. Dentro da ruiva linda que ela é por fora, ainda existe uma menina carente que cometeu burradas apenas tentando acertar. Ela mentiu sim, fez inúmeras besteiras também, mas se existe uma coisa de que ninguém pode duvidar é do amor que Eva sente por você! E creio que todos aqui são testemunhas disso! — foi o que disse, e suas palavras me doeram mais do que qualquer soco que recebi até então.

— Eu a amo — finalmente falei e me deparei com os olhos dele fitando-me, estarecido, antes de rir, sem humor algum.

— Isso não faz mais diferença, Taddeo, sabe por quê? Porque quando você teve a chance não aproveitou! E agora vai carregar para sempre consigo a culpa de ela ter perdido o bebê!

Eu me vi desabar, caindo de joelhos no chão, e então veio o desespero, depois o vazio, a sensação de impotência... A dor... Sempre ela. Era uma dor que me faria recordar eternamente daquele instante, a cada respirar, a cada batida

do meu coração. Era visceral... Cruel... Era vil.

Eu nunca tinha passado pelo luto até aquele dia, mas estava experimentando a perda de alguém que sequer tive a chance de conhecer. De quem nem mesmo tive a chance de saber da existência.

Eu havia perdido um filho... o meu filho...



Cambaleando para trás, caí sentado na cama, ofegante, com o coração aos pulos, ameaçando sair do meu peito. Ainda não podia acreditar. Não podia acreditar na merda que minha vida havia se tornado.

Fechei os olhos, pois me sentia nauseado. Não sabia ainda como tudo acontecera e muito menos como pude permitir que aquela mentira fosse tão longe. Longe a ponto de fazer com que eu perdesse meu filho. Pelo visto aquela era a minha sina: foder com tudo e também com meu coração no processo.

Minha noite tinha sido horrível, depois de me obrigarem a voltar para casa e esperar o dia seguinte para visitar Eva, eu sequer consegui pregar os olhos. Amanheci ainda sem fazer ideia do que faria a seguir, sobretudo, como conseguiria encará-la depois do que aconteceu.

A dor que eu sentia por aquela perda queimava em meu peito, brotava e se espalhava da forma mais estranha e colossal. Não tinha vergonha de admitir a minha derrota, muito menos de chorar, até porque as lágrimas queimavam meus olhos sem pedir licença.

Respirei fundo e olhei o ambiente ao meu redor, sentindo tudo se intensificar por causa do vazio que passei a sentir ali dentro. Levantei-me pouco depois, pois percebi que não suportaria mais continuar naquele lugar que por meses fora o nosso lar.

E assim como Eva tinha feito e eu tinha acabado de descobrir quando me ligaram para dizer que ela não estava mais em lugar algum, eu parti, sabendo que tinha levado com ela qualquer chance de ser feliz um dia.



Nem todo álcool ingerido foi suficiente para aplacar a maldita queimação no meu peito. Buscava na bebida, mesmo que de forma passageira, um alívio que parecia distante e quase impossível de acontecer mesmo quando os meses foram passando. Ninguém tinha notícias de Eva e depois de um tempo procurando por ela, simplesmente desisti. Estava claro para mim que ela não queria ser encontrada e eu então resolvi respeitar, talvez pela primeira vez, a sua vontade.

Ainda assim, por mais que tentasse, que me esforçasse para cacete, tudo era diferente. A bebida me manteve centrado, mesmo que a cabeça estivesse longe, mesmo que por poucos segundos, todavia o coração continuava repleto de tormentos. Apesar de tudo e do todo teor alcoólico, a dor ainda vivia dentro de mim. E parecia passar longe a vontade de querer ir embora, então apenas a abracei como uma velha amiga.

Com o passar do tempo, em vez de retomar a vida de uma vez, de me concentrar em retomar tudo como havia deixado e empenhar-me em me manter ocupado, fiz exatamente o contrário. Isolei-me, acabei charfundando em minha própria dor, curtindo o vazio que tudo se tornara desde a partida dela. E a ressaca que sentia, cada vez mais habitual, não me ajudava também.

Era irônico que mesmo depois de tudo que fizera para ficar comigo Eva Carrara fosse a única com bom senso para entender que o melhor para nós dois era ficar longe um do outro. Ainda assim, aquela dor de ter me deixado era tão ardente que me sufocava. Agoniava para caralho.

Contra tudo que era lógico, permiti que aquela mulher voltasse à minha vida, que o sentimento que teimosamente insistia em ter por ela chegasse ao meu coração. Contudo, não poderia culpar outra pessoa a não ser eu mesmo. O avanço das investigações fora mais uma punhalada no peito, pois Eva foi descartada como culpada ainda no início. E eu estava ali daquele jeito por ter sido egoísta o bastante para lutar por uma justiça que não cabia a mim cobrar.

Passei tempo demais mergulhado na fossa que eu mesmo cavei e entre garrafas e mais garrafas de uísques caríssimos, tentei esquecer a constante dor me roendo desde que a minha vida pareceu desmoronar. Não tinha vontade de ver ninguém, tampouco fazia questão que viessem ao meu encontro, com intuito ridículo de me socorrer, o que era ridículo, quando na verdade não havia nada que pudessem fazer por mim. Queria mesmo permanecer longe de tudo e de todos, ficar em paz, mesmo sabendo que era a última coisa que teria.

Achei que nada mais poderia me tirar do prumo, no entanto descobri que estava errado... *Mais uma vez*. Isso aconteceu quando seis meses após a partida de Eva recebi um envelope sem remetente, nervoso, abri para ver o que tinha ali dentro, todavia nada me preparou para o que eu encontrei.

Estava oficialmente acabado... Literalmente e para ela também perante a lei. Afinal, Eva me enviara os papéis do divórcio assinados.

Eu não sabia ainda na época, já que acreditei veementemente que não haveria mais volta. Contudo, algum tempo depois, percebi estar enganado, pois Eva voltaria para mudar minha vida para sempre.

Parte II

*“Ninguém sabe como é
Ser o homem mau
Ser o homem triste
Por trás de olhos azuis*

*Ninguém sabe como é
Ser odiado
Ser destinado
A contar apenas mentiras*

*Mas meus sonhos não são tão vazios
Quanto minha consciência parece ser
Passo horas, de pura solidão
Meu amor é vingança
Que nunca está livre*

*Ninguém sabe como é
Sentir esses sentimentos
Como eu sinto
E eu culpo você!*

*Ninguém retorna tão ferozmente
Na sua ira
Nenhuma das minhas dores ou feridas
Podem transparecer*

...

*Ninguém sabe como é
Ser maltratado
Ser derrotado
Por trás de olhos azuis*

*Ninguém sabe como falar
Que está arrependido
E não se preocupe
Não estou contando mentiras...”*

Behind Blue Eyes – Limp Bizkit



Capítulo 12

O REENCONTRO...

Taddeo

Três anos se passaram desde a partida de Eva, tempo este que me fez mais frio, calculista, resumindo a mim mesmo apenas como um homem de negócio, que praticamente vivia para trabalhar. A minha única felicidade eram meus sobrinhos, que me ajudavam a respirar com um pouco menos de dificuldade e me faziam acreditar, mesmo pelo período que estava com eles, que eu não era o morto-vivo que acordava dia após dia.

As trigêmeas eram lindas, mas realmente geniosas. Bastava olhar para os rostinhos perfeitos e para os olhos estupidamente azuis para sabermos de quem eram filhas. Théo e Steph haviam sido abençoados triplamente, mas também suavam bastante por causa delas, pois as princesinhas não eram nada fáceis.

Hector era o bendito fruto entre a nova geração dos Caravaggios. O menino era uma cópia do meu cunhado quando criança, até mesmo o jeito de ser era do pai, por quem ele era loucamente apaixonado. E era com Hector que eu passava mais tempo, exercendo o papel de seu tio favorito, e ao lado dele sentia-me também um pouco pai, coisa que não tinha tanta certeza de que seria um dia.

Deus! Eu realmente amava aqueles anjinhos!

Não importava quanto tempo passara, eu ainda não conseguia esquecer que não ter me tornado pai fora culpa minha. Pensar naquilo ainda me desestruturava de um jeito único. Pois apesar de seguir meu caminho, não conseguia esquecer, quiçá tirar da cabeça, mas... Especialmente do meu coração.

Sentado no meu escritório, coloquei os pés na mesa, já era noite e não tinha pressa alguma de chegar em casa. Na verdade, não sentia nenhuma vontade de ir, porque não tinha nada nem ninguém me esperando ou algo que pudesse me fazer mudar de ideia. Era apenas eu mesmo, minha dor e mais ninguém.

Se meus dias já eram solitários, as noites eram ainda mais difíceis, pois era a hora em que eu me sentia vivo e entregue com Eva. A hora em que a tinha perto de mim, sem máscaras ou mentiras, apenas duas pessoas apaixonadas. Era quando depois de fazermos amor, abraçava-a como se não quisesse soltá-la,

sentia seu cheiro, calor, seu corpo pequeno junto ao meu como um só.

Eram em momentos como aqueles que tinha certeza para minhas dúvidas. Onde não havia espaço para sentimentos ruins ou nada que nos afastasse. E agora, antes de dormir, era a hora perfeita para sentir o soco no estômago e o aperto do coração, por isso eu sempre adiava a chegada daquele momento.

A bem da verdade é que eu não vivia a vida, apenas passava por ela. E do mesmo jeito podia me referir às noites, onde me encolhia em meu canto, olhando para o vazio ao meu lado. O que eu sentia nas minhas noites insones era uma mistura de saudade, raiva, culpa e um tipo singular de dor, que me faziam sentir verdadeiramente sozinho no mundo. E doía tanto, que não conseguia fechar os olhos, muito menos dormir.

Pequenos cochilos se tornaram a maneira que meu corpo encontrara para não sucumbir. Eram raras as vezes em que conseguia adormecer por mais do que algumas horas e quando acontecia, em vez de me sentir mais revigorado por conseguir descansar um pouco mais, me sentia ainda pior ao acordar. O que me fazia ter de começar a beber ainda cedo.

Recostando-me na cadeira, levei as mãos à cabeça e, fechando os olhos, Eva veio em meus pensamentos. Queria saber como ela estava, se ainda estava linda como sempre fora. Queria saber se ao menos estava viva, se estava bem, onde morava, o que fazia para viver e também se tinha outro alguém em sua vida.

Sim. Eu era um maldito masoquista!

Eu tive que me segurar para não continuar a ir atrás dela depois de tudo e por muitas vezes estive por um triz de fazê-lo. Porém obrigava-me a lembrar das promessas que fiz de não a procurar. Tinha que continuar a respeitar o seu desejo de não ter mais nenhum contato comigo. Mesmo que para isso todos os sentimentos que tangi para bem longe de mim durante esses anos sem ela em minha vida ameaçassem me sufocar.

Merda! Porque aquele amor não saía de mim simplesmente?

Talvez o melhor fosse ir para casa descansar, contudo algo me impedia de sair, um pressentimento, talvez. O dia fora cansativo, o trabalho, extenuante. O mês de setembro era um dos mais importantes e esperados na Campavia: o momento de darmos as boas-vindas ao outono, às festas tradicionais e também ao período da tão esperada vindima, a colheita de uvas para a produção de vinho.

Todos aqueles números e preocupação com cada detalhe técnico da colheita, a produção e até mesmo depois de engarrafar os vinho e vendê-los, ainda me davam dor de cabeça. Todavia, era uma dor de cabeça que eu amava ter, pois conseguia o intento de me fazer lembrar que eu estava vivo depois de tudo.

Não coincidentemente o período de setembro, eram realizadas as comemorações do descobrimento da Campavia e também os festejos que marcavam o período da colheita. Durante o verão, as uvas ganham forma, cor e sabor... e, dependendo das condições climáticas e do território, geralmente no início do outono é quando acontece a colheita. A vindima dura cerca de 3 semanas e é uma tradição que faz parte da nossa cultura, baseada na italiana, que comemora a cada ano o momento da colheita das uvas. Não à toa, a região campaviana recebe diversas festas para celebrar o início do período e também a produção de alguns dos vinhos mais famosos do mundo.

O outono também trazia consigo os primeiros sinais de que o frio estava prestes a chegar e a paisagem campaviana costumava mudar por completo. As folhas caem e as árvores ficam totalmente secas e uma das coisas belas de se apreciar no outono europeu eram as cores da paisagem, a mistura do marrom e amarelo das folhas, com o que ainda sobrou do verde. O sol também costuma se pôr mais cedo e os dias tornam-se mais escuros e frios, assim como me sentia por dentro.

Nossa região sofria com muita chuva nesta época, e por vezes, com temperaturas já muito baixas, como no inverno, o que era o caso, pois em silêncio eu observava as gotas de água deslizarem para baixo do vidro da janela. Minha cabeça latejava, fazendo-me sentir fraco, cansado, mas sequer pensei em me levantar.

E foi assim, como uma chuva torrencial de início de outono, que ela voltou, trazendo consigo todo o ar que me faltava e também a esperança que me foi tirada anos antes.

Eu não esperava por ela, tampouco estava preparado para vê-la depois de tanto tempo. Contudo, quando o telefone na minha mesa tocou e a secretária avisou quem estava ali, querendo me ver, não pude acreditar que fosse mesmo verdade.

— Pode deixá-la entrar. — foi o que respondi, sentindo o coração subir à boca desde o instante que ouvi o nome dela, todavia tentei me recompor.

Controlar as reações ante aquele reencontro seria uma tarefa árdua e tive ainda mais certeza daquilo ao ver a figura esguia e dolorosamente familiar adentrar o recinto. Nós não dissemos nada por alguns instantes, apenas nos encaramos, embora muita coisa tenha sido dita com apenas um olhar. Meu corpo ondulou, estremeceu, o coração acelerando fortemente, provando-me de uma vez por todas que voltara a pulsar por causa de uma única pessoa. Todos os anos que estivemos separados, toda a mágoa que eu havia infligido nela, toda minha saudade.... tudo... tudo estava ali naquela simples troca de olhares.

— Olá, Taddeo — Eva me cumprimentou baixinho, meu nome dito por ela

fazendo arrepios eclodiram em minha pele.

— Eva — consegui responder em um sussurro débil, embora não fizesse a mínima ideia de como não havia desmoronado, em vez disso.

— Desculpe vir sem avisar, espero não atrapalhar. — Ela parou na porta, parecendo sem jeito e muito, muito relutante. Não diferente de como me encontrava.

Vê-la depois de tanto tempo me deixou desnorteado por um instante ou dois, para dizer o mínimo. Embora sempre tivesse sido daquele jeito com ela, afinal, Eva mexia comigo sobremaneira, como nenhuma outra. Meus olhos varreram-na da cabeça aos pés e fizeram todo o caminho de volta novamente, famintos. Os cabelos estavam mais curtos, na altura dos ombros encoberto pelo vestido gola alta que moldava as formas esbeltas que agora pareciam mais... irresistíveis. Eva estava diferente e não dizia aquilo pelo novo corte de cabelo ou pelo rosto ainda mais pálido. Ela parecia mais... Mulher. Uma linda mulher.

Porra! Era linda demais!

Sim, ela era linda de morrer há três anos, mas agora...

Porra, eu estava completamente sem palavras!

Os lábios rosados e cheios pareciam estar à minha espera. E os olhos eram surpreendentemente verdes e quando encontraram os meus, esqueci que ainda precisava respirar. Por um tempo, ficamos assim, encarando-nos como se não pudessemos evitar, e foi quando identifiquei ali a mesma saudade que guardava em mim.

Ela estava ali! Caralho, eu nem podia acreditar que fosse verdade!

Apesar de ter se tornado visivelmente mais madura, Eva não perdera o ar de inocência e aquele detalhe conseguia o intento de fazê-la ainda mais irresistível. Abri a boca e fechei, emudecendo por completo, e aceitando meu silêncio como um convite ela deu um passo à frente e foi nesse momento que reconheci a dor nos olhos dela, a mesma que era possível discernir nos meus.

Eu me pus de pé de súbito, ao contrário da última vez que nos vimos, eu não usava mais uma bengala e nada me impedia de matar a minha vontade de pegá-la no colo e tirar dela tudo que lhe infligia dor. Ainda assim não foi o que aconteceu, porque a sua partida parecia ter aberto uma ferida que me impediu de ir até ela como queria. E vê-la daquela maneira, tão frágil, vulnerável, deixou-me incapaz de dar um passo à frente.

Parecendo notar que eu era incapaz de dizer qualquer coisa, Eva foi quem tomou as rédeas da situação, diferente da mulher que fora no passado, parecia determinada e decidida a ir direto ao ponto.

— Eu jurei para mim mesma que nunca mais viria atrás de você, mas as circunstâncias mudaram e eu tive vir — ela soltou baixo, parecendo

genuinamente sincera.

Minha vontade de ir até ela aumentou, contudo não conseguia. Minhas pernas e o coração quase à boca me diziam exatamente aquilo. E mais, algo me dizia que eu precisava mesmo escutar o que ela tinha para me dizer.

E ali, sentindo aquelas batidas incessantes, o sangue pulsando, correndo quente em minhas veias, o ar entrando e saindo pelos meus pulmões, que entendi então que o único motivo para que eu me sentisse tão miserável sem ela era porque Eva era a minha vida e só de vê-la consegui me sentir um pouco mais vivo outra vez.

Contudo... seria o bastante?

— Então por que veio, Eva? — tive de perguntar, a curiosidade vencendo o medo de ouvir aquela resposta, pois senti que ela relutava com algo, o que consequentemente me torturava ainda mais.

O corpo dela estremeceu levemente quando me ouviu falar e fechou os olhos, incapaz de me encarar, e novamente me vi golpeado. Mas a minha ruína mesmo foi quando a vi prender a respiração, porque lembrei quando perdia o fôlego por minha causa, os gemidos de prazer que lhe escapavam em meio aos ofegos, tudo nela capaz de me levar ao céu. O desejo em tê-la novamente se tornou tão ardente que me sufocou.

— Taddeo... — titubeou, a voz com um leve timbre rouco era como mel e também um ácido se infiltrando na minha corrente sanguínea, me acariciando, ao mesmo tempo em que me queimava por dentro.

— Diga, Eva — pedi, meu tom calculadamente neutro a fez levantar o olhar para mim e travar uma luta para sustentar o meu. Contudo a calma era apenas aparente, pois internamente uma tempestade torrencial se formava em mim.

— Eu tive um filho — soltou como se não fosse nada de mais, e me senti atordoad.

— Filho? — testei a palavra, tentando entender o que aquilo significava. Ou se ela fora ali apenas para esfregar aquilo na minha cara. Contudo, o rosto dela ficou pálido, depois vermelho, e os olhos encheram-se repentinamente de lágrimas.

— Sim, eu tive um filho — repetiu, ao passo que enxugava o rosto, sua voz saindo um tom mais baixo, e não consegui evitar estremecer, ao mesmo tempo em que meu sangue gelou nas veias.

— Então para isso que veio? Para jogar na minha cara que seguiu em frente? — indaguei um tanto ríspido, ainda sem acreditar que realmente tivera aquele trabalho de voltar apenas para me dizer aquilo.

— Embora você merecesse que eu esfregasse minha felicidade na sua cara, não foi por isso que vim até aqui — devolveu, o timbre frio, sendo como um

tapa na cara, todavia ela recuou, respirando fundo. — Vim em paz. Só quero conversar, por favor — ela praticamente implorou e eu ri, com ironia.

— Onde você estava quando eu quis conversar, Eva? Onde estava quando me deixou aqui em plena condição de miséria? — lancei, minha voz subindo alguns tons, e ela pareceu surpresa, como se a simples ideia de me fazer sentir daquele jeito fosse absurda. — Eu fui atrás de você, porra! Como um cachorro arrependido, fui atrás da mulher que eu amava, se sentindo culpado após as burradas cometidas, depois de descobrir que havia perdido nosso filho. — Ela engoliu em seco, mexida, mas prossegui, ainda que soubesse que aquele assunto a machucara tanto quanto a mim: — Mas quando percebi que não adiantava tentar procurar quem não queria ser encontrada, simplesmente desisti! — As palavras saíram como um rugido doloroso de dentro do peito, como se estar na presença dela abrisse a caixa de Pandora na qual isolei toda a dor e angústia que havia deixado fechadas desde a sua partida.

Chocada, seus seios subiam e desciam como se estivesse prestes a dizer alguma coisa, mas por algum motivo ela abortou o que diria.

— Não importa... não mais... e-eu... eu precisava vir. — Eva tentou soar firme, porém seus olhos se fecharam e a voz saía vacilante, sem nenhuma convicção. — Meu filho está doente, Taddeo. Precisa de ajuda. Ele vai precisar de um transplante, eu já fiz o teste, mas não sou compatível. As chances de compatibilidade se for um doador consanguíneo aumenta. E é por isso que estou aqui, porque talvez você seja a única chance que ele tem de sobreviver.

Minha boca se abriu em completo choque quando dei-me conta do que ela falara. Não sabia se conseguiria respirar mais. Era como se meu coração tivesse perdido o ritmo e esquecido como bater. E o mundo simplesmente parou.

Cambaleando para trás, segurei-me na superfície mais próxima, pois o chão parecia se mover e todo o universo girar. Nem mesmo notei as lágrimas que derramara até ser forçado a enxugá-las e respirei fundo, reunindo as forças de que precisava para ter certeza de que havia entendido direito aquela história.

— Você está me dizendo... Dizendo o que eu entendi? Que eu sou pai do seu filho? — sem conseguir sequer me encarar, Eva assentiu, e, precisando de mais respostas, exigi furioso: — Fala para mim que é mentira! Fala que é mentira, que o bebê que pensei que tinha perdido não nasceu e eu não chorei todos esses anos em vão! Fala que é mentira que você me privou de conhecê-lo e agora simplesmente volta para me falar que está morrendo!

Vi lágrimas grossas escorrerem pelo seu rosto, e por mais arrasada que estivesse, ainda assim Eva pareceu ganhar coragem e respirou fundo antes de responder:

— Não, não é mentira. Eu tive um filho seu. — A voz dela era baixa, e a

expressão desolada em seu rosto e a forma como passou a chorar em seguida de forma descontrolada foram o suficiente para me dar certeza de que ela falava a verdade.

Put a que pariu!

Eva

Fiquei desconsolada quando os médicos disseram que eu tinha sofrido um aborto, mas não tive tempo de secar minhas lágrimas quando um exame detectou suaves batimentos cardíacos. Já me preparava para fazerem a “limpeza” do útero, quando descobriam que eu estava grávida de gêmeos, e que um dos bebês havia sobrevivido.

Fugir da Campavia não fora uma decisão fácil a se tomar, mas dadas as circunstâncias em que me encontrava, se tornou a escolha certa a se fazer. Para não dizer a única. Simplesmente não podia arriscar continuar ali, não quando tinha algo muito mais importante do que meu orgulho e a vontade de provar a minha inocência em jogo: o filho que eu carregava.

Não podia me arriscar e mesmo me sentindo destruída por ter perdido um dos bebês, guardei a dor para tentar escapar do trágico destino. Fosse ele atrás das grades ou livre, não importava, tinha certeza de que Taddeo tiraria meu filho de mim. Eu não tinha mais nada e não podia sequer pensar em perder a única coisa que me restara na vida. Não suportaria.

Uma semana depois que cheguei a Portugal, comecei a sentir fortes dores. No começo pensei que pudesse ser psicológico, devido a todo o desgaste emocional, mas quando persistiram, procurei a emergência com medo de estar perdendo o outro bebê. Depois de alguns exames descobri que um dos meus ovários tinha um cisto. Foi a minha sorte ter ido justamente aquele dia, pois qualquer médico se recusaria a seguir com a gravidez, porém o que me atendeu resolveu ficar à frente do meu caso.

Eu estava disposta a arriscar a minha vida pelo meu filho, mesmo sabendo que talvez não pudesse dar certo. O cisto pode ser causado pela produção de hormônios que estão oferecendo suporte à gestação e muitas vezes desaparece sem tratamento, mas se persiste durante a gestação, a cirurgia normalmente é adiada o quanto puder. No entanto, se um cisto ou outra massa está se expandindo, é muito delicado, ou apresenta certas características vistas em um

ultrassom, a cirurgia pode ser necessária antes da 14ª semana, pois pode ser canceroso. Só que por mais que o cisto continuasse a crescer, pela segurança do bebê, decidi esperar.

Infelizmente, no entanto, o cisto levou a melhor e rompeu, o que fez com que eu tivesse que ser submetida a uma cirurgia de emergência. O bebê corria risco de vida, afinal era como uma cesariana, e era o meu maior medo, ainda assim não tinha muito o que eu pudesse fazer.

Fiquei seis semanas hospitalizada após a cirurgia. Tive sorte que era benigno, mas ainda assim removeram meu ovário direito, porque foi esmagado pelo cisto. Se eu tivesse esperado mais, ele teria começado a esmagar outros órgãos também. E o pior, meu filho, que por um milagre de Deus estava vivo.

O restante da minha gestação foi acompanhada de perto, mas quando cheguei perto do final do sexto mês, minha bolsa acabou rompendo e fui submetida a uma cesariana de emergência. Ian era tão pequenininho que por meses batalhou pela vida na UTI. Contudo foram batalhas quais lutamos juntos, onde pude vê-lo crescendo mais a cada dia, ganhando peso, e mesmo ainda sendo tão pequeno ficava cada vez mais forte.

Desde o início eu sabia que estava sendo abençoada por ele, mas todas as dificuldades enfrentadas, desde a perda do seu irmão, o cisto e até o parto prematuro, me deram ainda mais certeza. Ver a sua garra para continuar a viver me fazia feliz, pois poder acompanhar as pequenas vitórias fizera tudo valer a pena. E como todo guerreiro, ele conseguiu vencer mais aquela, e depois de meses internado finalmente pude levá-lo para casa.

Mesmo que não tivesse ninguém ao meu lado, não me sentia sozinha desde que descobrira a gravidez e ser mãe me deu a certeza indefectível daquilo: Ian nascera para me completar, me fazer feliz. E não tinha um dia ao lado dele que eu não me sentisse realizada.

Vê-lo crescer foi, sem dúvidas, a melhor sensação que já experimentei na vida. Ian era um menino doce, meigo, inteligente e cada vez que me fitava com aqueles olhinhos azuis era impossível não pensar no quanto me sentia sortuda. Não importava tudo que já havia sofrido no passado, Ian só me dera motivos para sorrir e agradecer. Ele era a razão de tudo e nada mais importava.

No entanto, a minha bolha de felicidade fora estourada quando meses antes o meu amor começou a apresentar sinais e sintomas de que estava doente. Primeiro começou com uma leve anemia, seguida da perda do apetite, depois a pouca comida que ingeria passou a fazê-lo vomitar e logo ele passara a reclamar de dor na barriguinha.

Levei-o ao pediatra que o acompanhava desde a época da UTI e depois de alguns exames ele deu o diagnóstico:

— Não gostaria de ser eu a dar essa notícia, mas infelizmente Ian tem hepatoblastoma.

Eu nem mesmo fazia ideia do que aquilo significava, mas dada a seriedade que o médico me encarava, deduzi que era algo grave. Por isso fiquei tonta, cambaleei, sentando-me em seguida, um bolo se formando em minha garganta, ao passo que começava a chorar.

— E... isso é grave? — eu quis saber em um fio de voz. Sem ter certeza de que estava preparada para ouvir uma resposta. Meu coração de mãe me dizia que não. Ainda assim eu precisava saber para tentar ajudar a curar o meu filho.

O médico tragou o ar com força e por um segundo ou dois deliberou sobre as palavras que usaria para me explicar aquilo. O que por si só me deixou ainda mais nervosa, mas quando por fim fixou os olhos nos meus e começou a explicar, notei o quão despreparada eu estava para receber o impacto daquela notícia.

— O hepatoblastoma é um é um tipo de raro tumor maligno que surge, primariamente, no fígado de crianças. Ocorre predominantemente abaixo dos três anos, sendo raro após o quinto ano de idade e é mais comum no sexo masculino. Apesar de tudo, o prognóstico é excelente se começarmos o quanto antes com o tratamento.

Entrei em pânico, óbvio. Afinal, não é todo dia que descobrimos que nosso filho, a coisa mais importante da nossa vida, está com câncer. Contudo, apenas me mantive forte por ele, pois não podia permitir que ele morresse, assim como lutei para que nascesse e passasse todo aquele período depois que nascera no hospital, estava ao seu lado, como uma mãe leoa.

Ainda naquela semana o pediatra de Ian me indicou um oncologista pediátrico e depois de novos exames começamos com o tratamento. Eu estava confiante, pois com a medicina atual, a expectativa de cura era de cerca de 80%. O tratamento começou com dois ciclos de quimioterapia para preparar o tumor para remoção em cirurgia geral. A quimioterapia podia ser administrada antes da cirurgia, pois tem intuito de reduzir as dimensões da massa e possibilitar a ressecção tumoral, mas como não chegamos ao resultado de ressecamento esperado, mais dois ciclos de quimio foram feitos.

Para os casos de tumores irresssecáveis, a cirurgia não se torna possível e por isso o transplante hepático se tornou necessário no caso de Ian. O que, claro, outra vez me tirou o chão, mas sorria para o meu filho, para que não me visse chorar.

Meu teste de compatibilidade dera negativo, pois além de não ter o mesmo tipo sanguíneo de Ian, acabei descobrindo que também não poderia doar por causa da minha anemia. Sendo assim meu filho foi colocado em uma lista de

espera para transplante, de acordo com a compatibilidade sanguínea e também peso e altura do paciente e do doador, o que poderia demorar muito tempo para acontecer. E devido ao baixo número de doadores nos primeiros anos de vida, muitas vezes o paciente não tolera a espera por um órgão e pode evoluir ao óbito, por isso não podia arriscar e fiz a última coisa que disse que faria: procurei pelo pai dele.

Por causa da doença de Ian, estava de licença no meu trabalho por tempo indeterminado, por isso apenas pedi autorização ao médico que cuidava do caso dele para viajar e no dia seguinte mesmo embarquei com meu filho e com a babá para Campavia. Não avisei ninguém que estava chegando, não queria ver ninguém, não me sentia bem para fazer aquilo. Até porque eu só estava ali com um único intuito e nada mais.

Eu não esperava por uma recepção, tampouco que me recebesse com qualquer entusiasmo, na verdade cheguei a acreditar que Taddeo nem mesmo aceitaria me ver, contudo, não esperava ver naqueles olhos azuis tão iguais aos do filho, a mesma dor que enxergava nos meus.

Por mais mexida que me sentisse, respirei fundo, porque não faria diferença, eu jamais voltaria lá. Fora que Taddeo certamente me odiaria depois, pois iria descobrir não apenas que tinha um filho, mas que também estava doente e tinha chance de morrer. Só que não importava a sua raiva, ele podia descontar em mim o quanto quisesse, poderia me fazer sofrer também, se isso significasse que eu poderia salvá-lo.

E era isso que importava, meu filho e nada mais, Ian fora meu chão quando meus pés não sabiam onde iriam pisar. Entre mim e Taddeo eu queria apenas uma ampla e sólida parede entre o antes e o depois.

— Você só pode estar brincando! — Taddeo soltou entredentes, o maxilar tenso, os olhos ardentes causando-me um arrepio frio na espinha.

Sem conseguir manter o contato visual, fechei meus olhos e gani mentalmente. Desde que decidi procurá-lo eu sabia que não adiantava enrolar, tinha que ser sincera com ele, mesmo que tivesse que enfrentar todas as consequências pelas minhas escolhas.

— Não, não estou brincando — admiti cansada, derrotada, no tom de mãe completamente desesperada para garantir a saúde do filho.

Sem esperar por mais, Taddeo subitamente jogou todos os objetos de cima da mesa ao chão, assustando-me com seu rompante. Ainda assim me mantive firme, tentando não demonstrar o quanto podia me atingir.

— Maldita, mentirosa! — gritou, vindo em minha direção, furioso, e eu engoli em seco, quando cego ele me segurou pelos ombros, agitando-me com uma ferocidade. — Por que fez isso comigo, sua filha da puta? Por que me

escondeu durante todo esse tempo o meu filho, sua miserável? — ele quis saber, completamente fora de si, e quando o vi levantar a mão, fechei os olhos apertados esperando por um tapa. Quando ele não veio, tornei a abrir os olhos a tempo de vê-lo fechar a mão enquanto rangia os dentes, afastando-se como se não pudesse se manter perto de mim.

Engoli em seco, deveria estar acostumada ao seu tratamento. Deveria saber que não teria dele uma reação diferente, contudo, não podia exigir demais na posição que me encontrava. Ainda assim estava surpresa e o nó que apertou-se em meu peito me fez emudecer por um tempo. Ele também pareceu se sentir da mesma maneira, mexido, ou ao menos tinha dificuldade em engolir, pois o único som que quebrou nosso silêncio foi o pigarro que ele dera enquanto afastava-se de mim o máximo que podia e o meu pranto que acompanhara as minhas palavras seguintes.

— Eu tinha perdido tudo... tudo... Fiquei com medo que me tomasse o Ian. Eu não tinha mais ninguém, Taddeo... Depois da mentira que contei para que a gente se casasse e você achando que eu tinha sido a culpada pelo seu acidente de helicóptero, sabia que você me colocaria atrás das grades e o arrancaria de mim... Eu não tinha chance alguma em uma luta contra um Caravaggio — confessei, ciente de que ele não me deixaria em paz se não dissesse absolutamente tudo o que ele queria saber.

— E por isso fez todos mentirem que havia perdido o meu filho? — inquiriu de forma mordaz, as sobrancelhas erguidas.

— Não... — neguei, também com um gesto de cabeça, porque além do médico só uma única pessoa sabia o que de fato acontecera. — Eu estava grávida de gêmeos e estavam prestes a fazer uma curetagem quando descobriram que um dos bebês tinha sobrevivido. Estava arrasada, claro, afinal, foi um filho meu que se fora, mas fiquei apavorada, porque já tinha perdido você e não suportaria perder tudo o que me restara. Então pedi para o médico não dizer nada e achei que o melhor era fugir...

— Então você achou mais fácil que eu sofresse com uma mentira do que saber a verdade? — ele quis saber, com desprezo na voz.

— Eu não queria que nada fosse assim — neguei de pronto, tentando manter o controle das minhas emoções. — Jamais quis que sofresse... eu... — titubeei, porque por mais que tentasse, que quisesse odiá-lo, ainda assim não conseguia desejar nada ruim para ele. — Foi só... medo — minha voz saiu num soluço, estrangulada. Meu peito doendo absurdamente.

— Ainda assim o fez — lançou, e seu tom era de pura descrença. — Agora seja sincera comigo, Eva, ao menos uma vez na vida seja honesta comigo e com você mesma: se meu filho não estivesse doente, você me contaria sobre ele? —

inquiriu, emburrado, os braços cruzados, ao passo que erguia uma sobrancelha à espera de que lhe trouxesse uma resposta honesta.

Dei um passo para trás, impactada. Não esperava por aquela pergunta, sobretudo não sabia se ele gostaria de ouvir a resposta. Contudo, não era mais hora de mentir para a única pessoa que nunca pensei em dizer nada daquilo. Era a hora da verdade, precisava desnudar minha alma.

— Não — soltei em um fôlego só e em seguida respirei profundamente, abafando o soluço.

— Uma mentirosa nunca deixa de ser uma mentirosa, não é? — praticamente rosnou as palavras, o tom seco, impaciente, como se olhar para mim fosse um sacrifício, algo desagradável para ele. Meu coração doeu, muito, no entanto, eu não era mais aquela mesma mulher tola que fora no passado. Não toleraria suas merdas sem uma resposta, não quando também tinha motivos para me sentir ofendida.

— O que você esperava depois de tudo que ouvi da sua boca? — fui mordaz e fiquei feliz em me manter firme, pois sentia o corpo tremer ao tentar conter a gama de emoções que me assolara.

— Nada, eu não esperava nada de você. — Ele me olhava com fúria no olhar, frio e duro como nunca vi antes, minha garganta fechou e as lágrimas continuaram a cair incessantes, quando ele se aproximou para sussurrar: — Se eu fosse você começava a rezar, Eva Carrara, porque depois de garantir a saúde do meu filho, você vai sentir na pele por cada maldito dia que me manteve distante dele, sua diaba! E se ele não sobreviver... — rosnou de forma perigosamente baixa, quase como se sofresse com a realização daquele pensamento. — Não vai ter santo que te ajude, Eva, porque você conhecerá verdadeiramente o que é inferno! — A forma como disse as últimas palavras me fez estremecer. A ira quase incontida sob a superfície deixava claro para mim que ele estava por um fio e cumpriria cada uma daquelas ameaças.



Capítulo 13

INÍCIO DA BATALHA...

Eva

Fiquei ali estatelada ante o olhar feroz de Taddeo, as órbitas azuis brilhando em fúria. Eu não tinha dúvidas, minha vida estava acabada daquele momento em diante, ele não apenas faria questão de cumprir a promessa de me infernizar, Taddeo arrancaria o Ian de mim.

— Onde meu filho está? — praticamente rosnou a pergunta, pousando os olhos duros em mim.

— Ele está no hotel com a babá. Coloquei-o para dormir antes... Chegamos de viagem há pouco, depois que ele dormiu vim direto para cá — não hesitei em responder, meus olhos ainda grudados aos dele.

— Quero vê-lo agora — soltou e preparei-me para contra-argumentar, porém Taddeo ergueu uma das mãos, indicando que não tinha terminado de falar, e eu sabia que significava que ele não aceitaria um “não como resposta”. — Não interessa o que acha, Eva. Eu vou ver o meu filho agora, no caminho você me conta exatamente o que ele tem, pois amanhã mesmo cuidarei pessoalmente de tudo para resolver o seu problema.

— O que isso significa? — eu quis saber em um fio de voz.

— Significa que a partir de hoje meu filho não sairá mais de perto de mim — lançou como se não fosse nada e não precisasse da minha opinião para decidir aquilo. — Vamos. — E sem mais uma palavra ele passou por mim, e não tive alternativa a não ser segui-lo, no entanto quando ele chegou à porta, os olhos azuis me perfuravam com desprezo óbvio ao passo que completava: — Não se preocupe que a minha prioridade agora é a saúde do meu filho, mas o que é seu está guardado, Eva Carrara.



Com exceção da pergunta feita por Taddeo sobre o estado de saúde de Ian e eu lhe explicar detalhadamente o diagnóstico e o tratamento feito até então, o restante do trajeto foi feito em silêncio e felizmente em poucos minutos

chegamos ao hotel em que havia me hospedado mais cedo. Meu ex-marido torceu o nariz para minha escolha de hospedagem, mas não me incomodei, porque o havia escolhido mediante minha condição financeira atual, que significava que não poderia esbanjar ficando em um hotel cinco estrelas quando malmente podia pagar as contas desde que descobri a doença de Ian.

Nós tínhamos um bom plano de saúde do meu trabalho, ainda assim alguns exames e serviços eu tinha que pagar do meu próprio bolso, ao apensar ao salário da babá e também o aluguel do nosso pequeno apartamento, não sobrava muito. Fora que uma viagem internacional para três pessoas, mesmo uma delas sendo uma criança, não era nada barato, mas no desespero de resolver o quanto antes o problema de Ian, não pensei duas vezes antes de usar o cartão. Todavia, não tinha do que reclamar, porque apesar de modesto, nosso quarto era aconchegante e tinha uma bela vista para o mar, coisa que Ian adorava.

Sem dizer nada, entramos no saguão do hotel, e se antes já fora incômoda a maneira que algumas pessoas me olharam ao me reconhecerem, foi ainda pior ao me verem adentrar o ambiente acompanhada de Taddeo. Provavelmente todos deveriam saber sobre o nosso divórcio e o meu sumiço anos antes, então não demorariam a juntar dois mais dois e rapidamente a história do meu retorno com um filho nos braços se espalharia feito pólvora em toda Campavia.

Taddeo não esperou por uma indicação, apenas passou por mim, o jeito de andar elegante e ao mesmo tempo arrogante, como se fosse dono de tudo. Era uma puta ironia que ele realmente fosse, que sua família fosse uma das mais abastadas da Europa. Ainda por cima era um maldito nobre, que apesar de não ter nenhum título nobiliárquico ainda conseguia ser mais importante do que a maioria que tinha.

Impaciente, ele manteve a porta do elevador aberta enquanto eu corria para alcançá-lo. Não falamos uma única palavra enquanto o elevador subia para o terceiro andar onde ficava o quarto, ainda assim eu podia sentir a fúria e ansiedade emanando dele. Quando as portas se abriram, apressei os passos. Hesitante, ao parar na frente do quarto, o olhei temerosa.

Não estava preparada para aquele encontro. Até o instante em que peguei o resultado dos exames de compatibilidade, eu sequer pensava na possibilidade de contar sobre a existência do meu filho para Taddeo. Muito menos pensei na possibilidade de dividi-lo, até então Ian era apenas meu e de mais ninguém, mas de repente uma bomba caiu sobre nossas cabeças e agora estava ali, diante aquele momento iminente de revelar a sua existência e aquilo ameaçava me sufocar.

Meu peito doeu de forma esmagadora e dada a expressão fria no rosto do homem que amei e do qual fugi anos antes, depois de ameaçar acabar com a

minha vida, eu sabia ser capaz de tudo pelo ódio que ele sentia por mim, inclusive tirar o meu filho, dava-me certeza que nada mais seria como antes. E por mais decidida que estivesse de fazer aquele sacrifício em prol do mais importante, que era a saúde do meu filho, inevitavelmente temia o que estava por vir.

Ante minha óbvia hesitação, Taddeo levantou uma sobrancelha de modo desafiador e bufou, encarando-me com impaciência, totalmente insensível a meu conflito interno ou como me sentia por dentro. Ele não se importava mesmo com como sentia diante de tudo ou com o quanto aquela situação poderia estar sendo difícil para mim, afinal, ele já havia deixado bem claro aquilo anos atrás.

— Não tenho tempo a perder, Eva — foi o que ele soltou, a voz dura e irritada bem atrás de mim ao invadir o meu espaço e bater na porta ele mesmo.

Um aviso de que já vinham atender veio de dentro do quarto e, nervosa, esperei que Marrie abrisse a porta. Felizmente não demorou. Marrie estava com Ian desde que ele saiu do hospital, quando uma das enfermeiras que cuidava do meu filho a indicou para o trabalho ao me ouvir comentar sobre meu receio de ter de contratar pessoas que eu não conhecia, e ela me disse que tinha uma sobrinha que cuidava dos irmãos mais novos desde cedo, que inclusive começara a fazer faculdade de pedagogia por causa do seu amor pelas crianças e teve de trancá-la por falta de grana.

Se eu tive sorte alguma vez na vida, foi porque desde a gravidez conheci pessoas maravilhosas que me ajudaram nos momentos difíceis e fizeram-me acreditar no melhor das pessoas, e a babá de Ian era, sem dúvidas, uma delas. Apesar de ser novinha, não ter nem mesmo chegado aos vinte e um anos, Marrie era uma garata maravilhosa, doce e completamente apaixonada pelo meu filho, que também a amava com paixão. Até mesmo se prontificara a fazer o teste de compatibilidade e pedira para alguns conhecidos fazerem o mesmo, mas não conseguimos o positivo.

Felizmente com o salário que eu lhe pagava Marrie pôde voltar à faculdade e eu até brincava, dizendo que qualquer dia desses ela nos abandonaria, fato que ela negava, dizendo que só iria embora quando eu mandasse, o que não aconteceria, porque ela se tornara mais do que alguém que trabalhava para mim, também uma amiga, alguém que pertencia à nossa pequena família.

— Oi, Marrie... — Sorri fraco, quando a moça magra e bonita abriu a porta e retribuiu o gesto, mas logo vi seu sorriso morrer ao deparar-se com Taddeo ao meu lado. Ela franziu o cenho, deixando clara sua insatisfação em vê-lo, pois sabia da nossa história e mesmo que eu me culpasse pelas minhas atitudes erradas do passado, ela discordava comigo quando eu dizia entender as razões para o pai do meu filho me odiar. — Marrie... Esse é...

— O pai do Ian — Taddeo se adiantou para se apresentar e ainda assim a expressão da minha querida amiga não se aliviou, deixando claro que não se intimidava nem mesmo com o seu tamanho ou pose altiva, como a maioria o fazia.

— Não posso dizer que é um prazer conhecê-lo — não hesitou em responder, os olhos astutos grudados aos dele, que notei pela expressão aturdida terem se surpreendido com a atitude defensiva da garota, e eu quase sorri pela coragem.

— Está tudo bem por aqui? — indaguei, adentrando o quarto, esperando em Deus conseguir desfazer qualquer clima pesado que pudesse continuar entre eles. A última coisa que eu queria era que Marrie comprasse uma briga com Taddeo por minha causa, não quando não valia a pena. Tampouco gostaria que Ian presenciasse qualquer coisa do tipo.

— Está sim — respondeu, embora não tirasse os olhos de Taddeo, que se manteve calado sob seu escrutínio desconfortável. — Não acordou ainda. Continua dormindo desde que saiu. — O tom de voz dela abaixou e, assim como acontecia comigo, aquilo a deixava triste, pois ao contrário do menino sempre enérgico que meu filho costumava ser, desde que começara a quimioterapia Ian vinha passando mais tempo dormindo, por conta da medicação forte, e quando está acordado nem de longe lembra aquele serelepe que era.

— Mamãe? — Se antes de tudo ouvir aquele vocativo já me emocionava, a cada dia que passava o sentimento só se intensificava, especialmente porque a voz do meu pequeno parecia cada vez mais fraca e doce.

— Oi, filho. — Eu me adiantei, indo até ele na cama, que sentara-se à beira enquanto coçava os olhinhos sonolentos, ainda assim, pude ver de soslaio Taddeo encarando-o, aturdido. — Tirou um soninho bom? — indaguei, ao passo que beijava seu pescocinho cheiroso e ele ria baixinho com meu carinho.

— Sim... tô com fome, mãe. Posso tomar um pouco do meu leitinho? — ele quis saber, enquanto acariciava meu rosto como gostava de fazer, e eu sorri, emocionada, os olhos cheios de lágrimas, porque era difícil que ele tivesse fome. Olhei para Marrie, que também parecia mexida como eu, mas logo se adiantou para pegar as coisas para fazer exatamente o que ele pedira.

— Claro que pode, amor. A Marrie vai fazer o seu leitinho, está bem? — Ele assentiu, sem tirar as mãos de mim.

— Alguma recomendação especial, pequeno? — ela perguntou, com todos os materiais em mãos.

— Pode ser de *molango*? — perguntou, depois de pensar por um segundo ou dois, fazendo-me sorrir.

— Claro. Vou fazer um super leitinho de morango. — Marrie piscou para

ele, antes de completar: — Só aguenta essa fome de leão um pouquinho, certo? A *Mar* vai lá embaixo amornar o leitinho, para ele sair bem quentinho e delicioso — ela avisou e ele concordou, antes que a babá saísse. Ian então enrolou os bracinhos no meu pescoço, parecendo notar apenas naquele momento a presença de outra pessoa no quarto.

— Olá — Taddeo sussurrou, os olhos azuis pareciam encantados enquanto encarava pela primeira vez o filho com um sorriso.

— Olá — respondeu, fitando-o de maneira curiosa, e eu engoli em seco.

Senhor...

— Ian... — Titubeei, meus olhos vacilando entre o homem grande que caminhava em direção aonde estávamos sentados e o menino que era minha vida e que o olhava com curiosidade genuína. O nervosismo que sentia não ajudava em nada quando me via tão confusa e abalada ante aquela situação. — Esse é... é...

— O seu pai — Taddeo não hesitou em responder por mim, meus olhos se arregalando de pronto, a boca se abrindo em surpresa, porque não havíamos combinado nada sobre o que diríamos a Ian quando ele o conhecesse. Todavia, achei que ao menos teria um pouco mais de tato, em vez de jogar aquela informação de uma vez no garoto. Esperava o mínimo de senso de fazer as coisas com calma.

Não acreditava que ele havia feito aquilo! Eu queria matá-lo!

— Pai? — Ian testou a palavra, fazendo uma expressão engraçada ao ponderar, e eu preendi a respiração, com medo de como a notícia poderia atingi-lo sendo tão pequeno. — Você é mesmo meu *papa*? — ele quis saber, a voz saindo mais baixinha, quase tímida, enquanto tombava a cabeça para o lado e o encarava intrigado.

— Sim. Eu sou seu pai — Taddeo respondeu e o fato da sua voz embargar dizia o quão mexido ele estava com o encontro ao ajoelhar-se diante do filho.

— Eu *sempre* quis um pai — Ian devolveu, parecendo verdadeiramente animado, e tive que morder os lábios para não deixar que um soluço escapasse.

Deus, o que eu fiz?... Filho... Filho, me perdoe!

— E eu sempre quis ter a chance de ter um filho — foi o que Taddeo disse, antes de muito emocionado pedir: — Seu pai pode te dar um abraço, Ian? — Meu pequeno não respondeu em palavras, apenas se jogou para o pai como se o conhecesse há muito tempo.

Eu não estava preparada para ver aquela cena e meu coração tolo perdeu uma batida, duas, três... achei que fosse morrer enquanto os observava se abraçarem. Uma cena que por mais que sonhasse, jamais achei que pudesse acontecer um dia. E eu tinha que admitir: eles ficavam perfeitos juntos. Muito

mais perfeitos do que em meus sonhos mais loucos.

Obriguei-me a desviar o olhar, um nó gigantesco se formando na minha garganta enquanto me afastava dos dois e deixava-os em seu momento pai e filho. Um momento do qual eu havia privado-os por mais de dois anos. Embora tentasse, que quisesse me manter indiferente, não conseguia deixar de observá-los, era simplesmente mais forte do que eu.

Um sorriso se abriu no rosto de Taddeo, um lindo, completamente diferente de todos que já o vi dar na vida inteira, livre do cinismo habitual, da arrogância que lhe era tão natural, e aquilo me balançara. Muito mais do que deveria. Minha respiração falhou e eu tive que me obrigar a colocar a cabeça no lugar.

Não importava que o tempo tivesse passado ou o quão horrível e perverso fora comigo, o quanto me humilhara, Taddeo conseguira ficar ainda mais bonito e ainda mexia comigo como apenas ele parecia ser capaz de fazer. Era doloroso olhar para ele com nosso filho nos braços, pois era um lembrete real do que eu nunca tive. E nunca teria...

Eu sonhei com aquilo por tanto tempo e por meses ousei nutrir esperanças tolas de que ele fosse atrás de mim e pediria perdão, que ficaríamos juntos e então seríamos a família de que sempre desejei fazer parte. Contudo, não foi o que aconteceu, parei de acreditar naquela ilusão enquanto me via tendo que passar por cada provação sozinha, sem ter a ele ou qualquer pessoa ao meu lado além de mim mesma. Nada nos modifica ou nos fortalece e traz mais amadurecimento do que a dor. E eu tive que aprender a ser forte e me forcei a esquecer... Ao menos tinha conseguido, até aquele momento.

Todavia, ainda que o momento mexesse comigo sobremaneira, eu tinha que continuar a me lembrar de tudo que me infligiu, do quanto me machucou. E aquela recordação dolorosa foi o bastante para me trazer à realidade; à nossa realidade; aquela em que não ficaríamos juntos de qualquer forma. Eu não era a sua mocinha ou princesa e ele tampouco era o mocinho e príncipe capaz de tudo para me conquistar.

— Eu sou *palecido* com você, *papa* — Ian emitiu em reconhecimento e eu limpei uma lágrima, ao passo que Taddeo sorria, comovido, porque não tinha de fato como negar, o filho era todinho ele, com exceção dos cabelos que eram meio acobreados.

— Sim, filho, você parece com o *papa*. — Aquela aspereza em seu semblante se suavizou por completo e apesar do tom de voz baixo, a rouquidão ocasionada pela emoção ainda estava lá e se tornara difícil de administrar.

A vida era tão irônica quanto cruel, pois me obrigar a cruzar o caminho de Taddeo depois de achar que tinha tudo sob controle, para então me fazer descobrir que não podia estar mais enganada, não podia ser chamada de outra

coisa a não ser um castigo vil. Eu só tinha que me lembrar que não havia mais volta para nós, não com tantas mentiras e mágoas nos separando.



— Não vou mais ficar longe do meu filho! — foi o que Taddeo disse enquanto jantávamos em um restaurante horas mais tarde, depois de, claro, Taddeo ficar com Ian até que adormecesse novamente.

Além do leite batido com morango como o próprio Ian pedira, Taddeo conseguira fazê-lo tomar quase metade da sopa, prometendo que brincaria com ele e seus carrinhos depois. Os dois tiveram uma conexão tão forte e imediata, que quem os visse juntos sequer acreditaria que era a primeira vez que se encontravam. Lógico que era mais uma ferroadada de culpa em mim, ainda assim, uma parte minha, a maior parte, melhor dizendo, também se via feliz por aquilo estar acontecendo.

— E isso quer dizer o que, Taddeo? — eu quis saber, a apreensão tomando conta de mim ao pensar na possibilidade de ele tirar Ian de mim, por isso logo me pus na defensiva. — Sei que você está me odiando por tê-lo escondido de você todo esse tempo, mas eu não sou mais aquela mulher que mesmo sem estar grávida assinou um contrato abrindo mão do filho. Se essa for sua intenção, você terá que ir contra uma mãe que está disposta a ir até as últimas forças para lutar por ele! O fato de você não saber da sua existência, ou que eu tenha vindo atrás de você para doar uma parte do seu fígado para ele, não significa que você seja classificado como um pai!

Taddeo cerrou o maxilar e senti que ele tentava se manter sob controle, embora estivesse por um fio. E por mais nervosa que me sentisse, não abaixaria mais a cabeça e por isso mantive o olhar preso ao dele. Eu não queria ter voltado, mas só o fiz porque precisava. Não era necessário que a doação fosse feita por parentes, mas nenhum desconhecido se disporia a fazer uma cirurgia de transplante intervivos para ceder parte do fígado para uma criança que não era nada sua. E como se não bastasse ser quase impossível encontrar um doador que se dispusesse fazer tal procedimento, ele ainda teria que ser compatível, o que reduzia ainda mais a chance de conseguir e também o tempo. Eu queria apenas acabar com aquilo tudo o quanto antes. Queria a cura do meu filho e mesmo que minha vontade fosse de pegá-lo e ir embora outra vez, não o faria, porque meu filho merecia qualquer sacrifício — e sofrimento — da minha parte.

— Não fui pai porque você não me deixou ser! Jamais abandonaria um filho meu! — lançou, e seu tom era de pura descrença.

— Não deixei porque você o tiraria de mim! — rosnei de volta e ele riu,

cínico. — Estou mentindo? — Estreitei os olhos para Taddeo quando fiz a pergunta, deixando-o sem jeito, porque ele sabia melhor do que ninguém que eu tinha razão.

— Você está certa — ele admitiu, por fim, embora parecesse um pouco relutante em fazê-lo. — Não é isso que importa agora.

Ele tinha razão. Só perderíamos o precioso tempo que tínhamos discutindo o que deveria ter ficado no passado. A saúde de Ian era o que importava. Ambos precisaríamos fazer concessões, caso quisemos que aquilo desse certo.

— Nosso foco tem que ser a recuperação do meu filho — concordei, finalmente encontrando minha voz, e ele bufou, nitidamente contrariado.

— Nosso filho! — corrigiu-me friamente. — Se queremos que isso dê certo, Eva, você tem que lembrar que ele também é o meu filho. E isso significa que eu quero e vou fazer parte da vida dele. — Lambi os lábios subitamente ressequidos com o olhar decidido dele, que parecia ainda ter mais coisas a dizer. — Vamos decidir... juntos. — Abri a boca para falar, contudo ele foi mais rápido e com um riso debochado acrescentou: — Mas isso não quer dizer que as coisas entre nós vão mudar...

— E quem disse que quero qualquer coisa de você? — lancei, ultrajada, sentindo meu sangue ferver por ele apenas cogitar que eu queria alguma coisa dele depois de tudo. — Não quero nada de você, Taddeo. Tenho amor e respeito próprio. Se é esse seu receio, não precisa se preocupar. — Eu não sorri, ri ou deixei qualquer margem para dúvidas da minha irritação para com ele. Na verdade, meu tom de voz irreconhecível fez aquilo por mim. Contudo, ainda assim ele bufou, sarcástico, demonstrando que duvidava das minhas palavras. O que não era novidade alguma.

— Sabemos que não é assim. — Não era uma pergunta, apenas uma afirmação convicta, uma de quem parecia ter bastante propriedade para falar.

— O que você acha que sabe ou deixa de achar não me interessa! A única coisa que nos liga é um filho e nada mais! — lancei, impacientando-me inenarravelmente, e vi a surpresa desmanchar a prepotência do homem que não se deixava ser contrariado.

— Não vou discutir, Eva. Nesse momento quero fazer muitas coisas, menos discutir com você — disse e então me lançou um olhar cheio de segundas intenções, que me fez resfolegar, tentando, como sempre, dissuadir-me, mas por mais mexida que me sentisse, não daria o braço a torcer.

— Taddeo...

— Eva, não pretendo ficar longe do meu filho nem mais um dia.

— Eu...

— Eva — tornou a me cortar, sem o menor tato ou educação, e me vi

revirar os olhos, porque pelo visto ele não mudara nem um pouco toda aquela rudeza —, não importa o que quer que pense em dizer, não pretendo ficar longe do meu filho nem mais um dia.

— Nós moramos em outro país, lembra? Importa-se de me dizer como isso funcionaria, Taddeo? — inquiri, cruzando os braços, e ergui uma sobrancelha em desafio, à espera de que trouxesse uma solução para o problema que eu estava vendo.

— Não seja obtusa, Eva, não é só porque está desapontada porque não vou propor casamento que não podemos resolver as coisas — provocou-me deliberadamente, usando de um tom frio, gélido, que me lembrava muito do Taddeo do passado. Notando o quanto me atingira, ele sorriu, malicioso, forçando-me a engolir em seco, e aproximou-se o suficiente para me abalar ainda mais. — Além do mais, distância não será um problema quando você voltar para Campavia. E ainda vai ganhar uma pensão obscena, para que não precise se preocupar com nada.

O quê?

— Você está querendo me fazer mudar para cá? — eu quis saber em um fio de voz, meu tom de pura descrença, fios de pânico enrolando-me, me cercando como novelos de teia de aranha.

— Não estou querendo, você vai. — Ele rolou os olhos, impaciente, balançando a cabeça de um lado para o outro, enfatizando o que dissera.

Mas era só o que me faltava, ele se achar no direito de decidir onde eu moraria ou deixaria de morar!

— Eu tenho uma vida lá, por que o faria? Apenas porque você “mandou”? — Ri com escárnio, embora por dentro tremesse, porque não permitira que ele se achasse no direito de tomar decisões por mim, quando eu era a única que podia fazê-lo. — Isso não vai acontecer — lancei, ao passo que Taddeo erguia uma de suas sobrancelhas de modo descrente pela minha objeção.

— Eu já disse... Você terá uma pensão e... — tentou argumentar, no entanto, fui mais rápida dessa vez:

— Você pode enfiar seu dinheiro... Você sabe onde — impacientei-me outra vez, mas decidi não ser rude, e o rosto bonito diante de mim tornou-se uma máscara fria.

— Pode me deixar terminar? — Eu queria dizer que não, contrariá-lo, afinal, estava puta com ele, contudo, estava cansada para querer discutir, por isso apenas esperei que continuasse quando levantou a sobrancelha. — Você deve saber que aqui na Campavia temos um dos maiores centros de referência em câncer do mundo. Não haverá outro lugar melhor para cuidar de Ian do que aqui, até porque, além de ser referência em tratamento, minha irmã e seu primo podem

acompanhar tudo de perto, o que decerto nos deixará mais confortáveis e confiantes, pois além de excelentes profissionais, são família. Fora que, como eu disse, não me afastarei do meu filho. Eu preciso trabalhar, no entanto, longe de mim ele não ficará. Tenho certeza que você não vai querer uma briga agora, ou quer?

Taddeo tornou a içar a sobancelha, esperando que o contrariasse, e por mais confusa que me sentisse, dei o braço a torcer e acabei acatando a sugestão, ainda que não estivesse *okay* com nada daquilo, ainda assim sentia que era a escolha certa... Por Ian. Apenas pelo meu filho.

Taddeo

Eu tinha muitas coisas para resolver e muitas decisões a tomar em um curto período, ainda assim não queria sequer pensar em descansar ou perder tempo. Não quando não o tinha para perder. Tinha que correr contra o tempo, dar conta de tudo o que deveria fazer, para conseguir estar ali pelo meu filho quando precisasse de mim. E eu não estava brincando quando disse que não me afastaria dele.

Poderia ter sido pego de surpresa pela notícia da paternidade, no entanto, bastou apenas um olhar para o menino para me sentir pai. Contudo eu não estava preparado para a sensação intensa e esmagadora de amor que me invadiu e tomou conta de mim quando fiquei de frente a ele. Nada mais importou, nem mesmo a fúria que me tomou desde o momento em que soube que Eva me escondera meu filho. Nada importava além daquele menino que tornara-se em um piscar de olhos tudo para mim.

Em um ritmo frenético meu coração batia enquanto caminhava até ele, acordando da sua soneca, e então aquele par de olhos muito azuis, tão iguais aos meus, me saudou e me capturou de maneira irrevogável. Meu peito doeu, porque era como ver em minha frente um espelho que refletia uma imagem minha do passado. E não apenas por ser a minha cara, mas também porque eu não tinha dúvidas e sentia em cada fibra do meu ser que era meu filho.

Sim, ele era meu, porra!

Ian era a definição da perfeição de Deus e, sem dúvidas, a melhor coisa que já fiz na vida. E a cada segundo que passava ao lado dele, mais enraizado o sentimento ficava. Eu amava meus sobrinhos com todo o meu coração, mas o

que passei a sentir desde que pus os olhos nele era novo, assustador e completamente diferente. Era algo maior, gigantesco. Sequer sei se existiam palavras que pudessem me ajudar a explicar essa coisa que invadiu e tomou conta de cada molécula do meu corpo. Era amor... amor de pai.

E justamente por causa daquele pequeno homem que me vi decidido a passar por cima de tudo e fazer o melhor por ele. Já havia acertado alguns detalhes com Eva, mas ainda tínhamos muitas outras coisas para nos ajustar. Não seria fácil, eu sabia, mas não estava brincando quando disse que não permitiria que levasse meu filho para longe de mim. Não permitiria...

Doía-me apenas lembrar que Eva havia me privado dos primeiros momentos da vida do meu filho. E pensar naquilo automaticamente me trazia lágrimas aos olhos, porque eu gostaria de ter escutado os primeiros batimentos do coraçãozinho dele; ter sentido ainda no ventre da mãe seus primeiros movimentos; ter estado lá no instante do seu nascimento prematuro; ter acompanhado suas vitórias na UTI; tido o prazer de admirar o primeiro sorriso; visto nascer os primeiros dentinhos; ter acompanhado os primeiros passos; ouvi-lo me chamar de papai como uma das primeiras palavras.

Parei o carro no acostamento e encostei a cabeça no volante, antes de permitir que as lágrimas viessem.

Meu filho! Meu filho! Eu tinha um filho que estava doente e precisava de mim tanto quanto eu dele!

Eu não podia permitir que partisse. Ele precisava ficar bom. Eu faria o possível e o impossível para ver aquilo acontecer. Deus não podia ser tão injusto comigo ao tirá-lo justamente quando malmente o havia encontrado. Ele não podia permitir que alguém tão pequeno e indefeso sofresse, quando tudo que ele merecia era a mais pura felicidade.

Solucei... Perdi o ar... Gritei... Xinguei...

Xinguei Eva por ter me negado tudo e me odiei, pois mesmo que quisesse odiá-la, não conseguia arrancá-la do meu coração. Uma parte minha queria fazê-la sofrer, para que ela sentisse o que eu estava sentindo, no entanto, a outra parte me dizia que ela já estava sofrendo o bastante e também havia passado por muito sozinha, sendo eu mesmo o motivo de muitos desses sofrimentos e distância.

Por mais que ainda me sentisse magoado por tudo que perdi de Ian, ainda assim sabia que não deveria tomar nenhuma decisão de cabeça quente. Tinha que me focar no mais importante que era a sua saúde e nada mais. A vingança e a mágoa já tinham me feito perder demais nessa vida, não poderia cometer a burrada de repetir os erros por causa da minha teimosia e orgulho.

Depois de me acalmar um pouco mais, respirei fundo e liguei o carro, dando partida outra vez. Precisava chegar o quanto antes à casa dos meus pais,

depois do jantar com Eva, mesmo sendo tão tarde havia marcado uma reunião com toda a família, pois tinha de colocá-los a par de toda a situação. O apoio deles seria de fundamental importância no momento e eu também precisava da ajuda do meu cunhado e irmã para cuidar do meu filho durante seu tratamento.

Daria tudo certo... Daria sim!

Já passava das dez da noite quando adentrei a mansão que fora meu lar por tantos anos e, ao fazer isso, lembrei-me de tanta coisa que senti-me abalado por tanta novidade em um curto espaço de tempo.

Só que ao me deparar com a presença de toda família e com os olhares preocupados dirigidos a mim, embora me julgasse preparado, me deu a certeza de que me sentia longe de estar. Senti tanto medo, uma vontade enorme de chorar como um menino, que me trouxe um bolo na garganta, mas não podia. Não podia desmoronar, não quando eu tinha alguém que precisava de mim e eu tinha ser forte por ele.

— Aconteceu alguma coisa? — minha mãe perguntou ao se pôr logo de pé, vindo até mim, parecendo pressentir. Afinal, era óbvio que havia acontecido, caso contrário eu não teria chamado-os tão tarde aquela noite.

— Eva voltou — foi o que consegui emitir, dado meu estado de nervosismo, e ouvi um coro de sons surpresos com a notícia.

— Como assim voltou? — Steph perguntou, estupefata. — Do nada? Apenas voltou? — fez a pergunta, que certamente era a que todos gostariam de fazer, e respirei fundo, antes de balançar a cabeça, negando. Contudo, não consegui falar mais nada.

— Ela está bem? — Bella indagou, a preocupação estampada no seu rosto bonito.

— Onde ela estava? — Igor quis saber também, genuinamente receoso com a volta repentina da prima.

— Eu vou explicar tudo... — titubeei, sem saber o que dizer a seguir. — Só preciso de uma bebida — soltei, antes de dirigir-me para o bar no canto da sala, servindo-me com um uísque escocês, e, calada, minha mãe se juntou a mim, ajudando-me na tarefa. E conhecendo-me como apenas ela conhecia, manteve-se quieta, parecendo saber que eu precisava daquele espaço para tentar colocar a cabeça no lugar e manter-me sob controle.

— Não estou gostando nada disso — ouvi Stephanie falar, e nem me importei em negar.

— Nem eu, estou sentindo meu coração apertado — Bella concordou com Steph, que suspirou, pesorosa.

Ainda sem conseguir encarar ninguém, fechei os olhos com força, sentindo-me repentinamente sufocado com os sentimentos tão profundos que me

acometeram desde que Eva entrara na minha sala horas antes.

— Taddeo — meu pai falou meu nome, o tom de voz apreensivo não deixando esconder a preocupação do patriarca da família.

Não gostava daquela sensação de impotência que parecia ter me dominado, do medo profundo de perder o que tinha de mais importante na vida. Sentia-me perdido, arrasado, sobretudo quando minha mãe apertou meu braço, como se percebesse que estava prestes a ver o filho de joelhos.

— Filho, por favor, o que aconteceu? — ela indagou baixo, o tom choroso com medo da resposta e respirei fundo, sabendo que não podia continuar a fazê-los esperar.

E mesmo com o coração na mão lhes contei tudo.



Ainda aquela noite Igor tirou meu sangue para o teste de compatibilidade e depois de conseguir que o médico de Ian lhes enviasse todos os exames feitos anteriormente, providenciou tudo que podia, inclusive uma consulta logo para o primeiro horário na manhã seguinte. E era na sala de esperas do Intintuto Lavínia que estávamos, aguardando a vez para sermos atendidos.

— *Papa*, não vou tomar *jeção*? — a pergunta de Ian doeu em mim, imaginando o quanto aquele carinha mesmo tão pequeno já havia sofrido.

Era tão injusto. Doía de verdade pensar em tudo que passara, mas sorri, adorando saber que ele já se sentia à vontade para sentar-se no meu colo como se fosse natural e fizesse parte da rotina dele, bem como também sentira-se à vontade para expressar o receio de tomar uma injeção quando me conhecera há tão pouco tempo.

— Eu não sei, campeão. Depende do médico. Mas de qualquer forma, se acontecer de você ter de tomar uma injeção, será para sua saúde e *papa* vai estar aqui, tudo bem? Eu não vou deixar você sozinho — garanti, trazendo-o ainda mais para o meu peito, e ele assentiu, agarrando-se a mim com vontade, como se eu fosse seu super-herói e aquilo me trouxe um pouco de paz. Aquele menino era tudo para mim, não havia nada que eu não fizesse por ele.

De soslaio olhei na direção de Eva, que piscava, seus grandes olhos verdes lacrimosos, uma expressão melancólica no rosto bonito enquanto nos fitava de maneira emocionada. Desviei rapidamente, ainda era doloroso olhar para ela. Assim como tê-la tão perto e mesmo assim tão longe.

Merda! Por que me sentia daquele jeito?

Embora tivesse tentado, Eva sabia que não adiantava relutar em relação à mudança. Podia haver um mundo de razões que a fizessem ter suas reticências

para não fazê-la, mas eu só precisava de uma: não aceitaria de maneira nenhuma ficar longe do meu filho mais um único dia. Não importava se ela tinha uma vida, um emprego ou o que quer que fosse, Ian não sairia mais de perto de mim daquele momento em diante. E eu não abriria mão daquilo, mesmo que tivesse que chegar às últimas consequências para garantir.

Por mais determinado que estivesse para me concentrar apenas em Ian, tê-la tão perto outra vez não me deixava dúvidas do quanto ainda mexia comigo. Não era para eu sentir nada. Não depois de anos. Era para tê-la exorcizado, arrancado do meu peito, mas tudo que sentia quando olhava para ela era uma vontade absurda de tê-la outra vez. Eu deveria odiá-la, especialmente depois de ter escondido meu filho por tanto tempo e ter mentido para mim inúmeras vezes, minha razão sabia disso, mas meu coração e pau era outra história. Eles não pareciam se importar.

Porra! Não podia permitir ser dominado por aquela mulher outra vez!

— Eva... você tem... namorado? — não consegui evitar e acabei perguntando, fazendo-a me encarar com incredulidade.

— Como? — perguntou em um sussurro surpreso. E por um segundo ou dois não respondi, fitando-a com escrutínio demorado, e odiei lembrar o olhar vitimizado que vez ou outra me lançava, como se eu fosse o culpado por tudo, e não o contrário.

É... Ela continuava a ser a mesma diaba ardilosa!

— Perguntei se você tem *namorado* — repeti, praticamente rosnando a última palavra, sentindo o amargo gosto dela em minha língua, e ela ofegou, antes de aprumar o corpo.

— Não acho que seja da sua conta — devolveu em uma postura defensiva, indignação transbordando em sua resposta, e desta vez ri com escárnio.

— Claro que é — joguei entredentes, dando o meu melhor para manter a voz baixa, quando minha vontade era esbravejar. — Você é mãe do meu filho. E não vou permitir que alguém tente tomar o lugar que é meu! — Quando notei o duplo sentido do que eu dissera e Eva encarou-me chocada por perceber o mesmo, me apressei a corrigir, para não haver dúvidas para nenhum dos dois: — O de pai do Ian.

Sim, apenas o pai dele e nada mais!

— Sim, eu posso ser a mãe dele, mas realmente não é da sua conta com quem me envolvo ou não. Jamais tentarei colocar outro no papel de pai do Ian, mas não ouse tentar se meter ou interferir na minha vida pessoal de alguma forma, Taddeo, não permitirei — lançou, e seu tom era de pura descrença e então os olhos sofridos vieram em minha direção enquanto prosseguia: — Você perdeu esse direito quando me mandou ir embora grávida! Você não tem ideia do que

passsei sozinha e não importa, porque não fará diferença alguma que saiba. Todavia, ter aceitado voltar para Campavia não significa que também não tenho direito de ter a minha vida, vida esta que desde o divórcio não tem nada a ver com você! — ela me enfrentou e eu abri a boca para responder, contudo a recepcionista informou que o médico estava à nossa espera. Por mais que houvessem muitas outras coisas a dizer, teríamos que deixar aquela conversa para depois.



— Apesar dos exames do Ian serem recentes, vamos refazer alguns deles, especialmente os de imagem, para ter resultados mais recentes. E o doador também precisará fazer exames para confirmar o bom estado de saúde — o médico começou a nos explicar o que aconteceria daquele momento em diante. — Enquanto nos preparamos para a cirurgia, o paciente receberá mais uma dosagem de quimioterapia pré-operatória com o objetivo de tentar mais uma vez a redução do tumor primário, para então ser encaminhado para o transplante hepático.

— O que significa tecnicamente essa cirurgia, doutor? — Eva perguntou, olhando atentamente para o senhor de meia-idade à nossa frente enquanto eu assistia a Ian brincando no canto da sala, completamente alheio à seriedade do assunto.

Tão lindo... Tão inocente!

— Como o tumor dele parece resistente ao ressecamento, a técnica que vamos usar é o que chamamos de transplante intervivos, uma modalidade que permite a retirada de uma parte do fígado de pessoas perfeitamente saudáveis, para doá-lo ao paciente que precisa.

— E como a cirurgia acontece? — eu quis saber, porque por algum motivo comecei a me sentir nervoso sobre o assunto. Embora não houvesse nenhuma chance de desistir de fazer aquilo. Nada nem ninguém seria capaz de me fazer mudar de ideia.

Sim, porra, eu faria aquilo pelo meu filho!

— Habitualmente, as cirurgias ocorrem de forma simultânea, ou seja, inicia-se a cirurgia do doador, e se tudo estiver dentro do esperado, a do receptor é feita logo em seguida. O transplante do doador vivo retira parte do lobo esquerdo mais usado em crianças, respeitando a proporção da relação do peso do fígado doado com o peso do receptor. Com isso, a cirurgia do receptor prossegue normalmente, com a retirada do órgão doente seguida pela fase anepática e depois com a colocação do órgão no paciente que foi retirado do doador vivo.

Antes do implante do órgão, uma importante etapa é a de preparo do órgão, chamada *back-table*, que tem o objetivo de realizar o preparo e adequar o calibre e o tamanho do órgão e dos vasos a serem implantados. Trata-se de um procedimento complexo e demorado, que no total pode levar entre 10 e 12 horas, pois a técnica envolve a utilização de microcirurgia, já que os vasos sanguíneos na região são muito finos.

— Isso é... seguro? — Eva perguntou em um fio de voz e instintivamente alcancei a mão dela em uma tentativa de acalmá-la, ao perceber que além de empalidecer, também tremia. Os olhos verdes encontraram os meus enquanto eu meneava a cabeça e sorria em uma tentativa de confortá-la, mas permaneci calado.

— A cirurgia já é bem estabelecida e bastante segura, Sra. Caravaggio. — Eva abriu a boca para corrigi-lo, no entanto não o fez. — Porém não está isenta de riscos, ou seja, é reportado na literatura mundial um risco de complicações em geral por volta de 12 a 15, e o risco de óbito é por volta de 0,05% — respondeu sem hesitar, forçando-a fechar os olhos ao pensar na possibilidade. E eu respirei fundo, tentando, muito fortemente, controlar-me também.

Não... Deus não permitiria que acontecesse nada com nosso pequeno! Ele ficaria bem, eu sentia!

— É importante ressaltar — o médico prosseguiu ante nossa hesitação — que o fígado é dotado de intensa capacidade de regeneração, o que representa grande vantagem nos transplantes intervivos. Quando uma pessoa saudável doa, em geral, de 20% a 30% do seu fígado para um doente, em pouco tempo o órgão se recompõe completamente, sem nenhuma sequela para o doador. E para o paciente idem, pois a expectativa de cura é de cerca de 80% — tornou a explicar, tranquilizando-me bastante com aqueles dados.

— E o pós-operatório? — tratei logo de mudar a questão para algo mais leve, como a recuperação dele.

Porque sim, ela viria! Eu tinha fé de que viria!

— Depende das condições do paciente transplantado. Na teoria, se o receptor encontrar-se em situações favoráveis de saúde, pode suportar melhor a operação e, conseqüentemente, se recuperar mais rapidamente. Depois da cirurgia, o paciente costuma passar de 1 a 2 dias em uma unidade de terapia intensiva, caso não haja alguma complicação. No total, o tempo de internação varia de uma a duas semanas. O mesmo pode acontecer com a pessoa que se propôs a doar o órgão ao paciente. Além disso, após a operação, o tratamento do paciente é voltado para a doença. Então apenas depois de atestarmos o estado dele que saberemos como prosseguir.

— Quando vamos começar os preparativos? — não hesitei em perguntar, decidido, completamente seguro, e quando o fiz meus olhos se encontraram com os dela, que brilharam emocionados.

— Agora mesmo — respondeu de pronto, fazendo-me engolir em seco.
Íamos vencer... Eu sentia...

Que Deus nos ajudasse!



Capítulo 14

DE VOLTA A CAVERSWALL...

Eva

Passei anos da minha vida tentando fugir da realidade, de tudo, de todos, mas principalmente em uma tentativa de me encontrar. Nesse meio tempo, tantas coisas aconteceram, afinal, eu saí do país de onde nasci para um completamente desconhecido e quando cheguei lá estava destruída, não era nada mais do que uma casca de quem fui e ainda assim, pelo meu filho, tive forças de me reerguer e apesar das dificuldades, ele me ajudou a me tornar quem eu era.

Voltar para Campavia depois de tanto tempo era estranho, para dizer o mínimo. Era mesmo difícil, porque me fazia recordar dos motivos que obrigaram-me a partir, mas ao encarar os olhos azuis do meu filho, mesmo que fossem tão parecidos com aqueles que me assombravam, sabia que aquela era a decisão certa. Era para o bem de Ian e se aquilo significasse enfrentar meus maiores pesadelos, o faria por ele.

Logo após a consulta, voltei para Portugal com o jatinho da família Caravaggio para fazer nossa mudança. Diferente do que pensei que seria, não foi tão difícil arrumar tudo. Não houve nenhuma sensação de vazio e peso no peito por partir, talvez sentisse até mesmo alívio, pois, no fundo, sabia que ir embora era preciso.

Como não queria cansá-lo com a viagem longa, Taddeo sugeriu que Ian ficasse com ele e apesar de reticente, a princípio, pois seria a primeira vez que ficaria longe do meu pequeno, achei que seria bom que ficasse um pouco com o pai. E mesmo com todas as minhas recomendações e a garantia dele de que não precisava me preocupar, dei um jeito de terminar de organizar tudo em dois dias e até mesmo fui à empresa em que eu trabalhava para entregar a minha carta de demissão, ficando então livre para voltar.

Nunca fui tão feliz na vida como fui naquele apartamento pequeno e simples de dois quartos, mas também passei pelos piores dias naquele lugar. E mesmo que soubesse que chegara a hora de ir, era tão estranho dizer adeus. Com uma última olhada ao redor do lugar que me trouxe a sensação de lar, limpei as

lágrimas que derramava, ao passo que agradecia por todos os momentos vividos ali e então parti, cheia de esperanças de que as coisas seria melhores dali em diante.

Eu havia falado com Ian por chamada de vídeo, ainda assim estava morrendo de saudades, que nem mesmo havia pregado os olhos durante a noite, sentindo falta dele agarrado a mim durante o sono, sentindo seu cheirinho gostoso de bebê ou me acordando nas primeiras horas da manhã para dizer “*Bom dia, mamãe. Eu amo você*” como ele fazia a cada novo amanhecer. Simplesmente não via a hora de estar com ele outra vez.

Era final da tarde quando finalmente pousamos no aeroporto de Bellini e antes mesmo de descer do jato particular, avistei Ian ao longe com o pai, muito animado em seu colo, como há muito não o via. Aquela constatação trouxe-me lágrimas aos olhos, porque ver o filho feliz era uma emoção sem igual para qualquer mãe, mas acho que também sentia-me um pouco culpada por ter privado tanto tempo da convivência tão necessária com Taddeo.

— Mãe! — Ian gritou por mim, sem conseguir se conter nos braços de Taddeo, que quando notou ser seguro colocou-o no chão e ele então correu para mim.

— Oi, bebê da mãe. — Abaixei-me para agarrá-lo, ele enrolou os bracinhos no meu pescoço e eu o abracei com vontade, carregando-o em seguida. Cheirei-o, beijei-o... louca de saudades do meu pedacinho de felicidade. — Como eu estava com saudades! — murmurei, enchendo-o de beijos sem parar, e ele riu pelo meu ataque, contorcendo-se no meu colo.

Foram dois dias sem vê-lo, mas para mim pareceu mesmo uma eternidade. Não queria largá-lo mais. Queria ficar agarrada a ele para sempre, se pudesse.

— Eu também estava, mamãe. Com *muita saudades* — ele disse entre uma risada e outra, pois eu não conseguia parar de enchê-lo de beijos.

— Não mais que eu, que não quero deixar de te apertar — Voltei a abraçá-lo mais apertado, fazendo-o gargalhar gostosamente. — E como você está? Se comportou? Comeu direitinho?

— Sim. *Compotei*. E comi tudinho. Não foi, *papa*? — indagou a Taddeo, que eu nem mesmo notara que se aproximara, encarando-nos com um brilho diferente no olhar.

Engoli em seco, meu coração parecendo parar suas batidas. Apesar de ter passado apenas dois dias, Taddeo parecia de alguma forma... diferente. Os cabelos impecavelmente arrumados de sempre estavam bagunçados, e a barba por fazer também se fora. Sua expressão tornara-se de alguma forma mais leve, o que conseguira o impossível: deixá-lo ainda mais bonito, o que, óbvio, causara um impacto tremendo em mim.

Droga! Não deveria ser saudável me sentir daquele jeito por alguém que me magoara tanto!

— Foi sim, filho. Comeu direitinho e se comportou muito bem também — Taddeo confirmou, parecendo realmente orgulhoso, o que fez meu coração bater ainda mais forte, antes de voltar a me fitar, parecendo meio desconsertado, embora tivesse um sorriso de canto nos lábios. — Oi, mamãe — ele murmurou, o tom baixo, íntimo e levemente familiar arrepiando-me.

— Oi — balbuciei em resposta, ainda aturdida, mexida, forçando-me a desviar rapidamente o olhar do dele.

— Fez boa viagem? — perguntou genuinamente preocupado, e mesmo que minha atenção tivesse voltado para o Ian, ainda podia sentir que não deixara de me encarar.

— Sim. Obrigada pela... ajuda e tudo mais. — Estava mesmo grata, porque Taddeo providenciara e pensara em todos os detalhes, enviando inclusive uma equipe para me ajudar a organizar as coisas. Se não fosse por ele, com certeza demoraria muito mais para terminar de fazer o que precisava. E isso incluía mais tempo longe do meu filho, justamente o que não queria que acontecesse.

— Não por isso. — Ele sorriu, ainda sem jeito, e depois de certa titubeação completou: — Não se preocupe que vão cuidar de tudo que trouxe. — Assenti, porque eu não duvidava daquilo, já que o mesmo acontecera em Portugal. — Podemos ir? — chamou, quando me mantive em silêncio.

— Para onde? — indaguei, estreitando os olhos em direção a ele, porque, apesar de dizer que providenciaria um lugar novo para mim e para Ian, eu não fazia ideia onde seria, e estava começando a me preocupar.

— Você vai ver. — Sorriu, mordendo os lábios, e eu abri e fechei a boca, sem saber ao certo o que dizer.

Então, sem dizer mais outra palavra, Taddeo seguiu em direção ao carro e não pude fazer nada a não ser segui-lo. Quando entrei com Ian no banco traseiro, fiquei satisfeita de descobrir que ele seguira minha exigência e havia providenciado uma cadeirinha de segurança adequada para idade de Ian, o que me fez sorrir sem saber realmente o motivo. Enquanto afivelava o cinto no meu filho, passei a ponderar se era mesmo a melhor escolha deixar que ele decidisse tudo sozinho.

Fechei os olhos e respirei fundo, tentando controlar as batidas incessantes do coração, pois eu não tinha muita escolha, afinal.



Durante todo o caminho, fiquei babando Ian, que contava empolgado e com

detalhes precisos para a idade o que fizera com o pai. Estava feliz com aquela sua alegria, pois se tinha uma coisa que podia alegrar o coração de mãe, é saber que o filho transpira alegria. E a felicidade do meu e o simples fato de estar com ele outra vez ajudou a acalmar e também a aliviar o nervosismo que sentia.

Não era fácil, no entanto, pois justamente quando quase conseguira esquecer aqueles sentimentos e estava aprendendo a conviver com aquele vazio que ficara desde então, aprendia a ser uma pessoa mais forte, Taddeo voltava para minha vida e não apenas o perfume dele estava fazendo coisas comigo, como ele também. Eu malmente reencontrara-o e ainda assim parecia cada vez mais difícil ficar perto dele.

Merda! Tinha que parar com aquilo, apenas parar!

O problema é que era impossível ignorar as reações do meu corpo quando Taddeo cravava aquelas safiras hipnóticas em mim, como se ele se sentisse da mesma maneira. Contudo não deveria me importar, não deveria sequer mexer comigo, porque era vergonhoso que tivesse algum efeito sobre mim depois de tudo. Entretanto raiva, mágoa e luxúria guerreavam dentro de mim na mesma medida, invadindo-me, dominando-me, deixando-me chocada ante o poderio que ele ainda tinha.

Sou humana, é apenas isso!, era o que eu repetia para mim ao tentar me reconfortar. Não gostava de como reagia perto dele, de como uma parte adormecida minha se manifestava, uma que ele mesmo destruía. Gostaria de não sentir nada, mas, infelizmente, ele ainda mexia comigo. Só tinha que aprender a administrar aquilo.

E pelo bem da nossa convivência, eu o faria!

Como se soubesse o que eu estava pensando, os olhos encontraram os meus pelo retrovisor e arfei, meu corpo todo estremecendo sob a intensidade do seu olhar. Ainda que tudo fosse tão complicado, havia uma atração inegável e eu não sabia se algum dia conseguiria me acostumar a ver naquelas órbitas azuis o quanto tudo aquilo era palpável. E com aquele simples olhar me deixou desejando-o mais do que tinha feito desde que nos reencontramos. Tampouco sabia como conseguiria ignorar, contudo, eu precisava.

Precisando de distância, desviei o olhar e segui a viagem determinada a não ceder à tentação de me enredar naquele jogo perigoso outra vez. Por mais distraída que estivesse com meus pensamentos, brincava com Ian, ria, cantava com ele e em um dado momento passei a reconhecer o caminho que Taddeo estava fazendo e aquela constatação me fez ofegar.

Não... Ele não ia... Ia? Sim, ele ia...

Cheguei à conclusão quando seguimos em direção ao condado de West Midlands e depois de algum tempo dirigindo, Taddeo então parou o carro em

frente à mansão de Caverswall. Ainda sem dizer uma palavra, ele abriu a porta e saiu, antes de seguir até a porta do fundo para tirar Ian da cadeirinha, e arroteou o veículo para abrir a minha porta. Quando o fez, estendeu a mão para que eu saísse também.

Engoli em seco, antes de aceitar o gesto educado, meu corpo arrepiando-se pelo simples toque, e respirei fundo antes de encarar o lugar que carregava tantas lembranças do passado.

— O que viemos fazer aqui? — indaguei, baixinho, com medo da resposta, pois a última recordação daquele lugar fora, sem dúvidas, pior do que qualquer outra vivida ali. Afinal, eu havia perdido um filho naquela noite.

Instintivamente levei a mão ao ventre e Taddeo acompanhou o gesto, a boca abrindo e fechando, como se não soubesse o que dizer. Senti a cabeça rodar e temi cair ao chão com meu súbito mal-estar e agradei por não estar com Ian no colo.

— Eu não queria... não imaginava... — titubeou, parecendo buscar palavras. — Talvez devesse ter conversado com você antes — admitiu, um tanto sem jeito, antes de rapidamente completar: — Mas eu pensei que seria melhor que Ian crescesse em um lugar grande, espaçoso, com tudo que ele precisa... E quando comprei Caverswall anos atrás, foi justamente pensando no quanto o lugar era perfeito para uma família.

Perfeito para uma família... Perfeito para uma família... Perfeito para uma família...

A frase ecoara em minha mente, repetindo seguidamente como uma faixa arranhada de um disco. Quase como uma piada sem graça e dolorosa. Afinal, família fora tudo que não tive naquele lugar. Longe disso, tive apenas pais frios, distantes, que faziam questão de me fazer sentir indesejada, o que de fato era.

Senti a umidade se apossar dos meus olhos, mas os fechei, lutando contra vontade de chorar, e respirei fundo, a fim de conseguir me manter sob controle. Taddeo tinha razão. Ian precisava de espaço, de um lugar dele, e não importava onde viveríamos, desde que estivéssemos juntos. Eu poderia não ter tido as melhores lembranças naquela casa, mas faria tudo que estivesse ao meu alcance para ser diferente para o meu filho e transformá-la em um verdadeiro lar. Ao contrário dos meus pais, eu o amava mais do que tudo na vida e a única coisa que importava era sua saúde, felicidade e bem-estar. E Ian poderia ter ali o que jamais tive, trazendo vida e cor para aquelas paredes e substituindo para mim todas as más recordações daquele lugar, transformando-as nas melhores da minha vida.

— Tudo bem... Apenas lembranças demais... Mas você tem razão, morar em um lugar assim pode ser bom para Ian — reconheci num murmúrio fraco,

começando a me sentir melhor da minha vertigem.

— Sim — Taddeo emitia junto a uma longa lufada de ar e aliviado com a minha resposta ele sorriu, meio tenso ainda, o que me fez soltar a respiração que não havia reparado ter prendido. — Vamos entrar... Acho que vai gostar do que verá.

Ainda que hesitante, acabei acompanhando Taddeo quando me puxou pela mão, como se aquilo fosse normal e ele estivesse acostumado àquilo. Assim que passei pela porta, meu queixo caiu, porque ele estava mesmo certo e nada mais era como me lembrava. A decoração ainda seguia o estilo da construção, no entanto, a sala de estar ampla fora decorada com quadros de grandes artistas, móveis e objetos dignos de museus, o piso de madeira reformado, assim como o teto bordado com desenhos no gesso, dando ainda mais requinte ao lugar magnânimo. Contudo, o interior estava completamente diferente do que fora no passado, e enquanto eu olhava a tudo boquiaberta, o que senti me trouxe uma sensação de lar que nunca experimentada outrora, sobretudo naquele lugar.

— Taddeo... É... Meu Deus, estou sem palavras... — soltei, minha voz embargada não me deixando negar a emoção.

— Mudou um pouco, não foi? — ele quis saber, depois de me dar um sorriso lindo, que por um segundo ou dois me tirou do prumo, e ele pareceu perceber isso, dada a maneira que continuava a sorrir. Desviei o olhar de pronto, pigarreando, completamente constrangida, corando a ponto de sentir o rosto arder.

— Um pouco? — repeti, incrédula. — Mudou demais... Está... perfeito.

— Fiz uma reforma e restauração completa na propriedade. Achei que estava precisando... — Deu de ombros, envergonhado, e meneei a cabeça, mas permaneci calada, olhando tudo ao redor, sem conseguir encará-lo por muito tempo sem me sentir embaraçada.

— Eu amei — fui sincera e ele piscou para mim em resposta.

— Então vamos! Quero te mostrar uma coisa — foi o que ele disse, antes de me puxar escada acima.

Segui-o sem entender nada e assim como acontecera no andar inferior, até mesmo os corredores se tornaram outros, com novas cores, objetos e muita vida. Paramos diante da porta de um dos melhores quartos da mansão, um que eu sabia ter vista para o mar e quando Taddeo a abriu, meu queixo foi ao chão com o que vi.

— *Quato de super-helói!* — Ian emitia animado, antes de se contorcer no colo do pai para ir ao chão e adentrar o local, analisando tudo com alegria.

Lá não estava mais o quarto de hóspedes de bom gosto, com tons pastéis, que eu tinha conhecido no passado, mas, sim, um quarto lindo de menino com

tema de super-herói como meu filho anunciara. Sem conseguir me conter, meus pés me guiaram para dentro, meus olhos observando todo o ambiente redecorado, desde o papel de parede, roupas de cama, objetos aos pequenos detalhes. Havia também uma infinidade de brinquedos, bonecos e livros nas estantes.

Era incrível! Um verdadeiro sonho de menino!

Taddeo pensara em tudo e ficara tudo tão perfeito, que me vi emocionada. Algo dentro de mim pareceu mudar. Algo enorme e assustador sobre o que sentia por ele. Tentei controlar aquela barreira de sentimentos que ameaçara romper, entretanto não consegui, as comportas se abriram sem que eu tivesse escolha ou chance de contê-la.

Os olhos azuis dos quais por tanto tempo fugi buscaram os meus e ele pareceu satisfeito com o que encontrou em minha expressão. E então começou a falar, poupando-me de dar a primeira palavra quando não conseguia:

— Eu sei que estou chegando agora à vida de Ian e tenho muito o que recompensar, mas quero dar o melhor para o meu filho. — Apesar do tom de voz baixo, a rouquidão ocasionada pela emoção estava lá e se tornara perigosa para mim. Ele sacudiu a cabeça de um lado para o outro, enfatizando o que dissera e tornou a ficar sério, ao passo que não tirava de mim aqueles olhos lindos de um tom único. — Posso não ter dito ainda, mas quero que saiba também que se eu soubesse de sua existência, teria ido até o fim do mundo para encontrar vocês. — Não percebi que eu estava de cabeça baixa, mas a afirmação em sua voz me fez subir os olhos para ele e não tive dúvidas de que cada palavra dita fora verdadeira.

— Eu sei... — reconheci num murmúrio fraco, não tentando esconder o quanto o momento me abalou ou me pegara desprevenida.

— Por tanto tempo senti que havia alguma coisa errada, como se algo faltasse, e faltava... Entendi isso assim que coloquei os olhos em Ian. Foi arrebatador, a ligação mais profunda que senti na vida — sussurrou a confissão e eu assenti, abalada demais para fazer muito mais do que aquilo. — No entanto, ainda é difícil... — Deixou a frase no ar e eu engoli em seco, porque havia entendido mesmo assim.

— Me perdoar? — testei, não tendo a certeza de queria mesmo saber e ele assentiu, sem conseguir me fitar. — E isso significa o que, Taddeo? Que vai mesmo cumprir o que prometeu? Que vai voltar a me fazer sofrer outra vez? — fui direta de propósito, mirando-o bem fundo naquele par de órbitas azuis que por tanto tempo me assombrou, aterrorizou-me tanto dormindo quanto acordada.

— Eu não tenho tanta certeza disso. — O tom dele era firme enquanto me encarava, com os lábios franzidos, avaliando-me como se estivesse me vendo

pela primeira vez. Senti o estômago revirar, a boca ressecar, o coração bater loucamente no peito, dizendo-me que eu era impotente diante dele.

Merda! Por que eu tinha que me sentir daquele jeito?

— Devo começar a rezar agora? Ou devo me preparar para ser posta na prisão? — alfinetei, traindo a mim mesma na minha tentativa de me mostrar superior e deixar o passado para trás.

Uma parte minha se sentia decepcionada, pois embora tenha prometido fazer da minha vida um inferno por ter mantido o filho longe dele, pensei que talvez Taddeo tivesse mudado de ideia e esquecido aquele plano absurdo de me fazer sofrer.

O que eu estava pensando, afinal? Que do nada ele simplesmente decidiria ser benevolente quando nunca fora?

Era ridículo, eu sei. Pretencioso da minha parte, para dizer o mínimo. Taddeo me odiava. E não apenas porque eu mentira para ele, mas também porque por algum motivo sempre duvidara que meus sentimentos por ele fossem reais.

— Já disse que minha prioridade é meu filho — devolveu, os lábios contraídos, analisando-me com atenção, e desviei o olhar, rangendo os dentes com tanta força no processo, receando que ele descobrisse a pequena mentira que eu estava prestes a soltar.

— Nada que vier de você pode me atingir mais do que já o fez, Taddeo — foi o que lhe disse, e ao contrário do que pensei que aconteceria, ele balançou a cabeça, negando, como quem rejeita a ideia.

— Você está mentindo e sabe disso, Eva. — Feito um vento gelado, meu nome foi pronunciado por sua voz grave, baixinha, distante.

Fechei os olhos, pois exatamente ali, com aquelas simples palavras, me dei conta de que a única razão pela qual Taddeo ainda conseguiria machucar meu coração era por ainda ser dono dele. E ele sabia daquilo, por isso usaria daquela arma para acabar comigo, sem dó nem piedade.

Eu estava ferrada!

— Teremos tempo para resolver o que precisa ser resolvido — ele se aproximou para falar, a rouquidão ocasionada pelo desejo de repente estava lá e fizera ser difícil, muito difícil, manter qualquer pensamento coerente.

Ainda assim ele não parou, forçando-me a prender a respiração quando ficamos face a face, olhos fixados um no outro, bocas tão próximas, os corpos como um ímã puxados com um magnetismo impossível de conter. Engoli em seco quando inclinou o rosto em minha direção, meu coração passando a bater loucamente no peito; meus lábios ansiosos, sedentos, doendo para ele acabasse com aquele distanciamento e os tomasse; ao passo que podia sentir as mãos

suarem e tudo em mim implorar com desespero para que finalmente nos beijássemos.

No entanto, não foi o que aconteceu, pois Taddeo deu um passo para trás e só notei o real motivo daquilo quando um furacão loiro adentrou o quarto.

— Ninguém nos ouviu chamar? — resmungou, antes de pousar os olhos azuis brilhando nos meus. — Olá, sumida — o cumprimento saiu frio, como aço, ao passo que Taddeo suspirava profundamente.

Deus! Eu ia ser destruída pela princesa sem dó!

Sem pedir licença, Stephanie entrou no quarto e mais linda do que eu podia me lembrar ou via nos jornais e revistas, veio andando em minha direção, e quando pensei que seria atingida por ela, fui surpreendida com um abraço apertado. Fiquei ali, estatelada, retribuindo o gesto sem saber direito o motivo de toda aquela feição quando eu claramente não era uma das suas pessoas preferidas no mundo. E depois de me abraçar como se realmente tivesse sentido algo como saudades, ela afastou-se um pouco, avaliando meu rosto.

— Você está linda, mas ainda estou chateada... Senti sua falta, lambisgóia ruiva — soltou como se não fosse nada e aquilo me deixara ainda mais chocada.

— Er... Oi, Steph — respondi, aturdida, piscando demasiadamente sem conseguir acreditar que aquilo era real e eu não fora teletransportada para uma dimensão diferente, completamente inversa, onde a Princesa Stephanie de fato me diria aquilo e eu não me chocaria.

— Onde vocês estão? — ouvi um voz conhecida perguntar ao longe.

— Eu os achei. Estamos aqui no quarto de Ian! — Stephanie respondeu aos gritos, assustando-me com o rompante.

— Tia Steph! — Ian soltou, animado, antes de correr até a loira, que se abaixou para beijá-lo.

— Olá, pequeno. Sentiu falta da tia? — Ian assentiu, abraçando-a em seguida, que sorriu com carinho genuíno. — Gostou do quarto que eu e a tia Bella preparamos para você? — Ele assentiu entusiasmadamente, enquanto eu ainda assistia a tudo, aturdida, porque pelo visto minha ausência rápida fora o suficiente para ele conhecer e também se entrosar com toda a família.

Suspirei, surpresa, ansiosa também, porque por mais que soubesse que aquilo aconteceria mais cedo ou mais tarde, ainda assim era uma novidade e tanto. Eu teria que aprender a dividir Ian não apenas com o pai, mas também com toda a família, que até então se resumia a nós dois.

— Muito legal! Eu tenho quarto de *super-helói*! — Ian parecia mesmo muito feliz e eu acabei sorrindo diante seu entusiasmo.

— Claro que tem, todo super-herói merece ter um quartinho assim. A vovó Sarah nos ajudou a escolher a maioria dos brinquedos. — Steph sorriu,

simpática, e saber que meu filho já estava sendo recebido tão bem por todos me trouxe um alívio sem tamanho. Afinal, não queria que as minhas escolhas erradas do passado o atingissem direta e indiretamente.

— Primo! — Um pequeno moreno entrou correndo no quarto, antes de ir até Ian e abraçou-o com ímpeto. Não precisei de um segundo olhar para reconhecê-lo, pois apesar de não vê-lo desde que ainda era bebê, Hector era uma cópia idêntica do meu primo.

Deus, como ele era lindo!

— Hector, o que eu disse sobre correr? — Anabella o advertiu entrando em seguida, fazendo-me voltar o olhar para ela e me surpreendi ao ver o quanto a Baronesa de Niápoles, assim como Stephanie, conseguira o intento de ficar ainda mais bonita com o passar do tempo.

— Esse é meu quarto, primo! — Ian emitia orgulhoso, ainda sem desgrudar do outro.

— É legal demais! — Hector respondeu, tão fofo e eu mordi os lábios para não chorar. Estava apaixonada por vê-los juntos e também igualmente emocionada.

Era... sem palavras!

— Não vai vir dar um beijo na tia, Ianzinho? — Bella perguntou e meu filho assentiu, antes de ir até ela beijá-la com gosto no rosto e a tia fez o mesmo.

Aproveitei o momento para dar um beijo na miniatura do meu primo, mas não consegui dizer nada. Afinal, Hector nem mesmo fazia ideia de quem eu era, mas ele era alguém importante demais para mim. Sangue do meu sangue. E enxugando a lágrima que me escapou, o vi correr para começar a brincar com meu Ian. Foi quando os olhos de Anabella se puseram nos meus e ela sorriu, de um jeito contido, vindo até mim em seguida, abraçando-me com vontade, como alguém que matava as saudades de uma pessoa querida que não via há muito tempo.

— É muito bom te ver, Eva. Quase enlouquecemos sem notícias suas — emitia em sinceridade, e embora tivesse devolvido o sorriso que recebi quando se afastou, esperava não ter deixado transparecer o quanto estava pouco à vontade com aquele reencontro com ambas.

— É bom te ver também — foi o que consegui dizer, ainda muito mexida.

— O que acham de tomar um chá? Eu trouxe algumas guloseimas com esse propósito. Pedi para a governanta ajeitar tudo na sala de estar. Aí aproveitamos para colocar a conversa em dia e Eva nos conta tudo que aconteceu em sua ausência — Stephanie sugeriu e, sentindo-me subitamente nervosa, busquei Taddeo com os olhos na tentativa de me livrar daquele confronto indesejado para o momento, mas o sorriso de escárnio repuxando os cantos dos seus lábios me

dera a certeza de que não poderia contar com ele.

— Não sei... — titubeei, incerta, e Taddeo tossiu, para encobrir a própria risada.

Filho da mãe! Ele estava adorando aquilo!

— Pode ir, Eva. Eu fico com meus garotos preferidos no mundo. — Os olhos dele não deixaram os meus enquanto dizia aquilo e alguma coisa pareceu brilhar nas duas safiras de um tom impressionante de azul.

— Tem certeza? — eu quis saber em um fio de voz e ele se limitou a assentir, fazendo-me engolir em seco, tensa, nervosa, sobretudo sobrecarregada com o desafio que seria enfrentá-las.

Sem alternativa, até porque eu não era páreo para a Princesa da Campavia, acabei seguindo-as e conforme Stephanie dissera, a mesinha em frente ao sofá estava mesmo posta, repleta de guloseimas. Apesar da súbita vontade de correr, tamanho o nervosismo, minha boca se encheu de água, porque as delícias tradicionais da Campavia eram únicas e apesar de adorar as de Portugal, eu sentia falta do que só poderia encontrar ali na minha terra.

— Essa bomba de chocolate é a melhor do mundo — Anabella cortou o silêncio constrangedor que pareceu nos rodear quando nos acomodamos cada uma no lugar escolhido.

— Sim. Uma delícia — concordei de pronto, degustando a minha, e eu quase gemi no processo.

Sério, como eu havia conseguido ficar tanto tempo sem aquilo?

— Quer conversar um pouco? — ela indagou com cuidado e baixei o olhar, sem conseguir encará-la.

Nervosa, mexi no doce, que subitamente perdera a graça, enquanto tentava normalizar a respiração. Sentia o sangue correndo frio em minhas veias e o coração apertado de um jeito doloroso, sensações nada boas, que eram especialidade daquele medo e culpa que ainda carregava. Embora fizesse questão de tentar parecer forte, porque eu de fato fui obrigada a me tornar, não gostava de falar, preferia guardar tudo que sentia para mim e dificilmente conversava com alguém sobre o passado. Não que pudesse mudar alguma coisa, claro, mas deixar o passado guardado no fundo da memória fora umas das poucas armas que tive para conquistar a paz que eu almejava para conseguir sobreviver.

— Não se preocupe conosco, Eva, só queremos que se sinta vontade para fazer isso caso precise, pois somos a sua família — Bella disse, ao passo que Stephanie me analisava com atenção e suspirei, cansada, cansada de tanto fugir.

— Eu só não sei se posso agora... — murmurei em resposta e limpei a garganta um tanto incomodada, esperando que fosse o suficiente para elas. O que

felizmente pareceu ser, dada a forma como elas sorriram, tranquilizando-me diante da tensão que se formara.

— Então, conte-me tudo sobre Ian. — Os olhos cálidos de Anabella me encararam em expectativa e foi impossível não sorrir, porque sobre aquele tema eu poderia discorrer facilmente e com prazer.

— Ian é lindo, doce, o meu menino. — O sorriso não parecia caber no meu rosto e a emoção impressa no meu tom de voz deixava claro o meu orgulho de ser mãe dele. — Tive uns probleminhas na gravidez, por isso ele nasceu prematuro, mas sempre foi muito esperto e inteligente. Sou muito sortuda e abençoada por tê-lo.

— Ele é realmente um doce. Fiquei apaixonada... Todos ficamos. — Stephanie sorriu, sem conseguir negar o quanto meu pequeno a conquistara rapidamente, e Bella concordou, o que logicamente me deixou feliz. Entretanto, o sorriso da princesa morreu, quando prosseguiu com um gesto casual de mãos. — Só sentimos por ter perdido tanto dele...

— Taddeo contou tudo? — tomei coragem para perguntar e ambas assentiram sem hesitar.

— Sim — Bella respondeu, ficando séria de repente e ver a sempre tão doce Anabella Caravaggio Carrara daquele jeito só ajudou a aumentar minha apreensão.

— É agora que serei crucificada? — eu quis saber, olhando de uma para a outra, começando a me colocar na defensiva, mas elas se limitaram a franzir o cenho. — Eu sei que errei, mas entendam que eu não tive alternativa a não ser fugir — não hesitei em completar, sentindo uma necessidade absurda de fazê-las entender os motivos que me levaram a manter todos sem saber da existência de Ian.

— Ei! Não precisa ficar na defensiva, Eva, desarme-se! — Stephanie emitiu, antes de sentar-se ao meu lado, onde segurou minha mão enquanto com a outra enxugava as lágrimas que eu nem notara derramar.

— Sei que não foi certo o que fiz, mas não vou mentir dizendo que me arrependo, porque talvez fizesse tudo novamente. — Era verdade, o faria quantas vezes precisasse. — O medo de perder o meu filho foi muito maior do que a minha sensatez de provar a minha inocência ou o amor que sentia por Taddeo. Nós nos casamos pelos motivos errados... Tudo começara com uma mentira e quanto mais o tempo passava, mas enrolada nelas me via. — Minha voz saiu num soluço, meu peito doendo absurdamente enquanto recordava-me do que acontecera.

— Você não é a única culpada, Eva. Não foi a única a mentir — Stephanie me lembrou e eu engoli em seco, meneando a cabeça em seguida.

— Eu sei, mas juro que não era o que eu queria. Por diversas vezes fiquei com vontade de dizer a verdade, mas aí vinha o medo. E quando Taddeo disse na minha cara que mentiu sobre a amnésia apenas em uma tentativa de provar que eu era a culpada pelo acidente de helicóptero e ameaçou me colocar atrás das grades, eu sabia que não tinha alternativa...

Escondi o rosto entre as mãos, ao passo que Stephanne acariciava-me os cabelos, esperava-me terminar de chorar para concluir. Engoli em seco, sentindo o sangue gelar minhas veias. Minha boca se abriu, mas nada além de um gaguejar irrompeu por ela. Pigarreei, buscando as palavras, ainda assim, nada parecia bom o suficiente, então achei melhor ser direta.

— Eu não tinha nada a perder... Sabia que com o dinheiro e o sobrenome seria fácil arrancar o meu filho de mim, estava apavorada e por isso fugi — foi o que eu disse, enquanto continuava a derramar minhas lágrimas, envergonhada, e Bella sentou-se ao meu lado no sofá.

— Você não deveria ter passado por tudo sozinha, Eva! Não importava o quão louco e cego de raiva Taddeo estava, nós poderíamos tê-la ajudado! — Stephanne afirmou com convicção, e algo que eu não esperava aconteceu: ela também começou a derramar as próprias lágrimas.

— Eu sei... Fiquei com medo — admiti constrangida, sem sequer conseguir encará-las.

— Medo da gente? — Bella quis saber e seu tom era de pura descrença.

— Sim — aquiesci devagar, a ideia parecendo não ter lógica graças ao olhar incrédulo que recebi das duas loiras, por isso me apressei a emendar: — Entendam, eu era a mentirosa, já tinha cometido tanta burrada, que não tinha tanta certeza de que ficariam ao meu lado e não quis arriscar. Muitas vezes pensei em ligar e contar também, mas fiquei com medo que fossem correndo falar para o Taddeo e ele desse um jeito de me encontrar para tirar meu filho de mim.

— Eva, até parece que você não nos conhece! — a constatação de Steph saiu de forma triste, quase desamparada, os olhos azuis magoados fixados aos meus. — Jamais faríamos isso, te apoiaríamos o quanto pudéssemos e também lhe aconselharíamos, mas nunca permitiríamos que Taddeo tirasse Ian de você! — lançou como se fosse óbvio e eu mordi os lábios, tentando conter a vontade de voltar a chorar, mas agora de puro alívio.

— Eu não fazia ideia... — balbuciei, sem conseguir encará-las por muito tempo, tamanha avergonha que sentia, e Steph fez uma careta, bufando em seguida, cética.

— Pois deveria. Nós somos uma família e estaríamos ao seu lado, independente de você estar certa ou errada — ela elucidou, e um suspiro trêmulo

escapou dos meus lábios. — Todos erramos, o que nos torna melhor ou pior é a atitude que tomamos depois do erro. Precisamos aprender com eles, só assim conseguimos dar um passo à frente para fazer o certo.

Sem aviso, Stephanie me abraçou, como se soubesse que eu precisava daquilo. E o consolo daquele abraço, a paz que me trouxe, fez-me começar a chorar outra vez enquanto ela me acalentava com os braços ao meu redor. Quando se afastou, Anabella fez o mesmo, e entre aquelas duas mulheres maravilhosas senti-me pela primeira vez fazendo parte de algo importante: uma família.

Queria pedir desculpas por um dia sentir inveja de quem eram, do que tinham. Uma inveja bem forte, que me apertava o peito, um sentimento tão ruim que me fazia mal, mas era apenas um despeito e desespero de uma garota tola e carente, que não desejava ser elas, e sim ter a chance de viver o mesmo e experimentar a emoção de ser amada e realizada. Sobretudo o que eu queria dizer mesmo era que aquele sentimento ruim logo foi embora e que o que restara era uma gratidão profunda por me permitirem viver aquilo, por me fazerem crer que havia coisas mais importantes do que um “felizes para sempre”, por aceitarem meu filho como parte deles tão rapidamente e me receberem com tanto carinho apesar de tudo. Nunca ninguém fez nada nem parecido por mim...

— Perdoem-me por ter escondido minha gravidez. Eu nunca faria segredo do que tenho de mais importante na vida se não tivesse medo de perdê-lo — pedi enquanto enxugava minhas lágrimas e Bella segurou minha mão.

— Eu sei disso — ela concordou também com um menear de cabeça. — O que queremos que entenda é que deveria ter nos contado. Deveria ter confiado em nós.

— Sinto muito. Juro que ter feito isso não quer dizer que não amo ou confio em vocês, só não quis me arriscar — foi o que consegui emitir, dado meu estado emocionalmente abalado.

— Nós perdoamos você no exato instante em que fugiu, Eva — Stephanie reconheceu num murmúrio. — Mas quem não fez isso foi você. Tem que se perdoar primeiro, pois só quando isso acontecer conseguirá tirar esse peso que ainda carrega no peito. — Ela sorriu, mas em seguida voltou a ficar séria e quando prosseguiu, seu tom de voz tinha um pesar tamanho. — Só que não fomos os únicos atingidos. Você escondeu de Taddeo o filho dele e deixou Ian sem um pai durante todo esse tempo. Assim como não tínhamos direito de interferir na sua decisão, você tirou o direito dele de ser pai e por mais magoada que estivesse, foi errado. Taddeo é cabeça dura, passou anos sofrendo pela sua partida, culpando-se inclusive pela perda do outro bebê, para então descobrir de um dia para o outro que tem um filho e que ele está doente. Então esteja

preparada, pois, como diz o ditado, para toda ação, há uma reação, e sinto que nenhum de nós conseguirá conter a dele.



Stephanne, Anabella e Hector foram embora um pouco antes do jantar. Cheguei a convidá-los para ficar, mas elas negaram, alegando ter combinado de estarem com os respectivos maridos na hora da refeição, contudo, eu desconfiava que havia sido uma desculpa que combinaram para nos deixarem propositalmente sozinhos. Coisa pela qual eu não estava nem um pouco ansiosa.

Jantamos somente os três à mesa, e por mais que tanto Taddeo quanto eu estívéssemos dando apenas atenção a Ian, depois do momento do quarto nós dois não voltamos a nos tocar ou sequer ficar perto demais um do outro. Na verdade, malmente nos falamos.

E foi somente depois de colocarmos Ian para dormir e ficamos sozinhos que inevitavelmente ele se dirigiu a mim:

— Bom... Eu vou indo. Qualquer coisa pode me ligar. De qualquer forma eu volto amanhã cedo. Boa noite, Eva — ele se despediu, ainda sem nem me olhar.

— Tudo bem. Boa noite — emití, em um fio de voz.

Uma parte minha ficara aliviada que Taddeo tivesse ido embora, porque por um momento achei que ele simplesmente dividiria aquela casa com a gente. O que era inocência minha, pensando bem, pois tinha certeza de que ele iria querer separar as coisas, não querendo que nenhum de nós — ou eu, melhor dizendo — confundisse tudo. Taddeo com certeza tinha sua vida e já que ele era um homem bonito e solteiro, nada mais justo do que preservar a própria privacidade.

Era bom mesmo que tivesse cada um o seu espaço, pois só estar ao lado dele me trazia lembranças que eu queria esquecer. Porém, a outra parte, uma que eu me sentia extremamente envergonhada de saber que existia, ficara decepcionada, já que, no fundo, desejei que ele quisesse estar por perto, que tentasse se aproximar. No entanto, tirando o que acontecera no quarto, em nenhum momento Taddeo dera qualquer indicação de que estaria interessado ou queria algo mais. Era como se o fato de eu estar de volta não fizesse diferença alguma para ele ou mexesse com suas lembranças como acontecia comigo.

Vê-lo indo embora foi bom, porque estava na hora de eu entender de uma vez por todas que o que tínhamos fazia parte do passado. Tinha de aprender a controlar minhas emoções e não dar nenhuma brecha para que entrasse em minha vida outra vez, pois as lembranças de mágoas e desprezos que me assombravam tanto dormindo quanto acordada eram um lembrete vivo de que eu

não poderia voltar lá.

Taddeo me humilhou, mentiu, pisou no meu coração e como se não fosse o suficiente desprezou o amor que eu sentia por ele. Ele não merecia uma nova chance, na verdade, nem mesmo deveria querê-la. E eu merecia mais do que qualquer coisa que pudesse me oferecer. Ian era a única coisa que ainda nos ligava e eu precisava me concentrar no meu filho e na recuperação dele, porque era tudo que me importava. Era por ele que eu havia voltado e por ninguém mais.

No dia seguinte malmente havia amanhecido, quando Taddeo retornou. Ian ainda estava dormindo e como Marrie só viria dentro de alguns dias depois de organizar suas coisas para mudança para Campavia, separei as roupas dele para colocar lavar e com a babá eletrônica na mão segui para cozinha para fazer o leite batido com frutas como ele gostava de tomar quando acordava.

Taddeo só me cumprimentou antes de seguir para o quarto de Ian e assim que ele acordou, lhe levei o leite e depois de terminar de comer, segui com ele para o banheiro para tomar um banho e escovar os dentes. Eu estava acostumada com aquela rotina e amava aqueles simples momentos com meu filho, e mesmo tendo uma babá para me ajudar, fazia questão de dividir aqueles com ele o máximo que pudesse.

E estava tão distraída escovando os dentinhos de Ian, que demorei para reparar que Taddeo estava parado na porta, nos observando. Tentei manter a naturalidade, fingir que a presença dele não mexia comigo, tampouco a forma intensa que nos encarava, mas era difícil. Especialmente quando o sorriso dele quase parou meu coração.

A emoção desconhecida que brilhou nas safiras azuis me forçou a engolir com certa dificuldade e fechar os olhos em seguida, sentindo tanta coisa que eu não sabia nem por onde começar a explicar. Causando um alvoroço turbulento dentro de mim, um frêmito louco, que me deixou incapaz de manter o controle que eu jurara para mim mesma manter.

Virei a atenção para Ian e sorri quando com apenas um simples olhar conseguiu afastar todas as lembranças ruins que voltaram para me atormentar.

Sim, o meu filho era o suficiente para me fazer sentir melhor!

Um pouco depois, Taddeo me chamou para ir com eles encontrar com Hector e as trigêmeas, que Ian já havia conhecido também, mas recusei de pronto. Por mais que quisesse revê-las e estar mais tempo com meu filho, tinha que respeitar os momentos deles. Taddeo faria parte da vida de Ian e eu jamais me oporia à relação deles, só que o melhor era aprender desde já a separar as coisas e me manter distante o quanto pudesse.

Aproveitei que os dois saíram e liguei para marcar um encontro com a

pessoa que queria desesperadamente ver. Mesmo que tivesse voltado para Bellini ainda não tinha me encontrado com ele. Na verdade, há meses não nos víamos desde sua última visita a Portugal, e eu estava louca de saudades dele. Fiquei dias inventando desculpas para não encontrá-lo, mas precisava mesmo vê-lo para tentar me desculpar e explicar os motivos de ter lhe escondido tanta coisa nos últimos anos. Ele merecia mais de mim.

Dentre todas as pessoas, mentir para aquele que foi meu anjo e salvador, o apoio no momento mais difícil da minha vida, foi horrível. Eu sabia que assim como fez para me ajudar a fugir do hospital, a sair da Campavia e também ser meu suporte quando mudei para um país completamente desconhecido, ele estaria comigo, mas por algum motivo preferi não envolvê-lo e eu me sentia envergonhada por tal escolha.

É, mais uma culpa para o currículo, Eva!

Alto, bonito e com uma postura marcante e ao mesmo tempo elegante, era difícil não notá-lo em qualquer que fosse o ambiente. Especialmente naquele início de manhã, sentado no canto do café próximo ao cais, quando ele escolhera vestir um sobretudo de couro marrom, que deixava o loiro de pele dourada ainda mais charmoso.

Assim que passei pela porta do estabelecimento, os impressionantes olhos azuis encontraram os meus e ele sorriu, antes de se pôr de pé para me receber.

— Eva, que saudades! — disse quando me aproximei, antes de me puxar para receber um abraço afetuoso, daqueles que ele costumava me dar a cada oportunidade, e eu fechei os olhos em regozijo, quando permitiu que eu me aninhasse ainda mais a ele.

— Oi, tio. Eu também estava morrendo de saudades!



Capítulo 15

DESCOBRINDO A VERDADE...

Taddeo

A semana que se seguiu a mudança de Eva e Ian para Campavia foi exaustiva, pois correndo contra o tempo não tardamos a começar os exames e preparações pré-operatórias do meu filho. Embora nos esforçássemos para que ele não sentisse tanto, nem sempre conseguíamos poupá-lo, já que era extenuante para nós, adultos, para uma criança tão pequena prestes a passar por uma grande cirurgia era ainda mais.

Embora a princípio tenha aceitado tudo tranquilamente, mesmo que com um biquinho dengoso, com o passar dos dias Ian foi ficando cada dia mais molinho, irritadiço e enjoado, sem querer comer direito, e quando passou a reclamar com mais frequência da dor no abdome, o médico achou melhor interná-lo, a fim de tentar não comprometer mais a sua saúde.

Como se não fosse cansativo o suficiente, ainda tinha toda a situação do reconhecimento de paternidade de Ian, e embora meus advogados tivessem sugerido que eu fizesse um exame de DNA, descartei a hipótese de imediato e me senti até insultado com a sugestão, porque para mim não havia necessidade de um papel provar que ele era meu filho, quando sentia no meu coração que era. Fora que Ian, além de ser a minha cara, já havíamos atestado aquilo até mesmo com o exame de compatibilidade feito para cirurgia, então não, ele era meu filho e não aceitaria que ninguém duvidasse daquilo.

Em meio a tudo isso, tinha Eva Carrara, minha ex-esposa, aquela que havia mentido, fugido de mim, e agora que voltara havia se transformado numa completa incógnita. Ultimamente vinha me perguntado como alguém tão doce e amorosa podia ter sido tão ardilosa antes e pensar tanto nela me fez perceber que todas as atitudes forçadas e mentiras do passado eram uma capa, Eva simplesmente não era verdadeira consigo mesma, foi o que notei, porque por algum motivo não achava que valia a pena e é por isso que ser a mãe de Ian parecia ser a única coisa genuína em sua vida.

E o problema estava justamente aí, pois mesmo que tenha prometido

vingar-me por ter me tirado tanto tempo da vida do meu filho, toda vez que os seus grandes olhos verdes fitavam-me me via querendo deixar tudo para trás e recomeçar ao lado dela. Eva podia negar, mas ainda me queria, e por mais que fingíssemos sermos indiferentes um ao outro, ela era tão louca por mim quanto eu por ela.

Merda! Eu queria, Deus era testemunha do quanto eu queria, mas simplesmente não conseguia me livrar daquela mágoa do caralho!

Só que sempre que pensava em acabar logo com aquela agonia, algo parecia me impedir, pois inevitavelmente acabava me indagando o motivo de ter me traído, de ter mentido tanto para mim a vida toda. Afinal, eu ainda era um menino quando lhe prometi o mundo e o daria, só que ela preferiu destroçar meu coração toda as vezes que teve oportunidade e até mesmo escolheu meu irmão, em vez de mim.

Porra, eu não ia conseguir superar aquela merda nunca?

Por causa de Ian no hospital, inevitavelmente passávamos cada vez mais tempo juntos. Raramente não dormíamos os dois com ele, pois nem eu e nem ela estávamos dispostos a deixá-lo sozinho, sempre tentando fazer dos momentos dele os melhores possíveis. Passar a noite em uma poltrona estava longe de ser o que gostaríamos de fazer, ainda assim não saíamos de perto dele e revesávamos apenas pelas manhãs, quando um de nós ia para casa tomar um banho e descansar um pouco. O que era o caso, e depois de ter ido até o meu apartamento, onde tirei um cochilo rápido, tinha ido até Caverswall para pegar um brinquedo que Ian me pedira para levar para o hospital.

— Senhor Caravaggio? — alguém me chamou assim que me preparava para subir a escada, e parei para ver o que queriam.

— Sim? — indaguei, ao dar de cara com a governanta que eu contratara para supervisionar tudo na mansão de Caverswall

— Desculpe incomodá-lo, mas o senhor pediu para que o procurasse se achasse que precisava, e acho que esse é o caso — ela informou com sua maneira formal e polida de falar, e foi então que notei uma pasta que segurava.

— O que é isso? — Franzi o cenho ao perguntar, ainda meio hesitante ela se aproximou.

— É sobre isso que queria lhe falar... Quando informei para a senhora Eva que mesmo após a reforma da mansão tinham ficado algumas coisas e caixas com pertences que foram dos pais dela, ela disse não ter interesse algum em nada daquilo e pediu que me livrasse de tudo, que jogasse fora, porque não queria qualquer coisa que fosse deles. Eu pretendia fazer exatamente o que me mandara e carreguei uma das caixas, mas esta se abriu e então caiu um vaso que se espatifou ao chão. — Ela estendeu a pasta para mim e instintivamente a

peguei, mas não abri no primeiro momento enquanto ela prosseguia: — Dentro do vaso estava esta pasta dobrada, me desculpe ter olhado, mas a curiosidade foi maior e depois que encontrei isso, acabei procurando por outras coisas e também encontrei em meio aos pertences da Sra. Eva, que ela pediu para levar ao lixo, uma carta que coloquei aí dentro. Acho que talvez o senhor possa querer ver o que tem aí.

— Tudo bem, obrigado — agradei junto a um meneio de cabeça e ela assentiu antes de perder licença e se retirar. Só que mesmo depois que se fora, ainda fiquei um tempo sentindo o coração bater loucamente, ponderando se faria aquilo ou não.

Estava com uma sensação incômoda no peito, por isso resolvi acabar logo com aquela agonia e o ar foi arrancado dos meus pulmões no instante que vi o que tinha ali dentro. Uma fúria cega me tomou enquanto lia as cópias de e-mails nunca trocados e via montagens de fotos que nunca tirei, pois foram obviamente forjadas. Tive que procurar uma superfície para me apoiar, pois ao fundo encontrei as trocas de mensagens e fotos originais e também a carta de despedida da mãe de Eva, que fizeram meu corpo ser acometido de espasmos violentos com tudo aquilo.

Os pais dela fizeram aquilo? Orquestraram tudo para nos separar e tirá-la de mim?

Sofri uma pequena morte diante aquela constatação. Ela enganada, de forma cruel, abandonada, roubada, justamente por quem deveria ter feito de tudo para protegê-la, para fazê-la feliz. Eu que sempre me julguei esperto, fui burro por não ter percebido nada, por ter aceitado tudo sem lutar, passando anos da minha vida empenhado em fazer da dela um inferno, quando eu mal sabia que ela já vivia em um dentro da própria casa.

Porra, o que eu fiz com aquela menina?

Eva sofrera e fora deixada sozinha. E apenas ajudei a enfiar a faca mais fundo. Eu estava morrendo, sangrando por dentro, um misto de angústia, pesar, impotência, culpa e dor profunda dentro de mim. Foram anos de um mal-entendido terrível... Quase uma vida toda de infelicidade. Um gemido deixou minha garganta, uma dor quase física dilacerando meu peito ao pensar em tudo que tivera que passar. Aquela dor que existia naquele par de esmeraldas eram reais, sempre foram, nunca tinham sido um ardil para tentar enganar-me. Cometi o pior erro da minha vida, julgando a mulher que eu amava de forma brutal e equivocada não uma, mas diversas vezes.

Putá que pariu!

Um bolo se formou na minha garganta, uma vontade terrível de chorar. Passei anos ignorando o que meu coração pedia, querendo protegê-la, pegá-la no

colo, mantê-la segura e cuidar dela, todavia dei apenas ouvidos ao orgulho que eu julgava ter sido ferido, fui egoísta e estraguei tudo, falhei com ela. Falhei como homem, como marido e também como pai. Fui tão cruel quanto seus pais haviam sido, fazendo-a sofrer, mentindo, a mandando ir embora sem nunca lhe dar a chance de defesa, e eu mesmo fui o culpado de ela ter fugido, já que eu claramente havia prometido provar que ela orquestrara meu acidente.

Se não soube da existência do meu filho desde o princípio, não foi por outra pessoa que não eu. Perdi seus primeiros momentos, perdi a chance de viver tudo aquilo ao lado da mulher que eu amava. Perdi uma vida de felicidade porque fui burro o bastante para não lutar pelo que eu queria. Tudo poderia ter sido diferente se eu tivesse lhe dado a chance de se explicar, se acreditasse no que sentíamos antes de qualquer coisa.

A dor excruciante daquela constação tomou-me por completo. Era atroz. Eu podia passar a vida toda pedindo perdão a Eva e ainda não seria suficiente, porque mandei a mulher que eu amava ir embora. Ela estava grávida e a deixei sozinha, permiti que fugisse. Era apenas uma garota quando não notei que ela vivia com os inimigos dentro da própria casa. Era uma garota linda e inocente que sonhava com seu conto de fadas, que usei e quebrei, tanto quanto aqueles que orquestraram tudo aquilo.

Por que, meu Deus?

Era para ter tido uma conversa franca com ela há muito tempo, desde o início, melhor dizendo. Se tivesse feito, nada daquilo teria acontecido, Eva não teria fugido, e eu também não estaria pisando fundo no carro, sem me importar com nada, apenas em chegar até ela.

O caminho até lá se passou em um borrão, a culpa me corroendo as veias a cada segundo passado. A culpa pelos meus próprios erros, mentiras, pela minha covardia... Culpa. Culpa. Era a maldita culpa me corroendo por dentro. Era tanta, que talvez eu precisasse de um guindaste para poder conseguir suportar aquela carga toda. Estacionei de qualquer jeito o carro, sem me importar com nada, e nem mesmo esperei pelo elevador, subindo a escada de dois em dois degraus, desesperado para chegar até ela o quanto antes.

Quando finalmente cheguei ao andar do quarto de Ian, saí correndo feito louco pelo corredor, angustiado para chegar até eles, e a cada passo que diminuía a distância até lá, rezava para que não fosse tarde demais para consertar tudo. Rezava para ter a chance de me redimir pelos meus erros e fazer tudo diferente para nós.

Abri a porta do quarto em um rompante e os dois amores da minha vida me encararam surpresos, Eva estava deitada ao lado de Ian na cama, aparentemente lia para ele um livro de história infantil, e vê-los juntos apenas intensificou o que

sentia por dentro.

Deus, eu os amava e precisava tanto deles!

— Eva... — sussurrei seu nome, indo até ela, e minha simples aproximação fez com que se encolhesse. Aquilo me doera demais, porque eu era o único culpado pela minha presença causar-lhe aquele efeito defensor instintivo. — Podemos conversar? — pedi e ela engoliu em seco, os olhos verdes desviando de mim para nosso filho sem saber o que responder. Talvez até mesmo temendo dar uma resposta.

— É hora da *hitória, papa* — Ian disse como se fosse óbvio, e eu sorri, fraco, assentindo em seguida, porque ele estava certo. Era a hora dele, meu filho era prioridade e vinha em primeiro lugar sempre. Por mais agoniado que estivesse para resolver aquilo o quanto antes, eu teria de esperar. Então aproveitei o momento para ficar com eles e me sentei do outro lado dele, aconchegando seu corpo pequeno ao meu.



— Nunca foi mentira o seu amor por mim, não é? — indaguei em um fio de voz, minutos mais tarde, no meu apartamento, e Eva empalideceu, ao mesmo tempo em que seus olhos se encheram de lágrimas.

Tirar Eva de perto do nosso filho fora uma tarefa árdua, mas apesar de Marrie, a babá de Ian, não gostar de mim e não ter medo de deixar aquilo claro, ela pareceu de alguma forma perceber a seriedade da situação e garantiu que ficaria com Ian até que Eva retornasse. Eu me sentia péssimo em ter que fazer aquilo, mesmo que por pouco tempo, só que foi preciso, já que tínhamos um mundo de pendências para resolver.

Eva não precisou responder a minha pergunta, não precisava, pois tive a resposta antes mesmo de ela falar, estava tudo lá na imensidão daqueles lindos olhos verdes. A dor, a mágoa que eu, na minha arrogância, causei. A decepção por eu não ter confiado nela o quanto deveria...

As lembranças de tudo que fiz vieram à minha mente zombando de mim, aumentando ainda mais o meu desespero. Um gemido agoniado, desesperado, saiu do fundo da minha alma, e caí de joelhos diante dela. Nunca havia sentido uma dor tão grande em toda a vida. Meus olhos arderam e as lágrimas vieram sem pedir licença. Doía demais. Grunhi, rangi, gritei, meus ombros sacudiram pelos soluços. Lágrimas grossas rolaram pela minha faces, externando tudo que reprimi por anos. Eu nunca havia chorado daquela maneira, nem mesmo parecia ter controle no meu corpo. Uma mistura de culpa, vergonha e arrependimento pesava sobre mim, e como um vaso frágil não aguentei o peso do que sentia e

quebrei aos seus pés.

— Não importa o que eu responda, não fará diferença para você, que nunca acreditou em mim, Taddeo. Que sempre me julgou uma mentirosa, não é mesmo? — devolveu, num tom tão irônico e exasperado, que não deveria, mas ainda assim me surpreendeu.

— Claro que fará diferença! — rebati de pronto. — Fará diferença, porque apesar de ter sido cego, sempre foi o que eu desejava! — não hesitei em falar, deixando-a de certa forma chocada com a minha sinceridade.

— Não, não importa — negou, os olhos sofridos, quase coléricos em minha direção. — Você deixou isso claro para mim muitas vezes! Até mesmo me acusou de atentar contra a sua vida! — ela me lembrou, com indignação transbordando em suas palavras, a voz embargando no final.

— Eu estava errado! — exasperei-me, correndo as mãos pelos cabelos. — Tive certeza daquilo quando aquele carro te pegou. E mesmo quando fugiu, eu sabia que não era culpada e fiz uma nova investigação. Sei que não foi você... eu sinto muito por tê-la julgado, apenas foi mais fácil... Sinto muito por tudo — revelei, tendo a decência de me sentir envergonhado, pois aquele era mais um erro que tinha que me redimir.

Mais um de muitos, porra!

Eva meneou a cabeça, negando, os olhos alargando-se com a minha revelação, ao passo que os lábios tremeram ligeiramente, as lágrimas continuando a cair incessantes tanto no meu rosto quanto no dela, que as limpou irritada.

— Sente muito? — ela quis saber, o tom desafiador, embora a voz estremecesse, e suspirei resignado. — Sente muito pelo quê? Por ter brincado comigo? Mentido para mim? Por me fazer sofrer por te amar demais? — as perguntas saíram como um rugido doloroso do peito, e me atingiram em cheio. — Eu nunca fui santa, sei que errei demais, menti, mas meu pior erro foi te amar tão intensa e desesperadamente! — soluçou baixinho, aquilo doendo mais do que qualquer forma punitiva que pudesse usar contra mim. — Te amei tanto que preferia morrer a não ter você, cheguei a achar que nada mais faria sentido se não fosse para ser com você! — Mais lágrimas rolaram de ambos, e eu assenti, porque entendia muito bem aquele sentimento. — Mas eu estava errada, Taddeo, porque meu filho era tudo de que eu precisava — soltou como se não fosse nada, encarando-me com uma mágoa palpável, enquanto enxugava as lágrimas, mostrando-se mais forte do que pensei.

— Me perdoe... Por favor, Eva Perdoe-me... Perdoe-me... Por favor... — murmurei, entre soluços, ainda de joelhos aos seus pés, sem me importar nem um pouco de estar implorando e muito menos de parecer patético ou submisso.

Eu só precisava fazer o que era certo, tinha de me redimir. — Eu te amava, Eva, sempre te amei. — Ela ofegou, a boca se abriu, trêmula, os olhos muito arregalados, como se não acreditasse que eu estivesse mesmo dizendo aquilo. — E continuei te amando, mesmo que dissesse te odiar — grunhi as últimas palavras, meu peito doendo sobremaneira, apertado, como se estivesse sendo esmagado. Então, os olhos dela se tornaram vítreos e uma expressão de aço surgiu neles.

— Você nunca me amou, Taddeo, caso contrário, nunca teria me julgado sem me dar a chance de defesa — disse entredentes, encarando-me sem pestanejar, o tom frio, enganosamente controlado. — Como eu disse, não importa mais. O que tínhamos acabou — emitii de maneira ainda mais firme e um medo atroz começou a se espalhar em mim enquanto ela me encarava sem vacilar. — Acabou, Taddeo. É tarde demais...

Fechei os olhos com força, por que mal podia suportar a dor que sentia ao escutar aquelas palavras. Eu havia fodido com tudo e por causa da minha estupidez perdi a mulher que amava e nunca deixaria de amar.

Caralho! Eu ainda a amava!

Eva

— Eva... não fala assim, por favor. Eu quero me redimir. Compensar tudo... eu quero tudo, Eva. Quero me casar e construir uma família com você... quero acordar ao seu lado e de Ian — foi o que soltou, e lembranças demais me vieram à mente, por isso desejei ter o poder de voltar atrás e não ter aceitado seu convite para conversar.

Estava atordoada, mas ao mesmo tempo meu coração se apertou, pois ouvir aquilo foi tão doloroso. Quis tanto ouvir aquelas palavras dele. Sonhei tempo demais com elas no passado. Todavia, ao ouvi-las no presente, tive a sensação de que era apenas uma tentativa de reparar seus erros e nada mais, todavia eu não era mais aquela garota tola com quem Taddeo fazia o que queria e eu deixava. Ele não tinha mais poder sobre mim e por mais que ainda o amasse, não aceitaria esmolas ou menos do que eu merecia.

E, sim, ele não me merecia!

— Sério que acha que é só você me dizer algumas palavras bonitas que simplesmente vou apagar tudo? — eu quis saber, as palavras saindo

surpreendente firmes, apesar do bolo em minha garganta. Taddeo, que até então estava ajoelhado, se pôs de pé, prestes a refutar, no entanto, fui mais rápida, porque ainda tinha mais coisas para falar: — E o mais importante: Acha mesmo que estou interessada no que está oferecendo? Claro que não! Nada que vem de você me interessa mais, Taddeo Caravaggio! — cuspi as palavras antes de rir, irônica, e ele recuou como se tivesse levado um tapa, a dor transparecendo nos olhos.

Foda-se! Eu não cairia naquela armadilha outra vez!

— Sei que você tem todos os motivos para se sentir assim, mas eu juro, amor, não estou brincando... — assegurou, esboçando um leve sorriso, mas não recebeu o mesmo de mim em cortesia. — Fui um babaca, Eva, e mesmo que negasse o que sentia, ainda assim não conseguia esconder nem mesmo de mim os sentimentos e a necessidade louca de você — murmurou, os olhos azuis hesitantes, a voz dele parecia quebrada, adquirindo um tom rouco quando prosseguiu, viajando o olhar pelo meu corpo, abalando-me como sempre fazia. — Eu devia ter desconfiado que tentaram nos separar, vida. Nunca deveria ter duvidado, por um só segundo, que o que tínhamos era real... — Seu tom foi ainda mais baixo quando foi se aproximando devagar.

Queria me afastar, me manter longe dele, mas por mais que meu cérebro exigisse, não consegui me mover. Era mais forte do que eu. Taddeo então parou bem próximo a mim, o cheiro gostoso e rico me envolvendo, não me deixando alternativa a não ser querê-lo insana e absurdamente.

— O que temos sempre foi mais forte do que as armações, mentiras e até mesmo o orgulho que tentaram usar para nos separar, Eva — emituiu, ao mesmo tempo em que levava a mão para minha face, os dedos deslizando de maneira suave pela minha pele, fazendo-me fechar os olhos e ofegar, meu corpo todo gritando por ele apesar de tudo. — Eu nunca deixei... — Pausou um instante, respirou fundo, titubeando, nervoso e limpando a garganta, tomou coragem para finalmente dizer: — Nunca deixei de te amar. — Pausou de novo, os olhos brilhando emocionados. — Eu não queria, Eva, mas eu te amava. Amava e ainda amo, como um louco — falou de modo manso, senti lágrimas quentes descerem pelo meu rosto. Sua outra mão tocou meu rosto, os polegares apressando-se para secá-las e quando o fez engasguei com tudo que vi descrito em seus olhos.

Porra! Ele estava falando mesmo a verdade!

Minhas lágrimas insistiram em cair e sem me dar tempo para recuar, Taddeo laçou a minha cintura e me perdi de vez.

— Vê-la com meu irmão foi como sentir um punhal sendo cravado no peito. Eu... fiquei maluco! — Fechou os olhos como se estivesse recordando tudo, forçando-me a fazer o mesmo, e tive que morder os lábios ao lembrar-me

da sensação dolorosa que vivi ao descobrir que me traía e brincara comigo. — Embora devesse ter te dado o benefício da dúvida, desde aquele momento, lidei com o que sentia da pior forma possível, vida. E pensar que você e nosso filho sofreram as consequências da minha burrice me mata por dentro. — Sua voz embargou, trêmula, Taddeo pela primeira vez na vida estava livre de máscaras e da sua dureza habitual, completamente exposto, e aquilo me impactara.

Ele já havia me chocado ao cair de joelhos pedindo perdão, mas as palavras que se seguiram conseguiram me chocar ainda mais.

— Eu não te traí, Eva. Juro que não — emendou rapidamente, quando notou que eu estava prestes a retrucar. — Hoje pela manhã descobri o motivo de você ter me deixado sem explicações, anos antes... Aquelas fotos e e-mails... era tudo falso. — Ele parecia envergonhado quando terminou a confissão e o rubor no rosto só provou o que eu suspeitara.

— Como falsos? — eu quis saber, embora não tivesse tanta certeza de que gostaria do que ouviria. E estava certa.

— Pelo que pude ver, seus pais armaram aquilo para que você acreditasse que eu estava traindo-a e brincando com seus sentimentos — soltou e meus olhos se arregalaram de pronto, enquanto outra vez experimentava o amargor de ser feita de tola justamente pelos meus próprios pais.

Não podia acreditar que foram capazes de me machucar daquela maneira!

Como mãe, jamais conseguiria entender o motivo de fazerem tão mal a alguém que deveriam apenas amar e cuidar. Estava além da compreensão para mim, já que eu seria capaz de tudo apenas para ver a felicidade do meu filho e preferia morrer, a vê-lo infeliz, quanto mais orquestrar qualquer coisa contra ele. O ardil dos meus pais poderia ter causado, sim, o mal-entendido que motivara a nossa separação, entretanto não justificava anos de abuso e crueldade que recebi dele.

— Então enfim você sabe a verdade — soltei sem qualquer emoção, pois por algum motivo sentia-me morta por dentro, desprovida de qualquer sentimento de alívio ou o que quer que fosse que deveria sentir ao descobrir o início de toda uma vida de infelicidade.

— Por que não me disse? — indagou em um fio de voz, parecendo magoado por eu não ter dividido aquilo com ele, e eu tive vontade de rir por apenas pensar em me perguntar algo como aquilo.

— Eu achava que estava me traindo e rindo de mim pelas costas, o que esperava? Que corresse para você para perguntar? Além do mais, mesmo que eu fosse, você estava determinado a acreditar no pior de mim, acha mesmo que faria alguma diferença? — eu quis saber, encarando-o com uma mágoa palpável.

Taddeo não disse nada, apenas assentiu em silêncio, porque mesmo que eu

também tivesse errado, querendo me vingar, indo atrás do seu irmão, ele sabia que eu estava certa.

— Eu sinto muito... por tudo. Me perdoa, meu amor, eu amo você — disse depois de um tempo e engoli em seco, sem saber como me sentia com aquele pedido de desculpas.

Uma parte minha sempre esperou por aquele momento. Até mesmo planejei me vingar, tripudiar em cima dele, só que saber da participação dos meus pais para nos separar fez com que meu batalhão pronto para guerra recuasse diante da bandeira branca que vinha dele. De certa forma os dois foram vítimas naquele caso. Só que por causa da sua impetuosidade e orgulho acabei levando a pior, embora eu não fosse tão inocente quando também menti.

Porra! Por que aquilo estava acontecendo naquele momento? Por que eu apenas não podia ficar em paz com meu filho?

Por mais que quisesse ser indiferente ou mais forte como fui obrigada a ser, uma batalha feroz começou a ser travada dentro de mim. Uma parte minha queria perdôá-lo e acabar com tantos mal-entendidos, pois por mais que tentasse negar, ainda o amava loucamente, apesar de tudo. No entanto, havia a outra parte, a sensata, aquela que foi muito machucada e que me impedia de deixar tudo para trás.

Droga! Eu só não sabia o que fazer!

— Eu te amo, e por mais magoada que esteja comigo, e com razão, sei que você também me ama — emitii em reconhecimento, e pelo tom de voz compelido, eu diria que ele estava tão inseguro quanto eu, se não mais, embora eu sentisse que havia uma determinação muito maior nele de consertar as coisas do que havia em mim.

— Sinto muitas coisas no momento, mas depois de tudo não tenho certeza de que amor é uma delas — lancei no ímpeto, antes que tivesse tempo de ponderar minhas palavras, e ele vacilou, o rosto bonito assumindo uma expressão triste.

— Não, lá no fundo, você me ama, assim como eu te amo, porra! — ele afirmou, batendo no peito, enfatizando o que dissera.

— O que quer que eu faça? Que apenas diga que te amo e simplesmente o perdoe depois de tudo? — eu quis saber, cética, afastando-me dele como se me queimasse.

Não... Eu não faria aquilo. Não mesmo!

— Não! — Taddeo negou, mas quando estreitei os olhos para ele, se viu admitindo: — Sim, eu queria que fosse simples assim, mas sei que fui estúpido e cego pelo desprezo que achava que merecia. Eu estava errado, vida, muito errado, e vou passar o tempo que me resta me culpando por isso, mas estou

pedindo pelo amor de Deus para que me perdoe e me dê a chance de desculpar-me. De fazer as coisas direito como devem ser...

— Você me deu a chance de fazer o mesmo alguma vez? — a pergunta era retórica, ele sabia, na verdade, nós dois sabíamos a resposta, ainda assim achei melhor fazê-lo. — Você nunca acreditou em mim, Taddeo! Nunca acreditou no que eu tinha de mais verdadeiro na vida, que era o meu amor por você! — reiterei, atendo-me àquele ponto, porque independente de como me sentia por dentro, tinha que me impor e lembrá-lo tudo que me fez passar. — Pelo contrário, passou a vida fazendo questão de me odiar, me magoar. — Ele fez uma careta, bufando em seguida, cético. — Por que agora deveria lhe dar uma chance, então?

— Porque você é minha mulher, a mulher que eu amo, a mãe do meu filho! — lançou desesperado, antes de se aproximar outra vez, fazendo-me engolir em seco. — Estou pedindo outra chance, vida. Só mais uma — sussurrou o pedido, os olhos brutalmente honestos nos meus, e me vi prendendo a respiração. — Deixe-me tentar consertar tudo... Quero merecer você. Quero ser aquele que vai te fazer feliz. — Meu coração acelerou mais, meu peito aquecendo ao ouvi-lo me chamar daquela maneira. Pelo visto, ele não ia facilitar mesmo para mim.

— Taddeo... eu não acho que... — tentei falar, no entanto, ele foi mais rápido:

— Você não pode negar o que sente por mim, Eva. Não pode negar que me ama, que me deseja, eu posso ver isso nos seus olhos. Posso apostar que você está tão excitada quanto eu, que me quer dentro de você tanto quanto eu quero estar.

Minha boca se abriu para responder, mas não pude sequer formular uma resposta coerente. Não quando sabia que ele estava certo. Meu corpo duelava consigo mesmo, o cérebro e coração não queriam concordar com ele, mas outra parte minha, uma que estava há muito tempo necessitada, queria, e queria muito que ele fosse em frente e provasse seu ponto.

Merda! Nem acreditava que estava mesmo sentindo alguma coisa!

Com os olhos conectados nos do outro, sequer piscávamos, esperando para ver quem seria o primeiro a ceder. Estávamos tão próximos, que uma inclinação mínima poderia ser o bastante para me fazer experimentar do seu sabor outra vez. E eu queria, mas Taddeo esperava por uma resposta minha para acabar com aquela distância ínfima que nos separava para comprovar aquilo, contudo, apesar do turbilhão tempestuoso que se formava dentro de mim, me negava a fazer aquilo.

Vendo que estava firme na minha decisão, Taddeo me empurrou devagar até a parede mais próxima, o corpo grande colado ao meu, ao mesmo tempo em que

a mão subia e descia lentamente pelo meu corpo, estimulando cada terminação nervosa que existia em mim, adormecidas há tanto tempo, até que parou no meu pescoço. Eu sabia o que ele faria antes mesmo de começar e não demorou a fazer, aplicando uma pressão suave, reduzindo intencionalmente a emissão de oxigênio para o cérebro, e me vi trêmula.

É, ele jogava sujo, o filho da mãe!

Em busca de um mísero controle, fechei os olhos e respirei lentamente. Então aceitando aquilo como um convite, Taddeo soltou meu pescoço e colou os lábios aos meus. Outra vez vi-me prestes a me render, desejando tanto entregar-me àquele beijo, que a força que fiz para resistir tornou-se uma dor física. Ao perceber que eu não correspondia, Taddeo afastou a boca o suficiente para pedir:

— Me beije, Eva. Por favor... — as palavras saíram entre pequenos beijos que ele depositava no meu rosto e boca.

— Por que, Taddeo? O que isso vai muda? — apressei-me em perguntar, externando a raiva que sentia em uma tentativa de me manter sob controle. — Te beijar apenas vai abrir mais a ferida ainda aberta... Melhor deixarmos tudo como está, afinal, temos um filho e o mínimo que devemos ter é uma convivência amigável — foi o que eu disse, em uma tentativa de acabar com aquela tortura de vez, mas, no fundo, eu sabia que não adiantaria.

— Eu não quero uma convivência amigável, Eva, também não quero ser apenas o pai do Ian. Quero ser seu marido, seu homem, seu amor! — retorquiu, afastando-se por completo, perdendo todo o controle, e tive que rir daquela prepotência e arrogância que lhe eram tão naturais.

— Querer não é poder, Taddeo. Também quis muita coisa que não pude ter e, por mais doloroso que tenha sido, tive que aceitar que não era como eu gostaria que fosse. Você não é mais um menino mimado que bate o pé para conseguir o que quer ou estala os dedos para que se torne realidade. Vai ter que aprender a aceitar, do mesmo jeito que tive que fazer. E isso significa que vai ter que se contentar em ser apenas o pai do Ian e nada mais — não hesitei em responder, meus olhos ainda grudados aos dele, ao passo que sentia o coração sendo arrancado do peito.

— Não vou me contentar em ser apenas o pai dele, quero tudo... quero ele, quero você, quero minha família e não aceito menos do que isso! — a afirmação saiu como um rugido, o timbre baixo, perigoso, e um suspiro trêmulo me escapou quando vi a determinação em seus olhos.

— Se você não aceita é um problema seu, Taddeo. Mas depois de tudo eu tenho direito de escolher o que quero para minha vida e escolhi não me envolver mais com você. — Tentei soar firme, mas meus olhos se fecharam e a voz saiu vacilante, sem nenhuma convicção. Culpa do aperto forte que sentia, incômodo,

daquele jeito que parecia me impedir de respirar, só que por mais frágil e impotente que me sentisse diante do meu sentimento por ele, ainda assim não faria aquilo comigo outra vez, não infligiria mais aquela dor em mim. Nada mais de mexer em feridas que estavam cicatrizadas. Nada que ele dissesse mudaria ou nos faria voltar ao passado.

— Tem certeza? — insistiu, quase como se implorasse, e o timbre da voz dele me fez titubear por um segundo ou dois.

— Sim. Eu tenho certeza — respondi, meus olhos ainda grudados aos dele. — Acho melhor eu ir. — Tentei me afastar, mas Taddeo me impediu, segurando meu pulso com delicadeza.

— Me dá um beijo, apenas um beijo de despedida... — sussurrou o pedido em meu ouvido, fazendo-me estremecer. — Por favor...

— Taddeo, não... — neguei de pronto, porém gemi em seguida ao sentir as mãos possessivas agarem-me os quadris, trazendo-me de encontro à ereção rígida. Fechei os olhos, tentando resistir, mas fazer aquilo era o mesmo que negar um sorvete em pleno verão.

— Sim, vida, apenas um beijo — sussurrou e no segundo seguinte os lábios encontraram os meus em um beijo cheio de promessas.

Tentei resistir, o empurrei, bati em seu braços, mordi sua boca, porque eu estava lutando não apenas com ele, mas contra a raiva que sentia de mim por desejá-lo mais do que deveria. Mas fora em vão, pois o desejo venceu e acabei cedendo, porque era fraca diante dele, do seu gosto, do toque, cheiro ou a forma como me agarrava, como se precisasse daquilo tanto quanto eu.

Que merda, Eva! Tão fraca!

Gemi quando Taddeo enfiou uma das mãos em meus cabelos, trazendo-me para mais perto, rendendo-me por completo. Sentir seu gosto outra vez foi como um viciado voltar a experimentar a droga que alimentava seu vício. Eu precisava de mais... Queria muito mais. O sabor dele, as mãos me tocando, o corpo colado ao meu, tudo sobre Taddeo simplesmente me inebriava, fazia meu sangue esquentar e tornar-se lava líquida, uma explosão completa de desejo e luxúria.

Taddeo gemeu em minha boca, levantando minha perna para seu quadril, moendo o pau duro contra o meu ponto pulsante. Minhas mãos seguiram o próprio caminho, acariciando os ombros, pescoço, até meus dedos encontrarem os cabelos sedosos, que puxei mais forte quando saqueou minha boca impiedosamente com a sua, beijando-me com desespero, os dois gemendo, grunhindo como animais.

Estávamos perdidos e prestes a tirar nossas roupas quando dei-me conta do que fazia. E o que eu precisava fazer a seguir. Não precisei de muito para empurrá-lo, e apesar de ter parado de me beijar, ainda assim Taddeo não

desencostou o corpo do meu. A testa dele encontrou a minha, os dois arfantes, tentando recuperar a respiração. Nenhum de nós disse nada por um tempo, até que se afastou e ele então abriu um sorriso triste para mim, os dentes muito brancos, perfeitos, as duas covinhas surgindo nas bochechas, assim como aquele olhar capaz de me hipnotizar, fazendo meu coração perder o compasso.

— Eu sempre te amei, Eva. Mesmo dizendo que te odiava, mesmo tentando te odiar, do meu jeito torto e errado, tentando me afastar, eu te amava desesperadamente — murmurou, os olhos claros ainda nos meus emanavam uma emoção tão forte, que chegava a doer, e depois de uma pausa, Taddeo respirou profundamente, como se estivesse preparando-se para falar algo muito difícil. — E é por te amar tanto que vou te dar um tempo, porque sei que além de toda mágoa temos que nos concentrar no mais importante, que é a recuperação do nosso filho. Assim que eu tiver certeza de que ele ficará bem, farei tudo que puder para ter de volta o amor da minha vida.

Ouvir aquilo me abalou mais do que gostaria de admitir, mas eu não queria pensar em suas palavras e em como gostaria que me provasse estar falando a verdade.

— Não, Taddeo... Por favor... Apenas pare e me deixa ir — eu praticamente implorei, porque somente um grama de força mantinha-me sem ceder, e antes que pudesse cometer uma burrada, ignorando a dor em seus olhos, me afastei para procurar minha bolsa, então virei as costas para ele e parti.

Taddeo

Joguei-me de uma vez no sofá no exato instante em que Eva fechou a porta atrás de si. Ainda não podia acreditar em tudo que estava acontecendo, era um maldito pesadelo. Um pesadelo que gostaria de afogar com álcool. Apesar do meu desejo de encher a cara, não podia, afinal, por causa da cirurgia de Ian era obrigatório que não fizesse uso de bebida alcoólica para não comprometer a saúde do meu fígado, que teria uma parte doada para ele. Por isso tive que me contentar em lembrar como seria a sensação da bebida, que certamente desceria queimando, rasgando, fazendo um estrago por dentro e apenas ajudaria a aplacar o que sentia, já que a dor era fchinha comparada a tudo que se revolia dentro de mim.

Porra! Como aquilo tinha tomado uma proporção tão grande?

Gemi, pendendo minha cabeça para trás no sofá, e voltei a desejar desesperadamente que tudo não passasse de um pesadelo. Fechei os olhos, mas tornei a abri-los quando recordei-me dos verdes magoados que me encararam com tanta dor impressa. Meu peito doeu ainda mais, se é que aquilo era possível, as lágrimas ardendo, enevoando a minha visão, tornando-me incapaz de não derramar minha dor através delas.

Não me envergonhava de chorar, porque só quem já perdera a única mulher que amou em toda a vida sabia a dor do caralho que era. Por isso coloquei a mão na cabeça e permiti que as lágrimas espessas continuassem a cair. Se eu tinha certeza de uma coisa era que eu faria tudo diferente se tivesse a chance.

Depois de um tempo charfundando em minha própria dor, forcei-me a levantar porque independente de me sentir um merda por dentro, precisava ir para o hospital ficar com meu filho e foi com esse pensamento que fui para o chuveiro. Fiquei lá embaixo da água fria até a pele ficar enrugada e o corpo tremer de frio, ainda assim não aplacou a forma como me sentia.

Cacete! Como aguentaria ficar na presença dela?

Não importava, eu apenas o faria por ele. Eva e eu teríamos tempo para resolver nossos problemas quando Ian estivesse curado.

Após me vestir e preparar uma pequena mala com roupas e mais o que eu precisava para ficar o tempo que precisasse com Ian, me dirigi até a sala e fiquei surpreso ao encontrar Théo e Igor à minha espera. Não precisei de muito para saber que eles já sabiam o que havia acontecido, a expressão em seus semblantes me dizia aquilo.

— Como está, irmão? — a voz de Théo soou apreensiva, preocupada, eu diria.

— Acho que a cara dele é autoexplicativa, cunhado. — Igor franziu o cenho em um de seus raros momentos sérios, fazendo-me bufar em resposta.

— Dizer que me sinto uma merda é eufemismo — grunhi, ao passo que eles ficaram me observando atentamente. — Não precisam dizer nada, imagino que vocês já sabem que eu fodi tudo! — Eles assentiram sem constrangimento, porque certamente Eva dividira o acontecido com as respectivas esposas deles. — Estou na merda! Completamente na merda! A culpa e arrependimento me rasgando de um jeito que nem um surra dos dois seria capaz de me fazer sentir! — confessei e eles não disseram nada por um tempo, o que fez com que me perguntasse se aquilo fazia parte do castigo que tinha que aguentar, já que esperaria até mesmo que me batessem, mas não aquilo.

— Você tem razão, irmão, realmente fodeu tudo — Théo cortou o silêncio, enfim, o timbre de voz não deixando negar como se sentia. Decepcionado, eu diria. — Sempre senti que havia uma incongruência grande em toda essa

história, mas você não dava ouvidos a ninguém.

— Exatamente, Théo — Igor concordou, ainda assim, sua expressão não se aliviou enquanto prosseguia encarando-me com seriedade. — Eu poderia falar que te avisei, já que deixei bem clara minha posição nessa história muitas vezes, inclusive quando lhe contei que ela forjou a gravidez para se casar. Pedi que você não cometesse nenhuma burrada e embora tenha feito exatamente o contrário, não vou julgá-lo, porque você não foi o único que já cometeu uma burrada. Afinal, a burrice está no DNA dos homens. O que nos faz melhor ou pior do que os outros é o quanto estamos determinados a tentar corrigir esses erros e provar que só queremos acertar.

— Como você quer que eu faça isso, se Eva parece ter construindo a porra de um muro para nos separar? — lancei com ironia, embora não me sentisse nem um pouco feliz com aquela constatação.

— O bom dos muros que construímos em torno dos nossos corações, é que se tivermos força, poderemos destruí-los e levá-los ao chão. Para que isso aconteça, basta perserver — Igor elucidou, franzindo a sobancelha e cruzando os braços em frente ao peito.

— O que fez foi mesmo muito ruim, irmão, mas tudo tem conserto — Théo disse serenamente e bufei em resposta, não tendo certeza de que conseguiria aquilo, quando ela estava tão determinada a não me dar uma chance. Todavia, havia algo que não me saía da cabeça.

— Cara, ainda nem acredito que fui cair nessa merda! Como os pais dela foram capazes de fazer tão mal à própria filha? Acredita que a mãe dela ainda roubou todo o dinheiro que lhe dei no pré-nupcial para pagar a hipoteca da casa, deixando-a com uma carta onde lhe disse absurdos? — perguntei para ninguém em particular e foi a vez de Igor rir com escárnio.

— Burrice pode estar no DNA dos homens, mas crueldade está no DNA dos Carraras — ele soltou sem hesitar, a simples menção da sua família terrível trazendo-me um desconforto sem tamanho, imagine para ele, não poderia sequer imaginar como se sentia. — Sei exatamente como Eva se sentiu a vida toda e deve estar sentindo agora, só que ninguém além de nós mesmos podemos deixar que nos afete. Contudo, cabe a você fazer mais fácil para Eva, e em vez de ficar se culpando e lamentando por não ter dado ouvidos a ela quando alegou inocência ou ter estado ao lado dela vendo seu filho nascer e crescer, faça por onde e prove que merece uma chance!

— Porra, eu quero, mas ainda assim é difícil não me culpar! — emití em reconhecimento, minha voz fraca, quebrada, derrotada, envergonhada como me sentia diante de tudo. — Passei anos deixando a mágoa e a raiva direcionar meus atos. Magoando-a como não merecia. Nunca sequer tentei, uma única vez,

enxergar a verdade por trás de todas as mentiras.

— Tudo tem conserto — Théo repetiu com firmeza. — E se você quer mesmo que dê certo, vai fazer o que for preciso para reconquistar a mulher que ama e ter sua família ao lado — o tom sisudo de quem sabia o que falava estava presente, assim como o aviso férreo feito de forma subliminar.

— Por onde devo começar? — eu quis saber em um fio de voz.

— Você rastejar até que ela te perdoe — meu irmão disse simplesmente. — Se você a ama e a quer de verdade vai deixar a porra do orgulho de lado e implorar perdão. Não só com palavras, mas com ações. Comece provando para ela que são uma família independente de tudo. E então mostre o homem que você é, o quanto a ama e lhe dê a certeza, de que, independente do que ela diga, nada lhe fará desistir de reconquistá-la.



Capítulo 16

A CHANCE...

Eva

No dia seguinte, combinei com tio Andrew de ir até a casa de repouso em que meu pai vivia. Ainda não tinha tanta certeza de que aquela era a decisão mais acertada, afinal, seria a primeira vez que o veria depois de anos, porque além de ter ido embora, antes de sair da Campavia ele ainda estava em coma. Estava nervosa e tentei disfarçar, mas enquanto o carro seguia pela estrada, meu tio pareceu perceber como me sentia e acariciou meu braço.

— Vai dar tudo certo — ele me garantiu, um sorriso compreensivo moldando seus lábios.

— Eu não sei... A última vez que o vi faz tanto tempo... — murmurei, sentindo-me receosa de que meu pai não quisesse me ver ou não gostasse da minha visita.

— Tenho certeza de que ele vai ficar feliz de te ver, querida. — Ele sorriu, simpático, e aquilo me trouxe um alívio sem tamanho.

Tio Andrew era mesmo um anjo em minha vida. Não sei o que seria de mim se não o tivesse comigo esse tempo todo. Claro que a princípio não entendi o motivo de querer me ajudar, mas o fiz quando ele me explicou a triste e dolorosa história da nossa família. Logicamente toda aquela sordidez me assustara, e contrariando tudo que achei ser possível, ele era um Carrara e não apenas isso, como eu também era uma Bellinni di Montalccino. Apesar de não haver nenhum título oficial, tecnicamente falando, eu era uma princesa, o que era uma loucura.

Sério, nem eu acreditava ainda!

Tudo bem que era quase impossível que chegasse ao trono um dia, já que Théo era o futuro sucessor dele e, depois disso, era de direito das suas filhas com Stephanie, após elas, Andrew II, filho do Rei e Lourdes e o próximo seria o próprio Andrew e somente depois ele seria meu por direito. O que não importava realmente, porque eu jamais gostaria de ter qualquer coisa a ver com a coroa. Nem mesmo quis ser reconhecida como herdeira, para ter direito a parte da

fortuna da família real, o que queria apenas era me afastar de tudo aquilo, da Campavia, de Taddeo, embora tenha aceitado a ajuda do tio Andrew quando precisei.

Andrew di Montalccino fora a única ligação que fiz questão de manter nos anos em que estive longe e durante todo tempo me mantivera informada sobre o estado de saúde de meu pai, bem como fora muito mais do que um apoio, um ombro amigo, foi a figura paterna que nunca tive na vida. Gratidão seria pouco para o que eu sentia por ele.

— Eu já te agradei por ser tão especial para mim? — eu quis saber, com a voz embargada e o sorriso muito branco dele se ampliou, ao passo que me puxava para um abraço afetuoso.

— Não tem o que agradecer, querida. Gostaria, no entanto, de poder ter feito mais. Sinto muito por isso — a voz dele se quebrou enquanto me encarou profundamente, a dor contida nos olhos azuis claríssimos me doendo sobremaneira.

Deus! Ele não existia! Não era uma pessoa, era um anjo!

Quem olhava para aquele homem belíssimo à minha frente, sempre sorrindo, bem-vestido, de um coração sem igual, preocupando-se sempre com os que amava, sequer fazia ideia de tudo que passara na vida. Andrew teve não apenas o dedo cortado cruelmente, ou passara anos em cárcere sendo torturado por pura maldade de um maníaco e insano, que por acaso era meu tio, seu irmão também, como também passou anos privado de viver a sua vida e até mesmo estar ao lado dos seus.

Tio Andrew não era apenas um exemplo de superação, era também de hombridade, honradez e eu era muito feliz por saber que tinha alguém como ele não apenas sangue do meu sangue, mas também comigo para o que eu precisasse. A história da sua vida acabou indo parar nas páginas de um livro que escreveu chamado *Preso no Limite*, onde relatou ao mundo tudo que passara, o que aprendera e tirara como lição. As páginas escritas não eram uma simples leitura, apenas uma biografia ou livro de autoajuda, era muito mais, era uma viagem dolorosa para dentro de nós mesmos, nossos medos, receios, mas também o amadurecimento e aprendizado conquistados através das dores vividas, não era à toa que fizera um sucesso estrondoso. Ele era um exemplo que merecia ter a história passada por gerações.

— Não ouse se desculpar, tio, porque o senhor não tem culpa de nada, e não importa o quanto eu possa ter precisado no passado, não estaria viva se não me desse sua mão para segurar ou tivesse você ao meu lado quando mais precisei — foi o que eu disse, fungando, e ele sorriu, emocionado, limpando as lágrimas que começaram a rolar em meu rosto, mas não disse mais nada.

Era verdade, não fazia ideia do que seria de mim se ele não tivesse estado comigo. E enquanto o carro seguia para o nosso destino, muita coisa passava por minha cabeça. Não apenas minha conversa com Taddeo no dia anterior, a descoberta das artimanhas dos meus pais para nos separar ou o quanto ele se dizia arrependido por tudo que me fez por causa daquilo, mas também a minha infância, os anos que sonhei em ter uma vida diferente, toda dor, mágoa que senti. Não sei se era porque eu estava sensível por causa da proximidade da cirurgia de Ian ou por estar prestes a ver meu pai depois de tudo, mas cada pequena coisa parecia mais viva e pulsante naquele momento. Estava ansiosa, nervosa e, ao mesmo tempo, esperançosa, só não sabia muito bem o motivo.

Ao atravessar o portão, os sentimentos se intensificaram, e quando o carro parou diante do prédio de contrução antiga rodeado de jardins, meu coração passou a bater mais forte. Emoções diversas me bombardearam e lutei para contê-las, para deixar que circulassem em mim, absorvendo-as, mas sem me afogar nelas. Era muita coisa junta.

Como se estivesse à nossa espera, meu pai estava na frente do prédio, sentado em sua cadeira de rodas. Meu coração disparou, as mãos suavam quando, com uma última olhada para mim, Andrew desceu do carro. Ele abriu minha porta, ajudando-me em seguida a sair, pé ante pé subi os degraus que me levariam até onde meu pai estava e antes de alcançar o topo encontrei os olhos dele em mim, intensos e ansiosos.

A bala que o atingiu na cabeça atravessara o hemisfério esquerdo do cérebro e ficou alojada na altura da nuca. Áreas do cérebro responsáveis pela locomoção e fala foram atingidas, o que o deixou na cadeira de rodas e com dificuldades para falar. Após meses em coma, meu pai passara por um intenso processo de recuperação, envolvendo fisioterapia, acupuntura, acompanhamento com diversos médicos, mas ainda sofria com o danos da tragédia, que além dos distúrbios na fala, também afetaram de forma definitiva sua capacidade cognitiva.

Eu que estava tão acostumada com sua visão daquela forma ativa, até mesmo soberba, mesmo que soubesse do seu estado me vi baqueada ao vê-lo sentado naquela cadeira de rodas, com as mobilidades reduzidas. Segundo tio Andrew, ele passava seus dias entre sessões de fisioterapia e fonoaudiologia e nas horas vagas gostava de ficar observando a natureza, mas também adorava assistir à televisão. Coisas que certamente o diferiam do homem que eu mal conhecia, mesmo que vivesse comigo e fosse meu pai.

Nos últimos anos ele passara por várias etapas de recuperação, porém um ano após o acidente tivera algumas convulsões que o fizeram regredir. Sua condição era muito difícil, mas ele superou todas as internações e surpreendeu

até os médicos, que não acreditaram que tivesse a chance de sobreviver e contrariando a todas as expectativas, ele estava ali. Uma coisa que ninguém podia negar era que meu pai era mesmo um guerreiro e tinha muita, muita vontade de viver.

Evan Carrara sempre fora um homem vaidoso, preocupado com a imagem e mesmo assim parecia completamente diferente, como se fosse um outro homem. Apesar da boa aparência, até mais corado do que me lembrava, ainda era estranho revê-lo, especialmente depois de tanta distância e coisas entre nós, mas por algum motivo eu sabia que precisava tentar fazer aquilo dar certo.

— Oi, pai — cumprimentei-o assim que me aproximei, minha voz baixa e sem jeito, e embora tenha sentido vontade de tocá-lo de novo, não o fiz, com medo de uma rejeição depois de tantas.

Contudo, fui surpreendida por ele, que ergueu a mão direita devagar, em minha direção, o esforço fazendo-o tremer. Entendi como se estivesse chamando-me e por isso me abaixei perto dele. Tentanto controlar a emoção que sentia no momento, permiti que tocasse meu rosto, meio trêmulo, mas com carinho, e não aguentei antes de começar a chorar. Não importava o que acontecera, dentro de mim eu o amava.

— A enfermeira me disse que ele fez questão de te esperar, Eva — foi o que tio Andrew falou, tocado pela cena.

— E... va... — meu pai emitiu e emocionei-me ainda mais com a tentativa de falar meu nome.

Com um sorriso não deixei de encará-lo mesmo através das lágrimas que insistia em derramar, apertei sua mão e ele segurou firme a minha, falando com os olhos o que a boca não conseguia.

— Hum... I... an — não acreditei quando soltou o nome do meu filho, encarando-me com aquele seu jeito firme em uma pergunta muda.

— Ele não pôde vir... Está se preparando para a cirurgia. Tio Andrew falou? — sorri ao responder e ele assentiu, rapidamente. — Mas quando puder, trago para conhecê-lo. Se o senhor quiser, claro — receosa apressei-me em dizer, deixando que decidisse por aquilo e o sorriso do meu pai me deu era a resposta que eu gostaria de ter.

— I... an — repetiu, e quando fiz menção de me levantar, não deixou que me afastasse e do jeito que conseguiu, tentou me abraçar, um tanto trêmulo, o que me comoveu sobremaneira.

Quando se afastou, uma emoção tamanha e inúmeros sentimentos bons pareciam emanar daqueles olhos azuis que me encaravam com amor, de uma forma que nunca achei que o veria fazer. Não quis pensar muito sobre o passado, apenas me concentrei no mais importante, no presente, e durante todo o tempo

em que fiquei com ele no iniciozinho daquela manhã, meu pai olhava-me como se quisesse dizer muitas coisas, mas entendi, não era preciso dizer mais nada, eu sentia.

Mostrei-lhe diversas fotos de Ian e surpreendeu-me não apenas com a forma como se mostrou emocionado, como também pelas lágrimas que derramou. Muitas vezes parecíamos conversar de forma silenciosa, quase como uma troca, uma certeza de que nosso tempo como pai e filha estava apenas começando e queríamos ter a chance de fazer tudo diferente dali em diante. Tinha certeza, pois em seus olhos eu via amor, admiração e até mesmo gratidão.

Perto da hora de partir, ele apontou para que eu me sentasse no banco ao lado de onde encostara a cadeira, e eu o fiz. Não dissemos nada de imediato, os dois envoltos em um silêncio gostoso, olhando para os jardins repletos de flores multicoloridas, e apesar de nunca ter tido proximidade alguma com ele no passado, já que erámos quase como dois estranhos, sentia-me ligada a ele de uma maneira íntima. Sentir-me daquela maneira trouxe-me um sentimento de paz nunca experimentado antes, nem mesmo me dava conta de que estava sorrindo. Para que aquilo melhorasse, só faltava Ian ficar bom para ir conhecer o avô.

E em breve era o que faríamos, eu tinha fé naquilo!

Depois de um tempo em silêncio, meu pai me olhou, de maneira triste, arrependida e soube que o que estava prestes a me dizer era difícil.

— De...cu...pa — emitii antes de soltar uma longa lufada de ar, e emocionada com o pedido, me vi soltar a respiração que não havia reparado ter prendido.

— Não precisa se desculpar, pai — assegurei, aproximando-me dele para pegar sua mão, que apertei, pois tudo o que desejava era que ele soubesse que estava tudo bem.

— Hum... E...u... — impacientou-se com a dificuldade em não conseguir falar e apontou para o bolso da cadeira, onde encontrei um bloco e canetas dentro.

— Prefere escrever? — indaguei com cuidado, e ele assentiu, então ajeitei tudo para ele no seu colo. Começou a escrever devagar, lento, meio trêmulo, com bastante dificuldade, mas parecia determinado a fazer aquilo. Não sabia o que queria dizer e por mais ansiosa que me sentisse, esperei quieta, porque sabia que era o que precisava fazer.

Quando enfim me estendeu o bloco, eram as minhas mãos que tremiam quando comecei a ler o que queria dizer com a caligrafia quase infantil.

Fui um pai ruim

*Me perdoe
Prometo ser melhor
Permita-me fazer parte da sua vida e do meu neto
Vocês são minha família.*

Emocionada demais, ergui os olhos para encará-lo e tocada ao ver a súplica genuína nos dele. Sabia que nunca havíamos tido uma relação de pai e filha, mas eu queria aquilo, queria aquilo para nós. Voltei a segurar sua mão, entrelaçando os dedos aos dele.

— Claro que sim, pai. Somos sua família — reconheci num murmúrio trêmulo.

Os olhos dele se iluminaram e ele apertou minha mão mais forte, sorrindo abertamente.

— Fa...mí...lia... — conseguiu emitir com dificuldade e eu o abracei, sem querer soltá-lo, porque era bom estar junto a ele, como deveria ter sido desde o início.



— Por que nunca me disse que era você quem custeava todas as despesas de meu pai desde que fui embora? — indaguei, assim que encontrei com Taddeo no corredor do hospital.

— Como você soube? — ele quis saber, nitidamente surpreso por eu ter descoberto minutos antes a verdade sobre aquilo.

— Estava visitando meu pai e quando saímos de lá fui agradecer ao tio Andrew por tudo, foi quando ele me contou que era você quem pagava tudo — por algum motivo expliquei, embora soubesse que não deveria caso não quisesse. Ainda assim, optei pela sinceridade, porque além de não querer mais mentiras na minha vida, sentia que de alguma forma deveria agradecê-lo pelo que fez durante todos esses anos, mesmo que não precisasse.

— Tio Andrew? — testou, o cenho franzido, obviamente confuso com a forma íntima com a qual eu me referia ao Príncipe Campaviano.

Droga! Eu e minha boca grande!

— É. — Titubeei, uma careta se formando em meu rosto enquanto ponderava sobre lhe contar a verdade. — Foi tio Andrew quem me ajudou a fugir da Campavia. Entretanto, ele não sabia de Ian até eu voltar, pois achei mais seguro esconder dele, já que receava que contasse tudo a você — eu me vi confessar, porque não havia motivo para mentir ou esconder aquilo, tio Andrew não era um segredo, jamais foi, e eu faria questão da presença dele em minha vida.

— Você sabe de tudo? — Taddeo indagou e eu assenti, confirmando. — E mesmo sabendo a verdade sobre a sua família, ainda assim, você não procurou o que era seu por direito? Afinal, você é uma Bellinni di Montalccino legítima! — lançou, seu tom era incrédulo, e eu bufei.

— Por que eu não queria ter nada a ver com toda essa história sórdida. Ao contrário do que podem pensar, eu não sou uma interesseira. Ou vai negar que você achou que eu iria exigir a minha parte se soubesse da verdade? — inquiri, indignada, as bochechas pegando fogo enquanto o encarava com altivez.

— Sim — admitiu constrangido, desta vez sem conseguir me encarar.

Aquilo não deveria me atingir, mas ainda assim o fez, e imediatamente dei um passo atrás, como se um choque me afastasse. Uma pequena palavra dita, uma única... e senti como se tivesse sido golpeada por ele ou algo do tipo. Um nó se formou em minha garganta e o ardor nos olhos me confirmou minha estupidez. Era apenas mais um julgamento errôneo vindo dele, um entre tantos que fui julgada... Porém conseguia me atingir, porque eu o amava apesar de tudo.

— Me desculpe — ele pediu quase desesperado, antes de vir até mim, mas recuei, não deixando que me tocasse. — Por favor, amor, eu estava cego, perdoe-me por sequer ter pensado nesse absurdo um dia! Eu sei que você não é essa mulher sórdida que criei em minha mente insana! Perdoe-me, vida!

— Não me importa o que você acha ou deixa de achar, porque para me atingir precisaria significar alguma coisa. E para mim você não significa mais nada, Taddeo, é apenas o pai de Ian e nada mais — soltei entredentes, esperando que fosse o bastante para que acreditasse naquela mentira e ele meneou a cabeça, negando, no entanto, quando abriu a boca para falar, o que disse foi:

— Você está magoada, sabe que isso não é verdade. — As palavras pareciam ser mais uma afirmação para si mesmo, como se quisesse se convencer daquilo. — Só acho que precisamos...

O que ele diria, eu não soube, porque uma enfermeira veio à nossa procura, pois o médico nos chamara para avisar que adiantaria a cirurgia para aquela hora. Ian estava reclamando cada vez mais de dor e com receio que sua situação complicasse ou causasse uma metástase, não queriam mais esperar e operariam o quanto antes para remoção do tumor.

Entrei em desespero, porque por mais que soubesse que era preciso e estava chegando o momento, ainda assim, não me sentia preparada. Talvez nenhuma mãe estivesse, afinal, por mais esperançosa que ficássemos, não tinha como não temer pela saúde do filho.

Quando Taddeo me abraçou, não pude resistir. Eu me permiti ser consolada por ele, que acolheu-me em seus braços, e afundei a cabeça em seu peitoral. As

lágrimas vieram sem controle, e, por mais que odiasse que me visse chorar de novo e o odiasse ainda mais por aquilo, o medo de perder meu filho era tão grande que não pude encontrar forças para me importar.

Tudo aconteceu bem rápido e corri para ficar o máximo de tempo que pudesse com Ian enquanto ele era preparado para a cirurgia. Felizmente Taddeo ainda estava em jejum e também fora seguir as recomendações exigidas, mas antes passara para dar um beijo em nosso filho. Acompanhei Ian até a porta do centro cirúrgico, onde fui impedida de seguir, e aos prantos vi meu filho, tão pequeno, sendo levado para longe de mim, para sua única chance de sobreviver àquela doença maldita.

Deus, doía tanto!

Por mais que tivesse tentado acalmá-lo, Ian estava tão assustado e era desesperador saber que alguém tão novo e inocente tivesse que passar por aquilo, que tivesse que lutar pela vida quando nem mesmo sabia que tinha que lutar. Preferia mil vezes estar em seu lugar, passar por aquilo com ele, mas infelizmente não pude. Tinha apenas que acreditar que venceria mais aquela batalha.

Sim, ele venceria!

Taddeo veio em seguida e quando me viu parada na porta, olhou-me, igualmente emocionado, e pediu que o enfermeiro parasse para que falasse comigo, instintivamente meus pés me levaram até ele.

— Vai dar tudo certo, amor. Nosso filho vai ficar bem — ele me garantiu, fazendo-me chorar ainda mais e mesmo mexida assenti, ao passo que segurava sua mão. — Vamos sair desse hospital vitoriosos, vida... Prometo. Eu preciso ir, mas antes disso, tenho que te pedir outra chance, amor — sussurrou o pedido, os olhos brutalmente honestos nos meus mostrando o nervosismo que sentia, e o pomo de Adão subindo e descendo quando engoliu com dificuldade apenas provou o quanto.

O pedido me acalmou, esquentou meu corpo, incendiando mais do que o próprio toque me segurando. Respirei fundo, mexida, tentando me afastar do poder que ele inevitavelmente exercia sobre mim. Por mais que me esforçasse, mal podia realmente pensar perto dele, e, quando o fazia, sua afirmação veio arrebatando qualquer controle:

— Eu preciso entrar naquele centro cirúrgico sabendo que terei você me esperando quando sair, Eva.

Quando Taddeo terminou de falar, eu só tinha a certeza de que não tinha mais certeza de nada. Se não estivesse presenciando a dor em suas palavras, poderia ter duvidado. Porém eu a via, era quase como ver o reflexo da minha. Como poderia resistir àquele homem que, apesar de tudo, correspondia o meu

sentimento insano por ele? Mas como poderia voltar a confiar meu coração e vida a alguém que me magoara tantas vezes?

Era tão... difícil...

Eu sabia desde o início que voltar para Campavia apesar de ser por um motivo maior, seria terrível para minha saúde mental, mas nunca imaginei que fosse abalar as estruturas que sequer fazia ideia de como ainda me mantinham de pé.

— Quero merecer você. Consertar tudo e provar meu amor, vida — ele prosseguiu, fazendo meu coração acelerar mais, meu peito aquecendo ao ouvi-lo utilizar o vocativo que eu tanto adorava.

— Taddeo... — murmurei e depois de certa titubeação, tentei falar: — eu não acho que...

— Só uma chance — emitii, silenciando-me com o indicador. — Quero começar do começo, Eva. Sei que sofreu muito e entendo os motivos que te fazem reticente. Só quero que me permita te provar que estou sendo sincero. Não estou pedindo um compromisso.

— Não? — balbuciei confusa, e ele abriu um pequeno sorriso, os olhos azuis brilhando.

— Não ainda, pois você merece mais, vida — sussurrou, fazendo-me arrepiar. — Eu ainda quero tudo com você, amor. Te quero como a mãe do meu filho, como minha esposa, a mulher da minha vida. Eu entendo suas dúvidas e reticências sobre nós, mas quero ser apenas a sua certeza... a certeza de um amor eterno — completou, as covinhas se aprofundaram nas bochechas dele quando sorriu, tímido, desta vez.

Eu estava mexida, completamente mexida com a intensidade de suas palavras, do olhar, da promessa que conseguia sentir no meu peito ser verdadeira.

— Você aceita? — perguntou baixinho, e deviei os olhos do dele.

Sentia-me tonta com tudo aquilo e, confesso, ainda estava um pouco confusa também. Todavia, mais que tudo, queria muito, muito aceitar, pois sempre fora aquilo que desejei dele, sem mágoas ou mentiras, apenas a verdade de um sentimento maior do que tudo. Voltando a fitá-lo, encarei a imensidão daqueles olhos lindos que mal pareciam se conter com expectativa e mal podia respirar antes de finalmente tomar coragem para responder:

— Sim — sussurrei, e seu semblante foi tomado pelo alívio. Abaixei-me para colar a testa na dele. Aliviado e feliz, ele se aproximou, a língua deslizando por meus lábios entreabertos, e a minha boca tocou a sua rapidamente.

— Eu te amo e te prometo, vida, que não vai se arrepender — garantiu, e eu sabia, lá no fundo, que ele estava falando a verdade. Queria poder falar alguma

coisa, mas não falei nada, pois não conseguia. Se falasse, desmoronaria.

Ainda em silêncio, ficamos assim por alguns segundos, de rosto colado, apenas sentindo um ao outro, palavras não sendo necessárias. Mas então o enfermeiro informou que precisavam levá-lo, e chorando me despedi.

— Me espera. Amo você, vida. — Li as palavras em seus lábios e apesar de não ser a primeira vez que falava aquilo, o efeito continuava a ser o mesmo, como se tivesse borboletas no estômago. Lágrimas escorriam dos meus olhos, quando notei que era tarde e não podia dizer o mesmo, para que ele entrasse ali sabendo não apenas que lhe daria uma chance, mas que eu o amava também.

— Eu vou te esperar, meu amor, vou esperar para te dizer que também te amo — eu me ouvi dizendo, mesmo que soubesse que ele não poderia mais escutar.



Ficar esperando durante horas por uma notícia foi a pior coisa que senti. Toda a família estava reunida ali e, por mais que fizessem questão de se mostrarem presentes, apoiando-me naquele momento tão difícil, querendo que eu sentisse que não estava sozinha, ainda assim não adiantava muito, pois as únicas pessoas que conseguiriam me fazer sentir diferente estavam lá dentro. E o pavor que sentia só se aliviaria quando tivesse a certeza de que estavam bem.

O transplante intervivos é um procedimento complexo e demorado, podendo levar entre 10 e 12 horas para finalizar. Além da hepatectomia, que é a retirada de parte do fígado de Taddeo, da hepactetomia total de Ian e da colocação do fígado sadio no lugar do doente, a técnica envolve a utilização de microcirurgia, tendo em vista que os vasos sanguíneos na região são muito finos.

Duas equipes eram responsáveis pela cirurgia, uma para fazer a de Taddeo e só depois de verificar que, do ponto de vista anatômico, o fígado era viável, outro grupo de profissionais iniciaria a cirurgia de Ian, tudo com objetivo de buscar certa sincronia nos dois procedimentos para reduzir o tempo da operação.

Por mais que soubesse que o procedimento demoraria, ainda assim recusei-me a sair dali. Não iria a lugar algum enquanto aquela tormenta não acabasse. Não consegui comer, tampouco preguei os olhos, mantive-me apenas calada, dando respostas evasivas para as perguntas que me faziam e quase todo o tempo fiz promessas, rezei, pedindo a Deus que cuidasse e intercedesse por eles. Não queria mais nada, não precisava, só queria que eles passassem por aquilo bem e que meu filho sáísse curado.

Já eram mais de oito da noite, quase onze horas haviam se passado quando finalmente as portas do centro cirúrgico se abriram e de lá saiu o médico de Ian,

junto de Igor, que apesar de não ter participado da cirurgia, fizera questão de estar presente, acompanhando-os.

O cansaço no rosto de ambos era nítido, o que era compreensível, dado o tempo decorrido desde o início do procedimento. Ainda assim, não me aliviara, pois senti o coração ainda mais apertado enquanto ficava de pé e esperava que dissessem alguma coisa

— Foi um sucesso — Igor disse, antes que eu caísse de joelhos no chão, enfim voltando a respirar, chorando, soluços aliviados sacudindo meu peito, toda aquela angústia dolorosa e medo que sentia se esvaindo aos poucos.

Graças a Deus! Obrigada, Senhor!

— Foi realmente um sucesso — o médico reiterou, quando Stephanie e Bella se juntaram a mim no chão, tão emocionadas quanto eu. — Retiramos um segmento do lado esquerdo do fígado do pai em perfeitas condições de saúde para implantar na criança. A primeira parte da cirurgia foi feita sem comprometer o órgão como um todo e não houve nenhuma intercorrência. Depois de preparar o órgão, prosseguimos a cirurgia do menino normalmente, retiramos o órgão doente e implantamos o novo e tudo está conforme o esperado.

— Eles estão bem? — eu quis saber em um fio de voz.

— Sim, estão bem. Agora temos que esperar. Como informado anteriormente, ambos passarão de 1 a 2 dias em uma unidade de terapia intensiva, caso não haja alguma complicação, seguirão para o quarto. Esses dias de UTI são extremamente importantes, porque além de diversas medidas adotadas para garantir a saúde da criança, ambos serão constantemente monitorados e assistidos pela equipe médica. Também estamos administrando imunossupressores na criança, pois é fundamental para evitar que o seu organismo rejeite o novo órgão — o médico respondeu e assenti, aliviada, embora um pouco trêmula, me levantei com a ajuda das duas. — Estamos confiantes.

— Para que servem esses imunossupressores? — Steph indagou com cuidado.

— O organismo humano reconhece todas as suas células, tecidos e órgãos. É por isso que quando identifica algo estranho desencadeia reações para se proteger. O responsável por ativar essa defesa é o nosso sistema imunológico. Quando uma pessoa passa por um transplante de fígado, embora ela tenha recebido esse órgão também de um humano, o seu corpo não reconhece como sendo parte integrante de si. Ele vê o novo fígado como algo estranho que precisa ser combatido. O sistema imunológico, então, começa a desempenhar o seu papel e ataca aquilo que ele acredita ser um invasor. É por isso que existe a

chance de rejeição do enxerto, e para evitar que o organismo reaja dessa forma, são utilizados medicamentos imunossupressores, que inibem a resposta do sistema imunológico para que ele não venha atacar o fígado novo. Assim, o paciente consegue se recuperar, o órgão começa a desempenhar as suas funções e são reduzidas as chances de ele ser rejeitado — Igor explicou aos presentes e outra vez fechei os olhos, rezando baixinho para que não houvesse nenhuma rejeição.

Já havíamos chegado tão longe, tinha que dar certo, meu Deus!

— Ian vai precisar tomar isso para sempre? — Alisson perguntou, o pesar em sua voz sendo inconfundível.

— Durante a cirurgia são necessárias altas doses do medicamento, inicialmente, e pelo menos nos três primeiros meses, para evitar que haja rejeição aguda precoce. Esse é o período mais crítico da recuperação, com maiores chances de o órgão não ser aceito pelo organismo. Com o passar do tempo, e conforme não são percebidas manifestações semelhantes a uma rejeição, a dosagem dos imunossupressores pode ser diminuída, no entanto é uma decisão que tem que ser estudada pela equipe médica que continuará acompanhando e também segundo a resposta do organismo do paciente. Ainda que se diminua, não é possível cortar definitivamente a medicação, já que o corpo pode voltar a reagir e o sistema imunológico atacar o órgão transplantado. Apesar de haver essa condição, o transplante de fígado era a melhor opção para preservar a vida de Ian, que poderia ter não apenas o órgão comprometido, mas também o câncer disseminado além do fígado, o que seria fatal. No mais, é possível adequar os imunossupressores de modo que o transplantado tenha mais bem-estar e qualidade — o médico explicou com cuidado e eu assenti, porque aquilo, para mim, era o de menos, importava apenas a saúde do meu filho.

— Quando poderemos vê-los? — A voz de Sarah foi fraca ao perguntar.

Apesar de saber que os dois homens da minha vida estavam bem, ainda assim queria desesperadamente vê-los, porque sentia que somente assim voltaria a respirar como deveria.

— Por enquanto não posso liberar, pois ambos ainda estão em observação pós-cirúrgica. Assim que der, permito que vão visitá-los — ele respondeu e sentindo-me ansiosa enxuguei minhas lágrimas. — Após a estabilização do quadro clínico de ambos eles serão transferidos para o apartamento, onde permanecerão sendo acompanhados pela nossa equipe. No total, o tempo de internação deles pode variar de uma a duas semanas.

— Ele ficarão bem, prima — Igor me garantiu, antes de vir até mim e me abraçar. Inevitavelmente sorri, porque tive uma sensação de *déjà vu*, fazendo-me lembrar de outra ocasião tensa em que ele me dissera aquilo e estava certo.

— Obrigada — agradei baixinho, como fiz depois do acidente de helicóptero de Taddeo, anos atrás, e Igor me apertou ainda mais em seus braços.

— Acho que você se lembrou do que eu disse, não é? — assenti, ainda sem afastar-me dele. — Então também sabe que eu tinha razão na época e depois verá que tenho agora. Tudo ficará bem. Vocês não passaram por tanta coisa, tanto sofrimento, para não dar certo. Os dois vão voltar para você e então finalmente serão a família que sempre deveriam ter sido, eu prometo. — Sorri emocionada, quando ele então beijou minha bochecha e com um sorriso no rosto piscou para mim.

Sim, eu acreditava nele. Eu teria minha família comigo em breve!



Capítulo 17

RECOMEÇO...

Eva

O diagnóstico da doença de Ian foi um susto e acho que apenas quem é mãe vai entender. É como se aquilo que chamamos de alma abandonasse o corpo da gente, para assistir, lá de cima, à vida passar em sua frente como um filme, desde a descoberta da gravidez; os problemas que encontrei logo no início dela; o parto prematuro e, por consequência, a dificuldade dos dias de UTI Neonatal, a vitória que foi sair de lá; o crescimento juntos como mãe e filho a cada dia; a troca e aprendizado durante a amamentação; as primeiras palavras; os primeiros passos... a vida toda.

Diante daquela descoberta, o que sentia era uma dor física, uma pontada aguda, que acomete o âmago das entranhas, o peito, como se o perfurasse repetidamente. Às vezes tinha flashes daquele tempo interminável de medo de perdê-lo, onde me perguntava se conseguiria suportar a perda, se Deus resolvesse arrancar de mim a razão de ainda continuar viva.

Não... Eu não suportaria!

Jamais esqueceria as palavras soltas, também as de otimismo, que pareciam ecoar no meu pensamento a cada segundo. Lembraria muito claramente a força da família e também dos médicos e enfermeiros, que tinham como missão não apenas ajudar na recuperação da saúde dele, mas também a de nos manter sem esmorecer, lidando com os fragmentos da tragédia que inevitavelmente nos tornamos, já que padecemos com o coração esvaado de maneira crônica.

Também não me esqueceria da sensibilidade de todos que foram amáveis, compreensivos e especialmente de cada boa notícia dada, da comemoração, dos abraços ao ouvir cada uma delas, das pequenas vitórias, das grandes e da plenitude sentida ao acordar daquele pesadelo, da gratidão por ter vencido o que poderia ter sido uma perda irreversível.

Ao ver meu filho acordar, quase como se tivesse renascido, sorri, chorei, emocionada, agradecida pelo privilégio de ver aquilo acontecer, porque a vida era um sopro. Seria eternamente grata pela felicidade infinita sentida ao vê-lo

comigo, porque eu sabia que podia enfrentar o mundo com apenas uma das mãos se ele estivesse segurando a outra.

— *Acodei com sede, mama, quero ábua* — foram as primeiras palavras dele ao despertar. Poderia ser algo bem corriqueiro para uma criança dizer, todavia elas tiveram um significado completamente diferente para mim: ele estava vivo e bem.

— Oh, meu amor, graças a Deus! — foi o que consegui emitir, dado o meu estado emocionado, onde eu sorria e chorava ao mesmo tempo.

O pós-operatório de Ian estava sendo excelente, bem como a sua recuperação, por isso que foi transferido para o apartamento depois de dois na UTI. Taddeo também se recuperava bem e apesar de ter doado apenas uma pequena parte do fígado, o pós-operatório dele funcionava basicamente como o de Ian, e dentro de algum tempo ele ficaria bem, dada a capacidade do órgão de se regenerar.

Como diretor, Igor conseguiu colocá-los no mesmo quarto, o que foi excelente não apenas para os dois ficarem juntos no mesmo ambiente, mas também para a família, que não tinha de se dividir entre eles. Eles estavam sempre ali, se revegando, fazendo questão de se fazerem presentes, e eu era muito grata pelo apoio.

Taddeo teve alta após uma semana de transplante, ainda assim não saía do hospital, porque Ian teve que continuar por mais alguns dias, já que precisaria daquele período para que o uso de drogas imunossupressoras se estabilizasse e ele estivesse perfeitamente habilitado e independente para voltar para casa. Claro que depois da cirurgia o tratamento dele se voltaria para o hepatoblastoma, a doença responsável pela lesão do fígado que determinou a necessidade do transplante e teria que ter acompanhamento médico constante, fazer exames periódicos, bem como continuar com o uso dos imunossupressores, mas ainda assim nada o impediria de viver como uma criança absolutamente normal.

Por mais que Taddeo já se mostrasse bem de saúde, ele não voltara a trabalhar e tampouco a tocar no assunto de darmos uma chance para nosso relacionamento. Quero dizer, nem mesmo uma vez. Ele parecia ter pensado que eu precisava de espaço e simplesmente se mantinha distante fisicamente quando estávamos próximos. Era patético que eu estivesse desesperada para que ele mudasse aquilo, mas estava. Queria saber se tinha desistido de nós ou descobrir o que estava aprontando.

O que me ajudara com aquela ansiedade era Ian, afinal, a semana que seguiu à sua cirurgia foi muito intensa e foquei a minha preocupação na recuperação do meu filho. Todavia, estávamos sempre juntos e havia me acostumado a ficar perto de Taddeo. Muito mais do que os anos que nos

mantivemos separados, que estávamos longe, doía de saudade quando o tinha perto. No entanto, tinha decidido me resguardar e deixar que ele realmente se esforçasse para que eu o desculpasse e seguisse com o plano. Porque ele definitivamente tem um plano, pois os olhos azuis me diziam aquilo a cada vez que me encaravam.

Cada vez mais próximos, acabamos relaxando mais na presença um do outro, talvez porque não existissem mais mentiras e mágoas pairando sobre nós ou toda a loucura do sexo passional ao qual acabávamos nos entregando no passado. Taddeo era um pai maravilhoso, não era à toa que mesmo com pouco tempo de convivência Ian o idolatrava. Seu amor pelo filho também era nítido desde o primeiro momento e se mostrava ainda maior a cada dia. Vê-los juntos sempre mexia comigo, porque era de alguma forma emocionante, já que inconscientemente sonhei com aquilo por tanto tempo.

Tanta coisa acontecera e a verdade é que ainda estava tentando processar tudo. Toda sinceridade, intensidade e até mesmo sua vulnerabilidade me atingiu. Pela primeira vez em muito anos Taddeo se abria por completo, mostrando para mim ser alguém diferente daquele que passara a vida me magoando. E esse alguém estava conseguindo fazer com que me apaixonasse ainda mais por ele.

Naquela manhã eu tinha ido em casa para tomar um banho e pegar algumas coisas para mim e Ian, mas fiquei surpresa ao entrar o meu quarto e ver uma caixa sobre o colchão da cama. Aproximei-me e vi um envelope em cima dela. Sentindo-me de repente nervosa, com o coração na boca, peguei-o e dentro havia um cartão escrito com uma letra familiar, firme, e ao mesmo tempo elegante, que inevitavelmente me fez sorrir antes de lê-lo.

Vida,

Sei bem o quanto tem sido cansativo para você não apenas esses últimos dias, mas desde antes do diagnóstico de Ian, já que teve que cuidar sozinha do nosso filho. Você merece um pouco de descanso e também ter um dia só seu, uma vez que abdicara disso e também de qualquer descanso nos últimos três anos. Quero mimá-la, vê-la descansada, relaxada, ainda mais linda do que é, uma verdadeira princesa.

Gostaria de ter feito o convite pessoalmente, mas sabia que se o fizesse acabaria inventando uma desculpa qualquer, só que agora não tem escolha a não ser ir para o dia de SPA que preparei exclusivamente para você. E mais tarde quero vê-la linda nesse

vestido para o nosso jantar.

Sim, isso é um encontro, estou finalmente levando a única garota por quem me apaixonei para um encontro que deveria ter acontecido há muitos anos. E não, não precisa surtar, sei muito bem que você não iria querer ficar distante de Ian, mas não se preocupe que tenho tudo sob controle. Apenas confie, ok?

Um carro com motorista irá levá-la aonde precisa, não se preocupe com nada, apenas relaxe, aproveite e mais tarde venha ao meu encontro.

Eu disse a você que faria valer a pena a chance que me dera e quando começo alguma coisa, não faço menos do que o melhor, e só há uma única coisa que ainda não tenho para ficar perfeito: você de volta para mim.

*Com amor do seu futuro outra vez marido,
Taddeo Caravaggio*

Um sorriso bobo se abriu no meu rosto enquanto me sentava na cama, lendo e relendo o cartão, me deliciando com cada palavra escrita. Sem deixar de sorrir, abri com cuidado a caixa que tinha um lindo vestido assinado por Charlie, irmã de Lourdes, uma sandália de saltos combinando e até mesmo uma caixinha com um par de brincos de diamantes.

Pelos presentes recebidos, deduzi que iríamos a um lugar luxuoso, e apesar de Taddeo estar certo, de não gostar de sequer pensar em me distanciar de Ian, mesmo que por algumas poucas horas, ele havia se esforçado para que aquele dia fosse especial para mim e não seria eu a dar para trás apenas por causa do meu medo bobo de me ausentar. Afinal, ele me pedira uma chance para recomeçar e depois de tudo, de inclusive ter arriscado a vida para salvar a do nosso filho, havia prometido para mim que merecíamos aquela oportunidade de sermos uma família e eu faria de tudo para que fôssemos.

Ainda mais ansiosa do que antes, levantei-me decidida a aproveitar tudo que preparara para mim e fui para o banho, onde embaixo do chuveiro cantarolei uma música que me veio à cabeça, *If I Ain't Got You*, sentindo-me como uma mocinha de romance sendo protagonizada pelo mocinho apaixonado.

*“Algumas pessoas querem tudo
Mas eu não quero absolutamente nada
Se não for você, querido*

*Se eu não tiver você, querido
Algumas pessoas querem anéis de diamante
Algumas apenas querem tudo
Mas tudo não significa nada
Se eu não tiver você, yeah...”*

A música dizia exatamente como me sentia, porque eu tinha a coisa mais importante do mundo, que era meu filho. Um dia cheguei a acreditar que não precisava de mais nada, mas ter Ian sem ele para compartilhar daquela bênção comigo não era o que eu queria. Eu queria uma família, sempre quis uma e se eu tinha a chance de ter aquilo com o homem que eu amava, por que não deixar o que passou para trás e recomeçar?

Sim, eu também queria ter o meu homem de volta!



Como combinado, o motorista me aguardava para me levar ao dia de SPA. Fiz todos os procedimentos a que tinha direito, desde as unhas, cabelo, drenagem, massagens de todos os tipos e também depilação. Durante a massagem podia sentir os nódulos de tensão sendo desfeitos através das mãos experientes da simpática massagista e até mesmo me aventurei na acunputura, na técnica de pedras quentes, nos banhos especiais, que não apenas prometiam hidratação, esfoliação e até ganho de vitaminas e desintoxicação, como também cumpriram o que prometeram.

Tirei o roupão e suspirei, sentindo-me não apenas renovada, mas também outra pessoa. Minha pele estava tão macia depois de todos os cuidados, que parecia de bebê. Também estava tão perfumada de todos os óleos e essências que utilizaram nos procedimentos, que nem mesmo precisava de perfume. Coloquei o vestido que Taddeo me presenteara e coubera como uma luva, abraçando meu corpo perfeitamente, e com um sorriso vi meu reflexo no espelho, gostando daquela Eva que sorria de volta para mim.

Como meus cabelos estavam curtos, não tinha muito o que fazer, além de hidratá-los. Havia sido maquiada e para alguém que mal sabia o que era um batom há muito tempo, fiquei surpresa com o resultado. Diante de mim estava uma mulher linda, elegante, poderosa, uma que eu definitivamente não conhecia.

Não consegui evitar, meus olhos se encheram de lágrimas. Costumava ser vaidosa no passado, por isso frequentava salões de beleza, usava roupas das grifes mais famosas, até porque pessoas da nobreza deveriam estar sempre bem-

vestidas e apresentáveis para a sociedade, afinal, naquele meio era a imagem que importava e nada mais. Só que por mais que gostasse de me sentir bem, desde que fui embora não tive tempo, disposição, tampouco dinheiro para continuar com a minha vaidade.

Forcei-me a reprimir as lágrimas, eu não queria pensar naquilo. Era passado, oras. E meus olhos estavam bem-maquitados, seria um sacrilégio desperdiçar o belo trabalho feito em meu rosto.

Calcei a sandália que viera na caixa e depois de sentir-me pronta para aquela noite, saí do reservado onde me trocava para encontrar Tom, o motorista à minha espera na saída do SPA. Ele era um sujeito grande e musculoso, que poderia parecer ameaçador em um primeiro momento, mas quem o conhecia conseguia ver nos olhos amendoados que era uma pessoa doce e eu tivera aquela prova durante o tempo que ele servira a mim e Ian, sempre brincado ou preocupado com o pequeno, que também gostava muito dele.

— O Sr. Caravaggio me pediu para vendá-la, Sra — soltou, um tanto envergonhado, e eu sorri, apesar de ter sentido meu rosto ruborizar.

Deus, o que aquele homem estava aprontando?

Não adiantava perguntar, não quando o que eu queria era apenas chegar o quanto antes até o homem que estava à minha espera. Permiti que Tom fizesse o que lhe ordenaram e após cobrir meus olhos com cuidado, ele ajudou-me a entrar no veículo e depois de me sentar no banco confortável, o carro ligou e então seguimos em direção ao nosso destino.

Estava ansiosa demais. Meu coração saltava louco, num ritmo alucinante, expectante enquanto seguíamos ao encontro dele. Depois de um tempo que me pareceu eterno, o veículo parou e Tom abriu a porta antes de me ajudar a sair. Segurando-me pelo cotovelo, guiou-me pelo local e com a visão comprometida, sentia meus outros sentidos ficaram mais aguçados; a audição captando todos os sons do lugar que não era nada silencioso, no entanto fora o cheiro que me dera a certeza de aonde estava indo.

Paramos e quando Tom bateu em uma porta, provavelmente para avisá-lo da chegada, meu coração estava quase saindo pela boca. A porta se abriu e a venda foi puxada de maneira suave, forçando-me a piscar rapidamente ao passo que ajustava minha visão à claridade. Foi então que meus olhos percorreram o espaço à procura dele e o que encontrei me fez ofegar.

Taddeo estava ridicularmente lindo vestindo um smoking sob medida, que deixava seu corpo grande, poderoso, viril ainda mais tentador. Os olhos azuis encontraram os meus, brilhando instantaneamente, prendendo-me daquela forma poderosa e intensa que ele parecia ser o único capaz de fazer. Depois me beberam, descendo por mim sem pressa, parecendo apreciar o que via, e então

nossos olhares se encontraram de novo e a maneira como sorriu fez um enorme estrago em mim. Em mais de um lugar.

Caramba! Como ele conseguia ter tanto poder sobre mim?

— *Mama, tô lindu?* — a indagação animada de Ian fez com que minha atenção voltasse toda para ele, deitado na sua cama, vestindo por cima da bata do hospital um smoking igual ao pai, embora estivesse meio aberto para não abafar o curativo da cirurgia.

— Sim, filho, está lindo. — Sorri de volta para ele, ainda meio abalada com o que fora cuidadosamente preparado para aquela noite.

Taddeo andou até mim, diminuindo a distância entre nós lentamente e então parou na minha frente, muito próximo, o perfume delicioso dele invadindo meus sentidos e fazendo-me arrepiar.

— Obrigado por trazê-la, Tom — Taddeo murmurou para o motorista, ainda sem desviar os olhos dos meus, um sorriso lindo no canto da boca.

— Foi um prazer, senhor. Se me der licença, tenham um bom jantar. — Tom despediu-se rapidamente e depois de dar um “tchau” especial para Ian, partiu, fechando a porta atrás de mim.

— Oi — o belíssimo espécime masculino à minha frente sussurrou, o olhar deslizando pelo meu corpo outra vez. — Você está linda, amor — emituiu em apreciação, fazendo-me corar de imediato.

— Obrigada — agradei, sentindo as bochechas arderem com o elogio. — “Oi” para você também. E, claro, você deve saber que está lindo — foi o que consegui dizer, dado o meu estado desnortado de contentamento, e ele riu, baixinho, o riso masculino rouco, profundo, arrepiando-me a pele enquanto encostava o corpo ao meu, ao passo que beija-me o rosto de uma maneira torturosamente devagar.

Resfoleguei quando o braço enlaçou minha cintura, puxando-me suavemente mais perto, e ele aproveitou a proximidade para sussurrar bem próximo da minha boca:

— Hoje damos o primeiro passo para a nossa nova vida, amor. Sabia que você não iria querer se afastar de Ian e eu também não queria, por isso arranjei tudo para que ele estivesse conosco e fiz questão de providenciar o que podia para que tudo fosse o mais perfeito possível. — Meu peito se aqueceu com suas palavras, sentindo-me tocada pelo que fizera.

Já que sua presença impactante e a surpresa de ver que nosso filho estaria conosco me impedira de admirar tudo com atenção num primeiro instante, aproveitei o momento para observar melhor o que ele preparara. O lugar nem de longe lembrava o quarto de hospital que Ian vinha utilizando há alguns dias e do qual eu havia saído aquela manhã. Uma mesa alta para dois, daquelas tipo de

bistrô, fora colocada estrategicamente rente à cama de Ian, e estava posta com detalhes requintados de restaurantes luxuosos.

Como Taddeo não podia beber nada alcoólico por conta das restrições do pós-operatório, um aparador lateral tinha um balde de gelo onde dentro havia, além de uma garrafa de champanhe e outra de vinho, também uma de suco. No centro da mesa, um lindo arranjo de copo-de-leite, minha flor preferida, que estava espalhada em jarros por todo o ambiente. Também tinha algumas travessas com o cardápio que seria servido. No canto, as poltronas desconfortáveis do hospital deram lugar a um sofá confortável, e do outro lado, ele tinha levado nada mais nada menos do que um piano.

Sim, era verdade, não era grande, mas ainda assim era a droga de um piano! Eu nem conseguia acreditar!

Aparentemente o piano, a nova mobília e decoração não foram as únicas coisas que mudaram, já que até mesmo o jogo de luzes parecia diferente e o sistema de som ligado à TV dera lugar a uma música romântica. Até mesmo a cama de Ian, que embora fosse a única coisa que permanecera a mesma, fora caprichosamente decorada com tecido e flores.

Taddeo Caravaggio estava investindo pesado na nova chance!

Era um alívio que meu primo, que também era cunhado dele, fosse o diretor do hospital, caso contrário, Taddeo certamente não conseguiria que nada daquilo fosse possível. Só um louco como Igor para concordar com uma loucura do tipo e permitir que aquele apático ambiente hospitalar se tornasse um cenário romântico digno de filmes.

— Parece que você pensou em tudo — balbuciei com a voz embargada, tentando controlar as reações insanas não apenas do coração, mas também a que provocara no meu corpo. Taddeo riu, arrogante, aparentemente muito satisfeito consigo mesmo, e então o polegar dele deslizou sobre meus lábios, os olhos azuis adquirindo um brilho selvagem e obstinado.

— Pensei em muito mais... — murmurou, a mão dele então deslizou para minha nuca, puxando-me para colar a boca na minha. — Esse é apenas o começo, vida. Eu te amo — acrescentou, antes dos lábios descerem suaves sobre os meus, num beijo reverente, cheio de promessas.

Saudosa do seu gosto, do seu sabor, rendi-me, meus braços rodeando o pescoço masculino, as mãos entranhando-se nos cabelos macios dele. Gemi ao abrir a boca para sua exploração lenta, deliciosa, excitante, nossas línguas se reencontrando ansiosas, os dois famintos, querendo mais, prendendo-se um ao outro o máximo que podíamos.

Beije-o com toda saudade que sentia e não fui a única a sentir aquela ânsia, porque ele também retribuiu, beijando-me como se não houvesse amanhã, o

corpo gostoso e visivelmente excitado pressionando o meu, tudo me deixando a ponto de esquecer a razão. Sabia que precisava desacelerar, porque se continuasse naquele ritmo não resistiria e me entregaria à necessidade atroz que tinha dele. Já havia chegado até ali e precisava ser firme, tinha resistir.

Só que aparentemente não era tão forte como deveria, mas um de nós precisava ser e esse alguém era Taddeo. Ele soltou um gemido baixinho, descontente, antes de separar nossas bocas, e eu quase protestei quando o fez.

— Tenho que me controlar, vida — soltou junto à respiração forte, um sorriso perverso se formando em seus lábios, e como se fosse possível, ele pareceu ainda mais lindo.

— Tem? — quis ter certeza e ofeguei quando me apertou mais contra si.

Deus! Eu não podia conseguir me fazer de difícil um pouco? Só um pouquinho?

— Tenho, Eva — meu nome foi dito em um timbre que arrepiou-me a nuca e somando com aquelas piscinas que me bebiam, tinha a sensação de estar prestes a derreter. — Tenho, porque preciso reconquistar a mulher que eu amo.

Mais? Ai, Senhor...

— É... Tem — murmurei de volta e ele arqueou a sobrancelha, descrente, como se não tivesse certeza do que eu falara.

Sério. Eu era mesmo um péssimo exemplo para as mulheres!

Depois de todas as “lições” e até mesmo “mandamentos” para domar o homem que Stephanne insistira a ensinar-me quando lhe contei que resolvi dar uma chance a Taddeo, ela certamente se decepcionaria — e me mataria — se soubesse que eu não estava conseguindo dificultar as coisas, e olha que ele nem bem havia começado. Em minha defesa, era simplesmente difícil resistir a Taddeo Caravaggio.

E como poderia, quando ele não apenas se mostrara arrependido de todos os erros do passado, como também dizia tudo que sonhei ouvir e me olhava com tanto amor, como se eu fosse a mulher mais linda do mundo?

Nem mesmo a mais casta das mulheres conseguiria ter tanto autocontrole, e mais do que isso: força de vontade para tal. E olha que eu não era casta e muito menos santa, o que, óbvio, não me dava vantagem alguma contra ele, já que ele era lindo, gostoso e irresistível o filho da mãe.

— Tô com *fominha!* Não vamos comer? — a voz de Ian me despertou em meio aos meus devaneios obscenos que guerreavam contra a minha vontade de fazer Taddeo rastejar um pouco mais.

— Nosso acompanhante está chamando. — O sorriso de Taddeo se alargou e acabei tendo que morder o lábio para não rir. — Vem, vida, temos um encontro. — Tomando minha mão, ele entrelaçou nossos dedos, puxando-me até

a mesa, onde seguiu a etiqueta e fez uma mesura calculadamente aristocrática, para como exímio cavalheiro puxar a cadeira para que eu me sentasse.

— Vamos comer! — Ian soltou, animado e eu sorri, olhando para os dois amores da minha vida.



O jantar transcorreu tranquilo, Taddeo fez questão de nos servir, embora o prato de Ian tivesse sido preparado pelo hospital mesmo, que, claro, reclamou quando viu que era sopa outra vez, mas para sua surpresa o nosso jantar era o mesmo, só não tinha vindo da mesma cozinha. Taddeo piscou para mim quando Ian se deu por vencido e começou a tomar sua sopa, e sorri, emocionada, porque ele realmente tinha pensado em tudo e fizera questão não apenas de incluir nosso filho naquele momento nosso, como também deixara aquilo mais fácil para ele.

Depois do jantar, fizemos alguns jogos com Ian e em um dado momento Taddeo me pegou olhando para o piano, como se esperasse que eu fizesse a pergunta. Que, óbvio, acabei fazendo em seguida.

— Por que você trouxe um piano para cá?

— Achei que nunca fosse perguntar — disse simplesmente antes de ir em direção a ele.

Ele ia tocar? Claro que não, devia estar só brincando!

Contrariando tudo que pensei, Taddeo sentou-se atrás do piano, como se aquilo fosse algo costumeiro, e não algo que jamais imaginei que faria. E eu apenas não conseguia registrar tudo de uma vez.

Numa postura perfeita de quem sabia o que estava fazendo, suas mãos deslizaram pelas teclas de maneira suave e as primeiras notas soaram. Reconheci a melodia de *Sorry* no exato instante que o rosto dele se levantou e os olhos azuis prenderam-se aos meus.

Quando ele tinha aprendido a tocar? E por que eu nunca soube?

Meu queixo caiu porque ele não apenas sabia tocar, o filho da mãe era um exímio pianista. Notando meu estado de perplexidade, os lábios dele se curvaram num sorriso presunçoso de quem tinha noção que conseguira não apenas me surpreender, mas também me deixar encantada com o seu talento nato.

Então, quando achei que não poderia me surpreender mais, Taddeo começou a cantar.

“Eu sei que você sabe que eu cometi aqueles erros, talvez uma ou duas vezes

Quando digo uma ou duas, quero dizer talvez umas cem vezes

Então me deixe, oh, me deixe me redimir, oh, redimir, oh, esta noite

Porque eu só preciso de mais uma chance de ter uma segunda chance

Yeah, é tarde demais agora para pedir desculpa?

Porque eu sinto falta mais do que só do seu corpo

É tarde demais para pedir desculpa?

Yeah, eu sei que te decepcionei

É tarde demais para pedir desculpa?”

Taddeo poderia não ser o mais afinado entre os cantores, mas ainda assim era perfeito e ouvir a voz profunda cantando juntamente ao piano que tocava trouxe-me lágrimas aos olhos.

O sorriso não saía dos seus lábios enquanto ele seguia a canção, e Ian, muito animado, batia palmas, acompanhando-o mesmo sem saber direito a letra, me dizia que Taddeo tentara fazê-lo aprender a tempo daquela apresentação. Tanto cuidado e atenção outra vez me pegaram em cheio, ele estava mesmo decidido a me pegar pelo ponto fraco.

É, Taddeo Caravaggio não jogava limpo!

Fechei os olhos deixando o som viajar por mim, deliciando-me com aquele presente. A voz dele, grave e suave ao mesmo tempo, de um jeito gostoso, completamente envolvente. Taddeo não estava apenas cantando para mim, ele estava, literalmente, se desculpando através da música de Justin Bieber. Ouvi-lo entoar a canção daquela forma muito pessoal parecia reafirmar o que já me dissera, e meu peito se aqueceu com o que aquilo significava. Ele estava mesmo me pedindo uma chance de se redimir.

E eu daria o que ele me pedisse...

Taddeo

Eu não entrava num jogo para brincar e também nunca disse que jogava limpo. Entretanto por mais que tivesse programado aquilo, senti-me nervoso para caralho, não apenas porque nunca tocava para ninguém, mas porque queria, desesperadamente, que Eva me perdoasse por todas as merdas. Mesmo que lá no fundo soubesse que jamais me perdoaria.

O piano era uma das minhas paixões e foi um toque de mestre para o jantar perfeito a três que programei, dentre as limitações que tinha por Ian ainda estar internado. Jamais esquecerei o momento em que Eva foi desvendada e os

grandes olhos verdes se abriram para encontrar os meus. Linda no vestido que escolhi, meu coração perdeu uma batida ao vê-la, o alívio inundando-me por completo, porque mesmo depois de tudo ela ainda estava ali. E isso significava tanto para mim, pois Eva estava me dando o segundo melhor presente depois de Ian, a chance de me redimir.

Muita coisa nos separou no passado, meu orgulho talvez tenha sido o principal motivo entre tantos, mas uma coisa maior sempre sobrepujou tudo, transpassando as mágoas, mentiras: o nosso amor. Nós nos amávamos, eu sabia. Sentia aquele sentimento pulsando em minha veias. Mas o que queria compartilhar com ela daquele momento em diante transcendia não apenas a tudo que já vivemos, mas também o que sentíamos um pelo outro. Não seria apenas uma entrega de corpos, era uma entrega total. Seríamos um do outro por completo, sem mais nada nem ninguém entre nós.

Por mais determinado que estivesse para fazer tudo mais fácil, já que queria as coisas da maneira correta como deveria ter sido antes, era meio complicado. Por mais ajuda que estivesse tendo, a verdade é que eu era um tanto bruto, não tinha muito tato ou jeito para essas merdas de traquejo social.

Além do mais, eu havia prometido fazer tudo que estivesse ao meu alcance para provar o meu amor, e isso significava que eu tinha que cortejá-la a cada dia. Planejei uma série de encontros para nós, mas por mais difícil que soubesse que seria ficar sem sexo durante esse período, já que por algum motivo insano meu irmão achou aquilo uma boa ideia, não imaginava que seria tanto.

Sério, que porra de ideia idiota foi aquela? Por que diabos achei que aguentaria?

Apesar de todos os problemas, sexo sempre fora, talvez, a questão mais bem-resolvida do nosso relacionamento. Não importava o quão irritado ou magoados nos sentíssemos, aquilo por ventura nos levava para cama e era sempre explosivo. Justamente por causa disso que ainda não conseguia acreditar que consegui manter o celibato mesmo estando cada vez mais próximos. Embora significasse que eu estava, tipo, com dor filha da puta nos ovos e por um triz de explodir, era eu quem fugia dela quando as coisas entre nós começavam a esquentar.

É, eu merecia a porra de um prêmio pelo esforço!

Mesmo parecendo a merda de um adolescente com hormônios descontrolados, já que era a porra de um homem se aproximando dos trinta, estava decidido a ouvir apenas meu coração. Bem, meu coração e meu pau, que estava babando por ela, mas ainda assim segui determinado a controlar o tesão e me empenhava em fazê-la sorrir como vinha fazendo desde que aquela coisa entre nós começou.

Passávamos quase todo o tempo juntos, mesmo depois de Ian ter tido alta. Ele se recuperava muito bem, nem mesmo parecia ter passado por uma cirurgia tão séria, e vê-lo bem e com saúde era maravilhoso. Para completar minha felicidade faltava apenas que não houvesse mais nenhuma pendência ou sombra do passado pairando entre nós, impedindo-nos de ser felizes como deveríamos ser.

Todos os dias eu fazia questão de tornar nossos instantes juntos especiais, aproveitando os momentos em família para criar laços e também as mais belas memórias. Algumas poucas vezes a levei a encontros, mas na maioria do tempo erámos nós três, e não podia ser mais perfeito.

Embora fizesse questão de colocar Ian para dormir todas as noites, depois de curtir um pouco nosso tempo sozinhos e namorá-la um pouco mais, no final da noite eu a beijava castamente e me despedia, mesmo que a contragosto, antes de ir para meu antigo apartamento com uma ereção gigantesca, furiosa e uma dor nos ovos filha da puta.

Caralho, era mesmo foda aquela merda de abstinência!

Estava difícil, muito difícil continuar naquela situação, seguir celibatário, eu queria mesmo cortejá-la e mimá-la muito mais antes de chegar aos “finalmente”, mas passamos tanto tempo separados e estávamos, de verdade a ponto de arrancar nossas roupas. Resistir estava ficando cada segundo mais difícil. Eu queria e precisava louca e desesperadamente dela e tenho certeza de que Eva se sentia da mesma maneira.

Por que porra não acabava logo com o castigo autoimposto e a fazia logo minha?

E foi pensando exatamente naquilo que eu havia preparado uma noite especial em família e chamei todo mundo para participar dela conosco. Até porque, cada um tinha um papel importante para que o plano desse certo.

Dei uma breve olhadela no ambiente ao redor, satisfeito com o que via. A mansão *Caverswall* passara por uma restauração completa, mesmo depois de ter passado por uma breve reforma quando nos mudamos, após o casamento. Quando Eva foi embora pensei em vender o imóvel, mas não pude, o que era meio ilógico, mas simplesmente não consegui me desfazer dele. Algo apenas parecia me impedir de fazê-lo e por esse motivo decidi que uma restauração completa nele seria o melhor para me livrar dos fantasmas que ainda pareciam habitar a casa construída no início do século XVII.

Caverswall poderia continuar a ter a mesma casca e parecer igual no exterior, mas por dentro era outro lugar, um completamente diferente e destoante do que fora no passado. O retorno de Eva para Campavia com Ian me fez entender o motivo de não ter conseguido me desfazer do imóvel, eu o havia

preparado sem saber para a chegada deles, para a minha família, e chegara a hora de tornar aquele lugar um verdadeiro lar. O nosso lar.

— Eu acho que você pode tentar disfarçar um pouco, irmão — Théo disse, divertido, ao se aproximar com Igor.

— O quê? — inquiri, de cenho franzido.

— Que você está babando como um cão faminto pela minha prima — Igor respondeu por ele, rindo, parecendo achar muita engraçada da minha triste situação, e eu bufei, irritado.

— Se eu estivesse apenas babando seria bom — soltei com ironia, fazendo-os gargalhar, o que, claro, só me deixara ainda mais puto.

— Então o plano da abstinência ainda segue? — Théo quis saber, abrindo um sorriso caçador de quem estava gostando de saber daquilo.

Bastardo filho da puta!

— Não sei por que motivo fui te dar ouvidos e segui a sugestão da porra desse celibato, irmão! — resmunguei, fazendo os dois idiotas gargalharem com vontade.

— Para de reclamar, que você não é o único homem na Terra que já teve que passar por isso. Ou esqueceu que também já vivi essa provação? — Torceu os lábios em desgosto, levantando a sobrancelha, convidando-me a contrariá-lo.

— Primeiro, você fez porque quem é o tarado da relação é Stephanie e por algum motivo insano achou que isso fosse fazê-la te levar a sério. E ainda teve a abstinência por causa do problema dela na gravidez. Depois, quem fez greve de sexo foi ela, porque você foi um idiota com o relacionamento de Igor e Bella — eu o lembrei, fazendo-o bufar, contrariado. — Então não, eu não tenho pena de você ter passado por nada disso. — Meu cunhado gargalhou enquanto Théo continuou com a cara de quem não gostara nada de ter tido a memória reavivada.

— Em minha defesa, fiz para que finalmente ela parasse com aquela merda e assumisse que era tão louca por mim quanto eu era por ela. E durante a gravidez eu não tinha escolha, tinha que ser sensato, porque se dependendesse da maluca tarada da minha esposa, não haveria um dia de abstinência. — Aquiesci, porque me lembrava muito bem daquilo e de tudo que tivemos que ouvir por causa da insatisfação sexual da minha cunhada. Théo fez uma careta e, meneando a cabeça, prosseguiu: — Sobre esse idiota aqui, não me culpe, porque não fui o único a ficar puto. — Olhou-me com censura, arqueando a sobrancelha e me desafiando a negar.

— Certo, você não foi o único — fui obrigado a admitir e foi a vez de Igor bufar.

— Jesus! Vocês dois são maricas! — Igor devolveu, ainda cético. — Quero dizer, concordo com a ideia inicial, que Taddeo tem que rastejar, afinal, ele foi

um filho da puta com minha prima. Mas, pelo amor de Deus, ficar sem sexo? — Ele parecia verdadeiramente espantado com aquela mínima sugestão. — Isso jamais! O sexo no relacionamento não é importante apenas para termos alívio, prazer, mas também para nos conectar com a mulher que a gente ama, mostrar nossa verdadeira adoração por ela. Meu conselho é: pegue-a de jeito na cama e faça isso direito!

— Provavelmente você tem se *conectado* demais com minha doce irmã! — Théo rosnou, insatisfeito, bufando em seguida, e fez uma careta, estremecendo por completo. Afinal, não era uma imagem que eu gostaria de ter da nossa irmã. Igor, por outro lado, abriu um sorriso sacana, os olhos escuros brilhando perversos. Sem vergonha ou medo algum de confirmar aquilo para duas pessoas que poderiam claramente quebrá-lo todinho.

— Lógico que temos! Esse, graças a Deus, nunca foi nossa problema! — soltou, a voz escorrendo sarcasmo, e riu amplamente diante das nossas caras ameaçadoras. — E, bem... A irmã de vocês não tem do que reclamar, porque eu a faço muito feliz. — Levantou as sobrancelhas sugestivamente. — Além do mais, mesmo enquanto resolvíamos nossas merdas, não fizemos disso um problema. Não, na verdade, era uma solução. Uma que levava para a cama toda noite... — lançou, arrogante, e deu de ombros como se não fosse nada de mais e não corresse nenhum perigo por apenas ousar dizer um absurdo daqueles para gente.

Filho da puta! Eu queria matá-lo!

— Cale a boca, filho da puta! Ela é nossa irmã, porra! — Taddeo rugiu, ao passo que Igor sorria, com escárnio.

— Ele está doido para que a gente quebre a cara dele novamente, só pode! — constatei, emburrado, bufando em seguida.

— Uh, desculpe, queridos cunhados, mas vocês pediram minha opinião e só estou dizendo a verdade, compartilhando minha experiência como marido devoto, que faz questão de provar isso a cada dia para a amada esposa — soltou com ironia, parecendo adorar cada vez mais a ideia de nos provocar.

Era um cretino mesmo!

— Dá para parar de falar essas obscenidades da minha irmã, porra? — exigiu entredentes, fazendo-o gargalhar alto.

— Tudo bem, sem mais obscenidades... — Igor sorriu, antes de rapidamente completar: — Deixarei isso para mais tarde. — Piscou para mim e tive que segurar Théo, que ameaçou partir para cima dele. Mas felizmente Igor logo assumiu um ar sério e continuou: — Voltando ao seu problema... Só seja honesto, acho que é o mais importante em tudo. Afinal, mentiras demais já os separaram.

— Nisso ele tem razão, irmão. Você fez merda e precisa consertar, fazer tudo direito, como deveria ter sido desde o início. Simples assim — Théo reiterou, fazendo Igor abrir um sorriso arrogante.

— Finalmente nosso futuro rei está sendo sensato — provocou-o, mas meu irmão se limitou a revirar os olhos, ainda assim ele prosseguiu: — Acho que fazer tudo isso com direito a sexo quente na equação vai resolver seus problemas, querido cunhado — elucidou, fazendo Théo bufar, no entanto meu irmão riu em seguida.

— Até que esse bastardo não é tão burro quanto pensei. Afinal, temos nossas necessidades. — Acabamos rindo, antes de ele olhar-me de maneira séria, ativa, como um legítimo herdeiro do trono se portaria ao dizer algo sério. — Você sabe o que ela passou, irmão, não reclame, apenas faça valer a pena essa chance que ela te deu.

— Eu farei, irmão.

Sim, aguentar a porra da abstinência era o mínimo que podia fazer por ela!

— Pois quando se encontra a mulher certa, todo sacrifício vale a pena — Théo disse e Igor meneou a cabeça, fitando-me.

Eva conversa com minha irmã e cunhada e virou-se para mim naquele exato instante, os olhos verdes brilharam enquanto ela ajeitava os cabelos ruivos atrás da orelha de maneira tímida, quase pueril. Fiquei hipnotizado por alguns instantes, porque ela era tão linda, perfeita demais em suas imperfeições. As esmeraldas esverdeadas não desgrudaram de mim e eu parecia enxergar mesmo que de longe um reflexo dos meus, já que aparentemente ambos não conseguíamos esconder o mar de sentimentos em que estávamos mergulhados, que iam desde saudade e amor à luxúria.

Deus, eu a amava tanto! E a queria tanto!

Estava enlouquecido por ela e não tinha a menor ideia de como seguir com o plano do celibato, que me parecia cada vez menos atraente. Realmente queria ir devagar, pois eu sabia que ela merecia ser cortejada com todas as merdas românticas, mas meu pau estava em total desacordo com a porra do plano.

— Sim, tenho certeza que valerá — concordei, abrindo um sorriso para ela, que enrusbeceu, antes de sorrir de volta para mim e em seguida teve a atenção roubada pela princesa.

— Achei que nunca fosse ver esse dia. Vê-lo tão feliz e apaixonado. Desejo mesmo que seja feliz, irmão. — A sinceridade na voz de Théo me fez desviar os olhos dela para encará-lo outra vez.

O relacionamento próximo que eu tinha com meu irmão nos dias atuais nem de longe lembrava o do passado, cheio de provocações e distanciamento. Demoramos para nos entender, principalmente por minha causa, que insistia em

me ressentir com as merdas que não tinham importância alguma diante do nosso relacionamento, mas finalmente o fizemos e eu não poderia ser mais feliz e grato por tal presente.

A guerra fria que era minha relação com Théo no passado sempre seria um dos meus maiores arrependimentos, porque não apenas perdi de viver muita coisa ao lado dele, como também um grande amigo, o meu melhor amigo. Theodore poderia não ser meu irmão biológico e ser apenas primo de acordo com a biologia, mas dentro do meu coração sempre seria.

Desde que nos demos a chance, costumava aprender tanto com ele, que às vezes parecia que ele era o irmão mais velho, e não ao contrário. Mas a verdade é que entre os três herdeiros da família Caravaggio, Anabella herdara a doçura e determinação; Théo, a sensatez e liderança nata; e eu, o tino para os negócios e orgulho, que, claro, depois de todo erro cometido era algo que eu tentava mudar, mas velhos hábitos ainda pareciam difíceis de serem quebrados.

— Obrigado, irmão. Você não sabe o quanto é importante para mim o seu apoio — murmurei, com a voz embargada, o timbre tremendo com contida emoção pela gratidão que sentia por ele estar comigo sempre. Mesmo sendo um burro orgulhoso na maioria das vezes.

— Não tem que agradecer, estamos aqui para isso, irmão! — Théo devolveu, igualmente emocionado, e então puxei-lhe para um abraço que ele logo correspondeu.

— Meu Deus! Vocês continuam muito maricas! — Igor soltou, numa clara intenção de tirar sarro do nosso amor de irmãos, mas não me importei nem um pouco.

Afastei-me de Théo e o encarei com um sorriso. Igor fora uma grata surpresa para mim, um grande presente, e eu não dizia aquilo apenas porque ele casara-se com a minha irmã e me dera um sobrinho por quem eu era loucamente apaixonado, mas porque por trás do *playboy* que eu enxergava com maus olhos no passado, encontrei um grande amigo.

Igor Carrara não era apenas meu companheiro de balada nos nossos tempos de solterice, ele também era uma pessoa especial e muito importante para mim. Além do mais, ele sabiamente tentara, por diversas vezes, abrir-me os olhos diante da minha ignorância quanto a Eva. O que, claro, não dera certo, caso contrário não teria perdido tanto tempo da minha vida sendo infeliz e amargurado, magoando-a por ser tão cego por não enxergar que ela era a vítima.

— Vem cá, *baronesa*, que eu também sou muito grato a você! — joguei com ironia, antes de puxá-lo para um abraço, que mesmo depois de revirar os olhos, retribuiu. — Obrigado, cunhado, por ser não apenas meu irmão, mas especialmente por ter cuidado do meu amor quando ela não tinha ninguém por

ela e eu fui burro o bastante para não fazê-lo — emiti em reconhecimento e ele assentiu, ao se afastar.

— Fiz de coração. — Deu de ombros, um tanto sem jeito.

— E isso torna ainda mais nobre o que fez. Por isso e por tudo mais, obrigado. — Sorri e ele estreitou os olhos em minha direção.

— Apenas cuide dela e a faça feliz. — O aviso em seu tom de voz estava explícito: eu estava ferrado se não o fizesse. Mas aquilo não era problema para mim, eu queria, mais do que tudo, fazê-la feliz. E o faria.

— Vamos começar o jogo, rapazes? — Stephanie chamou e, de repente, senti-me nervoso. — Daqui a pouco chega a hora de as crianças dormirem e seria uma verdadeira lástima se elas não pudessem participar. — A princesa então lançou-me um olhar afiado, que dizia-me que finalmente chegara a hora.



Capítulo 18

HORA DO JOGO...

Eva

Caverswall fora minha casa basicamente a vida toda, mas nunca senti como se fosse verdadeiramente um lar. Talvez porque ali me sentisse sozinha no passado, vivendo sob o mesmo teto com pais relapsos, que não faziam mais do que me magoar. A mansão fora uma das heranças que meu pai recebera e poderia ter pertencido a algum antepassado, mas acredito que diante de todo histórico da dinastia Carrara não fora muito diferente, se não pior, não houvera felicidade vivida debaixo daquele teto.

Um jantar com toda a família reunida era algo que eu não esperava ter a chance de compartilhar um dia ali, mas era exatamente daquela maneira que eu passava aquela noite, reunida com os Bellini di Montalccino e também os Caravaggio. Sentia-me grata, pois eles não apenas faziam-me sentir à vontade, bem-vinda, ou querida, faziam sobretudo que me sentisse parte deles. Foi convivendo com eles que aprendi o significado de família e a cada dia eles apenas reforçavam aquilo. E não podia estar mais feliz ao poder dividir o meu espaço para fazer dele um lugar de apenas bons sentimentos.

— Bom, todos sentados? — Steph quis saber, quando cada um adquiriu sua posição na mesa, inclusive as crianças, que estavam animadas, e todos ao redor assentiram. — O jogo é simples, todo mundo recebeu alguns cartões. Então vou sortear algumas das imagens que vocês vão encontrar nos cartões, e quem as tiver vai colocando sobre a mesa. No final, quem tiver mais cartões sorteados, ganha um prêmio. Alguma dúvida?

— Qual o prêmio, mamãe? — Lavínia indagou, fazendo-me sorrir com seu entusiasmo.

— É surpresa, Lav — a loira respondeu, com um sorriso de quem estava aprontando.

Hum... O que seria?

— Só uma dica, mãe, por favor! Por favorzinho! — Miley pediu, com um biquinho que certamente lhe rendia muitas coisas.

— Hum... deixa eu pensar... — Steph colocou a mão no queixo, como se ponderasse sobre aquilo, então disse por fim: — É uma coisa pequena, que cabe na mão.

— É de comer, tia Steph? — o gulosinho do Hector perguntou, fazendo-nos rir.

— Não. Não é de comer. Mas é algo tão especial quanto comida — Stephanie falou, deixando os pequenos pensativos.

— Acho que para descobrirem tem que ganhar primeiro, mocinhos — tio Edward disse, quando notou que as crianças pareciam prestes a continuar com a sessão de perguntas. Talvez, na esperança de vencerem Stephanie pelo cansaço e saberem logo do que se tratava. Confesso, até eu estava curiosa.

O que poderia ser para ter tanto mistério, afinal?

— Estou sentindo que vou ganhar essa, Ian — Taddeo falou para o filho, que estava ao meu lado direito, e ele riu.

— Nada de roubar, Sr. Taddeo — gracejei, e ele sorriu, antes de me dar um beijo rápido.

— Isso é coisa sua, e não minha — devolveu e abri a boca para refutar, porém ele foi mais rápido ao completar: — Pois roubou meu coração e nunca devolveu.

Oh, ele podia ser mais lindo dizendo essas coisas fofas e bregas?

Sorrindo feito boba, me preparava para beijá-lo, quando fomos chamados à atenção por Stephanie:

— Ei, nada de namorar agora, casal! Atenção aqui, peguem seus cartões! Vamos começar esse jogo! — Ela sacudiu o balde e lá de dentro tirou um cartão, que virou para que víssemos ao mesmo tempo em que dizia em voz alta:— Primeiro cartão, o casal de namorados.

Antes de verificar os meus cartões, ajudei Ian a segurar os seus e vi que ele não tinha o que fora solicitado. Só então olhei uma a uma as imagens e memorizei as que tinha: a do coração partido, do avião, do Pinóquio, da mulher grávida, do casal de noivos, pato, uva e do casal de namorados.

— Eu tenho! — Mostrei o cartão, animada, e beijei Ian no pescoço, que riu com o entusiasmo da mãe por algo tão bobo como aquele jogo.

— Muito bem... Temos uma pessoa na frente já... Vamos para a próxima rodada, então... — Steph colocou a mão dentro do balde e virou mais um cartão antes de anunciar: — o Pinóquio.

— Uh! Eu tenho também! — comemorei, balançando a carta para que vissem.

— Olha só, temos alguém com sorte de principiante. Vamos ver se vai continuar assim, ruiva — lançou com um sorriso, já enfiando a mão no

receptante e depois de ver o cartão, o virou. — Coração partido.

— A-ha! Tenho! — Eu me animei, fazendo uma dancinha de comemoração.

— Mamãe é mesmo sortuda — Ian disse, fazendo-me sorrir para ele.

Ele não sabia o quanto...

— Eu também! — Taddeo virou o cartão para mim e lhe dei língua.

— Poxa, não tive nenhuma carta até agora — Cibelle resmungou, emburrada.

— O jogo ainda está começando, amor, quem sabe não ganhamos? — Théo tentou, em vão, acalmar a filha do meio, que continuou com cara de quem não estava gostando nada de estar perdendo.

— Nada de desanimar! — Stephanie apontou para a princesinha. — Vamos para próximo, que é... o contrato!

— Esse eu não tenho — soltei, analisando minhas cartas e depois as de Ian, mas ele também não tinha.

— Nem eu — tia Alisson respondeu.

— Também não. — Antonella deu de ombros.

— Eu sim — Taddeo respondeu, colocando o cartão ao lado dos meus sobre a mesa.

— Metido! — Dei língua para ele, que riu.

— Olha, finalmente o jogo parece estar virando — Lourdes falou, sem deixar de rir e fiz uma careta, porque estava gostando de ganhar uma brincadeira, talvez pela primeira na vida.

— Tudo pode acontecer nesse jogo, meu povo. — Stephanie balançou o balde, antes de enfiar a mão outra vez. — O casal de noivos.

— Euzinha! — cantarolei, balançando a carta no ar.

— Muito bem... O helicóptero — rapidamente prosseguiu.

— Olha eu de novo! — O tom prepotente de Taddeo me fez revirar os olhos. Estávamos quase empatados, eu estava ganhando pela pequena vantagem de um ponto.

— Vamos, Stephanie, quero aumentar a minha vantagem, não quero empatar esse jogo ou deixar que ele me passe — brinquei, fazendo-a gargalhar.

— Não conte muito com isso, lambisgóia ruiva. Afinal, o jogo pode mesmo virar — Steph avisou com um olhar subliminar, antes de tirar mais um cartão. — Temos a grávida, pessoal! Que não sou eu, graças a Deus! — soltou, fazendo a mesa cair na gargalhada.

— Eu tenho, eu tenho! — comemorei, colocando mais um cartão ao lado dos outros.

— Tem alguém com sorte mesmo! — Bella jogou, parecendo impressionada.

— Acho que sim. — Sorri, olhando para os meus dois amores, um de cada lado.

Sim, eu tinha muita, muita sorte em tê-los!

— E mais um cartão, pessoal! Vão deixar mesmo esses dois passarem vocês para trás? — Steph instigou e então tirou outra imagem. — Olha o avião!

— Meu, meu, meu! — Juntei o meu cartão aos outros da pilha, feliz de verdade, não sei bem por quê.

— Olha, senhores, está na hora de reagirem, porque a ruiva virou o jogo e tá ganhando de lavada de todo mundo! — Steph apontou para cada um da mesa, enquanto eu sorria de maneira presunçosa.

— Mexe esse negócio direito, mulher, a culpa é sua por ela estar ganhando! — Théo reclamou, enquanto fazia marabalismo com duas das meninas no colo, ao passo que a terceira estava emburrada no colo do avô Alano. As trigêmeas pelo visto não estavam nem um pouco contentes em perder, tadinhas. Estava começando a me sentir culpada por isso.

— Estou mexendo, ogro. Sabe muito bem que isso eu faço com maestria. — Piscou para ele, safada, enquanto ela realmente balançava o balde com a mão dentro e tirava mais uma imagem. — O bebê, senhores!

— Eu, eu, eu! — Ian comemorou e acabei fazendo o mesmo que ele.

— Finalmente alguém diferente do casal, hein? Se bem que não fez muita diferença, já que é o mini-Taddeo — Igor revirou os olhos, fazendo-me rir e Taddeo ostentar um sorriso orgulhoso.

— Tem gente que não sabe mesmo perder — Taddeo provocou deliberadamente e Igor revirou os olhos, claramente insatisfeito.

— Mais um cartão... e é... — Steph parou, por um segundo ou dois, prolongando nosso sofrimento, antes de finalmente dizer: — A criança dodói!

— Eu tenho esse cartão de novo, mamãe, eu tenho! — Ian cantarolou, balançando a carta para que eu visse e depois de um pouco mais de comemoração, ajudei-o a arrumar ao lado da outra.

— Olha, estou começando a achar que o time de Caverswall vai detonar todo mundo nessa mesa — dei meu aviso, fazendo todos rirem.

— Vamos ganhar, não é, mamãe? — Ian indagou, animado, e meneei a cabeça, assentindo.

— Claro que vamos! — concordei, porque estava mesmo começando a sentir aquilo e ele assentiu, orgulhoso.

— Isso não pode estar mais perto da verdade — Taddeo emitiu em reconhecimento e então me lançou um olhar cheio de segundas intenções, que me fez resfolegar. Aquilo era um golpe baixo, baixíssimo...

Foco, Eva Carrara! Nada de pensamentos pervertidos ante toda a família!

— Atenção aqui, vamos seguir com o jogo, antes que essas crianças desistam porque o time Caverswall está saindo na frente! — A princesa fez uma dancinha estranha enquanto tirava mais uma imagem do balde e anunciou: — A doação.

Franzi o cenho, intrigada, enquanto buscava a imagem nos cartões de Ian, já que eu só tinha mais dois cartões e não era aquele. Olhei ao redor da mesa e vi as cabeças negando, contudo, foi alguém ao meu lado que falou:

— Eu tenho.

Virei-me para encará-lo, mas Taddeo apenas deu de ombros e não tive muito tempo para pensar quando Stephanie lançou o próximo cartão:

— Família.

— Eu tenho, eu tenho! — Ian comemorou, ganhando minha atenção de volta para ele.

— Mais um ponto para o digníssimo Ian Caravaggio! — Stephanie apontou para ele, que bateu palmas, mais animado ainda.

— Estou achando que o jogo está virando, Eva — Andrew brincou e Ian olhou para mim boquiaberto.

— Será que consigo ganhar de você, mamãe? — ele quis saber, em expectativa.

— Não duvido, filho — murmurei em resposta, beijando seu cabelo em seguida.

— O jogo está cada vez melhor, senhoras e senhores. Mas sinto que está prestes a virar. — Stephanie pegou outro cartão antes de virá-lo para que todos vissem. — O anel. Alguém tem o anel?

Eu sabia que não tinha, mas olhei atentamente para os cartões de Ian, que só tinha agora apenas um tênis, uma igreja, um navio, um carro e dois amigos.

— Ninguém? — Steph quis ter certeza enquanto os outros negavam. Ia perguntar a Taddeo se ele não tinha e foi quando finalmente o encarei, mas o que vi me fez levar a mão à boca: ele estava ajoelhado no chão com uma caixinha com o bendito anel na mão.

Foi então que todas as imagens dos cartões fizeram sentido, eles contavam a nossa história: o casal de namorados; o Pinóquio, que provavelmente representava a mentira que nos separou; o coração partido de ambos; o contrato; o casal de noivos; o helicóptero do acidente de Taddeo; a gravidez; minha fuga de avião; o bebê; a criança doente; a doação de Taddeo para Ian; a família... o anel.

— Vida — ele começou a falar, com a voz embargada —, um dia te prometi um conto de fadas, só que infelizmente nosso caminho não foi nada fácil. Ainda assim, por mais difícil que tenha sido, nossos caminhos se cruzaram outra vez e

hoje temos o mais importante de tudo: o nosso amor. Você é o meu coração, sempre foi, Eva Carrara. E ainda me deu um filho, o melhor presente de todos, outro coração que bate fora do meu peito. Espero que não seja tarde, que me deixe reparar todos os erros e aceite que eu te dê o conto de fadas que merece. Case comigo, amor. Já perdemos tempo demais e tudo que quero é provar a você todos os dias que sou digno do seu amor e de ser a sua felicidade.

As lágrimas banhavam minhas faces incessantemente naquele momento, sem conseguir sequer acreditar que ele tinha preparado tudo aquilo por mim. O mundo pareceu parar, mas não importava de qualquer maneira. Tudo que importava era a cena que desenrolava diante de mim, fazendo mais lágrimas brotarem nos meus olhos enquanto resfolegava, tentando ficar estável, muito atordoada para qualquer coisa.

Era surreal demais para mim. Depois de anos de sofrimento, de tantas mentiras, mágoas, de passar tanto tempo querendo algo, alguém, esperando por ele mesmo que dissesse o contrário, já havia desistido que meus sonhos românticos juvenis se tornassem realidade outra vez. Era real, no entanto. Não um maldito conto de fadas, era minha vida real, uma que o príncipe dos meus sonhos continuava lá, ajoelhado diante de mim, esperando minha resposta.

Eu ria e chorava ao mesmo tempo, sem saber como reagir, o que falar, era muito para meu pobre coração.

— Case-se comigo, Eva Carrara — repetiu, sua voz tremendo um pouco, os olhos azuis muito brilhantes e eu apenas balancei a cabeça, assentindo, incapaz de falar qualquer coisa. E eu sabia que era a melhor decisão da minha vida.

Depois de colocar a bela joia em meu dedo, Taddeo ficou de pé, antes de me puxar para fazer o mesmo e então me beijou. E enquanto a língua deslizava na minha, era possível experimentar o poder e a intensidade do sentimento que compartilhávamos. As mãos me tocando pareciam fazer fluir o amor através do corpo, o que ele sentia por mim correndo em minhas veias, reparando cada erro do passado. Era apenas isso... passado.

— Eu não disse que ia ganhar? — perguntou, presunçoso, e mordeu o lábio para não lhe dar uma resposta espertinha. Só queria comemorar e por isso o beijei.

Recebemos as felicitações de todos e, rindo como dois bobos, nos beijávamos o tempo todo, sem conseguir nos afastar. Ian começou a pular ao nosso redor querendo atenção e Taddeo carregou-o, colocando-o entre a gente, nossos olhos grudados no outro, ainda sem deixar de sorrir. Não sabia quais os planos que ele tinha para tentar cumprir o que prometera, mas para mim aquilo já era definitivamente meu conto de fadas. Os dois eram a família que sempre sonhei, com eles não precisava de mais nada, me sentia completa.



— Eu te amo, vida — ele murmurou antes de entrarmos no quarto e prender-me contra a porta, então mordeu meus lábios, antes de me beijar sofregamente. Um beijo desesperado, que traduzia perfeitamente como nos sentíamos. Loucos para acabar de vez com tudo que ainda parecia estar entre nós.

— E eu a você, amor — devolvi, antes de voltar a beijá-lo.

Beijávamos-nos como se tivéssemos fome e por tanto tempo foi assim que me vi sem ele, sedenta dos seus lábios, dos seus beijos, do seu sabor. Completa e loucamente necessitada do homem que eu amava desesperadamente.

— Tem certeza? — ele quis saber em um fio de voz, como se tentasse de alguma forma recobrar o controle que perdera desde que o chamei para passar a noite. Apenas assenti entusiasticamente, um tanto ansiosa, e satisfeito com a resposta, Taddeo completou: — Porque isso significa que não há mais volta, você será minha para sempre deste momento em diante, Eva.

Resfoleguei com as palavras, com o olhar quente e também com a voz repleta de erotismo no tom baixo e rouco. Meu coração batia em um ritmo selvagem, de ansiedade e também expectativa. Sobretudo de certezas.

— Sempre fui sua, amor, mesmo quando não deveria, eu era — murmurei, os olhos azuis dele brilhando em puro alívio. — E não há nada mais que eu queira do que continuar sendo para o resto da vida.

Sorrindo, as mãos dele buscaram o meu corpo enquanto a boca tornou a explorar a minha com uma ânsia que me fez estremecer. Impaciente, Taddeo se livrou de nossas roupas e tive que respirar fundo quando o vi completamente desnudo, tão lindo, a verdadeira personificação da beleza masculina.

Não havia nada naquele homem que não fosse perfeito. O corpo malhado e musculoso, a barriga tanquinho com um traço de pelos escuros e aquele “V” sexy que indicava o caminho da sua masculinidade, tudo me deixava babando. Principalmente em uma parte específica. Taddeo se afastou um pouco para me observar com escrutínio demorado e os olhos claros incendiaram-se quando subiram e desceram pelo meu corpo. Confesso, arrepiou-me por inteiro.

Com Taddeo era sempre daquele jeito, bastava um simples toque ou olhar para que tudo em mim se desmanchasse e eu me visse rendida. Ele tinha o dom de me levar ao extremo em segundos. E eu adorava aquilo, amava me sentir totalmente dele.

Nós nos admiramos por pouco tempo, mas logo os dedos macios tocaram minha pele, fazendo-me estremecer, e tive que ir em busca de ar pelo simples prazer do seu toque. Eu sabia que Taddeo tentava se controlar, mas não queria

que se controlasse, o queria fora de controle, queria que esquecesse qualquer tentativa de ser nobre e viesse para mim por inteiro. Ele por completo.

Enquanto me marcava como deveria, tentei memorizar os roucos gemidos que lhe escapavam da garganta, ou a maneira como o corpo dele pressionava o meu, como se não desejasse nada mais do que estar dentro de mim. Mas, no fundo, não queria simplesmente lembrar aquele momento, queria mais do que tudo continuar a vivê-lo dia após dia.

Queria o para sempre!

Suas mãos apalpavam minha bunda enquanto me guiava até a cama, onde deitou-me com cuidado no colchão macio, cobrindo meu corpo com o dele em seguida. Os dois gememos quando nossos sexos se chocaram e então as bocas se uniram famintas, lambendo, chupando, mordendo, como se não tivéssemos o bastante um do outro. Afastando os lábios dos meus, arrastou-os para meus seios, fazendo meu corpo vibrar com a carga de êxtase erótica que apenas ele parecia ser capaz de eletrificar. Ofegante, senti a língua deslizar pelo meu mamilo, cobrindo-o com a boca em seguida, mamando avidamente, arrancando-me um gemido estrangulado que me fez estremecer.

Uma dor suave se instalou no meu ponto mais sensível, enquanto me contorcia sob ele, e parecendo antecipar minhas necessidades, Taddeo continuou a descer a boca pelo meu corpo, beijando cada parte ao seu alcance, e eu não podia fazer nada além de gemer e ansiar pelo que estava prestes a acontecer. O toque suave do dedo foi capaz de deixar-me em brasa e meu corpo começou a tremer, ao passo que meus quadris se movimentaram, buscando por mais.

Um grito me escapou quando arreganhou minhas pernas, estremecendo em antecipação, um arrepio delicioso se espalhando, para então Taddeo fazer o que queria, lambendo, chupando meu clitóris duramente, a boca faminta, a língua hábil trabalhando em me enlouquecer. Gritei quando meteu dois dedos em mim, comendo-me assim, rosnando como um animal. Ele também grunhiu feito um bicho, lindo, bravo, esfomeado, tornando a situação ainda mais intensa, deixando-me à beira do êxtase.

— Delícia... Estava com saudades do seu sabor, amor — soltou rouco, antes de beijar a minha coxa e voltar ao ataque impiedoso.

O ar pareceu se esvair dos meus pulmões com o prazer que era ser comida por ele, que me devorava em um ritmo acelerado, mostrando a ânsia que sentia. Enterrei os dedos em seus cabelos, minha mente girando em um espiral explosivo que parecia me levar para fora da órbita com a maneira hábil que se empenhava em me dar mais prazer. Meus quadris balançaram descaradamente em sua boca, em busca de mais, e o grunhido de aprovação enviou-me direto para a borda.

Taddeo mordiscou meu clitóris e quebrei, gritando, gozando enlouquecida, minhas costas se arquearam quando os espasmos dominaram meu corpo, espedaçando-o em seguida em milhares de pedaços, enquanto gritava o nome dele. Ele não parou, a língua me lambeu, bebendo-me, limpando-me completamente, e tive que apertar ainda mais os olhos gemendo, ainda estremecendo. Continuou até o último tremor acabar e minha respiração começou a voltar ao ritmo normal.

Beijou minha coxa novamente e, em seguida salpicou beijos suaves em meu ventre onde carregava a cicatriz da cesariana, foi para a barriga, cobriu o seio direito, lambendo o mamilo lentamente, circulando a aréola, e fez o mesmo processo no outro. Então o senti em cima de mim, a pele quente e nua, macia, tão gostosa. O nariz dele roçou o meu e abri os olhos para encará-lo, e o que vi me emocionou.

Taddeo fitava-me de forma ardente, apaixonada, as safiras brilhando pecaminosas. Seus dedos acariciaram meu rosto, os olhos adquirindo uma nova intensidade. Uma intensidade que por tantos anos não vi por trás daquela imensidão azul e que nos últimos tempos me devorava.

Mais uma vez nossos lábios se encontraram, os movimentos dos nossos corpos frenéticos, combinando com o sentimento pulsando dentro do meu peito. Cada mudança de seus quadris, a cada beijo concedido, e a cada roçar de mãos, e os dedos significavam algo infinito para mim. Significavam o nosso recomeço.

Tive a necessidade de verbalizar o que sentia, como sofri tão desesperadamente a falta dele, o quanto sonhei com aquilo, todas as noites... o quanto eu o amava... Contudo, não disse nada, temi que aquilo atrapalhasse o momento. Pois não queria que Taddeo se sentisse de alguma forma culpado, mais do que sabia que ele já se sentia, e então o clima perfeito evaporasse como poeira ao vento.

Taddeo parecia decidido a fazer daquele instante memorável e feito um passe de mágica, foi como se todas as vezes em que nos magoamos simplesmente se apagassem e não houvesse nada antes daquele momento, nenhum outro.

E não havia... erámos apenas um casal loucamente apaixonado e nada mais!

Os lábios macios se afastaram dos meus, descendo, lambendo, beijando, chupando, mordendo cada centímetro de mim. Só que eu não podia mais esperar, já havia feito aquilo por tempo demais.

— Por favor, amor — não me envergonhei de implorar. Eu estava arquejando, louca para tê-lo dentro de mim.

Ele não disse mais nada, apenas atendeu meus suplícios, posicionando-se

entre minhas pernas. Arquejei quando o senti deslizando a cabeça robusta do pau entre meus lábios e clitóris, ele rosnou, metendo devagar, duro e faminto, ainda assim controlado. Enlouquecida, rebolei contra ele conforme me penetrava mais profundamente, nossas respirações falhando enquanto me preenchia pouco a pouco. Minhas mãos acariciaram-lhe as costas, onde cravei as unhas, apertando-o com meu canal, negando-lhe o movimento conforme me deliciava com a plenitude que era tê-lo dentro de mim novamente.

A sensação era tão maravilhosa, uma mistura de prazer, contentamento... de volta ao lar. E de fato o era. Lágrimas escorreram pelo meu rosto, quando o sentimento sublime de me sentir inteira outra vez me dominou. Era apenas tão bom e certo. Erámos duas metades que se reencontravam para tornarem-se finalmente uma só.

A verdade é que senti tanta, tanta saudade de me sentir daquele jeito, inteira novamente, que mal conseguia respirar conforme gemia e pulsava em torno dele. Era como ter renascido em uma explosão feroz de chamas que lambia e queimava minha espinha, fazendo cada nervo cantarolar em meu corpo enquanto voltava à vida.

— Taddeo! — gemi seu nome, fechando os olhos, perdida.

Os dentes dele morderam meu mamilo, forte o suficiente para causar dor, mas na intensidade certa para mesclar-se com prazer, e foi quando me perdi, meu corpo contraindo em torno dele, completamente absorvida pela paixão, por seus olhos, toque, por tudo que vinha dele. Estremeci, uma sensação deliciosa se formando no meu ventre enquanto Taddeo girava o quadril devagar e mordida meus lábios, indo mais profundamente dentro de mim, ao mesmo tempo em que o orgasmo me rasgando e espasmos violentos tomavam-me por inteiro.

— Eu te amo. Eu te amo — grunhiu, metendo com força, sem parar.

Meu corpo ainda convulsionava em um êxtase que parecia sem fim, quando Taddeo jogou a cabeça para trás e me seguiu, fazendo a própria viagem em meio a um gemido animalesco, enquanto sentia-o inundar-me com o seu prazer, prolongando ainda mais o meu.

A emoção que sentia ao vê-lo se entregar novamente foi tão forte, que mal consegui me conter. Lágrimas banharam a minha pele, mas daquela vez de felicidade, uma plenitude como nunca antes experimentada. A testa dele encostou-se na minha, o peito ofegante, os olhos bem fechados, como se se sentisse da mesma maneira que eu. Era tudo tão forte, que tornava-se possível sentir correr pelas minhas veias aquilo, e quando me beijou outra vez, tive a sensação de que finalmente emergia para a vida.

Taddeo

Por mais louco que estivesse para tê-la novamente, acariciei sua paixão com a minha própria até ela estar implorando por mim. Queria que nossa primeira vez depois de muito tempo fosse memorável. Mostrar a ela com meu corpo o que sentia com minha alma. Torná-la minha em todo sentido da palavra. E o fiz. Durante toda a noite e no alvorecer, eu continuei fazendo, até que finalmente dormimos, exaustos.

A última coisa de que me lembrava era de abraçá-la com o nariz enterrado na sua nuca, inalando o cheiro dela profundamente. Agora que despertava pela manhã, queria mais do que tudo acordá-la a fim provar, dia após dia, o meu amor por ela.

— Bom dia, coisa mais linda da minha vida — emití em um tom suave e bajulador, fazendo-a gemer quando senti meus lábios espalhando beijos nas costas desnudas.

Sem pressa, escorreguei o lençol, expondo a pele alva, ao passo que deslizava a mão pelo seu corpo macio, fazendo-a remexer-se em puro deleite e então virar-se de frente para mim. Os olhos verdes se abriram sonolentos, mas ainda assim me fez perder a porra do fôlego quando se focaram nos meus. Não tinha jeito, aquilo sempre acontecia, não importava quanto tempo tenha passado, Eva parecia ser a única a me provocar tal reação. E eu adorava aquilo, de sentir-me tão dela.

Ela era linda mesmo e, porra, também era minha!

Abrindo um riso tímido, Eva enrusbeceu, ainda sem tirar os olhos incríveis de mim e inevitavelmente sorri, sem conseguir deixar de me sentir sortudo por tê-la comigo. Eu passaria a vida sendo grato por aquilo.

— Você está mesmo aqui... não foi um sonho — ronronou, quando terminei de puxar o lençol, expondo o corpo delicioso para meu bel-prazer, e apesar da timidez que lhe era tão habitual, um sorriso travesso despontou na boquinha linda e avermelhada.

— Se for um sonho, vida, eu não quero acordar — debrucei-me sobre ela, minhas mãos acariciaram o rosto delicado e tomei sua boca num beijo lento, apaixonado, antes de voltar a encarar as esmeraldas que fitavam-me com amor.

— Nem eu. — Os lábios dela estremeeceram ao murmurar e os olhos brilharam, emocionados. Por um tempo não dissemos nada, apenas continuamos nos admirando, as mãos se tocando, como se não conseguíssemos acreditar que fosse mesmo real.

Mas era, caralho!

No primeiro momento não aconteceu, mas quando permaneceu calada, o silêncio me preocupou. Nossa noite explosiva demonstrara não apenas o quanto tínhamos saudades um do outro, como também que aquilo entre nós era real e nada nem ninguém poderia nos separar. Contudo, a insegurança de Eva eventualmente duelou com todas as emoções que ressurgiram. Merda, não queria que se sentisse daquele jeito, porque nem mesmo eu sabia como lidar com os sentimentos que inevitavelmente ameaçavam me sufocar.

Porém, mais importante ainda: eu não queria que ela pensasse demais. Pensar demais não ajudava em nada. Nós dois sabíamos. Queria apenas que ela tivesse a certeza de que o nosso conto de fadas acabara de começar.

— O que foi? — indaguei com cuidado, quando sua mandíbula se apertou, os lábios espremeram-se em uma linha firme e dura, ao passo que os olhos foram encobertos por uma sombra que não gostei de ver.

— Você tem certeza? — foi o que ela murmurou depois de certa titubeação, e, em resposta, franzi o cenho, descontente que tivesse ainda alguma dúvida. Mas respirei fundo, controlando-me, pois não podia culpar ninguém além de mim mesmo por aquilo. O que eu estava testemunhando era culpa só minha e também da minha estupidez.

Porra, ela poderia ter me perdoado, mas eu nunca me perdoaria!

— Mais do que qualquer coisa na vida — não hesitei em responder, embora tentasse conter a onda de pânico que ameaçava me assolar meu peito ao pensar na mera possibilidade de ela passar a vida tendo dúvidas.

Entendia seus motivos, afinal, eu havia tirado o conto de fadas com o qual ela tanto sonhava anos atrás. Contudo, depois de todas as coisas que tivemos que passar, queria — e me empenharia — para que ela tivesse todos os sonhos realizados. Por isso eu não podia mais mentir, tinha que deixar claro não apenas que a amava, mas também uma verdade que lhe escondi até o momento.

— Eu tenho uma coisa para te contar... Não queria ter escondido nada disso... — balbuciei, fazendo-a piscar algumas vezes, aturdida.

Como se tivesse despertado, ela me empurrou de leve, obrigando-me a sair de cima do seu corpo e sentando-se em seguida na cama. Então puxou a coberta para se cobrir, como se o simples ato pudesse de alguma forma mantê-la segura. Provavelmente pensava que fosse lhe dizer uma coisa horrível, como de fato acontecia antes, ou que havia alguém ou outra pessoa, mas isso não podia estar mais longe da verdade.

— O quê? — inquiriu no ímpeto, e apesar da tensão visível do seu corpo, diferente do passado em que ela parecia uma ratinha frágil e assustada, Eva tentou manter o tom de voz firme. Engoli em seco, sentindo meus próprios

músculos tensionarem e o coração falhar uma batida.

Merda! Eu esperava mesmo que me perdoasse!

— Eu nunca assinei o divórcio — confessei, dando de ombros, como se não fosse nada e eu nunca tivesse feito aquilo porque, no fundo, desejava reatar o nosso relacionamento um dia.

Patético, eu sei, mas mesmo que ainda não soubesse de toda a verdade na época em que me enviara os papéis do divórcio, simplesmente não consegui assinar e colocar um ponto final. Apenas não podia.

— Então, tecnicamente, ainda somos casados — constatou, surpresa, os lábios cheios entreabertos em um “O” perfeito.

— Me desculpa, amor... de verdade... — apressei-me em dizer, deixando escapar um suspiro em seguida. — Eu ia te contar sobre isso e também que quando você assinava a papelada do reconhecimento de paternidade de Ian, também assinou um novo contrato pós-nupcial, anulando o que concordou no pré-nupcial, garantindo agora todos os seus direitos como esposa, porque queria resguardá-la caso alguma coisa acontecesse comigo na cirurgia... Só estava esperando o momento certo...

— Você o quê? — Eva praticamente gritou, pulando da cama em seguida, olhando-me completamente assustada, e eu também fiquei de pé em frente a ela.

— Eu sei, eu sei... Deveria ter te falado... Sinto muito mesmo. — Gemi em pura vergonha, escondendo o rosto entre as mãos, agoniado pela minha estúpida ideia de fazer aquilo sem dizer-lhe nada. E até mesmo esconder até aquele momento.

— Como advogada, deveria ter sido mais cuidadosa, só que estava tão preocupada com Ian que nem mesmo... — ela ofegou, levando a mão para a boca em seguida, dando-se conta da verdade finalmente. — Tudo que assinei foi antes de você descobrir a verdade sobre a armação para nos separar e também do dinheiro que minha mãe roubou — ela constatou depois de pensar por um segundo ou dois, sua expressão ainda mais aturdida, os olhos arregalados encarando-me como se não acreditasse que fosse mesmo real.

Eva definitivamente não esperava por nada do tipo e talvez saber daquilo tenha sido ainda mais surpreendente do que a descoberta de que ainda estávamos casados. A verdade, no entanto, é que por mais machucado com mentiras e mesmo eu achando que Eva era culpada, meu coração preferiu acreditar nela.

— Por que fez isso, Taddeo? Por que depois de tudo ainda assim escolheu me dar o benefício da dúvida? — ela quis saber em um fio de voz, e me vi completamente sem jeito.

— Porque eu te amava — não hesitei em responder, prendendo o olhar nela enquanto a encarava. — Sempre te amei — tornei a repetir, fazendo com que

lágrimas de emoção lhe enchessem os olhos.

Eva soluçou forte, a emoção à flor da pele sendo refletida em nós dois, e então, sem dizer uma só palavra, ela veio correndo até mim, antes de se jogar no meu colo e me beijar a boca rapidamente.

— Eu também sempre te amei. — Ela se afastou o suficiente para sussurrar, e aquilo aqueceu meu coração de um jeito que nunca poderia colocar em palavras, fazendo-me perder o fôlego. — E agora tenho mais do que nunca certeza de que é recíproco — emitii em reconhecimento, e fui tomado por um sentimento de alívio, porque minha estupidez provara para ela que mesmo quando meus lábios e razão diziam uma coisa, o meu coração não tinha dúvidas de que pertencíamos um ao outro.

Não esperei por mais nada, pois já havia esperado por tempo demais e então apenas a beijei outra vez. Úmido e ardente, um misto maravilhoso de emoções que nos dominava por completo. Depois de algum tempo, nos afastamos, sorrindo cúmplices, os dois sem conseguirmos nos desgrudar ou nos tocar. Suspirei contra sua pele, beijando-a repetidas vezes, nossos corpos unidos, como se não pudessem se separar e eu tinha certeza daquilo.

— E agora? — Eva acabou soltando a pergunta de um milhão de dólares e eu sorri de modo apaixonado.

— Agora vamos fazer tudo como deveria ter sido. Eu vou te dar o conto de fadas que você sempre sonhou e merece... Então vamos renovar os nossos votos na igreja. Mas dessa vez vou esperá-la no altar e vê-la usando um vestido de noiva, véu e grinalda, e até a porra de uma tiara de princesa, enquanto vem caminhando em minha direção.

Eva não conteve o ofego emocionado que soltou e se antes ela já esboçava um sorriso radiante, eu tinha certeza de que nada se comparava ao que trazia nos lábios naquele instante. Depois de tudo, tê-la comigo era um milagre, e eu faria de tudo para que aquela felicidade fizesse morada nela.

— Gosto da ideia — admitiu, sua expressão apaixonada e feliz não vacilando um único momento.

— Eu também, Sra. Caravaggio — concordei, depositando um beijo demorado em seus lábios. — A verdade é que você não é a única que sonhava com isso, pois por diversas vezes te imaginei vestida de noiva e sabia que não podia ser outra, se não você.

— A sua sorte é que serei eu, então — gracejou, fazendo-me gargalhar, contudo ela me calou a boca com um beijo.



Mudei-me para Caverswall naquele mesmo dia. Embora quisesse fazer tudo perfeito para Eva, uma vez que já havia provado minhas reais intenções e ainda permanecêssemos casados não havia lógica de continuarmos a viver em casas separadas. Além do mais, eu não queria mais ficar longe dela e do meu filho, queria estar com eles em todos os momentos, e o rosto de Eva seria o primeiro que veria ao acordar e o último ao adormecer.

Ian ficou imensamente feliz com a notícia de ter o pai morando com ele e nós ficamos ainda mais por ver a sua felicidade. Nosso filho estava tendo uma excelente recuperação e aquilo era a cada dia que passava visível. Continuamos com todos os cuidados e acompanhamento médico e cada nova consulta era uma nova vitória para nós. Não havia dinheiro que pagasse a bênção que era tê-lo vivo e com saúde.

Eva acabara dividindo-se entre cuidar do nosso filho e os preparativos do casamento dos sonhos, com a ajuda de Stephanie, Anabella e Lourdes e também as visitas para o pai na clínica de repouso onde ele vivia desde que saíra do hospital.

Podia parecer estranho me prontificar a custear todas as despesas para mantê-lo na clínica, mesmo quando tudo entre nós ruiu e Eva foi embora, mas quando o fiz a única coisa em que conseguia pensar era que ela gostaria de garantir que Evan estivesse bem, independente de qualquer coisa. Claro que eu não gostava nada de saber como ela havia sido tratada a vida toda pelo próprio pai, mas se ela, que era a mais prejudicada, o perdoara quando ele se mostrara arrependido, jamais a julgaria por aquilo, quando eu também já havia recebido dela minha própria absolvição por tudo que fiz.

Só que ainda que tentasse passar por cima de tudo, vez ou outra acabava repensando como eu a tratava, as coisas com que ela tinha de lidar diariamente, como eu zombava e a magoava propósito e tudo aquilo me fazia estremecer. A vergonha, quente e profunda, corria pelo meu corpo, especialmente pela forma como eu de forma deliberada fazia questão de lhe infligir dor. Como Eva deixara aquilo para trás e me perdoou era um milagre. Um milagre pelo qual eu passaria a vida agradecendo .

Decidido a nunca deixar nada entre nós, teve um dia que acabei dividindo com ela como me sentia vez ou outra, e a resposta que recebi, até hoje, me emociona ao lembrar-me dela:

— *Eu te amo, Taddeo, é isso que importa. O passado é só passado. Deixei-o para trás, assim como deixei o meu ontem e prefiro me dedicar ao que realmente importa, o agora e posteriormente o amanhã. Não quero remoer mais nada, muito menos ficar jogando na sua cara. Um dos versículos mais famosos e fortes que eu acho da bíblia diz exatamente o que significa o amor: Ele é*

paciente, é bondoso. Não inveja, não se vangloria, não se orgulha. Não maltrata, não procura seus interesses, não se ira facilmente, não guarda rancor. O amor não se alegra com a injustiça, mas se alegra com a verdade. Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta... Ele jamais acaba.

Porra, aquela mulher não existia!

Era um mistério para mim como eu duvidava ou negara aquela verdade por tanto tempo. Eva era única, a pessoa mais especial e forte que conheci na vida. Seu amor entrava na minha pele toda vez que estávamos juntos, colocando meus pés no chão, trazendo-me o foco quando mais precisava. E o que eu precisava mesmo era viver aquela dádiva que ela me permitira viver ao seu lado e fazê-la feliz e nada mais.

Tudo estava pronto na véspera do nosso novo casamento. Convites enviados, os convidados mais importantes do mundo confirmados, a catedral da cidade reservada, tudo perfeito e cuidadosamente preparado, seguindo a tradição nobiliárquica campaviana. Em especial porque, além de ambos sermos da nobreza, Eva também pertencia à família real, que exigia que nos casássemos em solo campaviano, e por ser uma das herdeiras do trono, receberíamos um título de nobreza na manhã antes da cerimônia. Então após o casamento poderíamos optar por usar o título do principado ou o menor, o recém-criado *Ducado de Caverswall*.

Entretando, por mais que soubesse que tudo estava apenas à espera do nosso “eu aceito”, um mau pressentimento me dominava e apertava-me o peito. Não queria me sentir daquela maneira, não quando passamos por tanta coisa para enfim chegar àquele momento. Contudo, ainda assim me sentia em pânico vez ou outra.

Caralho! Por que apenas não parava com aquela merda?

Não era apenas a culpa que inevitavelmente ainda sentia, mesmo que Eva me provasse todos os dias que não precisava. Era mais... Só que também não sabia o que era, apenas sabia que era algo forte demais para apenas ignorar, mesmo que tentasse desesperadamente fazê-lo. Talvez fosse meu sexto sentido avisando que algo estava prestes a acontecer. Ou seria, sei lá, por causa das inúmeras ligações de um número sem identificação recebidas ou aquela sensação de estar sendo observado quase todo o tempo. Ou porque nossa família já havia passado por tanta coisa, que eu tinha medo que aquela felicidade toda nos fosse retirada à força. Gostaria que fosse apenas um mero fruto da minha ansiedade, no entanto, não era.

E foi entrando no quarto de Ian para juntar-me a Eva, para acordá-lo como fazíamos todas manhã, que vi uma imagem que me fez congelar e tudo aquilo fizera sentido. Pisquei rapidamente, achando se tratar de um pesadelo, e de fato o

era, pois Laís Carrara estava à beira da cama do meu filho com uma arma na mão, o cano apontado para Eva, que estava sentada no chão, derramando as lágrimas do seu desespero em um pranto mudo.

Desconhecido

Não sei como cheguei àquele ponto, como uma pessoa com vida normal se transformara em outra completamente diferente à do passado.

Desde muito cedo, tive que ir atrás do meu, tentar vencer com meus próprios méritos. Estudei, trabalhei muito para chegar onde cheguei, mas nunca parecia o suficiente. Era como se inexoravelmente precisasse de mais e foi durante a busca incessante para entender o que queria que cheguei aonde estava agora.

Fui contra meus ensinamentos, contra o juramento de lealdade que fiz, só que me apaixonei, e aquilo cegou-me de modo definitivo.

Desde que fui designado a ter uma vida dupla, descobri que não tinha mais volta. Era como se tivesse assinado um pacto com o demônio, e de fato o era, porque enrolei-me cada vez mais em torno daquela vingança, a ponto de nem mesmo me reconhecer e passar a nutrir o mesmo sentimento de ódio que não me pertencia antes de tudo começar.

Era uma vingança que nem ao menos me pertencia, mas que com o passar do tempo, inevitavelmente, se tornou minha. E um sentimento mais forte do que a ambição de ficar rico passou a me dominar: o de destruir todos. E era exatamente o que faria.

Era arriscado, mas era o melhor plano que eu tinha. Havia coisas demais em jogo e eu não tinha mais nada a perder mesmo.

— Vamos dar início ao que planejamos essa noite — minha voz cortou o silêncio ao nosso redor, horas antes, soando introspectiva. — Quero acabar com isso logo.

Laís estava em pé em frente à janela com visão para o a floresta que nos rodeava e não disse nada. Talvez estivesse, como eu, cansada daquilo e quisesse pôr um fim em tudo para finalmente começar a viver, em vez de continuar a existir à sombra daquela merda toda.

A uma hora dessas, todos aqueles malditos estavam vivendo suas vidinhas patéticas, com a família perfeita ao lado. Torci os lábios em escárnio. Eu os odiava com todas as minhas forças. Odiava todas aquelas pessoas imundas, sujas, que não obstante serem donas de um país e comandarem uma nação, ainda me transformaram no que era hoje.

Deveria tê-los matado quando tive a oportunidade, ter acabado com todo mundo e os enterrado a sete palmos, exatamente como pretendiam fazer comigo, se me encontrassem. Só não o fizeram, porque eu conhecia muito bem como

trabalhavam e mantive-me o tempo todo por perto, observando cada passo, já que era mais seguro do que fugir, como uma escória daquele mundo nojento que eles tentavam fazer todos acreditarem ser irretocável.

Aquilo estava prestes a ruir...



Capítulo 19

NEM TODAS AS MENTIRAS TÊM UMA RAZÃO NOBRE...

Eva

Os contos de fadas são sempre perfeitos. Neles, o príncipe encontra a Cinderela e o sapatinho serve nela; a Fera também vira um belo príncipe quando recebe o beijo para quebrar a maldição que o aprionou; a Bela Adormecida é acordada por um beijo e não por um despertador... O “Era uma vez” é como o prenúncio do “E eles viveram felizes para sempre”. São feitos de sonhos e o problema está justamente aí, a maioria deles não se torna realidade. São as outras histórias, as reais, as que começam tempestuosas e terminam como pesadelos que são verdadeiras. Contos de fadas não se tornam realidade. A realidade é muito mais agitada, turva, muito mais assustadora.

Quando a vida estiver perfeita demais, quando tudo se encaixar e nada parecer capaz de estourar a bolha de felicidade em que está presa, fique com pé atrás, desconfie, pois nunca se sabe quando seu mundo perfeito vai mudar. E foi exatamente assim que aconteceu comigo...

Toda manhã tenho como hábito cuidar de Ian, especialmente depois de ter ficado doente, e agora costumava deixar tudo arrumado, inclusive os remédios que tinha que tomar, antes de ir preparar seu leite com frutas, e com Taddeo, despertava-o para o novo dia. Mais ansiosa do que nunca, ainda era madrugada quando me levantei da cama e deixei meu marido dormindo. Nem mesmo havia amanhecido quando comecei a separar a roupa, distraída, sorri para meu filho, que ainda dormia tranquilamente, e foi quando a porta se abriu.

Pensei que fosse Taddeo, embora fosse praticamente de madrugada ainda, e esperei a reclamação por ter se levantado tão cedo, mas só me dei conta de que não era ele quando não veio nem mesmo me dar o beijo habitual. Então uma voz bem conhecida falou:

— Lindo, não é? Nem parece que daqui a uns anos será uma decepção.

Ergui os olhos para encontrar os da minha mãe, mas já era tarde demais. Ela estava com uma arma na mão, apontando para Ian, que ainda dormia tranquilamente. Meu coração parou, nunca senti tanto pânico na vida. Reagi de

imediatamente, levada pelo instinto de proteger meu filho, mas quando me preparava para gritar e avançar nela, fui tolhida de qualquer ação ao ver o cano na mira dele.

— Se gritar ou der mais um passo, atiro no moleque! — ameaçou à queimadura, a voz fria, desprovida de qualquer emoção, e aquilo me fez parar, chocada, o grito preso na garganta, e mesmo que estivesse perto dela, temi que qualquer deslize meu a fizesse disparar.

— Deixa meu filho em paz! — balbuciei, aterrorizada.

Tudo pareceu parar ao meu redor, nem mesmo consegui respirar e em frações de segundos vi tudo como se fosse um filme, fazendo-me paralisar ante o medo excruciante do que poderia acontecer. Uma de frente para a outra, depois de anos, e meu filho na cama ao longe, ainda em sua mira enquanto dormia inocentemente, sem sequer fazer noção do risco que corria.

A mulher de quem sempre busquei amor e aprovação, que me criou fazendo questão de destilar apenas sentimentos ruins, não era uma mãe de verdade, mas, sim, alguém de quem eu queria distância depois de tudo. E enquanto os olhos azuis fitavam-me furiosos, a única coisa que consegui pensar era que ela era capaz de tudo em nome da própria ambição.

— O que veio fazer aqui? — indaguei em um fio de voz, talvez tentando ganhar tempo ou simplesmente me livrar de uma só vez dela.

— Saudades de casa — escarneceu, dando de ombros, como se não fosse nada e nunca tivesse abandonado aquele lugar e a mim. Engoli em seco ante o sorriso frio, uma tontura me dominando.

— Saudades de casa? — testei, a ironia, assim como a raiva, escorrendo em minha voz. — Depois de tudo que me fez e até mesmo me roubar, você ainda tem a desfaçatez de me dizer tamanho absurdo? — soltei entredentes, e ela franziu o cenho, dissimulada.

— Não sei do que está falando, querida — teve a audácia de fingir inocência, mas não era apenas porque ela empunhava uma arma e a apontava para o meu filho que me fazia ter ciência das suas más intenções, mas porque eu a conhecia bem demais para saber daquilo.

— Não seja cínica, Laís Carrara — devolvi, meus olhos ainda grudados aos dela, esperando por uma resposta, e ela riu, debochada.

— Tudo bem, filha, para que mentir, não é? Achei que talvez estivesse na hora de voltar para casa. — Bufei, sem acreditar que ela tivera a audácia de seque se sentir naquele direito.

— Você precisa de dinheiro — concluí, deixando-a de certa forma constrangida.

— Também — admitiu, reiterando o que dizia com um gesto de cabeça. —

Mas não é apenas isso.

— Claro que é dinheiro! Aposto que torrou tudo que me roubou e agora se acha no direito de voltar para ameaçar a mim e meu filho para conseguir o que quer! — Ela meneou a cabeça, negando, os lábios finos travados em uma linha dura, ao passo que o queixo estremecia com raiva compelida.

— Não, não é! — negou de pronto, parecendo de alguma forma um pouco vulnerável, o que era surpreendente quando era dela que falávamos. — Só acho que passou da hora de uma reunião em família.

— Reunião em família? — repeti, sem fazer ideia do que queria dizer. Não quando ela sequer parecia fazer ideia do que aquela palavra realmente significava.

Faz-me rir! Ela era louca!

— Sim. Eu, minha filha, neto, genro e o maldito do seu primo — ela bufou, sarcástica, demonstrando seu desgosto.

— Igor? — eu quis saber e ela concordou, fazendo uma careta em seguida.

— Aquele bastardo do diabo do Heitor tem algumas contas a acertar ainda! — praticamente cuspiu a resposta, como se realmente acreditasse naquela sandice.

— Ele? — minha pergunta era retórica, porque nem mesmo esperei por uma resposta e foi a minha vez de rir, antes de prosseguir: — Você deve mesmo estar com algum problema na cabeça, já que Igor foi quem pagou suas contas e as do meu pai por anos, senão vocês já teriam se afundado há muito mais tempo! — eu a lembrei, estreitando os olhos na direção dela, e fiquei feliz em me manter firme, pois sentia o corpo tremer ao tentar conter a gama de emoções que me assolara.

— Não me interessa o que você acha ou deixa de achar, no final do dia, nenhum de vocês estará aqui mesmo! Então você cale a boca e se sente aí, porque quando o infeliz do seu marido chegar, ligarão para seu querido primo e vamos acabar com essa merda! — bradou, e eu arregalei os olhos de pronto, fitando Ian, que por um milagre ainda dormia.

Obedeci, ao passo que o medo atroz do que ela poderia fazer retornava com força total, especialmente quando seu rosto adquiriu um tom avermelhado em pura revolta. Embora tenha tentado continuar firme e calma para enfrentá-la, de modo que pudéssemos conversar e chegar a um acordo, já que o ponto fraco dela sempre fora dinheiro, foi apenas quando ela terminou de falar que dei-me conta de que talvez não tivéssemos chance alguma de sair dessa.

Apavorada, comecei a derramar as primeiras lágrimas. Deveria ter dado ouvidos ao sexto sentido, que me dizia que alguma coisa ruim estava prestes a acontecer. Não segui meus instintos e sequer me precavi quando notei que uma

tempestade se aproximava para acabar meu conto de fadas. Por isso me vi engolfada naquele ciclone de emoções, sem conseguir enxergar escapatória para nós.

Minha mãe mudou a mira da arma para mim no exato instante que Taddeo apareceu na porta do quarto e, ao dar de cara com a cena, sacara rapidamente a própria arma no coldre preso na calça e a apontara na direção dela.

— Taddeo — balbucei seu nome em um suplício quase mudo, ao passo que me levantava do chão, sentindo as lágrimas derramarem incessantes.

Oh, meu Deus!

— Saia de perto deles, Laís. Agora — exigiu entredentes, o ódio vindo tão forte dele que eu podia sentir.

— Largue a arma, Taddeo Caravaggio, porque posso ser atingida, mas eu faço o mesmo com o garoto — lançou, o tom frio, cortante como navalha, os olhos azuis brilhando insanos.

— Por favor — implorei para ambos, pois podia ver claramente a tragédia em minha frente e quase desmaiei de tanto terror.

Tive medo de que qualquer reação pudesse não apenas atingir a nós dois, mas principalmente nosso filho. Sabia que Taddeo provavelmente agira por instinto ao sacar a arma, mas temia que aquilo colocasse a vida de todos nós em risco.

— Por favor... Por favor, parem — tornei a implorar, cada vez mais angustiada.

— Abaixе a arma você, Laís. Se você fizer qualquer movimento, não hesitarei em atirar na sua cabeça — Taddeo rebateu, o aviso saindo como um rugido, o timbre baixo, perigoso, mortal. Imaginava o terror, medo, bem como o ódio e ira guerreando dentro de si, como acontecia comigo. Só que tínhamos que ter cautela, não podíamos agir por impulso.

— Não façam nada, pelo amor de Deus, meu filho... — supliquei em um murmúrio angustiado. — Por favor, Taddeo, faça o que ela quer... Faça e dê tudo que pedir, pelo amor de Deus!

— Isso, filha, diga a ele para obedecer a mamãe aqui... Pelo menos você não é tão burra quanto pensei. Não é, já que quando não conseguiu dar o golpe da barriga no Caravaggio que deveria, ao menos deu o golpe no menos interessante. — O tom de escárnio não me surpreendeu, nem mesmo o sorriso debochado que soltou em seguida. Estava acostumada com aquilo, com o seu desprezo. Entretanto, outra vez receei como Taddeo encararia aquela provocação, ela estava ciente do seu ponto fraco e não hesitaria em proferir impropérios com intuito de atingi-lo, já que conhecia bem a nossa história.

— Taddeo... — o nome dele me escapou como lamento estrangulado.

Tinha mesmo medo da reação que ele poderia ter, já que seu temperamento não era dos melhores e Taddeo tinha um pavio curto. Sabia que se sentia na obrigação de nos defender contra qualquer coisa, só que isso podia custar demais para todos nós.

— Coloque a arma no chão e chute para mim, Taddeo. Não vou falar outra vez. — Contrariado, ele obedeceu e se abaixou para colocar a arma no chão antes de chutá-la para ela, que com a sua ainda apontada para Ian adormecido e os olhos fixos em nós dois rapidamente a pegou, voltando a se levantar, sorrindo, sem deixar de encará-lo. — Muito bem, querido genro. Muito bem. Agora você vai pegar o seu celular e pedir para Igor trazer todas as joias da família Carrara que estão com ele. Depois vai transferir também dez milhões de euros para uma conta que vou lhe passar. E como preciso sair daqui com tudo isso, providenciará um helicóptero, sem piloto, para que eu parta do heliponto em frente à casa. Claro, sem ninguém para me atrapalhar.

— E como pensa em sair daqui sem alguém para pilotar? — indaguei, em pânico, temendo que quisesse levar Taddeo para ajudá-la a escapar.

Não, eu não permitiria que o levasse de mim!

— Não vou com você — ele rosnou, irado, respirando pesadamente como um animal prestes a atacar, parecendo ter pensado a mesma coisa que eu, antes de rapidamente completar: — Nenhum de nós vai.

— Não vão porque eu não quero. Mas não se preocupem, não estou sozinha. — Sorriu com, escárnio e foi então que a porta do banheiro se abriu e amarrada e amordaçada no chão vi a expressão assustada de Marrie. Fiquei aliviada em saber que não a machucaram e acabei me concentrando no homem mais velho que saiu de lá.

Ele tinha os cabelos levemente grisalhos e empunhava uma arma, que apontava na nossa direção. Não o reconheci, mas algo nele me era muito familiar. Eu, decerto, o conhecia de algum lugar, mas por mais que me esforçasse, dado o meu nervosismo, não sabia de onde poderia ser.

Taddeo, no entanto, o reconheceu, pois fitou-o com ira e o homem sorriu, parecendo realmente contente de estar naquela posição, com meu marido em sua mira.

— Greg — emitui em surpresa, enquanto ele continuava a sorrir, se aproximando cada vez mais. Seus olhos não sorriam, eram frios e sem vida e fizeram-me arrepiar.

Foi então que recordei-me dele, porque já que estava claro que me lembrava dele vagamente, era Greg, o ex-chefe de segurança da família real, o comparsa infiltrado de Gerrit, o homem que por anos aterrorizou nossas famílias e até mesmo fora capaz de matar inocentes.

Porra! Eu nem sabia que ainda estava vivo!

— Olá, Taddeo. Bom vê-lo outra vez — o cumprimentou com um tom claramente debochado, e engoli em seco, agoniada, a ponto de ter um colapso. — Sabe que até hoje me surpreendo por você ainda estar vivo? Achei mesmo que você e seu desprezível pai não sobreviveriam à queda do helicóptero. — Levei as mãos à boca, em puro choque, dando-me conta do significado de suas palavras.

Meu Deus! Fora ele o culpado pelo acidente!

— Foi você — a voz gelada de Taddeo reconheceu, e olhar cheio de ódio me fez temer outra vez que fizesse alguma besteira.

— Claro, só alguém com conhecimento técnico e experiência de voo como eu para fazer algo do tipo, porque se não tivesse feito direito, com todos os equipamentos de segurança da aeronave, nem mesmo teria levantado voo — Greg vangloriou-se do feito, abrindo um sorriso zombeteiro em seguida.

— Por que fez isso? Por que continuam fazendo isso? — indaguei, reagindo pela emoção, sem entender o que levava alguém a fazer coisas tão ruins contra quem quer que fosse. Só por cogitarem fazer mal a um serzinho tão pequeno e indefeso como meu filho, já era inconcebível.

— Ambição, por que seria por outro motivo? — Greg sorriu, frio e louco para nós. E aquilo em nada me aliviara, porque por mais que o motivo fosse dinheiro, sabíamos também que significava que fariam tudo em prol de conseguirem o que queriam.

— Como entraram? Caverswall está toda cercada por seguranças e câmeras, é impossível entrar na propriedade e principalmente na mansão sem serem notados. — Taddeo falou, analisando-os com atenção, e voltei meu olhar para Ian, agradecendo a Deus por ter um sono pesado, embora temesse que despertasse a qualquer momento e visse a cena que se desenrolava em sua frente. Sua agitação decerto não ajudaria em nada, acho que até pioraria e tudo que não queria era colocá-lo em risco ou torná-lo um alvo ainda maior.

— É impossível para quem não tem bons contatos infiltrados para ajudar a entrar ou não conhece a propriedade e não sabe que há uma passagem secreta da casa de hóspedes para cá — respondeu, fitando-o com os olhos estreitos, de tal modo que não conseguia esconder seu desgosto de estar na presença dele.

— Vocês eram amantes? — Taddeo inquiriu simplesmente, e encarei-o sem entender o motivo da pergunta.

Deus, por que diabos aquilo tinha alguma relevância quando estávamos correndo risco de vida ali?

— Por que caralho isso tem importância, Caravaggio? — Greg devolveu, franzindo o cenho, um tanto contrariado.

— Apenas uma coisinha ou outra que pensei... Então, vocês eram? — ele insistiu e enquanto Greg bufava, claramente aborrecido, e minha mãe vacilara por um instante.

— Sim — ela admitiu, um tanto constrangida, embora aquilo não me surpreendesse nem um pouco. Não quando a conhecia, assim como o passado que por anos ela tentou esconder sob a fachada de esposa de homem da nobreza.

— Desde quando? — eu quis saber, sentindo-me ainda mais enojada.

— Desde antes de virar Laís — não hesitou em responder e franzi o cenho, sem entender.

— Como assim antes? — indaguei baixo, com medo do que ouviria, e respirei fundo, esperando.

Contudo, não foi ela quem respondeu, foi Greg:

— Conheci Gerrit quando ele veio para Campavia atrás da família. Ele já tinha ido até Heitor, que, como sabem, o renegou de imediato, e pretendia ir atrás dos Bellini di Montalcino, mas nos encontramos e os planos mudaram. Na época, eu ainda era um mero segurança de quinta e capacho da família real, e Gerrit prometeu me ajudar a crescer se eu fosse fiel a ele. E então conheci sua mãe e estamos juntos desde então. Ainda mais apaixonados do que erámos antes de todas as mentiras — revelou como quem contava uma linda história de amor, e minha mãe ofegou, sem sequer conseguir me encarar.

— Que mentiras? — eu quis saber, em um fio de voz, não conseguindo pensar em mais nada que pudesse fazer que poderia me machucar, mas obviamente estava errada.

— Temos mesmo muita história para contar — foi irônico de propósito, parecendo adorar aquilo tudo, mas ainda assim minha expressão não se aliviou — Além de concordar em se casar com seu pai e matarmos um caso todos esses anos, ela sempre nos ajudara com o que podia para fazer o que tínhamos que fazer. Claro, certas coisas mereciam sacrifícios e ainda assim nos propusemos a tudo. Como por exemplo... você. — Ele apontou para mim, um sorriso repuxando seus lábios enquanto me encarava. — Aquele término que tiveram na adolescência... Evan faz o tipo, não é? Tem cara de vilão... Mas não sabia, não se envolvera em nada, fomos nós que orquestramos tudo, e ele foi tão enganado naquilo quanto você, quando Laís lhe entregou aquelas provas falsas. Embora eu duvide sinceramente que não tenha adorado te dar um motivo para terminar com esse aí, já que ele odiava os Caravaggios com todas as forças. Foi mesmo hilário vê-los de coração partido. E fiquei mesmo admirado, porque apesar de parecer uma ratinha assustada e submissa, ao menos você puxou as mulheres Jansen e surpreendeu-nos ao querer dar o troco ficando com o irmão dele. Pensamos em separá-los, mas dada a sua carência, sabia que Theodore faria aquilo por ele

mesmo e foi o que aconteceu! — Ele sorria, tranquilo, ao passo que eu tentava arduamente controlar minhas próprias lágrimas diante daquela sordidez que escutara.

Malditos! Eles brincaram de Deus com nossas vidas!

Primeiro chorei por ter certeza do quanto minha mãe podia ser baixa e ir longe por causa dos objetivos cruéis, passando por cima de tudo e todos, feito um rolo compressor, não se importando com nada, nem ninguém, muito menos com a filha, por quem não nutria nada. Só que também me vi chorando de alívio, porque embora meu pai não fosse um exemplo de figura paterna no passado, ele fora tão enganado quanto eu naquela história e não fizera parte daquilo.

— Filhos da puta! — Taddeo rosnou e fui até ele, segurando o braço dele, desesperada para que fizesse qualquer coisa.

— Não, amor! Por favor — implorei baixinho, com medo que perdesse o controle, e ele quase perdeu. Quase.

— Não se desespere, Caravaggio, você não sabe nem da metade ainda e já está fora de si? — provocou, fazendo-me vacilar em meus próprios pés, pois tive o pressentimento de que o que me diria me abalaria ainda mais. E não deu outra. — Sei que deve estar querendo me matar, mas não faria isso com o próprio sogro, faria?

— O que... vo-você quer dizer com isso? — tomei coragem para perguntar depois de um tempo que pareceu eterno, e Taddeo teve que me segurar, para que me mantivesse de pé.

— Que Evan descobriu mais tarde que não podia ter filhos... Faça as contas, querida — lançou como se não fosse nada e não tivesse acabado de me jogar aquela bomba.

Putá que pariu! Evan não era meu pai!

Não sabia nem o que pensar, enquanto chorava com a realização daquele pensamento, mil coisas passando pela minha cabeça. E de forma torta, embora não menos dolorosa, finalmente entendi o motivo de Evan ser tão frio e hostil comigo no passado: ele sabia que não era meu pai biológico. Eu era fruto de uma traição e ele sabia, ainda assim me assumira, provavelmente para não sujar o nome e imagem diante a sociedade.

Minha mãe sempre me considerara fraca, incapaz, um verdadeiro estorvo, embora me esforçasse o quanto pudesse para agradá-la. A verdade era uma só: nunca fui suficiente para ela, porque era um lembrete diário dos próprios erros.

A dor que eu sentia viera com toda força. Eu tinha conseguido enterrá-la ao longo dos anos, tentando ser uma pessoa diferente, uma que superara tudo e até mesmo o abandono da própria mãe, mas com aquele breve encontro tudo estava de volta.

— Vo-você... — gaguejei, sem conseguir sequer concluir o pensamento. O sentimento sobre aquilo se tornando horrível para se digerir ou suportar, até mesmo respirar.

Percebendo que eu começava a entrar em pânico, Taddeo me segurou, antes de puxar meu corpo para ele. Via-me prestes a sucumbir, mas por mais que aquela revelação me doesse sobremaneira, tinha que me manter firme para passar por aquilo e salvar a minha família. Mesmo que significasse engolir a dor que sentia e também colocar a minha vida em risco para tal.

Respirei fundo, tentando me manter sob controle, e encarei a mulher que me dera à luz completamente enojada, porque embora soubesse que era uma pessoa ruim, não imaginava que fosse capaz de fazer algo como aquilo, de passar a vida me enganando, me negando a verdade. O que não fazia sentido algum, já que cresci tendo dela apenas o pior dos sentimentos. Antes não sentia mais nada, enterrava qualquer coisa que por ventura cheguei a experimentar, só que naquele instante sentia repulsa e raiva dela, por isso não me contive.

— Ou seja, a vagabunda que traía o marido engravidou do amante — desdenhei de propósito, sem me preocupar com nada além de causar-lhe dor. Assim como ela me causara a cada palavra dita não apenas agora, mas ao longo de toda minha existência.

— Olha lá como você fala comigo! Me respeita! — O tom dela era amargo, assim como o olhar em mim.

— Eva... — Taddeo me advertiu, provavelmente notando que eu estava prestes a rebater, mas depois de anos sendo subjugada, pelo visto estava fora de controle.

— Como, se você nunca se deu ao respeito? — alfinetei, com desprezo claro em minha voz.

Laís não respondeu, dando de ombros, como se pouco se importasse com meus sentimentos. E não se importava mesmo, sua vida pregressa era prova daquilo, sempre fui apenas um meio para o seu fim ambicioso e cruel.

Deus, como uma pessoa como ela poderia ser a minha mãe?

— Menina... Você não sabe da missa o terço... Melhor não atçar sua mamãezinha! — Greg soltou e o olhar de deboche nunca deixou o meu enquanto completava em tom irônico: — Pode acabar descobrindo outras coisas e mentiras que pode não gostar. Como por exemplo que foi ela quem tentou matar Evan na Ilha Elisa, quando o sequestramos para darmos início ao plano B de Gerrit e assumir o seu lugar, quando tivemos que fugir. Ele descobriu que ela estava envolvida naquilo e temendo que colocasse seu disfarce em risco, decidi eliminá-lo, pois ainda era a única de nós que não estava comprometida.

Estava tão chocada, que não conseguia emitir um som sequer, nem mesmo

o grito de horror que parecia estar preso em minha garganta. Todos os cenários imaginados sobre o que acontecera com meu pai costumava girar em torno de ele ser até mesmo aliado deles, o que soubemos mais tarde não ser verdade, felizmente. Contudo, nunca sequer suspeitei que era ela quem era aliada deles e ainda por cima fora capaz de tentar matá-lo, quando lhe foi conveniente.

— Por isso que fugiu... Não foi apenas pelo dinheiro, como ele não morreu, você temia que ele dissesse a verdade. — Não era uma pergunta, apenas uma afirmação, uma para a qual eu não precisava de qualquer confirmação.

— Não queria arriscar — admitiu, extremamente indiferente, e eu arquejei, olhando-a com mágoa e também medo.

— Foi você também, não foi? Que tentou me matar há três anos? — tive que perguntar e ela me encarou, confusa.

— Do que está falando? — inquiriu, como se realmente não soubesse do que eu falava e eu quase acreditei que realmente não soubesse. Quase.

Limpei as lágrimas que inevitavelmente escorriam, lembrando-me de tudo que tive que fazer na vida em uma tentativa de agradá-la, mas ainda assim nada pareceu suficiente para que minha própria mãe me desse uma simples aceitação. Quanto mais seu amor. Não deveria me surpreender por tentar me matar.

— Foi você que me atropelou! — acusei-a, ainda sem conseguir acreditar, o tom de voz embargado, não me deixando negar aquilo.

— Não, na verdade, isso foi eu — Greg me corrigiu, dando de ombros como se não fosse nada de mais.

— Eu não sabia — Laís demonstrou desconcerto naquele momento, como se realmente não tivesse conhecimento de tal fato, olhando de um para o outro, tremendo pelo choque daquela descoberta. — Ele me prometeu não fazer nenhum mal a você...

Greg riu, mantendo a arma apontada para Taddeo, mas sem tirar os olhos de mim. Havia desejo e satisfação em seu olhar, não era apenas pela vingança, havia algo mais. E realmente tinha.

— O cerco ao redor da família Caravaggio estava maior depois do acidente, e como ele sobreviveu e não foi possível fazer de você a única herdeira de Taddeo, tentei te matar, para que conseguíssemos ao menos alguma coisa deste imbecil — soltou, satisfeito, sorrindo para nós. e Taddeo rosou, sendo então a minha vez de segurá-lo.

— Você a machucou e matou meu outro filho! Ela estava grávida de gêmeos e o perdeu por sua causa! Fiquei sem Eva e Ian por anos por causa de você! Nem mesmo o vi nascer! — lançou, ficando fora de si, e eu chorei, tentando contê-lo, mas malmente conseguia fazer o mesmo comigo, pois a

lembrança daquela perda viera, atroz.

— Você prometeu não fazer nada contra ela — minha mãe o lembrou em um sussurro estrangulado, e ele riu com ironia.

— Estava cuidando dos nossos interesses, mulher, a vida dela era um pequeno preço a pagar! — ele se limitou a responder, o timbre da sua voz não deixando negar que era capaz de qualquer coisa, até mesmo matar a própria filha, o que pelo visto fora o caso.

Deus, como eu podia ser filha daqueles dois? Não conseguia acreditar!

— Vou matar você, seu filho da puta! — Taddeo prometeu entredentes, e ele gargalhou, antes de mexer no gatilho da arma. Não pensei nem por um segundo antes de agir por instinto, metendo-me entre meu marido e ele.

— Não o machuque, por favor! — supliquei, sabendo que poderia tomar um tiro, mas o faria se fosse nossa única chance de ele e Ian saírem ilesos.

— Sai, Eva! — Taddeo gritou em desespero ao me ver na mira dele em seu lugar.

Eu não sairia, pois não podia continuar a viver em um mundo em que os dois não estivessem comigo também. Por isso, quando ele tentou me empurrar para trás, mantive-me onde estava, como se de repente tivesse adquirido uma força maior do que a dele.

— Vida, por favor — Taddeo implorou, e quando notou que eu não recuaria, olhou furioso para Greg. — Vou fazer o que quiser, dar o que querem, apenas não os machuque! — prometeu, vendo que tanto eu quanto Ian estávamos sob a mira dele.

Greg não recuou, no entanto, e achei que atiraria, mas algo surpreendentemente pareceu mudar e senti o puxão no braço, antes de ser arrastada para trás de Laís, o gesto protetor inesperado trazendo-me lágrimas aos olhos, ao parecer aceitar de braços abertos o tiro que poderia ser para mim.

Taddeo

O ódio me comia como ácido nas veias. Ardia, queimava, chegava ao ponto de tremer com a ira violenta que espalhava pelo meu corpo. Aqueles malditos nos encurralaram, fizeram a gente de refém dentro da nossa própria casa, deixando-me completamente aprisionado, pois qualquer ação inesperada poderia fazê-los atirar. Nunca senti tanto medo. Era um pavor que me entorpecia,

deixando-me louco, alucinado, à espera do momento certo de reagir.

Era aterrador saber que a vida daqueles que amava estava nas mãos de dois loucos que se provavam capazes de tudo, pois além de terem feito coisas terríveis, Laís até então não demonstrara qualquer sentimento pela própria filha. Via-me impotente diante daquela desgraça iminente e não podia acreditar que estivesse acontecendo quando tudo que queria e vinha me empenhando a fazer era cuidar deles. Sentia como se minha alma estivesse fora do corpo, e o coração, na mão, receei que qualquer passo em falso os colocasse ainda mais em perigo, por isso, não tive alternativa, senão puxar conversa para ganhar tempo depois que acionei o “botão do pânico” no meu anel com brasão dos Caravaggio.

Aquele era um dispositivo que cada um de nós da família começara a usar depois de tudo que aconteceu no passado com Gerrit, ou em forma de anel ou colar, tudo bem discreto, como uma joia mesmo, servia para ser acionado em uma situação de risco, pois as peças tinham *bluetooth* e eram conectadas ao celular. Caso fossem usadas, mandava um alerta avisando a equipe de segurança que havia algo de errado, juntamente à localização.

Tentei soar o mais calmo possível, mesmo quando tudo que queria era acabar com a vida de ambos. E só consegui tal feito, quando olhava para meu filho em seu sono. Era realmente uma bênção que Ian continuasse adormecido, completamente alheio ao perigo que seus pais e também ele passavam. Talvez por causa dos medicamentos que tinha que tomar diariamente, que o deixavam mais dorminhoco, e eu agradecia por isso, tudo que desejava era que permanecesse assim, longe do alcance deles, sem ter de testemunhar a desgraça que se desenrolava dentro do quarto que deveria ser o seu refúgio no mundo.

Ainda não conseguia acreditar na enorme falha em nossa segurança, que não apenas deixara de identificar o perigo se aproximando, mas também uma passagem secreta para nossa casa, que poderia nos custar a vida. Aquilo era inadmissível. E também desesperador, pois tudo de mais importante para mim estava em jogo, e, impotente, eu não podia fazer nada mais do que já tinha feito, com medo de colocar tudo a perder.

Enquanto cada célula do meu corpo me mandava avançar em Greg e acabar com aquilo logo, meu cérebro só se concentrava em salvar Ian e Eva. Inacreditavelmente não tinha medo deles nem por mim, mas só podia morrer depois que livrasse os dois do perigo.

Foi aterrorizante ver Eva se colocar em minha frente e sabia que fizera aquilo porque se sentia da mesma maneira que eu, capaz de tudo para defender quem amava. Só que tudo que vi quando propôs-se a se sacrificar por mim foi o amor da minha vida, a única mulher que amei, uma menina que foi submetida à maldade desde cedo, que ainda tão jovem se envolveu comigo e entrou no meio

de um jogo de vingança e mentiras que em nada tinha a ver com ela, mas que foi fatalmente atingida, e embora a magoasse a cada oportunidade, fez de tudo para ficar comigo. E mesmo maltratada por mim, sendo humilhada, julgada indevidamente, continuou a me amar e tentar provar que não fazia parte daquela história sórdida em que fora apenas uma vítima.

Infelizmente demorei para enxergar que as mentiras não eram sua verdade, era o amor e a tentativa desesperada de ter ao meu lado a família que sempre sonhou e nunca teve. Tinha perdido tempo demais me lamentando por acreditar que tinha me traído, enganado, odiando-a, quando era só olhar para Eva e ver a verdade explícita naquele olhar que me prometia a felicidade. E por mais que tivéssemos passado por aquilo tudo, mesmo que não merecesse o seu perdão, talvez não tivesse a chance de cumprir o que havia prometido para ela ou fazê-la feliz.

Dentro de mim todo o ódio e mágoa se dissiparam, só queria sair dali e dedicar-me à minha família até o fim dos meus dias. Pois talvez só saísse dali morto e me conformaria se isso significasse que minha mulher e filho escapariam ilesos.

Laís poderia ter se colocado na frente da filha e, óbvio, nos surpreendera com o gesto inesperado de proteção a quem ela negara qualquer sentimento bom a vida toda, contudo, ainda não acabara. Eva chorava e a puxei para os meus braços, agarrando-se a mim como quem segurava-se à sua vida e era mesmo como ambos nos sentíamos. Paramos, com a respiração suspensa, coibidos, vendo que ambos seriam capazes de tudo.

— Não seja tola, Laís, saia daí! — Greg exigiu, também sem acreditar que ela fora capaz de se colocar em frente a nós dois.

— Você não vai fazer isso — balbuciou, um tanto trêmula, tentando impor uma firmeza que estava longe de sentir. — Você mentiu para mim, prometeu que não faria nada contra Eva.

— Eu não planejei, tá legal? Apenas vi a oportunidade e o fiz! Mas juro que não vou fazer nada mais contra minha filha. Só quero o que pedi! — Fora de si, ele balançava a arma, tentando em vão se justificar.

— E vai me matar em seguida — emití baixo, entendendo quais suas intenções, e Eva gemeu.

— Claro — reconheceu num murmúrio e então sorriu, de um jeito louco. — Desculpe, querido genro, mas isso não é pessoal. Ou sim — corrigiu-se rapidamente quando minhas sobrancelhas se arquearam. — Mas pense pelo lado positivo. Ao final, só você morre. Eva e meu neto sobreviverão porque são da família, prometo cuidar bem deles quando não estiver mais aqui e eu estiver controlando todo o dinheiro que deixar para eles.

— Não permitirei, seu filho da puta! — rosnei, e Eva segurou meu braço, apertando-o, claramente desesperada.

— Saia daí, Laís. Vou acabar logo com esse cara e pronto! — Greg repetiu, mas ela sequer se mexeu.

— Não — negou de pronto, os dois amantes miseráveis sem deixarem de se encarar, e o homem bufou, desdenhoso.

— Você acha que se pondo em frente a eles vai me impedir de fazer e conseguir o que quero? — Greg inquiriu, apontando a arma diretamente para ela, que empalideceu, contudo, não vacilou. Mantendo-se parada, corajosa, como uma barreira intransponível. — Te disse que ninguém mais atrapalharia meus planos, então é a última vez que falo: saia da minha frente! — ordenou com o maxilar trincado, o queixo estremecendo com a raiva compelida, ao passo que preparava-se para apertar o gatilho, olhando-a friamente.

— Não estou brincando, Greg! Não ouse, pois fiz uma vez com Evan e o farei de novo se ousar tentar qualquer coisa! — devolveu, preparando-se para fazer o que prometera, a determinação dela não se aliviando em nenhum momento.

— Você não tem coragem, Laís — provocou-a de modo presunçoso, seu olhar brilhando diabolicamente. — Você me ama. Pode ter sido capaz de fazer isso com Evan, mas não faria comigo, o homem que sempre amou.

— Ai é que você se engana, eu nunca te amei. Sempre amei o desgraçado do Evan, mas nunca tive uma chance sequer contra a preciosa Alisson, que mesmo depois de anos ele ainda insistia em amar! Você apenas me dava o que eu queria, só que de outro. Era um estepe para o que eu não poderia ter, assim como ele fazia comigo. E você está certo, realmente há muitas mentiras e uma delas foi quando o fiz acreditar que Evan era hestéril, mas ele só ficou depois que Eva nasceu. E não foi por causa de uma doença qualquer, ele optou pela vasectomia, pois viu que não era alguém essencialmente paterno. Então eu menti, menti que te amava e menti ao dizer que Eva era sua filha, mas o fiz apenas para protegê-la. Eu sabia do que era capaz, podia não ser a melhor das mães, mas não faria dela um alvo seu! — confessou, fazendo os olhos de Greg se arregalarem de pronto, a compreensão finalmente parecendo ter chegado para ele e a expressão em seu rosto revelava o choque pela descoberta da verdade.

Um segundo pode mudar tudo. Pode parecer pouco, mas é o suficiente para valer a sua vida e de todos que ama... E quando uma tragédia acontece, ele representa muito, se não tudo.

Pelo quarto ser muito grande e estarmos do outro lado dele, Ian estava fora da linha de tiro inicial, mas nós, não. Por isso que prevendo a cena que desenrolaria à minha frente, empurrei Eva para o chão no ímpeto, cobrindo-a

com meu corpo em seguida. Greg, no entanto, não teve a mesma sorte, já que não teve tempo de sequer reagir ou conseguir escapar, pois Laís simplesmente mirou nele, antes de disparar em primeiro lugar. Ele só teve tempo de arregalar os olhos e então o tiro perfurou sua barriga, e, reagindo por instinto, fez o mesmo, atingindo-a em seguida.

Eva gritou, desesperada, ao assistir aos corpos de ambos caírem ao chão. Ian acordou, chorando alto, provavelmente assustado com o barulho. Laís largou sua arma, que bateu no chão em um baque seco, enquanto passava os últimos segundos de vida agonizando.

— Ah, Deus! — Eva tremia e chorava, levando as mãos ao rosto, e Ian passou a chamar por nós, com desespero.

— Vá! Tire nosso filho daqui, agora! — pedi, agoniado.

Não esperei que respondesse, sabia que como uma mãe leoa faria aquilo pela cria sem pensar no próprio medo ou em como se sentia. Eu me levantei rapidamente e depois de pegar a arma de Laís, corri até onde Greg estava de joelhos, levando as mãos à barriga que sangrava. Outra vez o infeliz não teve tempo de reagir, apenas me olhou, ferido, surpreso, e antes mesmo que conseguisse pegar a arma que tinha caído junto de si, ergui o punho livre com toda força e acertei-lhe com um soco brutal no queixo.

O golpe deslocou seu maxilar, arremessando-o para trás no processo. Greg caiu no chão e a arma caiu ao seu lado, foi quando a peguei. Antes mesmo que Eva saísse do quarto com nosso filho no colo, seguida de Marrie, que até então estava amarrada, encolhida no canto do banheiro, tentando conter os grunhidos agoniados, a porta foi colocada abaixo e então meu irmão e cunhado entraram, acompanhados dos seguranças.

Com as armas em punho, nos cercaram, mas assim como aconteceu quando Igor teve Gerrit nas mãos, pois sabíamos que ele precisava fazer aquilo, acabar com aquela história com as próprias mãos, não interviram quando fui até Greg e puxei-o pelos cabelos para me encarar. Queria que me olhasse nos olhos quando eu o matasse, queria ver a vida deixando seus olhos com a mesma arma que o miserável tinha usado para ameaçar minha mulher e filho.

Ainda estava consciente do soco, meio grogue, ensanguentado, mas, corajoso, sustentou o olhar no meu.

— Você merecia mesmo ser morto por alguém que o traiu, já que fez o mesmo, ao não ser leal a todos nós — eu disse, sem pesar algum. — Ainda por cima tentou destruir o meu relacionamento, foi culpado por anos de sofrimento de pessoas inocentes, atentou contra a minha vida e a da minha mulher, ameaçou o meu filho, então embora você não tenha nos dado escolha, vou te dar uma: a de decidir como quer morrer, porque sou eu quem fará isso. Já que depois de tudo

nada mais justo que seja eu, não é mesmo?

— Vai para o inferno! — balbuciou, cuspendo o próprio sangue enquanto falava.

— Não, quem vai é você! — rosnei ensandecido, e ele grunhiu, os olhos sendo tomados pelo pânico quando engatilhei a arma.

Greg não disse mais nada, sabia que de nada adiantaria, apenas aceitou seu destino infeliz e lembrando-me de tudo que fora capaz, mirei na testa dele e puxei o gatilho. Nada de misericórdia, sem nenhum complexo de culpa atirei duas vezes seguidas, até ver a luz abandonar suas íris e ele cair aos meus pés, sem vida. Um buraco de bala no meio da testa, os olhos abertos, esbugalhados.

— Infeliz! — Meu tom era mortalmente calmo, mas meu corpo sofria ainda com o excesso de adrenalina e espasmos de ira.

— Você está bem? — Théo quis saber ao se aproximar, tirou a arma da minha mão e a entregou para alguém, antes de segurar forte no meu ombro, observando-me com atenção, os olhos azuis aflitos, encarando-me com apreensão.

— Sim, estou. Aliviado por tudo ter terminado sem nenhum de nós feridos. — Era verdade, o prazer que tive em acabar com aquele miserável não contava. Foi necessário e ponto final.

— Desculpe termos demorado tanto, só que não sabíamos como estava a situação aqui dentro, então achamos melhor não invadir quando poderíamos colocar a vida de vocês em risco. Mas quando ouvimos os tiros, não pudemos mais esperar e ordenei que invadissem. — A voz preocupada de Igor me fez fitá-lo. É claro que ele estaria ali. Muito mais do que meu cunhado ou fiel amigo, ele também era meu irmão.

Resfoleguei, aliviado, soltando a respiração que não notara ter prendido.

— Obrigado — agradei, reconhecendo não apenas por se porem em perigo para ajudar a salvar a minha família, mas por tudo. Eu tinha a atenção dos dois e um bolo se formou na minha garganta enquanto continuavam a me encarar. — Por estarem comigo, por serem meu chão quando eu não conseguia me sustentar em pé. — Puxei uma respiração ruidosa, meus olhos ardendo antes de completar: — Eu amo vocês. — Eles ficaram mudos por alguns instantes, as feições antes sérias tornando-se de repente muito emocionadas.

— Sempre e para sempre, irmão. — Théo veio até mim, me puxando para um abraço apertado. — Nós também te amamos — disse, dando-me um tapinha nas costas. Igor veio em seguida e nos puxou para um abraço igualmente apertado.

— É claro que te amamos, irmão. Somos uma família, custe o que custar. Sempre seremos um pelo outro. A merda dos pés, do chão, do braço... até

mesmo ar que o outro precisa para respirar! — devolveu, a voz tremendo, ao passo que esboçava um leve sorriso.

Sim, porra, ele tinha razão!

Sorri de volta e meneei a cabeça, concordando ao nos afastarmos, sabendo que não importava o que acontecesse, que poderia contar com eles para qualquer coisa, assim como também poderiam esperar o mesmo de mim.

Sempre e para sempre!

Foi então que meus olhos pousaram nela. Minha mulher. A minha vida. Aquela que era o motivo de tudo.

Deus! Eu nunca me perdoaria se algo acontecesse a ela ou a Ian!

Lágrimas silenciosas desciam pelo rosto tão lindo e amado e minhas pernas ganharam vida própria, indo em sua direção. Ela estava do lado de fora da porta do quarto, com Ian no colo, enquanto falava baixinho com ele. Emocinou-se ainda mais quando me aproximei, os olhos límpidos, me dizendo sem palavras o quanto estava aliviada por ver bem depois do terror que fomos obrigados a vivenciar.

— Tive tanto medo, Taddeo — admitiu, com a voz embargada, os lábios tremendo.

— Acabou, vida. — sussurrei, segurando o rosto dela com as duas mãos, beijando-lhe a boca repetidas vezes.

Só então permiti deixar todo medo que senti vir à tona, inspirando e expirando, com os olhos apertados, tentando manter o coração sob controle. Puxei-os para meus braços e os envolvi em um abraço forte, beijando os cabelos de Eva, ao passo que acariciava os de Ian, que parecia calmo, mesmo depois de tudo.

— Acabou... O nosso conto de fadas está apenas começando, amor — murmurei, aliviado, no peito não apenas a certeza do amor incondicional que sentia por aquela mulher e nosso filho, mas também que nada nem ninguém mais poderia ser capaz de destruir isso.

— Confio em você, amor. — Ela fechou os olhos e suspirou, antes de voltar a me encarar, um mar verde de emoções repleto de lágrimas. Eva estava obviamente abalada por tudo, mas ainda inteira. Outra vez provando-me o quanto era forte, valente, pois mesmo com medo não hesitara um só segundo em lutar pela família. Eu a amei mais do que nunca por ser tão destemida.

— Preciso que me perdoe mais uma vez, vida. — Eva franziu o cenho, como se eu tivesse dito algum absurdo ou algo inapropriado, mas a verdade é que depois daquela experiência, a culpa que já sentia por tê-la julgado injustamente aumentara quando descobri novos capítulos daquele ardil. Ela enxugou suas lágrimas, antes de erguer a mão livre, acariciando minha barba por

fazer.

— Não há mais nada a perdoar. Fiz isso há muito tempo. Passou da hora de colocarmos um ponto final nessa história e começar uma outra repleta de felicidades — murmurou, antes de selar meus lábios com os dela. Abracei mais forte os meus amores, mantendo-os protegidos no círculo dos meus braços, beijando-a num misto de doçura e desespero.

Sim, caralho, passara da hora!

— Você está certa, vida — afirmei, ao mesmo tempo em que enfiava a mão em seu cabelo, segurando-a pela nuca: — O passado ficou para trás, bem como as mentiras, mágoas e qualquer vingança. Daqui para frente seremos felizes, como deveríamos ter sido desde o início. E nada vai nos separar.

— Nada — ela concordou, muito emocionada, antes de murmurar: — Eu te amo, Taddeo Caravaggio, sempre amei. Obrigada por querer fazer da minha vida real um conto de fadas.

— Eu te amo, Eva Carrara Caravaggio. E obrigado por me permitir a chance de fazer isso, pois com você minha vida real é a porra de um conto de fadas! — gracejei, fazendo-a rir através das lágrimas.

Não esperei que dissesse mais nada, beijei-a outra vez, dando-lhe tudo de mim, e sentia que ela fazia o mesmo comigo. Depois de algum tempo, alguém começou a resmungar em seu colo e nos afastamos, sorrindo cúmplices, os dois emocionados encarando nossa cria sem deixarmos de nos tocar ou sorrir.

— Me *apetaram* — Ian reclamou, parecendo começar a ficar sonolento outra vez, e nós dois o fitamos com amor.

O passado ficou para trás, por causa do futuro que via à nossa frente, ao lado da mulher que eu abraava e amava com louca, e também o presente com o qual ela havia me agraciado. Não sentia necessidade de mais nada, estava perfeito do jeito que era, pois tudo que precisava estava em meus braços, meu mundo era feliz e completo.



Epílogo

Eva

Assim como a moeda, toda verdade tem dois lados. Eu tive a minha, Taddeo a dele, e embora tivéssemos passado por muita coisa, que tenhamos demorado para perceber que cada um tinha a sua, decidimos nos juntar em prol de algo maior e fazer a nossa única verdade.

Ao lado dele, descobri que não estava sozinha nunca. E eu adorava me sentir daquele jeito. Eu também acabei percebendo que o que é bom anda em dupla e se pararmos para observar, é exatamente assim até mesmo as coisas mais simples, pois se completam, são melhores juntas, como o café com creme; a panqueca com geleia; o céu e o mar; a lua e as estrelas; noite e dia; o ying e yang... não precisa de muita invenção, nem fórmulas ou filosofias.

É um negócio óbvio, de alguém que parece ter nascido com o mapa do outro no coração. Coisa de história de amor mesmo, onde as diferenças se complementam, dois opostos que se completam. Duas forças contrárias, que, quando juntas, são uma combinação perfeita. Uma não funciona sem a outra, assim como eu não existia sem Taddeo.

E por falar em dupla, também tinha a minha preferida de todas: Emma e Alana. Descobri que estava grávida das gêmeas em um momento em que cheguei a achar que não conseguiria ser mãe outra vez. Óbvio que queria ter outros filhos, sobretudo dar a Taddeo a chance de viver comigo o que não tivera a oportunidade com Ian, mas por causa das complicações na gestação e a perda de um dos ovários, era um pouco difícil engravidar novamente.

Claro que não era impossível, já que não apenas poderia acontecer naturalmente se fosse da vontade de Deus, como acontecia com diversas mulheres que passaram pelo mesmo problema, senão pior que o meu, como também havia a medicina moderna operando verdadeiros milagres a cada dia. Mas, no fundo, antes de recorrer às técnicas modernas de reprodução, para barriga de aluguel ou até mesmo adoção, gostaria mesmo de passar por toda a fase que antecede a gravidez e não tive muito a chance de curtir.

Aquela espera, o misto de ansiedade boa, de muita expectativa e um pouco de medo, a frustração quando o positivo não vem. Só que mais uma vez fui

abençoada e pude segurar o ventre e nele sentir novamente a mágica da vida, do mundo, da criação... do amor que não cabia mais em nós e foi multiplicado.

Foi um momento que era só nosso, Taddeo ao meu lado, vivendo aquilo comigo, compartilhando todas as etapas daquela vez, desde a aflição e desejo de ver aquilo finalmente acontecer; a tristeza pelos negativos; a desconfiança; o desejado teste positivo; a descoberta de que seriam gêmeos, depois o sexo; e tudo isso elas ali dentro, crescendo, aninhando-se no meu ventre, respirando e se alimentando através de mim. Os enjos, desejos, meu corpo se transformando com a vida que crescia enquanto meu mundo se embelezava de amor e esperança.

Também me deu a chance de reparar que meu marido ficava muito mais interessante como pai do meu filho e perceber que foi o único homem capaz de me presentear com tamanha alegria. Planejamos, esperamos, imaginamos como seria, mas nada se comparava com a sensação de saber e sentir a leve pulsação dos coraçõezinhos batendo dentro de mim e então o nascimento delas. E escassas são as palavras, limitados demais os sentimentos para poder descrever tudo o que senti, tudo o que sentia, desde o dia em que descobri a maior e mais maravilhosa felicidade do meu mundo: ser mãe!

Tornar-me mãe me transformou de maneira irrevogável. Assim como também me ensinara a ser filha. Eu poderia usar como justificativa o fato de não ter tido pais para me dar o amor e carinho que não recebi, para justificar determinadas atitudes, mas escolhi não ser aquela pessoa, mesmo através dos meus erros. Escolhi ser alguém melhor, alguém que amava e se dedicava aos filhos e marido, que amava a família acima de tudo e valorizava os que tinha ao lado, que perdoara o que me fizeram, deixando para trás tudo que não fosse de bom.

Quando minha mãe morreu, pode soar horrível, mas eu não sentira nada exceto alívio depois de tudo pelo que me fizera passar. Mesmo que ela tivesse se colocado em minha frente para me defender, talvez como um último — e único — ato maternal da sua vida, ainda assim não apagara nada do que aconteceu ou quem foi para mim. E mesmo perdando, deixei para trás, assim como fizera comigo.

Dizer que o que aconteceu não mexeu comigo seria mentira, mas também não me deixei abater por uma pessoa que não foi nada além de alguém que me infligiu dor. Tanto que mesmo depois de tudo segui com a cerimônia que estava preparada e um dia depois da sua morte e da de Greg, finalmente me casei com o homem que eu amava, em um casamento digno de conto de fadas.

Não porque era luxuoso ou com toda a pompa e tradição que alguém da nobreza campaviana poderia ter, mas porque o homem à minha espera no altar,

lindo como nunca, mas muito nervoso, um verdadeiro príncipe, o meu príncipe, sempre fora aquele que sonhei. Ele era o meu conto de fadas.

Ao contrário do mundo amargo que tentava desconstruir aquele sonho, eu era a prova viva do quanto conto de fadas podem ser reais, mas eles existiam para provar que nem tudo era simples ou perfeito, sobretudo que eram possíveis, se lutarmos pela nossa própria felicidade. E continuar a lutar por ela indefinidamente, porque só assim que chegamos ao almejado “para sempre”.

Desde a gravidez de Ian passei a compreender melhor tantas coisas, enxergar outras que não reparava e todos os dias a própria vida nos oferece experiências que explicam o que não entendemos e que na maioria das vezes passam despercebidas diante dos nossos olhos, porque estamos sempre com pressa de enxergar lá na frente. E eu não tinha pressa, não mais, queria apenas aproveitar e viver um dia de cada vez.

A vida é um presente, tio Andrew costumava repetir com toda elevação espiritual e sensatez de alguém que só poderia ser um anjo na Terra. Só tínhamos que valorizar esse presente então e eu valorizava o meu a cada dia.

— Pronto, a senhora está linda, alteza — uma das ajudantes da estilista elogiou, sorrindo para mim quando terminou de me ajudar a colocar o traje para a noite.

Encarei meu reflexo no espelho, reparando em como o vestido na cor ouro rosê, estilo baile, e espartilho tomara que caia valorizava as curvas que desenvolvi por causa da segunda gravidez e que fora especialmente desenhado para mim por Charlie. A irmã de Lourdes não apenas abrira a própria grife, como também se tornara a estilista oficial não apenas da realeza e nobreza campaviana, mas também do mundo dos famosos.

Como Duquesa de Caverswall e também uma das princesas da Campavia, tinha que estar vestida e maquiada conforme mandava o protocolo real, e isso significava que também usava uma coroa, o que era obrigada a fazer nos eventos formais da Coroa.

Apesar de ter crescido participando daquele tipo de evento, até então eu era apenas mais uma filha da nobreza e da noite para o dia me tornara não apenas a esposa de um homem do meio que recebera o título do Ducado por minha causa, mas também uma das herdeiras do trono. Tudo aquilo então tomara uma proporção ainda maior, já que eu passara de mera *lady* para sua alteza real, a Duquesa de Caverswall.

— Obrigada, Anne.— agradei, com um sorriso. — Charlie como sempre fizera um trabalho incrível. — Ela concordou também com um meneio de cabeça.

— Acho melhor ir, Duquesa. Estão todos lhe esperando lá embaixo. —

Assenti, correndo para terminar de colocar as joias que usaria, e depois de uma última olhadela no espelho, desci para encontrá-los.

Meu coração se encheu de amor quando a porta do elevador que instalamos para uso do meu pai se abriu e eu os vi, já prontos, vestidos a caráter. Ian estava lindo em seu mini smoking, assim como minhas duas princesinhas ruivas com os vestidos iguais no colo das babás. Meu pai também estava belíssimo com seu traje sentado na cadeira motorizada, e apesar de não gostar muito de frequentar aquele tipo de evento, por se sentir um pouco desconfortável com toda aquela gente ao redor, não faltaria uma ocasião como aquela, o quadragésimo terceiro aniversário do irmão, o príncipe Andrew.

Não importava o quão insegura quanto à aparência me sentia depois de duas gravidezes, sendo uma delas gemelar, toda vez que os olhos de Taddeo me encaravam com devoção, a insegurança simplesmente se esvaía. Sorri, quando notei que ele nem mesmo conseguia disfarçar a forma cobiçosa que me olhava. E claro, aquilo sempre elevava bastante meu ego.

— Está linda demais, vida — elogiou, fazendo-me enrubescer.

Era sempre assim, bastava um olhar ou elogio seu, para que me sentisse como aquela menina que se apaixonara muitos anos antes e continuava se apaixonando por ele cada dia mais.

Com toda magnificência, um verdadeiro *lord*, veio andando até mim, fazendo-me vibrar e meu coração disparar em antecipação. O que era injusto, porque em se tratando de Taddeo Caravaggio, um cara lindo e delicioso que conseguia o intento de ficar ainda mais bonito e tentador com um smoking feito sob medida para ele, os cabelos penteados para trás de maneira impecável tinham uma pequena coroa dourada com pedras preciosas, deixando-o parecido com um príncipe, o que de fato era.

A aproximação fez o calor reverberar pelo meu corpo, aquecendo-me por dentro e me arrepiando no processo. E mesmo depois de tanto tempo juntos, ainda me sentia hipnotizada, completa e totalmente apaixonada, meu coração disparado, o corpo todo tremendo com o tom profundo, seu cheiro, e minha calcinha, bem, estragada.

— Não concorda comigo, sogro? — Taddeo perguntou a meu pai, que nos fitava com um sorriso.

— Li...n...da — emitii com dificuldade, concordando também com um menear de cabeça e eu sorri para os dois.

— Também não acha, Ian? — meu marido quis saber do nosso pequeno príncipe, que concordou, entusiasticamente.

— Como uma princesa. — Meus olhos umedeceram, emocionados, ainda assim não tirei o sorriso dos lábios.

— Assim vou acabar acreditando na mentira de vocês. — Aponte para os três, que pareciam decididos a me deixarem desconsertada com tantos elogios.

— Nada de mentira, vida. Apenas a verdade. Tenho certeza que minhas ruivinhas também diriam a mesma coisa se soubessem falar. E eu sou um sortudo por ser seu parceiro esta e em todas as outras noites — foi o que Taddeo falou, antes de, como um *gentleman*, me oferecer o braço para me acompanhar enquanto curvava os lábios em um sorriso presunçoso.

Sorrindo feito boba, aceitei o gesto, passando a caminhar ao seu lado, e enquanto seguíamos em direção ao carro, fiquei ali olhando para ele como uma menina tola, apaixonada pelo cara mais maravilhoso que podia existir.

— Guarde uma dança para mim hoje, vida, e reserve a madrugada para o seu marido, que teve três crianças entre nós na cama e mesmo que ame isso ainda está morrendo de saudades — o sussurro quente bem próximo ao meu ouvido foi para que ninguém além de nós ouvisse e depois de encostar suavemente os lábios nos meus, completou: — Quero mostrar o quão grande essa saudade está. — Piscou para mim, charmoso, daquele jeito só dele, sedutor, a voz baixa, aveludadamente rouca, gostosa, provocativa. Suspirei, resignada, porque eu não tinha chance contra ele. Nunca tive. Muito menos contra o desejo feroz moldado em cada palavra, do tipo que não dava chance de escapar.

Tudo bem, eu não queria mesmo escapar!

Perdida na luxúria que me provocava, fitei-o quando se afastou para me ajudar a entrar no carro, o olhar consumindo o meu, causando-me um frisson no ventre, o sorriso perverso não o abandonando em um só momento.

— Não vejo a hora. — devolvi, provocativa, meu corpo, assim como tudo em mim, rapidamente respondendo ao que fazia comigo.

Sorri, feliz, também ansiosa, pois sem mais nada entre nós eramos apenas os dois, em meio ao nosso conto de fadas perfeito e também pervertido. Não era à toa que parecíamos determinados a povoar a Campavia.

Ele só não sabia daquilo ainda...

Taddeo

Posicionados no local estratégico para anunciar a nossa chegada, lhe dei o braço para que p segurasse conforme a convenção exigia. Ao nosso sinal, o segurança informou no intercomunicador que estávamos prontos e então abriu as

portas que davam para a sacada da escadaria que levava ao extenso salão de festas que nos esperava.

Em qualquer que fosse o evento, havia uma série de protocolos a serem seguidos a qualquer outra pessoa com título de nobreza, especialmente no que se refere aos integrantes da realeza. A exemplo da coroa que erámos obrigados a usar e também ao detalhe de que cada membro da família que desce aquelas benditas escadas tinha que ser anunciado. O protocolo real às vezes era um saco, mas não podíamos fazer nada a não ser segui-lo.

Demos um passo à frente no exato instante em que o porta-voz informou a todos os convidados presentes:

— Sua alteza real, o Duque e a Duquesa de Caverswall.

Pé ante pé, descemos a escadaria até onde acontecia a festa. Como todo evento da família real, as cores branca e dourada se mesclavam na decoração do grande salão da residência dos Bellini di Montalccino.

Outros protocolos foram seguidos, especialmente por Théo, que havia se tornado Rei da Campavia há um tempo e também houvera algumas homenagens ao Príncipe Andrew, que estava comemorando o aniversário aquela noite. Depois do jantar, permanecemos um bom tempo ainda na festa. Boa parte da nobreza europeia e chefes de Estado de outros países estavam presentes também para a festividade.

Eu queria ir para casa, contudo não podia, pois não era visto com bom tom que saíssemos antes do Rei ou a Rainha. Bebericando um uísque, eu conversava com meu irmão e cunhado, quando meus olhos pousaram na minha mulher de novo. Ela estava do outro lado do salão numa conversa aninada com Stephanie, Lourdes e Anabella, que estava com uma barriga avantajada da minha sobrinha. Deveria temer pelos sorrisos em seus rostos, porque se sozinhas elas já causavam, juntas era ainda pior.

— Às vezes tenho medo desse sorriso besta dele, parecendo um adolescente marica, sempre suspirando apaixonado! — Igor lançou, com a nítida intenção de me provocar.

— A ruiva realmente faz um bom trabalho, ele não consegue nem mesmo disfarçar — Théo endossou a provocação e eu revirei os olhos, mas notei que ele também sorria do mesmo jeito, observando a esposa. — Correção, não conseguimos — admitiu, por fim, e Igor acabou tendo que concordar.

— Somos mesmo sortudos, irmãos — reiterei, antes de rir ao vê-los com o mesmo sorriso bobo que diziam que eu tinha. Trocamos um sorriso cúmplice, de felicidade. Erámos homens realizados.

— E guerreiros, porque, olha, não é fácil segurar a barra de ter uma mulher ao lado! — Théo tratou de completar, suspirando em seguida, resignado.

— Totalmente de acordo. Às vezes não sei o que é pior, ser atingido de forma certa pelo temperamento tempestivo ou pelo silêncio aterrador. — Igor ponderou e nós bufamos, pensativos.

— O silêncio — respondi de pronto. — Uma mulher temperamental pode ser tão doce quanto uma visita ao proctologista, mas uma silenciosa é muito pior. Porque nos mata aos poucos, sem aviso prévio, e quando vemos já é tarde demais para nós.

— Verdade — Théo concordou. — Eu prefiro Stephanie louca, insana, colocando para fora e me atingindo como um tornado, do que calada. É certamente um prenúncio de uma grande tragédia. — Gememos, porque de fato ele tinha razão. Eva só enganava, mas também tinha um gênio que Deus me livre.

— Nós temos mesmo sorte — emiti em reconhecimento, voltando a olhar para o amor da minha vida, e sabia que os dois faziam o mesmo.

— Sim, nós temos. Construímos uma família linda, que em breve aumentará — meu irmão lançou como se não fosse nada e franzi o cenho, enquanto o fitava.

— Você não tinha feito vasectomia? Não tinha desistido de ter um filho homem, irmão? Achei tínhamos concordado que você nasceu para passar de consumidor para fornecedor — fui irônico de propósito e ele bufou, nitidamente irritado, ao passo que Igor ria, baixinho.

— Fiz e não pretendo reverter. Desisti de modo definitivo de tentar a sorte, porque claramente viria mais uma filha, caso ousasse arriscar. Tenho cinco mulheres em casa para me preocupar, pelo amor de Deus, já é mais do que o suficiente e do que posso aguentar! — Théo reclamou, embora eu soubesse que era apenas da boca para fora. — Fiz a minha parte em postergar o nome da família. Agora é com vocês.

— Eu disse a Anabella do meu desejo de ter outros filhos depois, mas a irmã de vocês não parece muito disposta. Diz que não quer povoar a Campavia. — Meu cunhado deu de ombros, nitidamente contrariado.

— Estou fazendo a minha parte... todos os dias — rapidamente completei, um sorriso enigmático despontando em meus lábios, e eles riram.

— Posso não poder mais ter filhos, mas minha parte como marido eu faço todos os dias também — Théo se gabou, alçando a sobrancelha de modo sugestivo.

— Eu também — Igor ousou falar, e nos viramos automaticamente para ele, e embora não pudesse ver o rosto de Théo, podia jurar que ele também encarava-o de forma ameaçadora.

— Não perguntamos a você! — lancei, entredentes.

— Um absurdo e falta de respeito falar algo do tipo na nossa cara! Não tem medo do perigo? — Théo cuspiu, impacientando-se, ainda assim o bastardo não tirava o sorriso dos lábios.

— Quando vocês vão superar essa merda? — inquiriu, divertido.

— Nunca! — respondemos em uníssono, fazendo-o gargalhar.

— Problema de vocês! Acham que eu engravidou a irmã de vocês como? Por pensamento? Ou ainda acreditam na velha história da cegonha? Passou da hora, hein, idiotas? — perguntou de maneira retórica, pois não nos esperou responder que ainda víamos a nossa irmã como aquela doce menina que cuidávamos com zelo, antes de rapidamente possegir: — Apenas superem, aceitem isso, porque pretendo trabalhar incansavelmente para aumentar a família. Mesmo que tenha que seduzi-la ou trocar a medicação dela outra vez. — Deu de ombros como se não fosse nada de mais e não corresse nenhum perigo, rosnei, enquanto Théo grunhia, ainda assim ele não deixou de sorrir, presunçoso, sabendo que não podíamos fazer uma cena.

É, o filho da puta era mesmo corajoso! Mas ao menos era um filho da puta que fazia minha irmã feliz.

E não era o que realmente importava?



Sorrindo para mim, Eva me enlaçou pelo pescoço enquanto nos movíamos no compasso da música suave que tocava no salão de festas do castelo. Não importava quanto tempo tivesse passado, ainda me perdia nela ou na intensidade daquelas esmeraldas tão verdes e brilhantes, capazes de me pôr de joelhos. E não adiantava negar, afinal, eu já havia tentado e ainda assim não consegui me enganar, sempre seria daquele jeito.

— Está tudo bem? — indaguei, quando pareceu vacilar um pouco, uma ruga de preocupação se formando em minha testa, porque percebi: ela não parecia bem.

— Estou bem — foi o que respondeu, me dirigindo um falso sorriso em seguida, os olhos fugindo de mim, e, ainda assim, minha expressão não se aliviou. Eu a conhecia bem demais para ignorar os sinais. Para mim estava claro que havia sim alguma coisa que ela enrolava para contar.

— É mentira — soltei, enfático, ainda esperando que me dissesse a verdade.

Eva não era muito boa em esconder como se sentia e com o nosso histórico, eu não estava disposto a deixar à própria sorte. O comportamento dos últimos dias, a insônia da madrugada e a maneira como se portava me dava a certeza

daquilo. Só queria que se abrisse e me contasse o que estava acontecendo.

Ela sabia que não adiantava nada correr, por isso titubeou, nervosa e limpando a garganta, tomou coragem para finalmente dizer:

— Acho que talvez, apenas talvez, eu possa estar grávida.

— Ah! É isso? — indaguei com um sorriso, ao passo que me encarava aturdida ao assentir. — Isso eu já sabia, mas pelo visto você não — soltei, e a expressão assustada em seu rosto me fez gargalhar.

— Como assim, sabia? — ela quis saber, em um fio de voz.

— Eu te conheço, vida — aponteí o óbvio, antes de segurar o queixo dela, forçando-a a me olhar nos olhos. — E conheço seu corpo.

— Não — negou, ao mesmo tempo em que sacudia a cabeça de um lado para o outro, enfatizando o que dissera. — Posso estar ficando doente ou até mesmo pode ser algo que comi — tentou se enganar e meus lábios se torceram em um sorriso provocador enquanto considerava aquilo.

— Ou que eu comi! — a corrigi e ela enrusbeceu, fitando-me horrorizada, o que me fez gargalhar.

— Taddeo! — reclamou, enquanto eu dava de ombros e ria, feliz.



Pressionando o corpo de Eva contra a parede, eu não deixei de beijá-la enquanto arrancava o vestido do seu corpo, ela fez o mesmo com a minha roupa, mas quando chegara a hora da camisa, fez os botões voarem por causa da impaciência. Nós malmente nos beijamos e já estávamos daquele jeito, pegando fogo. Eu era capaz de perceber todas as mudanças do corpo dela, conhecia seus pontos fracos, assim como ela também fazia comigo.

Nus e excitados, erámos como fogo e gasolina, a um milésimo de segundo de distância para entrar em combustão mesmo depois de tantos anos juntos. O tempo apenas fez com que a paixão que sentíamos um pelo outro aumentasse, assim como o tesão irracional. E eu não poderia ser mais grato por isso.

Linda e sem pudor algum, minha esposa se mostrava entregue ao prazer que sabia estar por vir. Eu me pus de joelhos aos seus pés, como me via sempre quando sorria para mim, e, antecipando o que eu faria, ela levantou a própria perna, dando-me total visão da boceta vermelha e depilada, completamente exposta para o meu bel-prazer, e minha boca se encheu de água..

Porra, ela foi feita mesmo para mim!

Apoiando sua perna em meu ombro, não me fiz de rogado, chupei, lambi, degustei, adorando aquilo, fazendo questão de estimular todos os nervos, arrancando-lhe os primeiros suspiros e gemidos de prazer. Com fome dela,

minha língua trabalhava nervosa e voraz, dedicando-me inteiramente a não satisfazer apenas o seu apetite, mas também o meu.

Meus dedos espalharam a umidade pela entrada escorregadia, adentrando com facilidade, abrindo o caminho para matarmos a nossa vontade um do outro. Eva estava enlouquecida, perdida entre gemidos e lamúrias. Segurando meu cabelo, prendeu a minha cabeça junto ao sexo latejante, ansiando chegar ao clímax, enquanto eu sugava seu clitóris sem pressa, sentia que estava perto e por isso os movimentos dos meus dedos se tornaram frenéticos.

Ela estava na borda. Qualquer estímulo e quebraria, eu sabia. Eu me afastei o suficiente para assoprar sua carne e ela resfolegou, abaixando a cabeça para me encarar, enquanto eu a lambia lentamente, fazendo-a prender a respiração com a imagem erótica, antes de abocanhar o montinho, chupando duro. Bombee meus dedos mais algumas vezes bem fundo e ela estremeceu, gritando alto, gozando na minha língua, vibrando, e eu bebi tudo, sedento, mas queria mais.

Eu me pus de pé no instante seguinte, colando o corpo ao dela, ao mesmo tempo em que espalhava sua humidade em meu pênis. Com movimentos lentos, mostrava a ela como estava duro e louco para foder até não aguentarmos mais, e Eva correspondia, esfregando-se a mim, como se estivesse se oferecendo. Esquecendo todas as regras de etiqueta e as porras dos protocolos reais, debrucei minha esposa sobre a pia do banheiro da festa, deixando a bunda perfeita empinada para mim.

Pelo reflexo do espelho assisti aos seios fartos sacudirem enquanto eu investia duro em sua carne, forçando o canal apertado a me receber. Virei seu rosto para o lado e me abaixei para calar com a minha boca os gemidos cada vez mais altos e doloridos, ao passo que sentia o ápice do prazer se aproximar veloz, tanto que mal podíamos nos conter. Nem queria.

O suor escorria pelo meu peitoral, enquanto Eva ofegava, ora gemia, ora mordida os lábios para não gritar, atçando meu lado mais lascivo, despertando em mim todos os instintos carnis e primitivos de um homem dominado pelo tesão. Embora quisesse ser delicado por causa da gravidez, não conseguia, porque ela facilmente me tirava do eixo e me tornava louco, completamente selvagem ao ouvi-la gemer e pedir por mais.

Seu corpo arqueou enquanto eu a comia sem dó, metendo bem fundo e gostoso, rosnando, rugindo como um animal, fodendo com vontade seu canalzinho apertado.

— Taddeo! — meu nome saiu como uma oração dos seus lábios, uma súplica que antecedeu o orgasmo. E ele veio, fazendo-a gozar forte, convulsionando sob mim, enquanto continuava chamando por mim, a boceta se contraindo, me apertando, um convite tentador e irresistível para o limiar dos

prazeres. Logo a segui, explodindo dentro dela, uivando, gozando duro, enchendo-a com meu esperma.

Continuei comendo-a furioso, despejando até a última gota, a cabeça jogada para trás, meu corpo todo tremendo, o quadril perdendo o ritmo, até parar. Saí dela devagar, ainda assim não nos desgrudamos, ambos ofegantes. Exauridos, mas longe, bem longe de estarmos saciados.

Beijei sua boca outra vez, antes de me afastar para admirá-la, alguns fios do seu cabelo se desprenderam do penteado que emoldurava o rosto perfeito. Era um milagre que a coroa não tivesse caído. Voltei a beijá-la, um dia inteiro sem morder a boca da minha mulher era o mesmo que passar fome e de repente se deparar com um banquete, succulento e farto, impossível de resistir. E eu não conseguia, em se tratando dela.

— Deveríamos ter esperado chegar em casa! — lamentou ao ver seu estado no espelho, quando começamos a nos vestir minutos mais tarde, e eu bufei, contrariado.

— Você não estava reclamando quando estava com meu pau te fodendo — ironizei, sem deixar de sorrir. — E se eu bem me lembro, foi você quem sugeriu uma rapidinha no banheiro e ainda estava pedindo por mais...

— Tudo bem — ela me interrompeu, sacudindo a cabeça, mas continuei sorrindo, presunçoso.

— Não tenho culpa de ser gostoso, e se normalmente você não resiste a mim, com os hormônios da gravidez muito menos. — Eva gemeu em pura vergonha, escondendo o rosto vermelho entre as mãos, mortificada.

— Não estou grávida!

— É o que veremos.



No final das contas, eu estava certo. Eva estava mesmo grávida, daquela vez de outro menino, e eu não podia estar mais feliz. Ainda não era possível ver o menor indício de gravidez, mas saber que meu filho crescia no ventre da mulher que eu amava era impossível não me emocionar.

E enquanto observava o corpo exausto dela descansando entre os lençóis brancos da nossa cama, os cabelos ruivos esparramados ao redor, pensei no quanto era sortudo. Debaixo do teto daquela mansão estava tudo que tinha de mais precioso na vida: minha família.

Às vezes me pegava refletindo sobre a nossa história, por vezes me culpava, mas como Eva me provara, sabia que era perda de tempo. Era passado, não poderíamos voltar atrás e passei a enxergar apenas como feridas cicatrizadas pela

felicidade de vivermos aquele conto de fadas que lhe prometi.

Eva era uma parte de mim. Parte da minha infância, da adolescência, do que me tornei como homem adulto, como pai, filho, marido... Tudo que sou, tudo que me tornei e tinha era por causa daquela mulher por quem eu era irrevogavelmente apaixonado.

O que havia entre nós era muito forte. Puxava-nos um para o outro independente das merdas e erros do passado. Os erros de ontem se tornaram mínimos diante de um futuro recheado de promessas de felicidade. E se mentir para ela me renderia mais daquilo, bem, talvez devesse contar umas mentirinhas de vez em quando. Afinal, velhos hábitos não mudavam e toda mentira pode ter uma nobre razão de ser.

Evan

Na sacada do quarto, eu observava a imensidão do mar campaviano à minha frente. Tinha passado anos da minha vida diante daquela bela paisagem e, apesar de tê-la como vista todos os dias, ainda assim não conseguia admirá-la como deveria, mas as coisas haviam mudado.

O homem sentado na cadeira de rodas estava longe de ser o mesmo de antes, mas por mais restrito que estivesse, diferente do passado, não me sentia mais incompleto, tampouco amargo ou infeliz. O ódio e angústia que guardava no peito se esvaíram por completo, bem como aquele sentimento ruim de inveja que carregava comigo o tempo todo. Eu não tinha mais raiva do meu passado ou perdia tempo sofrendo por coisas que não podia mudar. Apenas o aceitara, como deveria ser.

O que passei a sentir a cada amanhecer era paz. Via aquela oportunidade de acordar em um novo dia como uma dádiva, uma que fazia questão de agradecer. Nunca fui alguém religioso e muito menos daqueles homens que davam-se conta do quanto eram sortudos pelo que tinham. Sequer valorizava a minha família, era alguém frio, ardiloso, até mesmo cruel, e foi preciso quase morrer para enxergar a vida como deveria ser, como uma bênção.

Não me achava merecedor de nada daquilo, pelo contrário, mas depois de tanto tempo em coma, o despertar para uma nova vida fez de mim um homem completamente renovado e diferente de quem era, e eu dava graças a Deus, pois havia me tornado um que valorizava o presente e amava a família mais do que a mim mesmo, porque não estaria vivo se não fosse por eles.

Minha família era realmente maravilhosa. Qualquer que fosse a ocasião, faziam-me sentir importante o bastante para estar ao lado deles. Gostava de ficar com eles, vê-los rindo, contando suas histórias, observar meus netos brincando, e por mais que não pudesse fazer muito como gostaria, ainda assim sabia que, no fundo, sempre guardariam uma lembrança minha, e era o que importava para mim.

Todo o rancor se fora, não havia nada ruim dentro de mim, nem mesmo mágoa. Andrew e Edward eram meus irmãos, companheiros, como se nunca tivesse havido um tempo que fosse diferente. E Eva era minha filha doce e amada, que cuidava de mim com tanto zelo mesmo que não tivesse feito o mesmo com ela, e ainda por cima me dera um presente que nunca ninguém poderia me tirar: ser avô.

Estava orgulhoso da mulher forte e determinada que se tornara, sobretudo feliz, casada com o homem que amava, uma mãe exemplar e filha dedicada. Eva

era uma guerreira, passara por tanto no passado e merecia mais do que tudo a vida maravilhosa que tinha. Ela me confessara sobre seu receio de não conseguir ter mais filhos por causa da gravidez complicada que tivera e mesmo que não lhe dissesse com muitas palavras, apertei sua mão, esperando que entendesse que eu estava ali por ela.

Felizmente Deus olhou para o desejo em seu coração e a agraciou com a chegada de Emma e Alana, que também viraram motivo de sarro para família, já que Taddeo fazia questão de pirraçar o irmão, dizendo que ele era tão bom, que conseguira fazer duas de vez mesmo Eva tendo apenas um ovário, e já Théo conseguira fazer as trigêmeas apenas porque Stephanne tinha os dois. Igor também entrou no meio, porque ele alegou que o cunhado só conseguia fazer um de cada vez, o que acabou sendo um motivo ainda maior de gozação.

Taddeo era um ótimo homem, excelente pai e um marido dedicado para minha menina, que não conseguia esconder o quão feliz ele a fazia sentir. Para um pai, era o que importava, a felicidade dos nossos filhos e o mais velho dos Caravaggios fazia questão se dedicar a tal tarefa a cada dia.

Em um primeiro momento, quando me convidaram a morar com eles na mansão Caverswall, pensei em negar, pois além de não querer dar trabalho ou ser estorvo para eles, não queria atrapalhar ou acabar com a harmonia de todos, especialmente do casal, que merecia sua privacidade. Mas ambos me garantiram que não aconteceria e que queriam-me com eles, por isso acabei aceitando. E a verdade é que nunca me senti tão bem-vindo, nem mesmo na época que aquela era minha própria casa.

Era verdade quando diziam que nos tornamos pais apenas quando nos tornamos avôs, porque Ian era meu parceiro de todas as horas. Fazia questão de conversar comigo, de me contar sobre seu dia ou como fora na escola, às vezes lia para mim e eu adorava e tinha paciência até eu conseguir formar palavras ou escrever, quando ele aprendeu a ler. Estava sempre com um sorriso no rosto, não importava o que havia acontecido, nem mesmo parecia o menino que enfrentara uma doença tão séria como a sua e vencera.

Emma e Alana eram doces de meninas, mesmo que ainda fossem bem pequenas, ficavam felizes ao me verem, sempre animadas, beijavam-me a bochecha quando as colocavam no meu colo para me cumprimentarem. Eram lindas, as ruivinhas, e me faziam lembrar uma outra ruiva doce que não havia tido de mim a atenção que merecia, o que eu tentava compensar como podia com as minhas netas.

Viver embaixo do mesmo teto da minha filha e a família era o motivo da minha felicidade. Era como ter a vida de volta, mesmo que não conseguisse mais enxergar o passado como algo que merecesse aquela recompensa. Conforme

prometera antes de me tirar daquela clínica, Eva cuidava de mim com zelo, me fazia companhia, olhava-me sempre com amor e respeito, que fazia-me entender o motivo de continuar vivo, para ter a chance de sentir-me daquele jeito, como deveria ter sido desde que nasceu.

Nunca é tarde para recomeçar, Andrew me disse uma vez, e meu irmão tinha razão, Eva me fez enxergar aquilo, pois estava em mim, era a parte mais bela da minha vida. Era meu mais belo recomeço. Por causa dela passei a ver tudo com outros olhos, apreciando, degustando, mesmo em meu estado, sem amargura.

Eu gostava sobretudo de me sentir parte da sua nova vida, da sua família, de saber que era seu pai. E Eva me dava ainda mais certeza daquilo a cada dia, estando ao meu lado, cuidando de mim, garantindo-me com aquele lindo sorriso amoroso que estaria sempre ali por mim, como eu gostaria de poder estar por ela.

— Lembra que o senhor foi o primeiro a saber que eu estava grávida de Emma e Alana? — ela quis saber quando se aproximou, e como me lembrava nitidamente, acenei com a cabeça antes dela completar: — Então nada mais justo do que também ser o primeiro a saber que vai ser vovô novamente, mas agora é de um menino. Ele se chamará Evan, como o senhor, porque espero que seja tão forte e destemido como você é, pai — avisou, antes de sorrir, enquanto eu me emocionava com suas palavras.

Senti a brisa gostosa no rosto e o sol aquecendo minha pele, fazendo-me suspirar em puro regozijo. Uma sensação quente de amor e de orgulho me envolveu. Tudo tão grandioso dentro de mim, que achei que não fosse suportar.

Pensei nas tantas vezes que não dei à minha filha o que merecia e ainda assim ela me dera muito mais do que imaginei ter um dia. Fitei-a com um sorriso emocionado, meu peito cheio de amor por ela. Minha filha nascera para mudar minha vida e meu maior arrependimento fora não ter percebido aquilo desde que soube que seria pai. Ela era o motivo de ainda estar vivo, de ter todos aqueles sentimentos novos, ainda mais fortes do que pensei que pudessem ser, e eu podia dizer que por sua causa eu era um homem feliz.

Perdi anos da minha vida errando, mas foi o amor dela que me trouxe de volta à vida.

Fracamente estendi a mão direita para que ela pegasse e ela o fez, enquanto eu sorria feliz e orgulhoso pela família que eu tinha.

— O...bri...ga...do — emití em reconhecimento, fazendo com que sorrisse emocionada para mim e viesse me beijar o rosto.

Quando se afastou, olhei para o céu azul à nossa frente e agradeci, porque até meu último suspiro nunca poderia deixar de agradecer.

FIM.

Uma espiadinha no que vem aí em:

UM RECOMEÇO REAL

O terror que vivi ali dentro por anos, não se comparou em nada com o que senti ao ver minha filha sendo ameaçada por aqueles psicopatas. Tirei forças de onde não tinha para salvar elas e minhas netas de um destino trágico. Sabia que ao fazer aquilo podia custar minha vida, só que não apenas naquele, mas em todos os outros, não me importei com, porque faria qualquer coisa por ela e morreria se preciso fosse.

Por tanto tempo havia sido forte lá dentro pela minha família. E agora estava de volta e me sentia ainda mais. Ainda era tão estranho e gostoso ter o gostinho do recomeço, mas valeu a pena. Era bom voltar finalmente para o seio da família quando achei que tudo estava perdido e não tinha mais esperanças que pudesse revê-los um dia. O reencontro valeu cada tormento vivido.

Por isso eu aproveitava cada segundo, cada sorriso, cada piscar de olhos, a cada batida do meu coração. Queria poder gritar e colocar-me de joelhos, agradecer a Deus quando avistei meu irmão depois de tantos anos e foi exatamente o que fiz, pois ele não conseguiu se manter de pé quando nos abraçamos com sofreguidão.

Reencontrar com minha mulher foi como entregar-me o ar que eu havia perdido. Foram anos sonhando com aquele sorriso, aquele que me dominou desde o primeiro momento em que pus os olhos nela. Anos sonhando com seu cheiro e mal pude me conter quando a tive em meus braços novamente.

Enquanto olhava todos ao meu redor, tive a certeza que tinha um Deus que era por mim. E pedi perdão pelas vezes em que achei que Ele me abandonara. Cresci em uma família que mais do que amor, me deu ensinamentos e diretrizes para que eu aprendesse a transpassar todas as barreiras que a própria vida colocava em meu caminho. Minha mãe era uma guerreira, me ensinou e repetiu tantas vezes sobre não ficar lamentando o que passou e eu não seria ingrato e ficar me lamentando depois daquela nova chance.

O próprio Senhor Deus diz que nos dará ânimo, força, vigor, valentia e coragem para as lutas diárias da vida. Ele está conosco em nossas caminhadas, por isso não devemos ter medo ou espanto. E só tenho a agradecer por isso, pois em meu último suspiro sei exatamente o que direi:

— Obrigado pela chance, Senhor. Valeu a pena por tudo que passei. Valeu a pena o meu recomeço.

Só que antes disso, agarraria com unhas e dentes a nova chance que me fora dada e faria questão de viver cada momento garantindo a minha felicidade e de todos ao redor. Para mim era como se estivesse nascendo de novo. Eu sabia que valeria a pena o meu renascimento.

Exatamente por ter fé no que virá, que prometo voltar contando a minha história e lhes apresentar mais uma pessoa que mudará a minha vida, que fará

com que me apaixone novamente, tornando completo o que cheguei a achar já ser perfeito.

Sou feliz e grato pela bela benção que é ter a chance de viver e de braços abertos dou as boas-vindas ao recomeço.

Um Recomeço Real

Um conto Sobre Andrew Di Montalccino.

Em breve!!!

Agradecimentos

E, enfim, chegou o fim...

Tudo começou como uma “brincadeira” em Um Casamento Quase Real, mas de repente tomou proporções gigantescas em minha vida e depois de cinco anos juntos, 4 livros e inúmeras lágrimas, ainda nem acredito que finalmente chegamos até aqui...

Não foi nada fácil, não apenas porque foi uma longa jornada, ou porque inúmeras coisas me fizeram acabar tendo que deixar a história de Taddeo e Eva de lado por um tempo, mas também porque simplesmente não conseguia colocar um ponto final nessa série que eu digo, sem sombra de dúvidas, a mais difícil que já escrevi. Acho que nem o pior dos segredos que escrevi dentre tantas palavras, me deixou tão desolada quanto saber que tinha que me despedir. Mas chega um momento que é inevitável e chegou a hora.

Claro, não é um “adeus” definitivo, já que vamos voltar com um conto de Andrew e eu pretendo fazer também um da Alisson, talvez até mesmo atenda os — inúmeros — pedidos de trazer um pouco mais dos pequenos, mas por enquanto, é um “até mais” a Théo, Steph, Edward, Lourdes, Bella, Igor, Eva e Taddeo e ainda assim dói. Terminar um livro é sempre muito difícil para mim e como todo livro da série Real, terminei de escrever e fiquei olhando para o nada, sem saber o que fazer da minha vida depois, como se um vazio tivesse me tomado e ainda não acredito que vou acordar amanhã e não vou abrir o notebook para continuar a viver junto com eles na Campavia. Que viagem, meus amigos... Quanta coisa aprendi, quanto lição recebi... Obrigada por me deixar contar a história de vocês, por abrirem o coração para mim... Sentirei saudades... Eternamente.

Começar a escrever me trouxe inúmeras recompensas, sobretudo pessoas especiais que precisam estar nesse agradecimento.

Primeiro, sempre eles, meus amores, minha vida, minha família. Pai, mãe, marido e filho, obrigada. Por tudo. <3

Thu, Taci e Thais, que me provaram que minha vida literária poderia ser real.

À Carlie Ferrer, Maria Rosa, nunca ausentes, sempre presentes em meu coração.

À Martinha, não sei nem o que dizer a você, só agradecer! A Paula por surtar, chorar e me xingar a cada capítulo. A Myllenn, por ser tão Myllenn! A Evelyn Santana, minha gêmea e âncora! A Evy Maciel, minha mana! Amo

vocês! <3

As meninas do Juntos e Shallow Now, esse livro não teria sido escrito sem vocês e todos os duelos!

A Panela de Pressão: Joice Bittencourt, Sue Hecker, Kacau Ti Amo, Márcia Lima, Sylmara, Bya Campista, Camila Ferreira! <3

Elaine Mendes, o *chicretinho* mais lindo e amado do mundo!

Aos meus queridos parceiros, que me apoiam a cada dia! <3

Minhas leitoras queridas, sou tão grata por me acolherem e serem toda a força motriz que preciso para continuar.

Beijos,

Míddian Meireles

Sobre a Autora



Míddian Meireles

Com mais de 25 milhões de leituras em suas obras nas plataformas digitais, a baiana Míddian Meireles, passou dos 30 e já soma quase 20 livros autopublicados, tendo todos os títulos figurados nos primeiros lugares entre os mais vendidos, segundo o ranking da Amazon e Revista Veja.

É esposa, mãe e também filha única nada mimada, daquela que sempre trocou o quarto de brinquedos por uma caneta, uma vez que a sua paixão sempre foi escrever e desde cedo decidiu usar a criatividade para inventar as próprias histórias. Já começou a faculdade de Direito, Arquitetura, Design de Interiores, Administração e até Letras, mas se encontrou mesmo no mundo da literatura, onde redescobre-se a cada dia através das palavras e personagens.

Também é viciada em maquiagem e sapatos, leitora compulsiva assumida e sucesso garantido entre os leitores de romances contemporâneos, que vão dos chick lits, passando pelo erótico e até mesmo divertidas comédias românticas.

Contato: contato@mimeireles.com

[Grupo Face](#) | [Página Face](#) | [Site](#) | [Wattpad](#) | [Instagram](#)

Recado da Autora

Conheça meus outros livros clicando [aqui](#).
Gostou? Deixe seu feedback, ele é muito importante para nós
autores... <3

Table of Contents

[A Série Real](#)

[Aviso antes da leitura](#)

[Sinopse](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Taddeo](#)

[Eva](#)

[Capítulo 2](#)

[Eva](#)

[Capítulo 3](#)

[Taddeo](#)

[Capítulo 4](#)

[Eva](#)

[Capítulo 5](#)

[Taddeo](#)

[Capítulo 6](#)

[Taddeo](#)

[Eva](#)

[Capítulo 7](#)

[Eva](#)

[Taddeo](#)

[Eva](#)

[Capítulo 8](#)

[Eva](#)

[Capítulo 9](#)

[Eva](#)

[Capítulo 10](#)

[Eva](#)

[Capítulo 11](#)

[Taddeo](#)

[Capítulo 12](#)

[Taddeo](#)

[Eva](#)

[Capítulo 13](#)

[Eva](#)

[Taddeo](#)

[Capítulo 14](#)

[Eva](#)

[Capítulo 15](#)

[Taddeo](#)

[Eva](#)

[Taddeo](#)

[Capítulo 16](#)

[Eva](#)

[Capítulo 17](#)

[Eva](#)

[Taddeo](#)

[Capítulo 18](#)

[Eva](#)

[Taddeo](#)

[Desconhecido](#)

[Capítulo 19](#)

[Eva](#)

[Taddeo](#)

[Epílogo](#)

[Eva](#)

[Taddeo](#)

[Evan](#)

[Uma espiadinha no que vem aí em:](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a Autora](#)

[Recado da Autora](#)